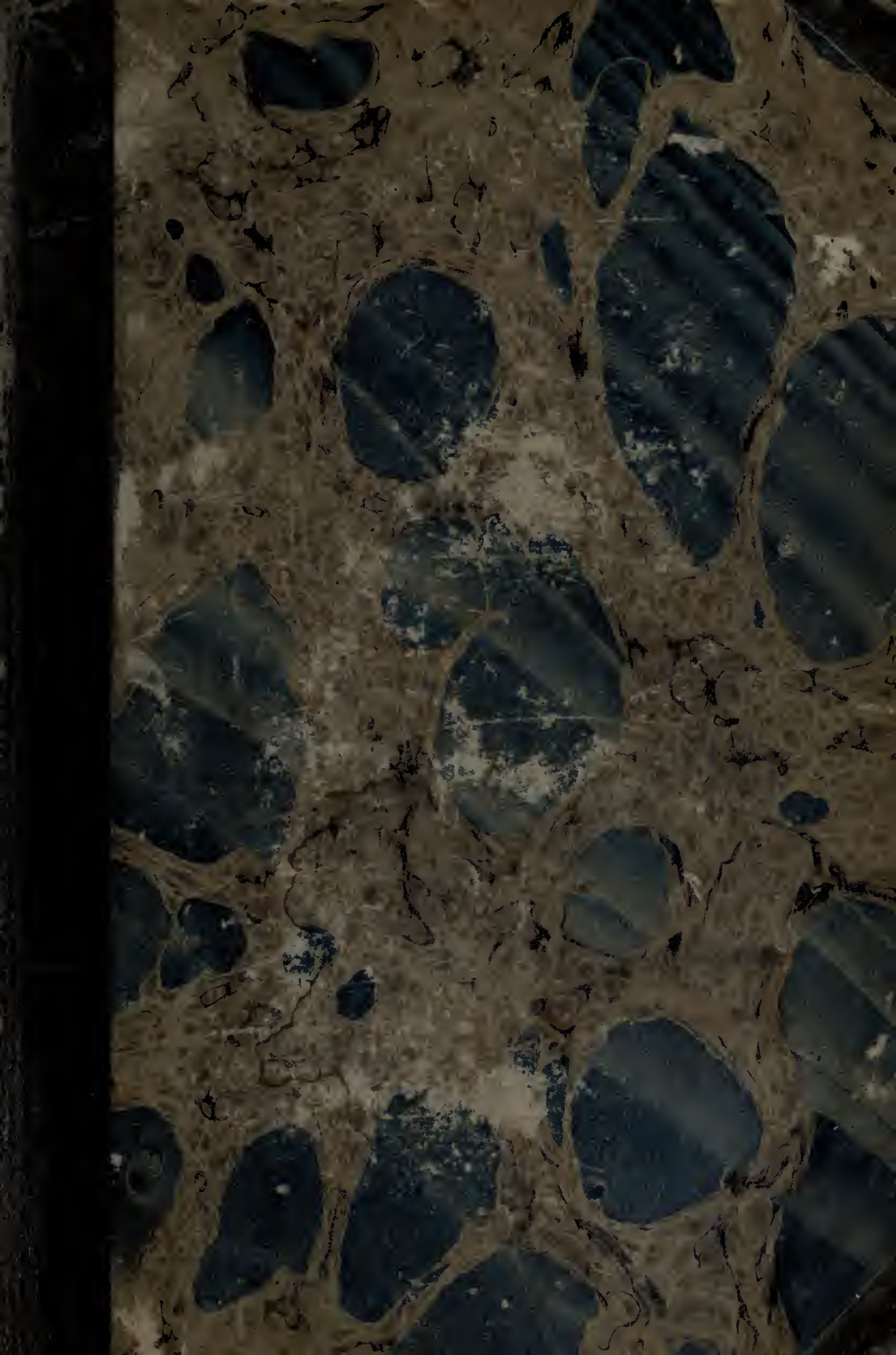


Offerecido por
João Gonçalves de Souza
Porto

ARTE DE FURTAR,

PELO PADRE

ANTONIO VIEYRA.

Pertence a

[illegible]

Porto



O PADRE

ANTONIO VIEIRA,

DA COMPANHIA DE JESUS.

Nasceo em Lisboa em 6 de Fevreiro de 1608,

e morreo na Bahia em 18 de Julho de 1697.

ARTE DE FURTAR,

ESPELHO DE ENGANOS, THEATRO DE VERDADES, MOSTRADOR DE HORAS MINGUADAS, GAZUA GERAL DOS REYNOS DE PORTUGAL.

OFFERECIDA

A ELREY NOSSO SENHOR

D. JOAÕ IV.

COMPOSTA NO ANNO DE 1652, PELO

PADRE ANTONIO VIEYRA.

DE NOVO REIMPRESSA, E OFFERECIDA
AO ILL^{mo} Sor F. B. M. TARGINI,
EX-THESOUREIRO MOR DO ERARIO DO RIO DE JANEIRO.



——— *Qual pirata inico,*
Dos trabalhos alheos feito rico.

1821.



Londres :—Impresso por T. C. Hansard, Peterborough-court, Fleet-street.

ADVERTENCIA.

SAHE agora á luz esta nova Edição da *Arte de Furtar do Padre Antonio Vieira*, ordenada por duas que temos em nosso poder, e se dizem impressas em Amsterdam por Agostinho Schagen, no anno de 1744; ainda que suppomos com toda a razão, ser uma d'ellas furtivamente impressa em Portugal; porque não era provavel que no mesmo lugar se fizessem ao mesmo tempo duas ediçoens da mesma obra. Ambas saõ em 4° pequeno, porem uma (a que suppomos feita na Holanda) porque o typo he mais miudo, e as suas linhas mais juntas, tem 409 paginas, quando a outra, que suppomos impressa em Portugal, chega a 508. A sua orthographia he com pequenas differenças a mesma; mas a primeira acha-se inçada de erros, que pela maior parte não se encontram na segunda. A' excepção dos erros typographicos, e de algumas poucas alteraçoens, que fizemos para guardar uniformidade, em tudo o mais não nos apartamos da sua orthographia: até na pontuação não soffremos a menor mudança (apoiados na authoridade das outras obras do mesmo Author, que em todas segue a mesma) por estarmos persuadidos, que deve apparecer cada escritor como na realidade elle he; mórmente um tão insigne como o nosso Vieira, o qual, não só pelas suas obras, como pelos serviços feitos à sua Patria, merece

estar mui vivo na memoria de todos os Portuguezes. Tambem ajuntamos o retrato do Author, copiado da Edição de Amsterdam.

Quanto á correcção typographica serîa em vão aspirar a que sahisse esta Ediçaõ de todo isenta d'erros; todavia, se o leitor attender ás difficuldades, que se encontram nos prélos estrangeiros, e comparar os poucos erros d'ella, com os muitos que em geral se acham nos livros, que se em Portugal imprimem, verá que não poupámos trabalho ou diligencia para que sahisse o mais correcta e nítida possivel: no que esperam fazer serviço aceito á sua Patria.

Os Editores.

Londres, 1 *de Agosto*, 1820.

Esta Arte de Furtar, que já em o primeiro de Agosto do anno passado se aqui reimpremira (como o mostra a advertencia acima) sahe agora de novo reimpressa em formato e typo mais pequeno que aquella Edição, e com mais algumas correcçoens e emendas.

Londres, 16 *de Agosto*, 1821.

SENHOR.

HUM Sabio disse, que naõ havia neste mundo homem, que se conhecesse; porque todos para comsigo saõ como os olhos, que vendo tudo, naõ se vem a si mesmos: e daqui vem naõ darem muita fé em si de suas perfeiçoens, nem advertirem em seus defeitos; e ser necessario, que outrem lhes diga, o que passa na verdade. Se V. Magestade naõ se conhece, nem o mundo em que vive, e de que he Senhor, eu o direy em breves palavras. He V. Magestade o mais nobre, o mais valente, o mais poderoso, e o mais feliz homem do mundo; e este mundo he hum covil de ladroens. Digo que he V. Magestade o mais nobre; porque o fez Deos Rey, e lhe deu por Avós Reys Santos, e poderosos, que elle mesmo escolheo, e ennobreceo, para a mais nobre acçaõ de lhe augmentar, e estabelecer sua Fé. He o mais valente, assim nas forças do corpo, como nas do espirito: nas do corpo; porque naõ ha trabalho, a que naõ resista, nem outrem, que possa medir valentia com V. Magestade: e nas do espirito; porque naõ ha fortuna, que o quebrante, nem adversidade, que o perturbe. He o mais poderoso; porque sem arrancar a espada, se fez Senhor do mais dilatado Imperio, tirando-o das garras de Leoens, que o occupavaõ; com tanta pressa, que naõ poem tanto

huma pósta em levar a nova, quanta V. Magestade poz em arvorar a vitoria nas mais remotas partes do mundo. He o mais feliz; porque em nenhuma empreza poem sua Real maõ, que lhe naõ succeda a pedir por boca; e se alguma se malogra, he a que V. Magestade naõ approvou; tanto, que temos já por unico remedio, para se acertar em tudo, fazerse só o que V. Magestade ordena, ainda que a outros juizos pareça desacerto. E digo, que este mundo he hum covil de ladroens; porque se bem o considerarmos, naõ ha nelle cousa viva, que naõ viva de rapinas: os animaes, aves, e peixes comendo-se huns aos outros, se sustentaõ: e se alguns ha, que naõ se mantenhaõ de outros viventes, tomaõ seu pasto dos frutos alheos, que naõ cultivaraõ; com que vem a ser tudo huma pura ladroeira; tanto, que até nas arvores ha ladroens; e os Elementos se comem, e gastaõ entre si, diminuindo-se por partes, para accrescentar cada qual as suas. Assim se portaõ as creaturas irracionaes, e insensiveis; e as racionaes ainda peor que todas; porque lhes sobeja a malicia, que nas outras falta, e com ella trata cada qual de se accrescentar a si: e como o homem de si nada tem proprio, claro está, que se os accrescenta, muitos haõ de ser alheyos. E de todo este discurso nada he conforme á ley da natureza; a qual quer que todas as cousas se conservem sem diminuiçaõ de alguma. Nem a Ley Divina quer outra cousa; antes lhe aborrecem tanto ladroens, que do Ceo, do Paraiso, e do Apostolado os desterrou; e a este ultimo desterro se accrescentou forca: e notese que a tomou o réo por sua maõ, sem intervir nisso sentença de justiça,

para nos advertir o castigo, que merecem ladroens, e como naõ devem ser admittidos, nem tolerados nas Republicas.

Quer Deos que haja Reys no mundo, e quer que o governem assim como elle, pois lhes deu suas vezes, e os armou depoder contra as violencias; e como a mayor de todas he tomar o seu a seu dono, em emendar esta se devem esmerar. E em V. Magestade corre esta obrigaçaõ mayor, pois fez Deos a V. Magestade o mais nobre, o mais valente, o mais poderoso, e o mais feliz Rey do mundo. E deve pôr cuidado grande nesta empreza, porque a fazenda de V. Magestade he a mais combatida destes inimigos, que por serem muitos só com hum braço taõ alentado, como o de V. Magestade, poderáõ ser reprimidos, e castigados. A mayor difficuldade está no conhecimento delles; porque como o officio he infame, e reprovado por Deos, e pela natureza, naõ querem ser tidos por taes, e por isso andaõ todos disfarçados; mas será facil darlhes alcance, se o dermos a suas mascaras, que saõ as artes de que usaõ: destas faço aqui praça, e lhas descubro todas, mostrando seus enganos como em espelho, e minhas verdades como em theatro, para fazer de tudo hum mostrador certissimo das horas, momentos, e pontos em que a gazúa destes piratas faz seu officio. Naõ ensina ladroens o meu discurso, ainda que se intitula Arte de Furtar; *ensina só a conhecellos para os evitar. Todos tem unhas com que empolgaõ, e nas unhas de todos hey de empolgar, para as descobrir por mais que escondaõ; e será taõ suavemente que ninguem se doa. Vay muito no modo, e no estylo: a pirola armagosa*

naõ causa fastio, se vay dourada ; e para que este tratado o naõ cause, irá prateado, com tal tempera que irrite mais a gosto que a molestia. Sirvase V. Magestade de o entender assim, e de observar com seu grande entendimento até os minimos apices desta Arte ; *porque das contraminas della, que tambem descubro, depende a conservaçaõ total de seu Imperio, que Deos Nosso Senhor prospere até o fim do mundo com as felicidades que seus venturosos principios nos promettem, &c.*

AO SERENISSIMO SENHOR

DOM THEODOSIO

PRINCIPE DE PORTUGAL.

DEPRECAÇAM.

SENHOR.

TAMBEM a V. A. Real, e Serenissima pertence a emenda desta Arte, *por todos os titulos que a El-Rey nosso Senhor pertence, pois naõ assim como elle o limito em suas grandezas; porque de tal Arvore naõ podia nascer menor ramo, e em nascendo mostrou logo V. A. o que havia de ser: e hum Mathematico insigne mo disse, olhando, por lho eu pedir, para os horoscopos do Ceo, que V. A. havia de ser Rey da terra, e Sua Magestade, que Deos guarde, guardou este juizo. E ainda que estas razoens naõ militassem, que saõ certissimas, bastava vermos que ha em V. A. poder, e saber para tudo: e saõ duas cousas muito essenciaes para emendar latrocinios; o saber para os apanhar; e o poder para os emendar. Digo que vemos em V. A. poder; porque vemos que assim como Atlante cançado de sustentar as Esféras do Ceo, as entregou aos hombros de Hercules, para que as governasse; assim ElRey nosso Senhor, Atlante*

do nosso Imperio descarregou as Esféras delle nos hombros de V. A. naõ para descançar, que he infatigavel, mas para se gloriar, que tem em V. A. hombros de Hercules, que ajudaõ os de Atlante, e o igualaõ no poder. A Hercules pintou a Antiguidade ornado com huma Clava, que lhe arma as mãos, e com cadeas, e redes, que lhe sayem da boca, e levaõ preza infinita gente. Com a Clava se significaõ suas armas, e poder; com as redes, e cadeas, sua sabedoria: e com estas duas cousas vencia, e dominava tudo. De armas, e sabedoria vemos ornado, e fortalecido a V. A. assim porque tem todas as de Portugal (que monta tanto como as do mundo) á sua obediencia; como tambem porque ninguem as menea com tanto garbo, valor, destreza, e valentia; ou seja a cavallo brandindo a lança, ou seja a pé levando a espada, e fluminando a montante; e assim se demonstra, que ha em V. A. poder para emendar, e castigar. E porque este naõ basta, se naõ ha sciencia para alcançar quem merece o castigo; digo, que vemos em V. A. tanta sabedoria, que parece infusa; porque naõ ha Arte liberal, em que naõ seja eminente; naõ ha Sciencia especulativa, em que naõ esteja consummado; naõ ha habito de virtude moral, que o naõ tenha adquirido, e feito natural com o uso. E em todo o genero de letras, artes, e virtudes, se consummou com tanta facilidade, e presteza, que nos parecia ter nascido tudo com V. A. naturalmente, e naõ ser achado por arte; e assim se prova, que ha em V. A. saber para dar alcance aos latrocinios, de que aqui tratamos; e em os pescando com a rede da

sabedoria, segue-se emendallos com a Clava do poder.

Sugeito por tanto esta Arte de Furtar *ao poder, e sabedoria de V. A. Ao poder, para que a ampare; e á sabedoria, para que a emende: porque só da sabedoria de V. A. fio que dará alcance ás subtilezas dos professores desta arte. Em duas cousas peço a V. A. que ostente aqui seu poder: em castigar ladroens, e em me defender delles, pois fico arriscado com os descobrir; mas com me encobrir V. A. me dou por seguro. E em outras duas cousas torno a pedir ostente V. A. sua sabedoria, em emendar esta* Arte, *em quanto pertence aos ladroens; e tambem o estylo della, pelo que tem de meu. Levarey mal que me argua outrem, porque naõ haverá quem me naõ seja suspeito, salvo V. A. visto naõ haver outrem, que escape das notas, que aqui emendo. Diraõ que fallo picante, ou lépido: isso he o que pertendo, para adoçar por todas as vias o desagrado da materia. Cuidava eu que fallar nisto muito chumbado, e sério, seria o melhor; mas sendo o objecto de si penoso, porque he de perdas e damnos, fazello mais penoso com o estylo, seria vestir hum capuz a este tratado, para todos lhe darem o pezame de o naõ poderem ver ás escuras. Vestirey de primavera o mez de Dezembro, para o fazer tratavel, tecendo os casos, e materias de modo que naõ façaõ mayor pendor para huma balança que para outra, para que alivie o curioso da Arte e estylo, o molesto da materia sem tropas de sentenças Cabalisticas, nem infanteria de palavras cultas, e*

penteadas, que me quebraõ a cabeça. Alguns livretes vejo desses, que vaõ sahindo á moderna, e quando os leyo, bem os entendo; mas quando os acabo de ler, naõ sey o que me disseraõ; porque toda a sua habilidade poem em palavras. E já disse o proverbio, que palavras, e plumas o vento as leva. Outros toda a polvora gastaõ em dar conselhos politicos, a quem lhos naõ pede; e bem apertados, vem a ser melancolias do Autor, que por arrufos déraõ em desvellos, ou por ambiçaõ em delirios; e podéramos responder aos taes, o que Apelles ao que lhe taxou as roupagens de sua pintura, sahindo-se da esféra do seu officio. Seja o que for, o que sey he, que nada me toca mais, que zelo do bem commum, e augmento da Monarquia, de que he herdeiro, e Senhor V. A. Ladroens retardaõ augmentos, porque diminuem toda a cousa boa: diminua-os V. A. a elles, crescerá seu Imperio, que os bons desejaõ dilatado até o fim do mundo; porque todos amaõ mais que muito a V. A. que Deos guarde, &c.

PROTESTAÇAM

DO AUTOR

A QUEM LER ESTE TRATADO.

EM Ouguela, lugar de Além-Tejo, entre Elvas e Campo Mayor, ha huma fonte, cuja agua naõ coze carne, nem peixe, por mais que ferva. E na Villa do Pombal, perto de Leiria, ha hum forno, em que todos os annos se coze huma grande fogaça para a festa do Espirito Santo; e entra hum homem nelle, quando mais quente, para accommodar a fogaça, e se detêm dentro, quanto tempo he necessario, sem padecer lesaõ alguma do fogo, que cozendo o paõ, naõ coze o homem. E pelo contrario na Tapada de Villa-Viçósa, retiro agradavel da grande Casa de Bragança, adverti huma cousa notavel, que haverá mais de dous mil veados nella, que todos os annos mudaõ as pontas, bastante numero para em pouco tempo ficar toda a Tapada juncada dellas; e no

cabo naõ ha quem ache huma. Perguntey a razaõ ao Senhor D. Alexandre, irmaõ delRey nosso Senhor, grande perscrutador de cousas naturaes, e me respondeo, o que he certo, que os mesmos veados em as arrancando logo as comem. Mais me admirou, que haja animais, que comaõ, e possaõ digerir ossos mais duros que pedras! Mas que muito, se ha aves, que comem, e digerem ferro, quaes saõ as hémas! Conforme à estes exemplos, tambem nos homens ha estamagos, que naõ cozem muitos manjares, como a fonte de Ouguela, o forno do Pombal, nem os admittem, por bons que sejaõ; e abraçaõ outros mais grosseiros, com que se fazem como veados, e hemas. E se perguntarmos ao Philosofo a razaõ destas desigualdades, dirá, que saõ effeitos, e monstruosidades da natureza, que obra conforme as compleiçoens, e qualidades dos sugeitos. O mesmo digo, se houver estamagos, que naõ admittaõ, e cozaõ bem os pontos, e materias, que discursa este tratado, que naõ vem o mal da qualidade das cousas, que aqui offereço, senaõ do máo humor, com que as mastigaõ, mais para as morder, que para as digerir: e como o mantimento, que se naõ digere, o estamago o converte em veneno; assim os taes de tudo fazem peçonha, mas que seja triaga, cordeal, e antidoto escolhido. Como triaga, e como antidoto proponho tudo para remedio dos males, que padece a nossa Republica: se houver aranhas, que façaõ peçonha mortal das flores aromaticas, de que as abelhas

tiraõ mel suave, naõ he a culpa das flores, que todas saõ medicinaes; o mal vem das aranhas, que pervertem o que he bom. He o juizo humano assim como os moldes, ou sinetes, que imprimem em cera e massa suas figuras: se o molde as tem de serpentes, toda a massa, por sãa que seja, fica cuberta de sevandijas, como se as produzira, e estivera corrupta; e pelo contrario, se o sinete he de figuras boas, e perfeitas, tais as imprime, até na cera mais tosca. Quero dizer, amigo leitor, que se fordes inimigo da verdade, sempre vos ha-de amargar, e nunca haveis de dizer bem della, com ella ser de seu natural muito doce, e formosa, porque he filha de Deos. Verdades puras professo dizer, naõ para vos offender com ellas, senaõ para vos mostrar, onde, e como vos offendeis vós a vós mesmo, e á vossa Republica, para que vos melhoreis, se vos achardes comprehendido.

E naõ me digais que naõ convêm tirar a publico affrontas publicas de toda huma Naçaõ; porque a isso se responde, que se saõ publicas, nenhum discredito move quem as repete, antes vos honra mostrando-vos disposto para a emenda, e vos melhora abrindo-vos caminho para conhecerdes o engano em que viveis. E assim protesto, que naõ he meu intento ensinar-vos os lanços, que nesta *Arte de Furtar* ignoraveis, senaõ allumiar-vos o conhecimento da deformidade

delles, para que os abomineis. Nem cuideis, que vos conheço, quem quer que sois, nem que ponho o dedo em vossas cousas em particular: o meu zelo bate só no commum, e naõ pertende affrontar a nossa Naçaõ; antes a honro muito, por duas razoens. Primeira, porque tudo comparado com os defeitos de outras nesta parte, fica a nossa mais acreditada, pois se deixa ver o excesso dos latrocinios, com que assolaõ o mundo todo por mar, e por terra. Segunda, porque tratamos de emenda, e onde ha esta, ou dezejo della, he a mayor perfeiçaõ, que os Santos achaõ nas Religioens mais reformadas; e assim ficamos nós com o credito de Religiosos reformados, em comparaçaõ de gente dissoluta. Donde naõ me resulta daqui escrupulo, que me retarde. O que sinto he, que naõ sey se conseguirá seu effeito o meu intento, que só trata de que vos emendeis, se vos achardes comprehendido: e se cada hum se emendar a si, já o disse hum Sabio, que teremos logo o mundo todo reformado: e melhorar assim o nosso Reyno, e emendallo he o que pertendemos.

Dirá o Critico, e tambem o Zoilo [que tudo abocanhaõ, e róem] que isto naõ he gazûa, com que se abrem portas para furtar; mas que he montante, que escala de alto abaixo muita gente de bem para a deshonrar. A isso tenho respondido, que naõ tome ninguem por si o que lhe digo,

e ficaremos amigos como dantes; porque na verdade a nenhum conheço, e de nenhum fallo em particular: os casos, que aqui referir, saõ ballas de batalha campal, que atiraõ a montaõ sem pontaria. Só digo o que vi, o que li, ou ouvi, sem pesquizar autores, nem formalidades, mais que as que as cousas daõ de si: e se em algumas discreparem as circunstancias da narraçaõ, e naõ se ajustarem em tudo muito com o succedido, pouco vay nisso; porque o nosso intento naõ he deslindar pleitos para os sentencear, senaõ mostrar deformidades para as estranhar, e dar doutrina, e tratar de emenda. E estejaõ certos todos, que naõ dizemos nada, que naõ passe assim na verdade em todo, ou em parte principal. E naõ allegamos Autores para confirmaçaõ do que escrevemos; porque os desta arte nunca imprimiraõ; e de sua sciencia só duas letras se achaõ impressas nas costas de alguns, que saõ L. e F. e o que querem dizer todos o sabem. E se algum me impugnar a mim para defender o que estas letras denotaõ, mostrará nisso, que he da mesma confraria, e negarselhe-ha o credito por apaixonado, como parte, e darseme-ha a mim, que o naõ sou; porque só pertendo mostrar neste *Espelho* a verdade, e fazer publicas como em *Theatro* as mentiras, e embustes de ladroens passados, e presentes. Aprestem-se todos para ouvir com paciencia; e porque trato de naõ molestar quem isto lêr, irey tecendo tudo

em fórma, que o curioso dos successos adóce o azedo da doutrina ; e em tudo teraõ todos muito que aprender, para sempre serem virtuosos, se quizerem tomar as cousas como as applico. Deos vos guarde de varas delgadas, que andaõ pelas ruas ; e de tres páos grossos, que vos esperaõ se naõ tomardes meus avisos. Entretanto estuday o Credo, e espertay a fé, para o que se segue.

INDEX
DOS CAPITULOS
Deste Tratado.



TRATADO UNICO.



CAPITULO I.

COMO PARA FURTAR HA ARTE, QUE HE SCIENCIA VERDADEIRA.



S Artes, dizem seus Autores, que saõ emulaçoens da natureza: e dizem pouco; porque a experiencia mostra, que tambem lhe accrescentaõ perfeiçoens. Deu a natureza ao homem cabello, e barba, para authoridade, e ornato; e se a arte naõ compuzer tudo, em quatro dias se fará hum monstro. Com arte repara huma mulher as ruinas, que lhe causou a idade, restituindo-se de cores, dentes, e cabello, com que a natureza no melhor lhe faltou. Com arte faz o escultor do tronco inutil huma imagem taõ perfeita, que parece viva. Com arte tiraõ os cobiçosos das entranhas da terra, e centro do mar a pedraria, e metais preciosos, que a natureza produzio em tosco, e aperfeiçoando tudo, lhe daõ outro valor. E naõ só sobre cousas boas tem as

Artes jurisdiçaõ para as melhorar mais que a natureza; mas tambem sobre as más, e nocivas para as diminuir em proveito de quem as exercita, ou para as accrescentar em damno de outrem: como se vê nas máquinas da guerra, partos da arte militar, que todas vaõ dirigidas a assolaçoens, e incendios, com que huns se defendem, e outros saõ destruidos. Naõ perde a arte seu ser por fazer mal, quando faz bem, e a proposito esse mesmo mal, que professa para tirar delle para outrem algum bem, ainda que seja illicito. E tal he a arte de furtar, que toda se occupa em despir huns para vestir outros. E se he famosa a arte, que do centro da terra desentranha o ouro, que se defende com montes de difficuldades, naõ he menos admiravel a do ladraõ, que das entranhas de hum escritorio, que fechado a sete chaves se resguarda com mil artificios, desencova com outros mayores o thesouro, com que se melhora de fortuna. Nem perde seu ser a arte pelo mal que causa, quando obra com cilladas segundo suas regras, que todas se fundaõ em estratagemas, e enganos, como as da Milicia: e essa he a arte, e he o que dizia hum grande mestre desta profissaõ: *Con arte, y con engaño vivo la mitad del año; y con engaño, y arte vivo la otra parte.* E se os ladroens naõ tiverem arte, busquem outro officio; por mais que a este os leve, e ajude a natureza, se naõ alentarem esta com os documentos da arte, teraõ mais certas perdas, que ganhos; nem se poderáõ conservar contra as inva-

soens de infinitas contrariedades, que os perseguem. E quando os vejo continuar no officio illesos, naõ posso deixar de o attribuir á destreza de sua arte, que os livra até da justiça mais vigilante, deslumbrando-a por mil modos, ou obrigando-a que os largue, e tolére; porque até para isso tem os ladroens arte. Assim se prova, que ha arte de furtar, e que esta seja sciencia verdadeira, he muito mais facil de provar, ainda que naõ tenha escóla publica, nem Doutores graduados, que a ensinem em Universidade, como tem as outras sciencias.

Todos os Philosophos, e Doutores Theologos defendem, que merece o nobre titulo de sciencia verdadeira aquella arte sómente, que tem principios certos, por onde demonstra, e alcança o que exercita: exemplo sejaõ a Sagrada Theologia, a Philosophia, Mathematica, Musica, Medicina, e outras, que nascem destas, as quais saõ verdadeiras sciencias, porque naõ só ensinaõ o que professaõ, mas tambem provaõ por seus principios, e demonstraõ por consequencias evidentes, o que ensinaõ. E admittindo nós esta regra, que todos os sabios admittem, devemos excluir do numero das sciencias só aquellas artes, que páraõ na materia, em que se occupaõ; tomando-a assim como se lhes offerece, sem discursarem as razoens, nem os principios, por onde se aperfeiçoaõ no alcance do seu fim. Exemplo seja a Jurisprudencia, que naõ se detém em especular, ou demonstrar o que propoem seus textos: donde

nasce naõ haver evidencia publica da razaõ de seus preceitos: e se nos move a seguilos a obediencia, com que todos nos sugeitamos a elles, mais he por temor ás vezes, que por respeito. E ainda que todos sejaõ fundados em razaõ, que os Principes acharaõ, e commumente apontaõ em seus decretos, passaõ por ellas os Jurisconsultos ordinariamente tanto em silencio, que por fé lhe damos alcance. E haõ-se nisto alguns Canonistas, e Legistas como Deos, que obrigando os homens a huma ley de dez preceitos, em nenhum delles apontou a razaõ porque os punha; deixando-a ao discurso da ley natural, que nenhum homem deve ignorar; ainda que ha alguns taõ grosseiros, que naõ atinaõ com ella. E por isso nunca ninguem disse, que a doutrina do Decalogo, pelo que pertence á observancia pratica, era sciencia, ainda que o seja no especulativo, pelo que descobre no bem para o abraçarmos, e no mal para o fugirmos. De todo este discurso se colhe como certeza, que a arte de furtar he sciencia verdadeira, porque tem principios certos, e demonstraçoens verdadeiras, para conseguir seus effeitos, posto que por rudeza dos discipulos, ou por outros impedimentos extrinsecos naõ chegue ao que pertende. Mas se o ladraõ tem bom natural, e he perito na arte, arma seus syllogismos como rede varredoura, a que nada escapa. Com huma historia notavel faço demonstraçaõ desta verdade. Em certa Cidade de Espanha houve huma viuva fi-

dalga taõ rica como nobre: e como as matronas de qualidade por seu natural recolhimento naõ podem assistir a trafegos de grandes fazendas, dezejava esta muito hum feitor fiel, e intelligente, que lhe podesse governar tudo. E naõ dezejava menos hum ladraõ cadimo ter entrada em casa taõ caudalosa com algum honesto titulo, para se prover de huma vez de remedio para toda a vida. Lançou suas linhas, e armou suas traças em fórma, que nenhuma consequencia frustrou, assim para entrar com grande credito, como para sahir com mayor proveito. Achou por suas inculcas, que tinha a senhora hum Confessor Religioso, a quem dava credito, e obediencia por sua virtude, e letras. Prégava este certa festa de concurso, vestio-se o ladraõ de trage humilde, e rosto penitente, e fez-se encontradiço com elle indo para o pulpito. Poz-lhe na maõ huma bolça de dobroens, que disse achàra perdida, e pedio-lhe com muita submissaõ, e modestia, que a publicasse ao auditorio, e a restituisse a quem mostrasse que era seu dono, dando os verdadeiros sinais della, e do que continha. Ficou o Reverendo Padre Prégador attonito com tal caso, que houvesse homem no mundo, que restituisse em vida, e disse aos ouvintes milagres do sugeito; e que podendo melhorar de capa com aquelle achado, o naõ fizera, estimando mais a paz de sua alma, que o commodo de seu corpo; e que em hum daquelles eraõ bem empregadas as esmolas. E assim foy, que acabada a prégaçaõ, mandáraõ muitos Cavalheiros seus subsidios com mais de

meya duzia de vestidos muito bons ao Reverendo Padre, para que désse tudo ao pobre santo, que lhe naõ pezou com elles: e foy a primeira consequencia, que colheu do seu discurso: e a segunda assegurar a bolça para si com sua mãy, que era huma velha taõ ardilosa como elle, que já estava prevenida ao Padre do pulpito, e muito bem adestrada pelo filho: e em descendo o Padre agarrou delle gritando: a bolça he minha; por sinal, que he de couro pardo, com huns cordoens verdes, e tem dentro seis dobroens, quatro patacas, e hum papelinho de alfinetes. Ouvindo o Prégador sinais taõ evidentes, e vendo que tudo assim era, lhe entregou tudo, dando graças a Deos, que nada se perdêra: e a mãy fez em casa a restituiçaõ ao filho, que assegurou de caminho a terceira consequencia de estafar tambem o Religioso, que o levou á sua sella, onde o regalou, e melhorou de vestido, e fortuna, informando-se delle mesmo de seus talentos: e achando que sabia ler, e escrever quanto queria, e contar como hum Girifalte na unha, e que sobre tudo mostrava bom juizo: seguio-se logo a quarta consequencia de o pôr em casa de sua confessada com mero, e mixto imperio sobre toda sua fazenda havida, e por haver, abonandolho por quinta essencia de fidelidade, e intelligencia: com que a seu salvo colheo a ultima consequencia, que pertendia das rendas de sua senhora, que ensacou em ouro para voar mais leve: e com dez, ou doze mil cruzados, que dous annos de serviço lhe depa-

ráraõ, se passou para outro emisferio, sem dizer a ninguem: ficaivos embora. Digaõ agora os professores das sciencias, e artes mais liberais, se formáraõ nunca syllogismos mais correntes. Negará a luz ao Sol, quem negar á arte de furtar o discurso, e subtileza, com que a qui lhe damos o nome de sciencia verdadeira.

CAPITULO II.

COMO A ARTE DE FURTAR HE MUITO NOBRE.



AIS facil achou hum prudente que seria acender dentro do mar huma fogueira, que espertar em hum peito vil fervores de nobreza. Com tudo ninguem me estranhe chamar nobre á arte, cujos professores por leys Divinas e humanas saõ tidos por infames. Essa he a valentia desta arte, como a dos Alchimistas, que se gabaõ que sabem fazer ouro de enxofre: de gente vil faz fidalgos, porque aonde luz o ouro, naõ ha vileza. A'lem de que naõ he implicaçaõ acharemse duas contrariedades em hum sugeito, quando respeitaõ differentes motivos. Que cousa mais vil, e baixa, que huma formiga! Taõ pequena, que naõ se enxerga; taõ rasteira, que vive enterrada; taõ pobre, que se sustenta de leves rapinas! Que cousa mais illustre que o Sol, que a tudo dá lustre; taõ grande, que he mayor que a terra; taõ alto, que anda no quarto Ceo; taõ

rico, que tudo produz! E se vê a mayor nobreza com a mayor baixeza em hum sugeito, em huma formiga. Baixezas ha, que naõ andaõ em uso, porque saõ só de nome: e nomes ha, que naõ pôem, nem tiraõ, ainda que se encontrem, porque se compadecem para differentes effeitos. Fazia Doutrina hum Padre da Companhia no pelourinho de Faro: perguntou a hum menino, como se chamava? Respondeo, chamo-me em casa Abrahaõsinho, e na rua Joannico. Assim saõ os ladroens: na Casa da Supplicaçaõ chamaõ-se infames, quando os sentenceaõ, que he poucas vezes: mas nas ruas, por onde andaõ de continuo em alcatêas, tem nomeadas muito nobres: porque huns saõ Godos, outros chamaõ-se Cabos, e Xarifes outros: mas nas obras todos saõ piratas.

Mais claro proponho, e deslindo tudo. A nobreza das sciencias colhe-se de tres principios. O primeiro he objecto, ou materia, em que se occupa. Segundo: as regras, e preceitos de que consta. Terceiro: os Mestres, e sugeitos, que a professaõ. Pelo primeiro principio he a Theologia mais nobre que todas; porque tem a Deos por objecto. Pelo segundo he a Philosophia; porque suas regras, e preceitos saõ delicadissimos, e admiraveis. Pelo terceiro he a Musica; porque a professaõ Anjos no Ceo, e na terra Principes. E por todos estes tres principios he a arte de furtar muito nobre; porque o seu objecto, e materia, em que se emprega, he tudo o que tem nome de precioso: as suas regras, e preceitos

saõ subtilissimos, e infalliveis: e os sugeitos, e mestres, que a professaõ, ainda mal que as mais das vezes saõ os que se prezaõ de mais nobres; para que naõ digamos que saõ Senhorias, Altezas, e Magestades.

Alguns doutos tiveraõ para si, que a nobreza das sciencias mais se colhe da subtileza das regras, e destreza, em que se fundaõ, que da grandeza do objecto, ou utilidade da materia, em que se occupaõ: como vimos até na máchina do que em cortiça obra cousas delicadas, que em ouro, que por isso he mais louvado. Aquelle Artifice, que escreveo a Iliada de Homero com tanta miudeza, que a recolheo em huma nóz, assombrou mais o mundo, que se a escrevesse com muitas laçarias em grandes laminas de ouro. Aquella náo enxarceada com todo genero de vélas, e cordoalhas, taõ pequena, que toda se cobria, e escondia com as azas de huma mosca, fez a Mermitides mais famoso, que a outros as grandes esculturas dos mayores Colossos. No formaçaõ de hum mosquito mostra Deos mais seu grande entendimento, que na fabrica do Universo. Quero dizer, que naõ engrandece tanto as sciencias a materia, em que se exercitaõ, como o engenho da arte, com que obraõ. E como o engenho, e arte de furtar anda hoje taõ subtil, que trascende as aguias, bem podemos dizer que he sciencia nobre. E prouvéra a Deos, que naõ tivera tanto de nobre, naõ só pelo que lhe concedemos de suas subtilezas, senaõ tambem, pelo que lhe

negaõ outros da materia, em que se occupa, e sugeitos, em que se acha; pois vemos, que a materia he a que mais se estima, ouro, prata, joyas, diamantes, e tudo o mais que tem preço; e os sugeitos, em que se acha, saõ por meus peccados os mais illustres, como pelo discurso deste tratado em muitos capitulos iremos vendo. E para que naõ engasgue algum escrupuloso nesta proposiçaõ com a maxima, de que naõ ha ladraõ, que seja nobre, pois o tal officio traz comsigo extinçaõ de todos os fóros da nobreza; declaro logo, que entendo o meu dito segundo o vejo exercitado em homens tidos, e havidos pelos melhores do mundo, que no cabo saõ ladroens, sem que o exercicio da arte os deslustre, nem abata hum ponto do timbre de sua grandeza. Naõ he assim, o que succedeo em Roma a hum Emperador? Que, entrando no Templo a adorar a Apollo, achou que no mesmo Altar estava Esculapio seu filho; este com grandes barbas, e aquelle limpinho; porque assim os distinguia a Gentilidade antigua. Advertio o Emperador, que as barbas de Esculapio eraõ de ouro, e postiças: cobiçou-as, e furtou-as; dizendo, que naõ era bem o filho tivesse barbas, quando o pay as naõ tinha: e nada perdeo de sua grandeza o Emperador com furtar as barbas ao seu Deos, antes a accrescentou, pois ficou com mais ouro, do que dantes tinha: e assim a accrescentaõ outros muitos com muitos outros furtos, que cada dia fazem sem calumnia nas barbas do mundo.

CAPITULO III.

DA ANTIGUIDADE, E PROFESSORES DESTA ARTE.



STO, que chamaõ antiguidade, he huma droga que naõ tem preço certo; porque em tal parte vale muito, e em nada se estima. Communidades ha, em que a antiguidade rende; porque lhes daõ melhor lugar, e melhor vianda. E Juntas ha, em que a antiguidade perde; porque escolhem os mais vigorosos para as emprezas de proveito, e honra. Antiguidade, que conta só os annos, em cada feira vale menos: mas a que accumula merecimentos para cargos tem mayor preço, e valêra mais, se fora de dura. Quando ólho para os que me cercaõ, festejo ser o mais antigo, porque me guardaõ respeito; mas se ólho só para mim, tomarame mais moderno. Este mal tem a antiguidade, que anda mais perto do fim, que do principio. Muitas cousas acabaõ por antigas, porque se corrompem de velhas: e muitas começaõ, aonde as outras acabaõ: isto he na antiguidade; porque só á custa della lograõ alguns *benè esses*, como as trempes do Japaõ, que as mais velhas saõ de mayor estima. A nobreza tem esta prerogativa, que a antiguidade mais apura, e vale mais por mais antiga. Homem novo entre os Romanos era o mesmo, que homem baixo: e o que mostrava imagens de seus ante-

passados mais velhas, carcomidas, e defumadas, era tido por mais nobre. Nas artes, e sciencias corre a mesma moeda, que andaõ mais apuradas as mais antigas; e saõ mais estimadas, as que tem mais antigos professores. Entre alfayates, e oleiros se moveo questaõ, quais eraõ mais antigos na sua arte, para alvidrarem dahi sua nobreza. Venceraõ os oleiros, porque primeiro se amaçou o barro, de que foy formado Adaõ, e depois se lhe talharaõ, e cozeraõ os vestidos. Aqui entraõ os ladroens com a sua arte, allegando, que muito antes do primeiro homem a exercitaraõ espiritos mais nobres. Mas deixando pontos, que nos ficaõ álem do mundo antes de haver homens, de que só tratamos; fallemos das télhas abaixo, que he o que pertence á nossa esféra. E em dando nos primeiros professores, colheremos logo a antiguidade desta arte; e da nobreza daquelles, e antiguidade desta, faremos o computo, que buscamos. Mas como se professa ás escondidas, será difficultoso achar os mestres. Ora naõ será; porque naõ ha quem escape de discipulo: e os discipulos bem devem conhecer seus mestres. Na matricula desta escóla naõ ha quem se naõ assente. Já o disse a ElRey nosso Senhor, que he este mundo hum covil de ladroens, porque tudo vive nelle de rapinas; animais, aves, e peixes, até nas arvores ha ladroens. E agora digo, que he huma Universidade, em cujos gerais cursaõ todos os viventes geralmente. Tem esta Universidade só duas classes, huma no mar,

outra na terra. No mar dizem que lêo de prima Jason aos primeiros Argonautas, quando passou á Ilha de Colchos, e furtou o vello de ouro taõ defendido, como celebrado: e destes aprenderaõ os infinitos piratas, que hoje em dia coalhaõ esses mare com a prôa sempre nas prezas, que buscaõ. Na terra, dizem os antigos, que pôz a primeira Cathedra Mercurio, e que foy o primeiro ladraõ, que houve no mundo; e por isso o fizeraõ Deos das ladroîces. Bem se vê a sem-razaõ desta idolatrîa, pois naõ póde haver mayor cegueira, que conceder divindade ao vicio. Mas por peor tenho, a que vemos hoje em muitos homens obrigados a conhecer este erro, que tem a rapina por sua deidade, pondo nella sua bemaventurança, porque della vivem. Enganaraõ-se os antigos em darem esta primazia a Mercurio: primeiro que elle foy Adaõ primeiro ladraõ, e primeiro homem do mundo: e por isso pay de todos, que deixou a todos por herança natural, e propriedade legitima serem ladroens. Perguntará aqui o curioso, se haverá algum, que o naõ seja? Responde-se que naõ: pelo menos na potencia, ou propensaõ; porque he legitima, que se repartio por todos. He bem verdade, que huns participaõ mais deste legado que outros; bem assim como nos bens castrenses, que se repartem a mais, e a menos pelo arbitrio do testador; posto que cá o arbitrio livre he dos herdeiros; e dahi vem serem alguns mais insignes na arte de furtar. E como naõ ha arte, que se aprenda sem mestres, que

vaõ succedendo huns a outros, tem esta alguns muitos sabios, e sempre os teve: e como naõ ha escóla, onde se naõ achem discipulos bons, e máos, tambem nesta ha discipulos, que pódem ser mestres; e ha outros taõ rudes, que nem para máos discipulos prestaõ, porque logo os apanhaõ. De todos determino dizer alguma cousa, naõ para os ensinar, mas para advertir, a quem se quizer guardar delles, o como se deve vigiar; e a elles quaõ arriscados andaõ.

Naõ me calumniem os que se tem por escoimados, queixando-se, que os ponho nesta reste sem prova, nem certeza de delitos que commettessem nesta materia, sendo certo que naõ ha regra sem excepçaõ. Meta cada hum a maõ em sua consciencia, e achará a prova do que digo, que este mundo he huma ladroeira, ou feira da ladra, em que todos chatinaõ interesses, creditos, honras, vaidades, e estas cousas naõ as póde haver sem mais e menos; e em mais, e menos vay o furto, quando cada hum toma mais do que se lhe deve, ou quando dá menos do que deve. E procede isto até em huma cortezia, que excede por ambiçaõ, ou que falta por soberba. Ajustar obrigaçoens de justiça, e caridade, depende de huma balança muito subtil, que tem o fiel muito ligeiro: e como ninguem a traz na maõ, tudo vay a esmo, e a cobiça pende para si, mais que para as partes. E daqui vem serem todos como o leaõ de Hisopete, que comia os outros animais com o achaque de ser mayor. E temos averi-

guado que os professores desta arte saõ todos os filhos de Adaõ, e que ella he taõ antiga como seu pay. Mas de tanta antiguidade, e progenitores, ninguem me infira serem nobres os professores desta arte, nem ser ella sciencia verdadeira: porque as sciencias devem praticar algum fim util ao bem commum, e esta arte só em destruir toda se emprega: contente-se com ser arte, assim como o he a Magîa. E em seus artifices ninguem creya que póde haver nobreza, pois o vicio nunca ennobreceo a ninguem, porque por natureza he infame, e ninguem póde dar o que naõ tem. A verdadeira sciencia he a das Leyes, e Canones, que lhes dá caça, e mete a saco todos os ladroens: e bastava taõ heroico acto para se ennobrecer, e fazer estimar sobre todas, a pezar dos ruins, com quem tem sua ralé: e se estes a desacreditaõ, naõ valem testemunha, porque os açouta.

Contra resoluçaõ taõ alentada me botaõ em rostro, o que disse agora ha nada nos dous capitulos antecedentes, que a arte de furtar era sciencia verdadeira, e seus professores muito nobres. Respondo, que nunca tal disse de minha opiniaõ: e se o disse, estaria zombando, para mostrar o engenho dos sophismas, ou a illusaõ, com que má gente apoya seus erros. Infame he a arte de furtar, infames saõ seus mestres, e discipulos: e ainda que saõ mais que muitos, muitos mais saõ os que andaõ saõs desta lepra, principalmente os que se lavaõ com o Santo Bautismo, que nos

livrou de todos os males, que herdámos de Adaõ. Ouçaõ bons, e máos este discurso, leiaõ todos este tratado, e verse-haõ escritos, e retratados: os bons teraõ que estimar, por se verem limpos de taõ infame lepra; e os màos teraõ que aborrecer, conhecendo o mal; que he impossivel naõ se detestar, tanto que for conhecido.

CAPITULO IV.

COMO OS MAYORES LADROENS SAÕ OS QUE TEM POR OFFICIO LIVRAR-NOS DE OUTROS LADROENS.



NAÕ póde haver mayor desgraça no mundo, que converterse a hum doente em veneno a triaga, que tomou, para vencer a peçonha, que o vay matando. Ferir-se, e matar-se hum homem com a espada, que cingio, ou arrancou para se defender de seu inimigo; e arrebentar-lhe nas mãos o mosquete, e matallo, quando fazia tiro para se livrar da morte, he fortuna muito má de sofrer: e tal he, que acontece em muitas Republicas do mundo, e até nos Reynos mais bem governados: os quais para se livrarem de ladroens, que he a peor péste que os abraza, fizeraõ váras, que chamaõ de Justiça, isto he, Meirinhos, Almotaceis, Alcaides: puzeraõ guardas, rendeiros, e jurados: e fortaleceraõ a todos com Provisoens, Privilegios, e Armas: mas elles virando tudo do carnáz para fóra, tomaõ o rasto ás avessas, e em vez de nos

guardarem as fazendas, saõ os que mayor estrago nos fazem nellas; de sorte que naõ se distinguem dos ladroens, que lhes mandaõ vigiar, em mais senaõ que os ladroens furtaõ nas charnecas, e elles no povoado; aquelles com carapuças de rebuço, e elles com as caras descobertas; aquelles com seu risco, e estes com Provisaõ, e cartas de Seguro. Declarome: manda a Ley aos Senhores Almotaceis, que vigiem as padeiras, regateiras, estalagens, e tavernas, &c. se vendem as cousas por seu justo preço. Anticipaõ-se todas as pessoas sobreditas, mandaõ a casa as primicias, e meyas natas de seus interesses, e ficaõ logo licenciadas, para maquinarem tudo, como quizerem. Tem obrigaçaõ os Meirinhos, e Alcaides, de tomarem as armas defezas, prenderem os que acharem de noite, e darem cumprimento aos mandados de prizoens, e execuçoens, que se lhes encarregaõ: dissimulaõ, e passaõ por tudo, pelo dobraõ, e pela pataca, que lhes metẽ na bolça; e seguem-se dahi mortes, roubos, e perdas intoleraveis. Corre por conta dos guardas, e rendeiros a defensaõ dos pastos, vinhas, olivais, coutadas, que naõ as destruaõ os gados alheos; quem os tem avença-se com elles por pouco mais de nada, que vem a ser muito; porque concorrem os poucos de muitas partes, ficaõ livres para poderem lograr as fazendas alheas, como se foraõ proprias, sem incorrerem nas coimas. E eisaqui como os que tem por officio livrarnos de ladroens, vem a ser os mayores ladroens, que nos des-

troem. Naõ fallo de varas grandes, porque as residencias as fazem andar direitas; nem das garnachas, que esperaõ mayores póstos, e naõ querem perder o muito pelo pouco: livrenos Deos a todos de offerecimentos secretos, que correm sua fortuna sem testemunhas, aceitos torcem logo as meadas até quebrar o fiado pelo mais fraco; e a poder de nós cégos o fazem parecer inteiro; até nas residencias, onde se daõ em se fazerem as barbas huns aos outros, fica tudo sem remedio, e com a mayor parte da preza em hum momento, quem nos hia restaurar dos damnos de hum triennio.

Milhares de exemplos ha, que explicaõ bem esta especie de furtos; e melhor que todos o que poderemos pôr nos Physicos: mas manda a Sagrada Escritura, que os honremos *propter sanitatem;* e assim he bem que lhes guardemos aqui respeitos, ainda que a verdade sempre tem lugar. Digamolo ao menos dos boticarios. Tem estes hum livrinho, naõ he mayor que huma cartilha, e nada tem de sua doutrina; porque se devia de compor no Limbo: certo he que o naõ imprimio Galeno, que houvera de ser muito bom Christaõ, se naõ fora Gentio, porque tinha bom entendimento. A este livro chamaõ elles: *Qui pro quo:* quer dizer, *huma cousa por outra:* e o titulo basta, para se entender, que contém mais mentiras, que verdades: antes só huma verdade contém, e he que em tudo ensina a vender gato por lebre, como agora: se lhe faltar na botica a

agua de escorcioneira, que receita o Medico para o cordeal, que lhe pódem botar agua de cevada cozida; e se naõ tiverem pedra de bazar, que pevides de cidra tanto montaõ: se naõ houver oleo de amendoas, que lhe ponhaõ o da candêa. E assim vay baralhando tudo, de maneira que naõ póde haver boticario, que deixe de ter quanto lhe pedem: e dahi póde ser que veyo o proverbio, com que declaramos a abundancia de huma casa rica, que tudo se acha nella como em botica. E já lhe eu perdoára tudo, se tudo tivera os mesmos effeitos; e se elles naõ nos levaraõ tanto pelos ingredientes suppostos, que nada valem, como haviaõ de levar pelos verdadeiros, que valem muito. Donde parece, que nasceo a murmuraçaõ, de quem disse, que as mãos dos boticarios saõ como as de Midas, que quanto tocaõ, convertem em ouro; porque naõ ha arte chimica, que os vença em fazer de maravalhas metais preciosos: nem póde haver mayor destreza, que a de hum destes mestres, ou discipulos de Esculapio, que mandando pelo seu mosso buscar hum molho de malvas ao monturo, com duas fervuras, que lhe daõ no tacho, ou com as pizar no almofariz, as transformaõ de maneira, que naõ lhes sahem das mãos, sem lhes deixarem nellas tres, ou quatro cruzados, naõ valendo ellas em si hum ceitil: e o mesmo corre em outras mil e trezentas cousas. Tem os Physicos móres obrigaçaõ de vigiarem tudo isto; e assim o fazem correndo o Reyno, e visitando todas as boticas delle algumas vezes:

chamaõ a isto dar varejo : e dizem bem ; porque assim como nós varejamos huma oliveira, para lhe apanhar a azeitona, assim elles varejaõ as boticas, para recolher dinheiro. He muito para ver a diligencia, com que os boticarios se acodem huns aos outros nestas occasioens, emprestando-se vidros, e medicamentos, para que os visitadores os achem providos de tudo : e poderá succeder, por mais que tenhaõ tudo bem apurado, e a ponto, se naõ andarem mais diligentes em peitar, que em se prover, que lhes quebrem todos os vidros por dá cá aquella palha. Por isso outros fazem bem, que visitaõ, antes de serem visitados, e com isso escusaõ o trabalho de se proverem, e apurarem ; e escapaõ os seus frascos, como vaso máo, que nunca quebra. Bem se vê, como responde tudo isto ao titulo deste capitulo ; só huma cousa ha aqui, que a naõ entendo, nem haverá quem a declare ; que morra enforcado o homicida, que matou á espingarda, ou ás estocadas hum homem ; e que matem boticarios, e medicos cada dia milhares delles, sem vermos por isso nunca hum na forca : antes saõ taõ privilegiados, que depois de vos darem com as côstas no adro, e com vosso pay na cova, demandaõ vossos herdeiros, que lhes paguem a peçonha, com que vos tiraraõ a vida, e o trabalho que tiveraõ em vos apressarem a morte com sangrias peores, que estocadas, por serem sem necessidade, ou fóra de tempo. Hum ferrador vizinho do Cardeal Palóto desappareceo de

Roma; e hindo depois o Cardeal a Napoles com certa diligencia do Summo Pontifice, teve hum achaque, sobre que se fez junta de Medicos, e entre elles veyo o ferrador por mais afamado: conheceo-o o Cardeal, tomou-o á parte, e perguntou-lhe, quem o fizera Medico? Respondeo, que só mudara de fortuna, e naõ de officio; porque do mesmo modo, que curava em Roma as bestas, curava em Napoles os homens; e que lhe succedia tudo melhor: porque álem de acertar nas curas taõ bem, e melhor que os demais medicos, se acertava por erro de dar com algum doente na outra vida, que ninguem o demandava por isso, como Sua Eminencia, que lhe fez pagar huma mulla do seu coche, por lhe morrer nas mãos andando em cura. O que mais succedeo no caso, naõ serve ao intento: mas do dito se colhe, que anda o mundo errado na materia de medicos, e boticarios, que haõ mister grandissima refórma; porque tendo por officio assegurar as vidas, naõ só no-las tiraõ, mas sobre isso nos pedem as bolças. Naõ fazia outro tanto o Solposto aos Castelhanos nas charnecas; e no cabo foy esquartejado por isso. E estes senhores ficaõ-se rindo, e aguçando a ferramenta para hirem por diante na matança, de que fazem officio.

Em França ha Ley, que nenhum Medico do Paço vença salario, em quanto alguma pessoa Real estiver doente; porque assim se apressem em tratar de sua saude: e os Portuguezes somos

tais, que quando estamos doentes, fazemos mais mimos, e damos mayores pagas aos Medicos; sem advertirmos, que por isso mesmo nos dilatáraõ a saude, e faraõ grave o mal, que he leve; como o outro, que curava de hum espinho certo Cavalheiro, e tinha lhe metido em cabeça que era postêma. Auzentou-se hum dia, e deixou hum seu filho instruido, que continuasse com os emplastos do espinho, o que chamavaõ postêma. Mas o filho na primeira cura, para se mostrar mais destro, arrancou o espinho; cessaraõ logo as dores, e sarou o doente em menos de vinte e quatro horas. Veyo o pay; pediolhe o filho alviçaras, que sarára o doente só com lhe tirar o espinho. Respondeolhe o pay: pois dahi comerás para besta. Naõ vias tu salvagem, que em quanto se queixava das dores, continuavaõ as visitas, e se accrescentavaõ as pagas? Secaste o leite á cabra, que ordinhavamos? Bem se acodiria a isto, se se pagassem melhor as curas breves, que as dilatadas. E muito necessario era haver ley, que nenhuma cura se pagasse do doente que morresse. Podera-se pelo menos pôr remedio a tudo, com favorecerem os Reys mais esta sciencia, que anda muito arrastrada; porque naõ se applica a ella, senaõ quem naõ tem cabedal para cursar outros estudos. No Estado de Milaõ todos os medicos tem foro de Condes: nos Estados de Mantua, Modena, Parma, e em toda a Lombardia, saõ tidos, e havidos por fidalgos, e gozaõ seus privilegios. ElRey

Dom Sebastiaõ começou a applicar algum cuidado nesta parte mandando à Universidade de Coimbra, que escolhessem de todos os Gerais os estudantes mais habeis, e nobres; e que os applicassem à Medicina com promessas de grandes accrescentamentos. Por mais facil tivera mandar á China dous pares delles com as mesmas promessas para estudarem a Medicina, com que todo aquelle vastissimo Imperio se cura: que sem controversia hê a melhor do mundo, porque sabe qualquer Medico pelas regras da sua arte, em tomando o pulso a hum doente, tudo o que teve, e ha de ter por horas, sem lhe errar nenhum accidente; e logo levaõ comsigo os medicamentos para a cura, se he que o mal tem alguma: e melhor fora hirmos lá buscar essa sciencia para reparar a vida, que as porçolanas que logo quebraõ.

CAPITULO V.

DOS QUE SAÕ LADROENS, SEM DEIXAREM QUE OUTROS O SEJAÕ


O Leaõ contaõ os naturais, que de tal maneira faz suas prezas, que juntamente as defende, que lhes naõ toque nenhumoutro animal, por féro que seja. Mais fazem os Açores da Noroéga, que conservaõ

viva a ultima ave, que empolgaõ nos dias de Inverno, para terem com ella quentes os pés de noite; e como amanhece a largaõ: e observaõ para onde foge, e naõ vaõ caçar para aquella parte, para naõ acabarem a ave, de que receberaõ algum bem; e naõ reparaõ, em que vá dar nas unhas de outros Açores. Ladroens ha peores, que estes animais, e saõ como elles os poderosos. Todos saõ como os Leoens, que naõ deixaõ, que outros animais se cévem na sua preza; e nenhum como os Açores que largaõ para outras aves a preza, de que tiraraõ proveito. Naõ admittir companhia no trato, de que se póde tirar proveito, he ambiçaõ, e he interesse, a que podemos dar nome de furto. E he lanço muito contrario ao natural dos ladroens, que gostaõ de andarem em quadrilhas, e terem companheiros, e serem muitos, para se ajudarem huns aos outros: mas isto he em ladroens mecanicos, e villoens de trato baixo: ha ladroens fidalgos taõ graves, que se querem sós, e que ninguem mais sustente o banco: vê-se isto por essas Ilhas, e Conquistas, e tambem cá no Reyno. Ha em certa parte certa droga buscada, e estimada de estrangeiros, que em certo tempo infallivelmente a buscaõ para fazerem carregaçaõ della. Que faz neste caso o poderoso, abarca toda de antemaõ pelo menor preço, obrigando os lavradores della, que lha levem a casa, em que lhe pez: e como se vê senhor de toda, fecha-se com ella, e talha-lhe o preço a seu padar, de sorte que o estrangeiro ha

de bebella, ou vertella a seu pezar. No pastel das Ilhas vemos isto muitas vezes, na coirama de Cabo Verde, no páo do Brazil, na canela de Ceilaõ, no anîl, nos basares, e outras veniagas: e neste Reyno o vemos cada dia no paõ, na passa do Algarve, na amendoa, no atúm, e em quasi todas as mercadorias, que vem de fóra, como taboado, livros, baetas, sedas, telas, &c. as quais os attraveçadores tomaõ por junto, e fazendo de tudo estanques, se fazem Reys; porque só os Reys pódem fazer estanques, e porque só aos Reys pode ser licito o engrossarem tanto. Isto de estanques he ponto, em que se deve hir muito attento, especialmente nas cousas necessarias para a vida, como saõ mantimentos, e roupas. Que haja estanque em solimaõ, cartas de jogar, tabaco, pimenta, e diamantes, pouco vay nisso; porque sem nada disso passaremos; mas que se permitta, que nos attravessem o paõ, e que se fechem com elle os ricos avarentos, para o venderem em quatro drobos, quando o povo brame por elle, he negocio que se deve atalhar com todo o rigor, mandando por Ley estavel com pena capital, que ninguem venda trigo em nenhum tempo sobre tres tostoens: nem se seguirá daqui faltar o paõ no Reyno, antes sobejará; porque os estrangeiros com esse preço se contentaõ; e os lavradores nunca o vendem por mais, e assim nunca desistiráõ de o trazer, nem de o semear: e desistindo os atraveçadores de sua cobiça, todos o teraõ. Dà

mesma maneira se deve pôr taxa em todas as mercadorias; porque na verdade vaõ todas sobindo muito sem razaõ, e queixaõ-se os póvos sem remedio. Hum chapéo, que valia hum cruzado, custa hoje dous, e tres: hum covado de panno, que se dava por tres tostoens, naõ o largaõ por menos de sete: huns çapatos, que chegavaõ a doze vintens, sobiraõ já a quinhentos reis. E assim se procede em tudo o mais. E se lhes pergunto a causa destes excessos? Respondem, que pagaõ decimas: e he o mesmo que responderem, que o fazem sem razaõ; pois he quererem que lhes paguemos nós as decimas, e naõ elles; álem de que o excesso, em que se satisfazem, he ametade, ou mais, e naõ a decima parte. Fique isto advertido de passagem, ainda que tambem pertence aos ladroens, que naõ deixaõ que outros o sejaõ; porque usurpando cada official no seu trato ganhos taõ excessivos, naõ deixa lugar a quem com elles trata, para interessarem cousa alguma, nem aos agentes, e medianeiros, para cizarem hum vintem. E tornemos aos estanques, ou atraveçadores, que levaõ o mayor preço deste capitulo, que acabo com dous exemplos, que andaõ correntes com grande detrimento da companhia da bolça sobre a compra, e venda dos vinhos para o Brasil: mandaõ hum agente diante à Ilha da Madeira, que os compra em mosto pelo menor preço: e quando chegaõ os navios para tomar a carga, entregalhos cozidos por outro tanto mais do que lhe custaraõ, como se o

mandaraõ negociar só para si, e naõ para toda a companhia, cujo era o cabedal, com que effeituou o primeiro lanço. Chegaõ ao Brasil, onde tem taxa, que naõ passem as pipas de quarenta mil reis, atraveça-as hum todas pelo dito preço: e verifica à bolça que as vendeo pelo que orça o Regimento. E o senhor, que as embebeo em si, talha-lhes outro preço, que passa de cem mil reis; e fica, quem quer que he, com os ganhos em salvo, e a fazenda alhea com os riscos, sem deixar que logrem taõ grandes lucros, os que puzeraõ o cabedal, e se expuzeraõ aos perigos. Nota para as de mais drogas: quem assim empolga no liquido, que fará no solido? E advirtaõ todos os atraveçadores, como saõ peores que as féras; porque os interesses, que reservaõ só para si, e védaõ aos outros da preza, que empolgaõ; nos Leoens he por generosidade, e nelles por villeza, para que lhe naõ chamemos aleivozia. Peores saõ que os Açores; pois estes largaõ a caça para outros, e elles tudo usurpaõ para si, sem deixarem que os outros medrem. Medrariamos todos, se houvesse ley, que perca tudo, quem abarcar tudo; e seria justa pela regra que diz: *Que quien todo lo quiere, todo lo pierde.*

CAPITULO VI.

COMO NAÕ ESCAPA DE LADRAÕ, QUEM SE PAGA POR SUA MAÕ.



A HUM cego, desses que pedem por portas, deraõ em certa parte hum cacho de uvas por esmola: e como se guarda mal cevadeira de pobres, o que se póde pizar, tratou de o assegurar logo repartindo igualmente com o seu moço, que o guiava: e para isso concertou com elle, que o comessem bago, e bago, alternadamente; e depois de quatro idas, e venidas, o cego para experimentar, se o moço lhe guardava fidelidade, picou os bagos a pares: o moço, vendo que seu amo falhava no contrato, calou-se, e deulhe os cabes a ternos: naõ lhe esperou muito o cego; e ao terceiro invite descarregoulhe com o bordaõ na cabeça. Gritou o rapaz: porque me dais? Respondeo o amo: porque contratando nós, que comessemos igualmente estas uvas bago, e bago, tu comes a trez, e a quatro. Perguntoulhe entaõ o moço: e quem vos disse a vós, que fiz eu tal aleivozia? Isso está claro, respondeo o cego: porque faltandote eu primeiro no contrato, comendo a pares, tu te calaste sem me requereres tua justiça; e naõ eras tu taõ santo, que me levasses em conta, nem em silencio a minha sem-razaõ, senaõ pagandote

em dobro pela calada. Aqui tomára eu agora todos os Reyes, e Principes, Grandes, e Senhores do mundo, para dizer a todos em segredo, como andaõ cegos no ponto mais essencial de seu governo, que he o de suas rendas, e thesouros, sem os quais naõ se pódem sustentar em seu ser, nem conservar suas Republicas, e familias. Tenhaõ todos por certo, que se naõ guardarem com seus subditos a devida correspondencia nos pagamentos, e remuneraçoens dos serviços, que lhes fazem, que se haõ de pagar por sua maõ. E boa prova disso seja, que devendo a tantos, nenhum os cita, nem demanda, porque haõ medo do bastaõ da potencia, em que se firmaõ, com que lhes pódem quebrar as cabeças; mas para remirem sua vexaçaõ, usaõ do direito natural, que os ensina a refazer-se pela calada, e pelo mais quieto modo, que lhes he possivel: e como a satisfaçaõ fica na sua re-vera, he ordinariamente em dobro; porque o amor proprio os faz cuidar, que tudo he pouco para o que merecem. E daqui vem, o que temos visto muitas vezes neste Reyno em Embaixadas, e emprezas, que Sua Magestade manda fazer, dando sempre mais do necessario para os gastos, e no cabo naõ ha resultas, nem sobejos, que restituaõ. Nem ha razaõ que dár a este ponto mais, que a de dizermos, que tomaõ tudo para si por paga de seus serviços; sem admittirem que vaõ estes satisfeitos sobre outras mercês, que receberaõ de antemaõ; e que pódem faltar estas, córaõ

com este pretexto a sobeja diligencia, com que se pagaõ. Duas razoens ha muito evidentes, com que se prova o muito, que agasalhaõ dos cabedais, que passaõ por suas mãos: primeira, que o fogo, onde está, naõ se póde esconder, logo lança fumo, e luzes: e assim saõ estes, que logo tem fumos de mayores grandezas, e brilhaõ lustres, que manifestaõ o proveito, com que sahiraõ da empreza, em que apregoaõ, que fizeraõ grandes gastos de sua fazenda, para deslumbrarem o luzimento, que a pezar de sua mentira descobre a verdade. Se gastaste tanto, e te atenuaste, irmaõ, como engordaste? A segunda razaõ ainda mais efficaz he, que ás vezes manda ElRey nosso Senhor religiosos a tais emprezas com menos cabedal, e nenhumas mercês, porque naõ lhes dá titulos, nem commendas, e com tudo no fim dellas restituem grandes sobejos. Dirá alguem, que he porque gastaõ menos, e eu digo, que he porque guardaõ mais: e ambos dizemos o mesmo; mas com esta declaraçaõ, que todos gastaõ da fazenda Real, aquelles guardaõ para si, e estes para seu dono: aqelles pagaõ-se por sua maõ, e estes naõ trataõ de paga, senaõ de restituiçaõ. Mas deixando esta materia, que me póde fazer odioso com gente grande, e poderosa, e eu quero paz com todos, assim como trato de os pôr em paz com suas consciencias; só nos Reys e Principes grandes tomára persuadir bem esta verdade, que paguem pontualmente o que devem, se querem que lhes luzaõ mais suas ren-

das; porque he certo, que naõ ha quem se naõ pague, se acha por onde: e quando naõ acha, busca outro do seu lote, que deva ao Rey alguma cousa, e compoemse com elle: daime duzentos mil reis, e desobrigovos de mil cruzados, que deveis a ElRey, porque elle me deve a mim outros tantos. Já se succede, que o primeiro deva ao segundo alguma cousa, ahi fica o contrato mais corrente; porque com pecunia mental se satisfaz tudo: e só o Rey fica defraudado na Real; porque com estas, e outras traças nada se lhe restitue; e vem a montar no cabo ao todo dispendios muito grandes; porque succedem serem mais que muitos estes lanços, e passarem de marca as quantias delles. E se buscarmos a raiz destas perdas grandes, havemola de achar no descuido das pagas pequenas, que occasionaraõ licença nos acredores, para se pagarem de sua maõ, sem repararem ná censura de ladroens, que incorrem pelo que levaõ de mais: e se algum pezar os acompanha, he de naõ acharem mais, para se pagarem tambem de dous perigos, a que se puzeraõ; primeiro de perderem o seu, segundo de ganharem a forca.

Esta sarna, ou tinha, que pelas mãos se pega, he taõ vulgar, que naõ ha pessoa, por ignorante que seja, que naõ saiba pagar-se destrissimamente por sua maõ, até em cousas muito leves; porque mais sabe o sandeu no seu, que ò sabio no alheo: e o mesmo he, quando cuida

que o alheo lhe pertence por algum serviço; e para que lhe pertença, e para o appropriar a si, sabe dar dous boléos ao que traz entre mãos, melhor que nenhum volatim: qualquer negocio, ou mandado, que vos fazem, hum emprestimo que seja, logo o julgaõ pôr digno de grande paga: e em lhes cahindo alguma cousa vossa na maõ, de que possaõ cizar, com ambas as mãos empolgaõ nella, para se remunerarem álem das medidas: e naõ basta dizerem, e protestarem que vos servem por cortezia, nem contratardes com elles em o tanto, que lhes pagais pontualmente: porque a cortezia verdadeira, que professaõ, he julgarem todos, que muito mais merecem, sem advertirem, que o dado he dado, e o vendido he vendido; e que naõ pódem alterar nas obras, o que assentaõ com as palavras. E já lhes eu perdoára tudo, aos que se pagaõ por sua maõ, se leváraõ sómente, o que se lhes póde dever a juizo de bom varaõ: mas pagaõ-se pela sua almotaceria, que sempre he mayor, e occasionaõ grandissimas perdas aos proprietarios; como se vê na pescaria do aljofar, e perolas no Oriente, que rendia mais de hum milhaõ em outros annos á Coroa de Portugal, e para os pescadores, que eraõ mais de quarenta mil, com quinhentas embarcaçoens grandes; porque havia quem pagasse aos ministros fielmente sem lhes abrir entrada, por onde ensopassem a maõ em monte taõ grosso. Tiveraõ estes traças para encorporarem em si a administraçaõ das despezas, e

recibos, tirando-a de pessoas Religiosas e fidelissimas, a titulo de mais facil expediente : e seguiose logo serem os mergulhadores mal pagos, e os ministros remunerados em dôbro, porque se pagavaõ estes por sua maõ, e aquelles pela alheya: fugiraõ os pescadores; e os que acodem forçados, saõ taõ poucos em comparaçaõ do que eraõ, que naõ chegaõ a dez mil, com duzentas embarcaçoens pequenas; e assim ficaõ os lucros taõ tenues, que naõ pódem avançar a duzentos mil cruzados; e só os ministros engordaõ, porque se pagaõ por sua maõ. Na compra do Salitre, e Pimenta, succede quasi o mesmo lá nessas partes: vinhanos de Maduré o Salitre, trazido por particulares a duas patacas o *bar*, que saõ dezaseis arrobas; comprava-se todo para a Coroa de Portugal com grandissimo lucro: naõ achavaõ os ministros Reaes polpa em droga taõ barata, para empolgarem as unhas : trataraõ de a haver dos Naiques, que saõ os Reys daquelle Imperio, os quais sabendo a estima, que faziamos do que elles arbitravaõ como se fosse arêa, fizeraõ logo estanque, de que naõ deixaõ sahir o Salitre por menos de vinte patacas o *bar:* e o mesmo succedeo na Pimenta por toda a India, por se cevarem mais do devido as unhas dos ministros em seus pagamentos.

CAPITULO VII.

COMO TOMANDO POUCO SE ROUBA MAIS, QUE TOMANDO MUITO.


ARECE que se contradiz o assumpto deste capitulo, mas essa he a excellencia desta arte, que até de implicaçoens tira consequencias certas para os fins, que professa. E poderá provar se com o que furta a agulha ao alfayate, em lugar e occasiaõ, que naõ póde comprar, nem haver outra; e por isso fica impossibilitado, para trabalhar aquelle dia, e os que se seguem; com que perde os seus jornais, e salarios, que vem a fazer quantia grossa. E he ponto este, que tem dado muito que suar aos Doutores Moralistas, sobre a restituiçaõ dos lucros cessantes, e damnos emergentes consideraveis do official, a que deu causa o ladraõ com taõ leve furto, como he o de huma agulha, que val quando muito real e meyo: e querem quasi todos, que seja furto de restituiçaõ os damnos graves recebidos por taõ leve causa. Do mesmo modo discursaõ no que furtou a cabra, ou a galinha, de que seu dono esperava muitos frutos. E assim succede furtarem muito, os que tomaõ pouco. Mas naõ he minha tençaõ occupar a máquina deste capitulo com ninherias. Vôe a nossa penna a cousas mais altas. Todos sabem o dito cõmum: *Que tanta pena merece o con-*

sentidor, como ladraõ : e nesta toada ha ladroens, que naõ furtando nada, porque nada lhes fica, furtaõ quasi infinito; como se vê nas Justiças, em Guardas, Meirinhos, e outros officiais, assim na paz, como na guerra; os quais já por dissimularem ou naõ vigiarem, daõ causa a grandissimos furtos, e intoleraveis ladroîces: já se vaõ forros, e a partir, com os que metem as mãos na massa até os cotovelos, empolgando nas fazendas Reaes, nos direitos, nos tributos, nos fardos, que desbalizaõ, e nas drogas, que á força fazem ser de contrabando; ahi, digo eu, que vay o furtar de monte a monte, e que tomaõ os tais ministros sobre si cargas irremediaveis de restituiçaõ, cujos antecedentes naõ lograõ, e só com as consequencias das tiçoadas, que por tudo haõ de levar, se ficaõ. Ponhamos exemplos nas materias tocadas, e conhecerá todo o mundo os ladroens, que furtaõ mais, quando tomaõ menos.

Comecemos pelos mais graves. Sabe hum Mestre de Campo, que tem quatro Capitaens no seu terço, que recolhem os pagamentos de seus Soldados a titulo de os repartirem fielmente por elles, e que os jogaõ no memo dia, em que lhos entregaõ, ficando assim Soldados, e Capitaens sem bazaruco, e dissimulaõ com isso? Pois saiba o Senhor Mestre de Campo, quem quer que he, que fica sendo em consciencia taõ grande ladraõ, como os seus Capitaens. Respondeme negandome a consequencia; porque nada tomou para si. Mas a isso lhe digo, o que já tenho dito,

que ha ladroens, que naõ furtando nada, furtaõ muito, e elle he o mayor de todos, pois deu occasiaõ a mayores damnos, naõ só na fome, e desnudez dos Soldados, e nos roubos, que lhes occasionou fazerem para se remediarem; mas tambem na batalha, que se perdeo a seu Rey, por naõ hirem alentados, e contentes.

Caso notavel, e que poderia acontecer! Veyo do Nórte a certo homem de negocio hum navio de bacalháo meyo corrupto, e tal que desesperou da venda, e gasto de tal droga: foy-se a hum Conselheiro, ou Provedor das fronteiras, meteolhe dous mil cruzados em ouro na maõ para luvas com seu borslado, que em mayores empenhos o deseja servir, se lhe der passagem a huma partidazinha de bacalháo para os gastos da guerra, e o dará barato, por pouco mais do que lhe custou, por fazer serviço a Sua Magestade. Deixe v. m. estar o lanço, lhe responde elle com os dous mil nas unhas, que hoje o porey em conselho, e seraõ Sua Magestade, e v. m. servidos. Esperalhe pancada, e em vindo a pêllo a fome dos soldados, propoem muito severo, e grave: Senhores meus, bacalháo he muito bom mantimento para campanha, e povoado; tem-se de reserva, e he sadîo: e eu tenho, porque nada me escapa, quem nos dê huma partida grossa muito barata. Toca a campainha, acode o porteiro: chamay cá esse homem de veludo raso, que ahi está fóra: entra elle, vendendo bullas, e fazendo-se de rogar, e que tem dous mil quintais para provimento do

povo, que ha de ficar bramindo ; mas que o serviço de Sua Magestade ha de hir diante, e que terá o povo paciencia, e que lhe haõ de dar vinte mil cruzados pela dita partida, e que se lhe derem hum real menos, fica perdido. Vá-se v. m. para fóra, temos ouvido, consultaremos. Sahe-se elle para fóra, promettendo candeînhas a Santo Antonio, ou ao Mexias, que lhe depare boa sahida á sua fazenda perdida. Dá hum brádo o promotor do negocio : aqui veraõ VV. SS. como sirvo a Sua Magestade. Famoso lanço, respondem todos, naõ se perca, embarque-se logo todo para Aldea Galega, e contem-selhe os vinte mil cruzados ; e assim se effeitua. Vaõ diante ordens apertadas aos Juizes, e Corregedores, que prendaõ almocreves, que embarguem bestas, tudo se executa : e lá vaõ comendo todos do bacalháo por essas estradas até Elvas, onde o molhaõ, para que naõ falte no pezo ; recolhe-se nos armazens molhado sobre corrupto, e ao segundo dia já enjoa toda a Cidade com o cheiro ; os soldados naõ o aceitaõ, nem os caens o comem. E se alguem naõ tiver isto por factivel ; veja lá não lhe provem, que lhe succedeo a elle. Digaõ-me agora os senhores Doutores, se he isto furto, ou esmola, que se fez a Sua Magestade : no Conselho o appellidaraõ por serviço, em Elvas lhe chamaõ perda, e poucas letras saõ necessarias para lhe dar o nome proprio, que he furto legitimo. Quem fez este furto he a mayor duvida. O mancebinho, que recolheo os dous mil cruzados cuida

que nada fez ; e elle por estes algarismos vem a ser, o que tomando pouco furtou muito ; porque deu occasiaõ a arderem vinte mil cruzados del-Rey sem nenhum fruto.. Na alma lhe naõ quizera eu jazer á hora da morte.

CAPITULO VIII.

COMO SE FURTA ÁS PARTES, FAZENDOLHES MERCES, E VENDENDO-LHES MISERICORDIAS.



FFERECEO-SE o milhano á galinha para ser seu enfermeiro em huma doença, e em cada visita lhe mamava hum pinto pela calada, até que deu fé pela diminuiçaõ de sua familia, e casa, que a mercê, que lhe fazia o seu Medico, tinha mais de furto, que de misericordia. Saõ os Ministros, com que se governaõ as Republicas, como Medicos, que acodem a seus trabalhos, que saõ as suas doenças; e accrescentarlhe estas a titulo de cura, e de misericordia, he aleivozia, e he ladroîce descarada, e acontece de mil maneiras; toco algumas, que todas naõ póde ser. Manda ElRey nosso Senhor fazer infanteria pelas comarcas do Reyno para provimento das fronteiras, e do Brazil, ou da India : vaõ os Cabos muito bem providos de dinheiro, que lhes dá Sua Magestade para os pagamentos ; levaõ seus officiais em fórma com todos os requesitos, para que tudo se faça authentico com razaõ, e justiça.

Chegaõ a hum lugar, tomaõ noticias dos que ha mais aptos, e expeditos para as armas: saõ logo malsinados, os que tem inimigos, e chovem escusas sobre os que saõ aparentados; passa o Cabo cedulas aos meirinhos, que lhos tragaõ alli todos; e se os naõ acharem, que lhe tragaõ os pays, ou as mãys por elles: e elles que gostaõ mais do ninho, em que se criaraõ, e levallos á guerra he arrancarlhe os dentes; poem-se em cobro, deixando seus pays nos piotes, que para remirem sua vexaçaõ, e a de seus filhos, lançaõ mil linhas; e vendo que as de intercessoens naõ montaõ, appellaõ para as do interesse: offerece cada qual os vinte, e os trinta cruzados, que naõ tem, e para os fazer vende até a capa dos hombros; e tanto que os dá por baixo da capa, logo escapa, e livra o filho a titulo de manco, sendo mais escorreito que hum veádo: e naõ saõ poucos os que trincaõ a sedélla desta maneira em cada terra; com que vem a ser mais que muito o cabedal dos milhafres, que em vez de fazerem gente para a guerra, fizeraõ thesouro para a paz, e para o jugo. Muitos pays houve, que livraraõ seus filhos seis, e sete vezes deste modo, em differentes annos; com que lhes vieraõ a custar tanto, como se os resgataraõ de Turquia.

O mesmo succede nos aprestos das armadas para a cósta, e frotas para o Brazil, e India. Faltaõ barbeiros, falta marinhagem? Alto sus: vaõ os sargentos por essa Ribeira, revolvaõ a Cidade, prendaõ, e tragaõ toda a cousa viva, que

possa prestar para os tais ministerios, e cá faremos a escolha: e como se o decreto fora rede varredoura para ajuntar dinheiro, vaõ empolgando em quantos achaõ geitosos, para pingarem quatro tostoens, porque os deixem: vinde por alli, que sois marinheiro; e vós vinde tambem, que sois sangrador. Aqui delRey, grita este, que naõ estou ainda examinado! Que naõ sou marinheiro do alto, chora aquelle! Deixem-nos vossas mercês, eisaqui duas patacas para beberem: que naõ ha patacas, instaõ os agarradores, todas saõ falsas, viva Deos, e tudo he falso, quanto allegais; bem vos conhecemos. Pois por isso mesmo, acodem os salteados, haõ vossas mercês de usar de misericordia comnosco, pois nos conhecem; e serem servidos de nos darem huma palavra aqui á parte de segredo, que importa ao serviço de Sua Magestade. E tanto que lhes untaõ as mãos com moeda corrente, logo os deixaõ escorregar dellas, avisando-os, por lhes fazerem mercê, á puridade, que naõ appareçaõ os oito dias seguintes até darem á vela, e aos circunstantes, que acodiraõ a ver a morte da bezerra, daõ satisfaçaõ com deixem passar, senhores, estes fidalgos, que saõ familiares. E eisaqui como estes, e outros fazendo mercês, e vendendo misericordias, furtaõ a trocho: e vem a resultar de tudo, que fazem os provimentos, dos que naõ tiveraõ substancia para seu resgate, de quatro máos trapilhos inuteis, e miseraveis; e por isso depois em seus póstos ha as faltas, que choramos:

nem se devem imputar a elles, que saõ huns coitados, senaõ a quem tais provimentos faz, esfolando a nossa Republica para engordar a sua pelle, e encher a bolça.

Outro modo ha mais admiravel de furtar, fazendo mercês, que entra em mayor custo, e toca em sugeitos mais altos, assim nas perdas, como nos ganhos. Aprestaõ-se as náos para a India, naõ ha Pilotos, nem bombardeiros; porque saõ officios, cujas artes já se naõ professaõ, nem ensinaõ: offerecem-se os lacayos dos mayores senhores a seus amos, para que os façaõ prover nestes officios, em satisfaçaõ de seus serviços; porque sabem que tem mayores lucros nelles, que em pensar as mulas, e frizoens dos coches; e tal houve, que dizendo-lhe seu amo: como pódes tu ser Piloto de huma náo, se nunca entraste nella, nem sabes que cousa he Balestilha, nem Astrolabio? Naõ repare V. S. nisso, respondeo elle, porque as náos da India naõ haõ mister Pilotos; sempre ouvi dizer, que Deos as leva, e Deos as traz. E fiados nisto, ou em seus intentos, que elles saberaõ quais saõ, e nós tambem, provém os officios das náos de maneira, que quando vem á praxe, e exercicio delles, nenhum sabe qual he a sua maõ direita: e por isso vaõ dar com as náos por essas costas, e se deixaõ render nas occasioens de peleja; e vemos perdas taõ grandes, e intoleraveis, que pelo serem muito as attribuîmos aos peccados, que naõ vemos, e se poderiaõ muitas vezes queixar de se lhe levantarem tantos fal-

sos testemunhos; como lá, naõ sey onde, se queixou hum diabo de certo noviço, que deu a seu Mestre por escusa de huns óvos, que frigio em hum papel á candêa, que o tentára o demonio; o qual acodio logo por sua innocencia desmentindo-o, que tal fritada naõ sabia, como se podia fazer daquella maneira. Naõ nego, que peccados nos pódem fazer, e fazem muita guerra; mas vejo que ignorancias saõ as que nos destroem, e quem favorece estas a titulo de misericordia, dá occasiaõ a mayor crueldade: e fazendo esmolas, e mercês a seus criados, faz furtos, e dá perdas á Republica, que naõ tem reparo.

CAPITULO IX.

COMO SE FURTA A TITULO DE BENEFICIO.



ENEFICIOS ha sem pensaõ, e beneficios ha com ella. Tomára eu os meus desobrigados, para naõ desejar a morte ao pensionario. Se o beneficio he tenue, e a pensaõ grossa, melhor me fora ser Cura, que Beneficiado. Isto he, que melhor me estava curar de mim com trabalho, que renderme a outrem com tributo. O interesse he moeda, que todos os homens cunhaõ, e só entre elles corre, e a falsificaõ de maneira, que por cobre querem que lhes dem prata. Deos Nosso Senhor está continuamente enchendo este

mundo de beneficios, sem esperar outra pensaõ, mais que de louvores em agradecimento. He hum milagre continuo a disposiçaõ, e providencia, com que o Ceo governa os tempos do anno, fazendo com suas influencias sahir partos dos Elementos, animais, e plantas, com que os racionais se sustentaõ, e vestem; sem por isso nos pensionar mais que em louvores, que quer lhe demos; tributo facil, porque depende de affectos, que saõ naturais, e por isso de nenhuma molestia ao agradecido. Os Reys tambem saõ como Deos; e como a natureza nesta parte a tudo acode com universal providencia, dispondo as cousas com suas Leys de sorte, que se naõ houver quem as quebrante, naõ haverá fome, que afflija os pobres, nem adversidades, que inquietem os pequenos; todos, altos, e baixos andaráõ satisfeitos, sem as pensoens de tributos, que se occasionaõ de disbarates, que os ambiciosos, e turbulentos movem; e para se reprimirem he necessario que todos concorraõ, porque as forças de hum Rey ás vezes naõ bastaõ, para enfrear a violencia dos grandes, que sempre traz pregoadas guerras com a fraqueza dos pequenos. A opulencia he esponja, que se céva na substancia da pobreza, e he hydropesia, que nada a farta; e dahi vem arrebentarem huns de gordos com a abundancia, e entisicarem outros de magros com a esterilidade. E no cabo cuidaõ os grandes, que saõ como as sanguixugas, que fazem grande mal ao doente, quando lhe chupaõ

o sangue; cuidaõ que fazem soberano beneficio aos pequenos, quando se servem delles até os aniquilarem. O beneficio, que vos fazem, he servirse de vós, e a pensaõ tomarvos a fazenda, como se a ganharaõ, quando vos admittiraõ ao serviço, que lhes fizestes. Naõ se vio mayor sem-razaõ! E eu lha perdoára [porque cuidaõ que vos authorizaõ, quando vos chegaõ a si, e que naõ ha em vós preço, com que lhe possais pagar este beneficio] senaõ accrescentaraõ a este dilirio outro peor, de vos venderem tambem por beneficio o deixarem de vos affligir, quando os excita a isso a vingança injusta, que conceberaõ contra vós, por naõ vos professardes escravos seus, até quando naõ só a natureza, mas tambem a concurrencia das obrigaçoens, que sonhaõ vos fez livre. E para que naõ pareça isto discurso fantastico a quem o ler, ponho-o na praxe de hum exemplo, e ficará claro, e bem entendido.

Naõ ha Reyno no mundo taõ bem provîdo como este nosso de Portugal; porque álem do que dá de si bastante para seu sustento, lustre, e agrado, tem de suas Conquistas, com que se enriquece, e provém todas as Naçoens. E como o menêo de tantas cousas he grande, ha mister grandes homens, que lhe assistaõ com grande governo em todas as partes, aonde chegaõ seus commercios. Destes houve antigamente, e ainda ha, alguns taõ fidalgos, que estimando mais a honra, que thesouros, trataraõ só de dar o seu a seu dono; e assim tornaraõ para suas casas ricos

só de bom nome, que he melhor, que muitas riquezas, como diz o Sabio. Outros pelo contrario, antepondo as leys da cobiça aos respeitos da nobreza, naõ só se fazem chatins, mas estendendo as redes até pelo alheo, se fazem ricos á custa dos pobres, com tanta arte, que querem á força lhes fiquem a dever dinheiro, depois de se servirem delles, e os despojarem de quanto tinhaõ. Soube hum Governador destes, que certo negociante tinha hum trancelim de diamantes, que se avaliava em cinco mil cruzados: cresceolhe a agua na boca, e mandoulho pedir só para o ver por curiosidade: e depois de visto, torna outro recado, que estimará lho venda: tenho-o para o dar em dote a huma filha, lhe respondeo o dono. Seja assim, diz o senhor Governador; e eisahi tem v. m. a sua pessa: e antes de vinte e quatro horas o manda notificar, que se embarque prezo para o Reyno, para dar conta diante de Sua Magestade de certos cargos, e crimes *læsæ majestatis*, provados com mais de vinte testemunhas. Lança o bom Portuguez suas contas: eu naõ devo nada a El Rey; mas dizem lá, que á cadêa nem por coima de figos, e se me deixo hir, hey de gastar mais de dez mil cruzados no livramento, e no cabo naõ ficarey bem limado de tudo, sobre bem afflijido. Leve S. Pedro o trancelim, que taõ caro me custa. Chama hum Religioso destro, e de segredo, entregalho com hum recado para sua Senhoria, que lhe faça mercê de se servir daquella pessa, e de tudo o mais, que ha em sua

casa, porque estava zombando, quando lhe mandou o recado do dote. Aceita o senhor Governador o envoltorio, dando a entender, que cuida saõ reliquias, que lhe offerece o Reverendo Padre, e ajunta muito criminoso: Grande cousa he ter hum amigo em Arronches. Póde agradecer a V. P. esse cavalheiro a mercê, que lhe faço de o absolver de culpa, e pena: e dê graças a Deos, que escapou de boa. Por esta arte, fazendo beneficio da maldade, que urdiraõ, chupaõ em satisfaçaõ, quanto ha precioso em ricos, e pobres. Façaõ-me mercê, que lhes resistaõ, e veraõ onde vaõ parar suas vidas e fazendas.

De outras tretas usaõ ainda mais suaves para se fazerem senhores do alheo, a titulo de beneficios fantasticos, principalmente quando trataõ de se voltarem para o Reyno: fingem-se valîdos, e poderosos com os Ministros de todos os Conselhos, e até com as Altezas, e Magestades: offerecem-se aos que sentem de mais churume, que faraõ na Corte suas partes: e como nenhum ha, que naõ tenha nella requerimentos, todos se dispendem com donativos, e offertas, que dizem com as pessoas; e elles vaõ agasalhando tudo, e pondo em listas [que nunca mais haõ de ver] seus negocios: e para os apoyar mostraõ cartas, que fingem dos Valîdos, e Ministros, onde vaõ topar os pleitos, e requerimentos, e fazendo dellas esporas, e garavatos, despenhaõ os pertendentes, e os desbalizaõ de quanto tem: e assim os roubaõ a titulo de lhes fazerem beneficios, sem

chegarem nunca os acredores a colher os frutos de suas esperanças; porque semearaõ em terra esteril, e matto maninho. Deos nos ajude, e nos dê a conhecer coraçoens fingidos; a natureza, e os elementos produzem tudo para os homens, sem lhes pedirem nada por taõ grandes beneficios; e os homens saõ taõ interesseiros, que sem lhe darem nada, lhe querem levar tudo por huma mercê fingida. Naõ ha entre elles beneficio sem pensaõ, e he ordinariamente taõ pezada, que nada me deixa para alivio. O Reyno está sempre cheo para elles, e para mim só vazio; os Reys trataõ de todos, e elles só de si, e nenhum de mim, senaõ quando me sentem com churume, que possaõ sorver. Vêlos-heis visitarem-se huns aos outros com alvitres de grandes ganancias, se entrarem ao escote nos empenhos, que trazem por mar, e terra; e que vos fazem mercê de vos admittirem ao trato da sociedade, de que esperaõ frutos, e lucros, que tirem a todos o pé do lodo: e o seu intento he pôr-vos de lodo, despojando-vos da substancia, para a encorporarem em si: e com pretexto de vos fazerem beneficiado, vos deixaõ *Zote de requie*: e quando abris os olhos, achais que o descanço se vos converteo em demandas, com que acabais de despenhar o ruço a traz das canastras; estas vaõ cheas para elles, e aquelle fica dando-vos couces na alma: *Equo né credite Teucri. Timeo Danaos, & dona ferentes.*

CAPITULO X.

COMO SE PÓDEM FURTAR A ElRey VINTE MIL CRUZADOS A TITULO DE O SERVIR.



ERA he taõ desarrazoada, que com summa *Habilidade*, digo humildade, ajunta soberba summa, tomando satisfaçaõ atroz de hum serviço inutil, como se o que dá fora muito, sendo nada; e o que toma fora nada, sendo mais que muito. He por natureza taõ humilde, e rasteira, que se naõ tiver quem lhe dê a maõ, nunca se levantará do pó da terra: e he por artificio taõ soberba, que naõ pára, até naõ sobrepujar a quem lhe deu o alento: nem descança, até naõ destruir a seus bemfeitores, roubando-lhes a substancia, e arruinando-lhes o ser, em satisfaçaõ do leve serviço, que lhes faz do ornato de suas folhas. Levanta-se por beneficio das mais altas arvores, a que se encosta: dilata-se com o favor dos mais fortes muros, a que se arrima; pagalhes com sua frescura, e paga-se desta ruina, e destruiçaõ total de todos seus Mecenas. Até aqui ingratidaõ! E tais saõ homens humildes por natureza, soberbos por artificio, que recebendo de seus senhores o ser, e beneficios sem conto, escassamente lhes fazem hum leve serviço, mais de folhagem que de substancia, e logo se pagaõ

delle pondo-os no ultimo, e dando-lhes saco ao mais essencial, sem repararem ruinas, que a grandes dispendios necessariamente se seguem. Naõ tolho que se paguem serviços; mas estranho satisfaçoens, que excedem; e que as affectem ambiciosos, até onde naõ ha merecimentos. Córando estes com a mesma acçaõ perniciosa, estaõ roubando a seu Rey, e a seu Senhor, e querem que por isso vá chea de merecimentos a maõ, que enchem de rapinas: e que tudo seja pouco para premio de sua aleivozia disfarçada com mascara de serviço. E ainda que nelles houvera serviços dignos de premio, saõ os pagamentos, com que se satisfazem taõ grossos, que excedem todo o merecimento. Vinte mil cruzados disse no titulo deste capitulo? Pois disse pouco, quando sey casos de quarenta, e de oitenta mil cruzados levados de codilho em occasiões, que a sabedoria do vulgo ficou cuidando, que recebia ElRey no lanço hum serviço heroico de grandissimo interesse. Succedeo o caso, naõ direy onde, porque naõ trato de sindicar invasoens de inconfidentes, senaõ de advertir Ministros fieis, para que saibaõ por onde se nos vay a agua: basta saber-se, que álem-mar recolhem os Reys de Portugal para si todos os dizimos, como conquistadores; porque os Papas os largaraõ aos Mestrados, para levarem avante a conversaõ da Gentilidade, e sustentarem o culto Divino naquelles partes com magnificencia da Fé, e augmento da Christandade. Em huma

praça pois dessas mais opulentas se pôem em lanço cada tres annos as rendas dos dizimos, a quem dá mais por ellas, e andaõ orçadas, huns annos por outros, em cento e quarenta até cento e cincoenta mil cruzados. Urdio hum poderoso os lanços de maneira, que naõ subiraõ de sessenta mil cruzados: e nelles se rematou o ramo a hum Prióste seu confidente, com quem hia forro, e a partir: e para isso intimidou todos os lançadores, e prendeo alguns, que tinha por mais affoutos, para os impossibilitar naquelle tempo, por lhe constar queriaõ lançar no tal ramo cento quarenta e tres mil cruzados, como no triennio antecedente tinhaõ lançado, e no seguinte lançaraõ, porque se lhes removeo o impedimento. Donde se colhe, que naõ defraudáraõ a Sua Magestade mais que em oitenta e tres mil cruzados, pondo em pés de verdade, que lhe fizeraõ grande serviço, para que se naõ perdesse de todo a arrendaçaõ dos dizimos, visto naõ haver quem désse por elles mais. E destas ninherias ha por lá muitas guizadas com tais escabeches, que he necessario muito ardil para lhes dar na têmpera: e ainda que ha quem a entenda, assim como ha quem a goste, naõ ha quem a declare, por se naõ encarregar de desgostos, arriscando a vida, e a honra á ventura de haver quem faça prevalecer suas mentiras contra minhas verdades.

Outro modo ainda mais corrente, e menos arriscado que este, com que se furtaõ a Sua

Magestade todos os annos os vinte mil cruzados, que propuz no titulo, sem se sentir a pontada, nem abrir ponto, por onde se possa emendar a rotura. E he assim, que os Reys de Portugal saõ Senhores de todos os mattos do Brasil, e conseguintemente de todas as madeiras, que se talhaõ nelles: e he certo que todos os annos se fabricaõ mais de cincoenta mil caxas para vir o assucar, tabaco, gengibre, malagueta, &c. e que naõ se paga a ElRey por tanto taboado, e madeira, nem hum ceitil, achando os interessados, que assás o servem nos direitos, que de tantas drogas pagaõ, como se os naõ deveraõ por outra cabeça: e por esta arte, a titulo de o servir, lhe defraudaõ cincoenta mil cruzados, que lhes poderá levar por outras tantas caxas, que bem baratas hiriaõ por este preço: e ainda que lhas naõ desse mais que a dous tostoens [que seria dallas de graça] faria vinte e cinco mil cruzados, que computados pelos annos, que tem aquelle Estado de nosso commercio, e passaõ de cento e cincoenta, fazem a somma de dous milhões e meyo: e em tanto está defraudada esta Coroa a titulo de bem servida: e no cabo os seus Ministros, que se prèzaõ de belizes, e que pescaõ atomos com linces, naõ tem dado fé desta perda, sequer para fazerem della alvitre: nem eu o vendo por tal.

Ministros vigilantes, e intelligentes naõ tem preço, com tanto que naõ despontem de agudos para seu proveito, como hum, que me veyo á noticia ha poucos annos, que de hum sorvo

engolio vinte mil cruzados de direitos em Lisboa, para que naõ cuidem que só por hi álem se fazem os bons saltos : fez este cadimo o seu com pretexto de servir bem a Sua Magestade, e ajudaraõ-no sendo dos bisonhos, a quem o faraute da empreza perguntou, quanto queriaõ em bom dinheiro de contado por lhe esperarem quatro palavras tabaliôas, com outras tantas trochadas pelas costas com hum abengalla ? Conforme ellas forem, responderaõ elles, naõ se desavindo no contrato, seráõ de amigo: *Et citra sanguinis effusionem*. Tanto, mas quanto : com cinco mil cruzados se contentou cada hum, sahindo a cinco tostoens cada bengallada, como bofetada em peaõ. Accrescentavaõ elles a fazenda de huma náo em huma baraça [se era para a Alfandega, ou Casa da India, elles o digaõ, que a mim me esquece] e vindo com huma carga de drogas tais, que se estimava sua valia em mais de duzentos mil cruzados, paráraõ em parte certa de pensado, como quem tratava de dár conta de si, e descarregar sua consciencia : sahio-lhes o da bengalla ao encontro por entre outros barcos, que levavaõ fazendas despachadas para fóra ; e perguntando, e resolvendo á vista de Deos, e de todo o mundo, para mais assegurar o campo, lhes disse ; que fazeis aqui villoens muito ruins ? Deveis de estár bebados ! Pois trazeis cá o barco, que sahio daqui registado : levay-o a seu dono, e desempachay o caminho : e porque naõ menearaõ os remos com tanta pressa, como o salto necessitava, accres-

centou: estes madraços só ás pancadas se governaõ; e quem tem piedade delles, nenhuma tem da fazenda delRey, nem das partes: e passando das palavras ás obras, lhe, fez a caridade, como tinhaõ concertado: confessando elles, que tinha sua mercê muita razaõ, e assim ficaraõ todos justificados, e os circunstantes persuadidos, que tudo hia bem governado, conforme aos regimentos da cartilha, e o barco sem ruim presumpçaõ foy dár comsigo, onde Sua Magestade perdeo vinte mil cruzados de direitos, dando-se em tudo por muito bem servido, em que lhe pêz, porque naõ havia outra luz, que manifestasse a verdade.

CAPITULO XI.

COMO SE PÓDEM FURTAR A EL REY VINTE MIL CRUZADOS, E DEMANDALO POR OUTROS TANTOS.



TERRIVEL ponto he, o que neste capitulo se offerece. Furtar, e ficar taõ fóra de restituir; que pertenda o ladraõ se lhe pague com outro tanto o trabalho, que teve em fabricar, e embolçar o furto! He caso, que só na escóla de Caco se pratîca, e acha resoluto: e poderia acontecer [se naõ he que já succedeo] de muitas maneiras: ponhamos huma, que explicará todas. Eis la vay hum Coronel mandado por sua Magestade,

naõ sey a que comarca: vinte mil cruzados levà para levantar hum terço perfeito de Infantaria: escolhe elle os officiais, todos seus criados, creados á maõ como estorninhos, que só palraõ, e descantaõ o que lhes metem no bico. Daõ comsigo de assuada em huma granja sua, que nunca grangeou tanto em sua vida; e porque era quinta de prazer, regalaraõ nella suas almas quinze, ou vinte dias, com perdizes, cabritos, coelhos, galinhas, capoens, perús, e leitoens, à custa da barba longa. Escrevem alli os de melhor penna em hum livro branco mil e quinhentos nomes de soldados, que nunca viraõ, com os nomes de patrias, e pays, que tais filhos naõ geráraõ; tudo por capitulos com sinais, e firmas differentes, pondo muitos com diversas cruzes por sinais, denotando, que naõ sabiaõ escrever, como acontece. Feito assim o livró da matricula, e authentico com todos seus requesitos, sem lhe faltar huma cifra; annexando-lhe logo cartas, que com a mesma facilidade fizeraõ, e fingiraõ vindas das fronteiras, cheas de agradecimentos do recibo de taõ bizarra gente; e que logo a repartiraõ por varias praças, que estavaõ muito arriscadas: mas que já ficaõ seguras com mil e quinhentos leoens; e outros tantos annos viva sua Senhoria para fazer semelhantes servicos a ElRey, e á patria, que lhos saberaõ agradecer, e pagar, como merece. E com estas cartas de quitaçaõ, e livro de receita, daõ comsigo na Corte allegando a sua Magestade o grandissimo trabalho, que

tiveraõ, levando máos dias, e peores noites, botando o bofe pela boca, e labutando com repugnancias, escuzas, e murmuraçoens de pays velhos, mãys viuvas, irmans donzellas. Voto a tal, que se' naõ póde fazer este officio por quanto ha no mundo: e que naõ nos paga Sua Magestade com as melhores commendas de Christo o serviço, que lhe fizemos de mil e quinhentos rayos de Marte, tigres desatados, que lhe puzemos nas fronteiras, em que gastamos de nossas fazendas muitos mil cruzados; porque os vinte mil, que nos mandou dar Sua Magestade, claro está que naõ bastavaõ, nem para as despezas dos caminhos, serras, e charnécas, que andámos com máos gasalhados, e peores mantimentos. Recebe-os ElRey nosso Senhor com entranhas de pay; agradece-lhes liberal o trabalho com sua costumada benevolencia; enche-os de mercês, e despachos confiado a outras emprezas. E accrescentaõ elles depois de satisfeitos, e contentes: Senhor, he hum milagre ver que de tantos infantes, nem hum só mostrou má vontade de hir servir a V. Magestade; tanto monta o bom modo, com que fizemos isto.

Vedes aqui irmaõ leitor, como podeis furtar a ElRey vinte mil cruzados, e demandallo logo por outros tantos em juizo, allegando, que vos pague, naõ só o que trabalhastes, senaõ tambem o que gastastes em seu serviço. Os soldados foraõ por letra fantasticos, e invisiveis: mas os vinte

mil foraõ á vista, reaes, e naõ encantados. O serviço foy roubo occulto; e por elle pedem, e levaõ satisfaçaõ, e paga manifesta. E se lhes tardaõ com ella, queixaõ-se, e demandaõ, até que lhes daõ pelo trabalho do furto mais do que interessaraõ na rapina. Deste, e de outros casos, que vaõ por esta esteira, se póde colher reposta para alguns zelosos, que estranhaõ as prolongadas demoras, que cada dia vemos em despachos. Admitto que he muito mal feito dilatar os requerentes na Corte fóra de suas casas: mas peor o faz quem requer o que lhe naõ he devido: e para se averiguar a verdade de todos, e seus merecimentos, he necessario tempo, porque ha muitos enganos nas justificaçoens dos serviços, que se allegaõ. E acontece muitas vezes virem das Conquistas, e das fronteiras carregados de certidoens de grandes serviços, os que mais roubaraõ a Sua Magestade, e á força querem que lhes pague com commendas, e officios de muitos mil cruzados os latrocinios, que lá fizeraõ, e vem provados atraz delles na retaguarda da sua fortuna: e se espera, que cheguem para rebater as baterias de certidoens falsas, que appresentaõ na vanguarda de seus requerimentos.

CAPITULO XII.

DOS LADROENS, QUE FURTAÕ MUITO, NADA FICAÕ A DEVER NA SUA OPINIAÕ.



A huma figura na Rhetorica, que se chama *Gradatio*, porque vay como por degráos atando as palavras, e pendurando-as humas das outras. Declaremos isto com hum exemplo, que servirá para a prova deste capitulo. Todo o soldado Portuguez he brioso, todo o brioso he polido, todo o polido calça justo, todo o que calça justo naõ admitte çapato de fancaria: e os çapatos, que os Assentistas mandaõ ás fronteiras para os soldados, saõ todos de fancaria, e carregaçaõ: logo bem diz quem affirma, que he fazenda perdida, a que se gasta em tais çapatos. E que sejaõ de fancaria, prova-se com a mesma figura; porque os tais saõ de carregaçaõ, e toda a mercadoria de carregaçaõ he pouco polida, toda a cousa pouco polida he desalinhada, toda a cousa desalinhada he de fancaria: logo bem dizia eu, que he fazenda perdida; porque soldados briosos, quaes saõ os Portuguezes, naõ usaõ cousas de faianca. E prova-se mais ser fazenda perdida pela experiencia; porque sabemos de poucos, que calçassem nunca tais çapatos; e vemos muitos, que recebendo-os a razaõ de tres, e quatro tostoens o par, porque lhes naõ daõ

outra cousa, os tornaõ logo a vender por cinco, ou seis vintens: e tornando-os os Assentistas a recolher por este segundo preço, os tornaõ a encaixar aos soldados pelo primeiro, revendendo-os seis, e sete vezes. O mesmo fazem com as bótas, e meyas, couras, guarinas, carapuças, e outros apprestos, que Sua Magestade lhes permitte levar ás fronteiras, para melhor expediente da milicia: mas a malicia tudo corrompe; e até no provimento do paõ bota terra, na farinha cal, na cevada joyo, na palha sisco; para fazer de esterco prata, e vencer com os ganhos o custo. E a graça de tantas desgraças he, que os authores destas emprezas, depois de roubarem com ellas a El Rey, aos soldados, e a todo o Reyno, porque a todo abrangem tantas perdas, ficaõ-se saboreando da destreza, com que fizeraõ seu officio: e se a consciencia os pica, que venderaõ gato por lebre, alimpaõ o bico á mesma consciencia, que a ninguem puzeraõ o punhal nos peitos, nem venderaõ nada ás escondidas; e o que se faz na bochecha do Sol, com aceitaçaõ das partes, vay livre de coimas, e de escrupulos. Parece que ainda naõ lêraõ, nem ouviraõ que ha vontades coactas, e forçadas sem punhais nos peitos. Se vós lhes naõ dais outra cousa, nem ordem, para que a busquem por sua via, claro está que se haõ de comprar com vossa ladroîce, para remirem em parte sua vexaçaõ. Mas isto naõ vos livra de que ficais obrigado a El Rey, porque o enganastes; e aos soldados, porque os

defraudastes; e ao Reyno, porque o saqueastes, ensacando em vós o dinheiro das décimas, e paleando tudo com hum quartel, que expuzestes de antemaõ, como se assim os arriscasseis todos; e como se nós naõ vissemos, que quando chegais ao segundo, já estais pagos do primeiro. E' tendes nas unhas cobranças seguras para o terceiro, e quarto, havendo-vos em todos, como se os traginareis com vossa fazenda; e sendo a negociaçaõ ao todo com fazenda alhea, vos pagais nos interesses, como se fora vossa. E lançadas vossas contas, achais na vossa opiniaõ, que nada ficais a dever, e que se vos deve muito, pelo muito que ganhastes. Muito tinha eu aqui que discorrer: mas fiquem estes torcicollos de reserva para o capitulo 20. §. *Seria immenso*, das unhas militares.

CAPITULO XIII.

DOS QUE FURTAÕ MUITO, ACCRESCENTANDO A QUEM ROUBAÕ, MAIS DO QUE LHES FURTAÕ.



EM Braga houve hum Primáz Arcebispo, que o foy tambem no Oriente: este costumava dar todos os provimentos de Abbadias, Igrejas, Beneficios, e officios aos pertendentes, por quem intercediaõ menos padrinhos; e deixava sem nada aos que tinhaõ muitos intercessores. E a razaõ, em

que se fundava, para se justificar com sua consciencia, era, que ordinariamente ninguem inter cede por zelo, senaõ por interesse: donde inferia, que quem tinha muitos abonadores, tinha com que os comprava; e que os buscava, por se ver falto de merecimentos; e pelo contrario, quem pertendia sem padrinhos, hia pelo caminho da justiça e fiava-se na verdade, e em seus talentos: e assim achava o bom Prelado, que provia melhor, quando furtava a volta ás abonaçoens que excediaõ, tendo-as por suspeitas. Mas teve hum Provisor, que lhe deu na trilha; e furtava-lhe a agua com outra treta, abonandolhe os que queria excluir, e desfazendo nos que queria prover, allegando que assim lho dizia muita gente. E era o mesmo, que ficar de fóra, e destituido aquelle, a quem mais accrescentava, e ornava para ser provîdo. Valente desengano he este para Principes, que naõ cuidem, que poderáõ ter roteiro, que se lhes naõ contramine. *Pensata la lege, pensata la malicia,* disse o Italiano; que naõ ha ley, nem traça de governo taõ considerada, a que a consideraçaõ da malicia, e especulaçaõ do discurso interessado naõ dê alcance para a perverter, e torcer a seu intento. Hum caso, que me passou pelas mãos ha pouco tempo, explica isso admiravelmente. Cresceraõ queixas de mais de marca nesta Corte contra os Ministros Ultramarinos: tratou-se de lhes mandar hum sindicante, que as apurasse. Escolheo Sua Magestade hum Bacharel de encõmenda: tinhaõ

os Ultramarinos prevenido com valentes saguates seus confidentes, para que armassem os páos de maneira, que o sindicante fosse homem venal, e naõ incorrupto. O eleito bem viaõ todos que era Rodamanto. Que remedio para lhe impedir a jornada? Desfazer nelle era impossivel, porque sua opiniaõ vencia, e açamava até á propria inveja. Deraõ em fazerem elogios, e prégar encomios delle a Sua Magestade, e que o mandasse logo, que assim convinha. E porque sabiaõ, que era homem de capricho, e brios, que naõ havia de evitar a empreza, sem os requisitos para ella, e para seu credito, e honra navegar direito, accrescentaraõ que naõ convinha dar-lhe Béca, nem Habito de Christo antes de hir; porque se lhe déssem logo o premio, naõ lhe ficava cá que esperar, e naõ serviria taõ diligente, nem tornaria taõ cedo, deixando-se engodar lá com outros lucros, e que perderiaõ hum sugeito de grandissimo prestimo. Quadrou a razaõ, por hir vestida de zelo de bem commum: e vendo o sindicante, que o mandavaõ desmastreado de authoridade, e dos requisitos para fazer bem seu officio, renunciou a jornada, que era o que pertendia, quem tanto o abonou, e accrescentou de cabedal, e talentos para o esbulhar de tudo. Deixo outras consequencias, que teve a historia, porque estas bastaõ para mostrar que ha ladroens, que furtaõ, accrescentando a quem roubaõ, mais do que lhe furtaõ. Por este rumo navegaõ, os que, para entabolarem seus aliados, quando

competem com outros, que lhes vaõ diante nos merecimentos, abonaõ tanto os melhores, que os botaõ fóra da pertençaõ, a titulo de ser pequena, e que he bem lhes dém cousas mayores; que aquillo he bastante para fulano; e assim o plantaõ no posto, e se esquecem de provimento mayor, que alvidravaõ, e promettiaõ ao que botavaõ fóra com o applaudirem por melhor.

Tambem se estende esta subtileza por materias pecuniarias, fazendo-vos rico para vos fintarem com todo o preço da contribuiçaõ; abonaõ-vos por Cresso, e Midas, para vos porem ás costas as perdas, que querem lançar das suas. Em Portalegre vi este caso por occasiaõ de huma alçada, cujos gastos naõ achou o Dezembargador quem os pagasse depois de feitos, nem quem comprasse as fazendas dos culpados, porque eraõ poderosos, e aparentados. Fez o sindicante seu officio rectissimamente, chamou os homens de negocio mais ricos da Cidade, para os obrigar a que déssem a quantia necessaria para a alçada, e que tomassem as fazendas para se pagarem com ellas logo, ou com seus frutos nos annos que bastassem, descontando tambem a razaõ de cambio os lucros cessantes do seu dinheiro. Vendo todos o risco a que se expúnhaõ; porque em virando o Dezembargador as costas, haviaõ revirar sobre elles os culpados com toda sua parentélla, que era da governança, e lhes haviaõ de fazer amargar os frutos, perder o dinheiro, e arriscar as vidas, deraõ na traça deste capitulo

de accrescentarem os bens, a quem tratavaõ de os diminuir: disseraõ de hum certo, que tinha de seu mais de cem mil cruzados, que elle só podia com taõ grande pezo, e era poderoso a ter as péllas contra tudo o que succedesse: e seguio-se daqui, que fazendo-o rico, o meteraõ em riscos de grandissimas perdas. Nos lançamentos das décimas succede quasi o mesmo, que vos fazem rico sendo pobre, para que pagueis o de que se eximem os ricos por poderosos. O orçamento he justo, porque se me depélla a substancia do que póde a freguezia, e que consta até pelos livros dos dizimos: mas quando vay ao repartir da contribuiçaõ, baralhaõ as cartas, os que estaõ senhores do jogo, e fazem sahir trunfo de ouros, a quem naõ tem cobre com que pague; e páos e espadas, a quem tem prata, para que a defenda; e naõ faltaõ logo cópas, que apagaõ as duvidas. E a galhardîa he, que com zelo do servico delRey nosso Senhor tapa a boca a todos, para que naõ grunhaõ. He terrivel maõ, a que se arma com azeiros Reaes; porque ainda que naõ sejaõ mais que apparentes, temem suas unhas até os Leopardos, de cujas garras todos tremem. Ninguem me repare na fraze dos azeiros, ou unhas Reaes; porque he certo que ha unhas Reaes muito perniciosas, como explicará o seguinte capitulo.

CAPITULO XIV.

DOS QUE FURTAÕ COM UNHAS REAES.



UANDO Alexandre Magno conquistava o mundo, reprehendeo-o hum Cossario, que houve ás mãos, por andar infestando os mares da India com dez navios: e respondeo-lhe discreto. Eu quando muito dou alcance, e saco a hum, ou dous navios, se os acho desgarrados por esses mares; e V. Alteza com hum exercito de quarenta mil homens vay levando a ferro, e fogo toda a redondeza da terra, que naõ he sua: eu furto o que me he necessario, V. Alteza o que lhe he superfluo. Digame agora, qual de nós he mayor pirata, e qual merece melhor essa reprehensaõ? Quiz dizer nisto, que tambem ha Reys ladroens, e que ha ladroens, que furtaõ o que lhes he necessario; e que ha ladroens, que furtaõ tambem o superfluo; estes saõ ladroens por natureza, e aquelles o saõ por desgraça. Deos nos livre de ladroens por natureza, porque nunca tem emmenda; os que furtaõ por desgraça, mais sofriveis saõ, porque naõ saõ taõ continuos. Se ha Reys ladroens, he questaõ muito arriscada. Certo he que os ha; e que naõ furtaõ ninherîas: quando empolgaõ saõ como as Aguias Reaes, que só em cousas vivas, e grandes fazem preza. Milhafres ha que se contentaõ com sevandijas;

mas a Rainha das aves com cousas mayores tem sua ralé. Quando El Rey Filippe, que chamaõ Prudente, morreo, dizem que só no Reyno de Navarra engasgou, se pertencia ao Francez; como se naõ tivera mais que duvidar no de Portugal, e outros, cuja posse, se bem se examinára, póde ser que lhes achára mais de rapina transversal, que de linha direita. Os Reys de Portugal tiveraõ sempre esta prerogativa, e bençaõ de Deos, que tudo quanto possuîraõ, e possuem de Reynos, foy herdado com legitima successaõ, ou conquistado com verdadeira justiça. E assim naõ topaõ aqui entre nós as unhas, que chamamos Reaes: por outra via lograõ este nome, com que se acreditaõ, e armaõ, para empolgarem mais a seu salvo nas prezas que fazem, as quais saõ tantas, e de tal qualidade, que naõ he possivel referillas todas: toco algumas.

Sahe de Lisboa hum enxame de officiais dos Assentistas, quando naõ tem pelas comarcas Varas mayores, que lhe substituaõ no cuidado de fazer trigo, e cevada para as fronteiras, e todos levaõ nas mãos provisoens Reaes, para tomarem o que for necessario, e lhe amainarem o preço: correm no novo as eiras, e os celeiros de todos os lavradores, e tambem dos Religiosos; e sendo necessarios mil moyos, vg. recolhem tres mil: e vendem depois em Abril, e Mayo os dous mil, dobrando-lhe o preço, e tambem quadruplicando-lho, conforme a carestîa, que elles causaraõ.

Hum Fidalgo de Bèja me contou, que vira hum destes Doutores fazer huma peça digna de conto. Atraveçou o celeiro de hum lavrador ricaço, e disse-lhe muito serio: Este trigo he muito sujo; naõ o hey de levar senaõ joeirado; porque naõ quero comprar má fazenda para os soldados de Sua Magestade, que he bem andem mimosos, pois nos defendem de nossos inimigos: mandou-o joeirar logo o lavrador, por se ver livre delle; e tirou de dez moyos mais de meyo moyo de alimpaduras; as quaes comprou logo o mesmo ministro dos Assentistas a vintem cada alqueire; e em as tendo por suas, deu com ellas no trigo limpo, e misturando tudo o ensacou. Naõ se vio mais pouca vergonha, nem mayor subtileza! Até no terreiro de Lisboa fazem preza estas aguias. Saõ necessarios vinte, ou trinta moyos de cevada para as cavalheriças Reaes, e tomaõ mais de duzentos. O mesmo fazem na palha, que mandaõ vir em barcos do Riba-Tejo: naõ sey se será para venderem em Mayo a cruzado o panal, que lhe custou hum tostaõ; e a doze vintens o alqueire de cevada, que compráraõ a tres, ou a quatro vintens. Taõ Reaes como estas saõ as unhas de alguns Ministros, que retardaõ consultas de officios, para que occupem serventias, os que os peitaõ; e andaõ os pertendentes das propriedades annos, e annos requerendo debalde; porque tudo está empatado com despachos subrepticios, de que Sua Magestade naõ he sabedor; que se o fora, mandára restituir lucros cessantes,

e damnos emergentes, e pagar ás partes, quem lhes foy causa contra justiça de se andarem consumindo, e lutando com enganos fóra de suas casas tanto tempo. Neste passo me negaõ tudo, quanto tenho dito neste capitulo, os que se sentem comprehendidos: e para que me deixem, retrato tudo, e só o digo, para que naõ aconteça, e passo a cousas notorias.

Passando eu ha poucos annos por Montemór o Novo, vi huma tropa de padeiras hirem gritando atrás de dous meirinhos, que levavaõ ás costas de quatro negros outros tantos sacos de paõ amassado: perguntey, que briga era aquella? Responderaõ-me, que as encoimaraõ, por fazerem o paõ menos de marca, que mandava Sua Magestade que o fizessem de arratel, e achou-se em hum meya onça menos. Mas sabida a historia mais de raiz, era que naõ queriaõ dár paõ fiado a alguns senhores da governança, porque nunca lhes pagavaõ; e assim as ensinavaõ a serem cortezes. Mais humano se portou hum meirinho nesta Corte de Lisboa, que com hum dobraõ, que lhe servio de negaça, caçou mais de hum anno tudo, o que lhe foy necessario para o sustento de sua casa. Hia o criado por essa Ribeira com a moeda de ouro de trez mil e quinhentos, comprava aqui a perdiz, acolá o cabrito, e o leitaõ no dia de carne; e no dia de peixe a pescada, o sável, o linguado, e a lagosta; comprava até á couve, o nabo, a alface, o quejo, o figo, e a passa, e todo o genero de fruta, e nunca se desavinha

no preço, e sempre offerecia o dobraõ: e como todas as regateiras haviaõ medo do amo, por naõ o aggravarem, faziaõ da necessidade cortezia, e diziaõ, que naõ tinhaõ troco, que outro dia fariaõ contas, como o tivessem; e este dia nunca chegava, porque naõ era do Kalendario. Mas tomaria a bulla da composiçaõ na Quaresma, que he de temer lhe naõ valesse, visto serem vivos, e conhecidos os acrédores.

Em Portalegre conheci hum mercador da ley cançada, que vendia naõ só pannos, mas tambem todo o genero de doces: mandou pedir a este hum Vereador quatorze mil reis emprestados: temeo o trapeiro, que havia de ser o emprestimo a cobrar nas tres pagas ordinarias, de tarde, mal, e nunca; e mandou-lhe dizer, que naõ tinha dinheiro. Baxou logo hum decreto da Camera com pena de quinhentos cruzados para o Fisco Real, que naõ vendesse cousas de comer, porque era suspeito ao povo em todas ellas. Outras unhas ha mais Reaes que estas: o contrato das Almadravas do Algarve paga de déz atuns sete para a Coroa, que se obriga por isso a defender a costa aos armadores com galés, e armada; e todos os annos os desbarataõ os Mouros, levando-lhes as ancoras, rompendo-lhes as redes, queimando-lhes os barcos; mas os sete atuns sempre se pagaõ. E por isso naõ ha escrupulo no muito que se furta nos direitos. Que direy das obras pias? Melhor he naõ dizer nada. Inventou-as El Rey Dom Manoel de gloriosa memoria, tirando

hum real, ou dous de cada cento no Consulado, que vem a fundir cinco mil cruzados cada anno, quando muito, para os estropeados de Africa, para viuvas de Portuguezes, que serviraõ, para occasioens de misericordia fortuitas: e carregaõ sobre ellas mais de dez mil cruzados de tenças, e donativos, que naõ pertencem á instituiçaõ das pias obras: e quando vaõ as partes cobrar, o que se lhes consigna nellas, achaõ-se em branco, e quem anda mais diligente, se cobra hum quartel, dá graças a Deos, e os mais de barato. Tambem o Esmoler mór se queixa, que se lhe remettem petiçoens aos milhares, naõ tendo cabedal, que se conte por centos. O certo he que muitas cousas naõ se emendaõ, porque se naõ sabem, e naõ se sabem, porque ha unhas, que as escondem, porque vivem dellas sob-capa de servirem a Sua Magestade, e assim se fazem Reaes.

CAPITULO XV.

EM QUE SE MOSTRA, COMO PÓDE HUM REY TER UNHAS.



NAÕ cuidem os Reys, que pelo serem saõ Senhores de tudo, como o Graõ Mogor, e o Graõ Turco, que se fazem herdeiros de seus vassallos com tal dominio em seus bens, moveis, e de raiz, que os daõ a quem querem, deixando muitas vezes os filhos sem nada. Isto bem se vê, que he barbarîa:

ainda que dizem o fazem para terem os vassallos dependentes: mas tambem os teraõ descontentes; e por isso sabemos, que ha entre elles cada dia rebellioens; com que perdem Reynos, e tambem todo o Imperio, que só o possue quem mais póde. O Rey, que se governa com verdadeiras leys, mas que naõ sejaõ mais que a da natureza, ha de presumir, que até o que possue naõ he seu, e que lhe he dado para conservar seus vassallos; e que se o defraudar fóra do bem commum com gastos superfluos, que poderá commetter nisso crime, a que se dê nome de furto. De tres maneiras póde hum Rey ser ladraõ. Primeira, furtando a si mesmo. Segunda, a seus vassallos. Terceira, aos estranhos. A si mesmo furta, quando gasta da Coroa, e dos rendimentos do Reyno em cousas inuteis; aos vassallos, quando lhes pede tributos demasiados, e que naõ saõ necessarios; e aos estranhos, quando lhes faz guerra sem causa. E está taõ fóra de se aproveitar com estas execuçoens, que executa nellas sua perda, e de seu Reyno total ruina. Exemplo temos de tudo na Monarchia de Castella, cujo Rey porque gastou quinze, ou vinte milhoens, se naõ foraõ mais, nas superfluidades do Retiro, os acha menos agora, quando lhe eraõ necessarios para os apertos em que se vê: e porque vexou os povos com tais tributos, que chegou a quintar as fazendas a seus vassallos, se lhe alevantaraõ Portugal, Catalunha, Napoles, Cecilia, &c. e porque faz guerra á França, e a outros

Reynos, e Estados, que lhe naõ pertencem, por sustentar caprichos, está em pontos de dar a ultima boqueada á sua Monarchia.

Os Romanos em quanto tiveraõ erario publico, em que conservavaõ os rendimentos do seu Imperio, conservaraõ-se invenciveis; e tanto que os gastaraõ em superfluidades, e ambiçoens, perderaõ-se a si, e quanto tinhaõ: e porque para se terem maõ, apertaraõ demasiadamente com os póvos, que dominavaõ, tirando-lhes a substancia, rebellaraõ-se todos: e porque crueis fizeraõ guerra sem causa, meteraõ em ultima desesperaçaõ as Naçoens, que mancommunadas resistiraõ até desencaixarem de seus eixos todo o Imperio, cumprindo-se ao pé da letra o proverbio: *Male parta, male dilabuntur.* A agua o deu, a agua o leva. As Republicas conservaõ-se com fazenda, vassallos, e leys: e se a fazenda se desbarata, e os vassallos se offendem, e as leys se quebraõ, lá vay quanto Martha fiou; e naõ lhe resta mais, que fiar em huma roca, quem se fiou tanto de sua fortuna, que arrebentando de farto naõ prevîo, que depois das vaccas gordas vio Pharaó as vaccas magras; como consequencia infallivel de prosperidades mal havidas, que sejaõ mal logradas, como thesouros encantados, que no melhor desapparecem, deixando carvoens nas mãos do ambicioso; que naõ contente com se ver farto, himpou de gordo, e inchou tanto, que arrebentou como a rãa de Hisopete. Comvêm que o Rey ande sempre com o prumo na maõ sondando os

baixos, e os altos da fortuna, e da Republica, que tem muitos altibaixos: deve computar o que tem de seu, e em que se gasta; os vassallos, que governa, e para quanto prestaõ os amigos, e inimigos, que o cercaõ, e de que valor saõ. E considere, que Rey sem fazenda he pobre, sem vassallos he só, e com inimigos he perseguido: e hum Rey pobre, só, e perseguido, facilmente he vencido, e vay perto de naõ ser Rey. Mas se tiver fazenda, e a conservar, será rico; se tiver bons vassallos, e naõ os offender, achalos-ha a seu tempo: e sendo rico, e tendo vassallos que o sirvaõ, naõ tem que temer inimigos: e estando seguro destes, florecerá prospero, reynará poderoso: e a hum Rey prospero com riquezas, bem servido de vassallos, e poderoso em seu Imperio, pouco lhe falta para bemaventurado. E todos estes bens lhe vem de naõ ser ladraõ: e naõ o será, se naõ faltar a si, nem a seus vassallos, nem aos estranhos, como temos dito. E já que chegámos a estes termos de altercar, se ha Reys ladroens, convem que naõ passemos avante, sem resolvermos huma questaõ, que actualmente anda na praça do mundo sobre o nosso Reyno de Portugal, a quem pertence, se a El Rey Filippe IV. de Castella, se a El Rey D. Joaõ tambem IV. de Portugal? El Rey Filippe diz, que injustamente lho tomou El Rey D. Joaõ: e El Rey D. Joaõ affirma, que violentamente lho tinha usurpado El Rey D. Filippe: e neste conflicto de opinioens naõ escapa hum delles de ladraõ. Sim; porque

tomar o alheo he furtar: e quem furta he ladraõ; qual o seja dirá o capitulo seguinte.

CAPITULO XVI.

EM QUE SE MOSTRAÕ AS UNHAS REAES DE CASTELLA; E COMO NUNCA AS HOUVE EM PORTUGAL.



NTRAMOS em hum pégo sem fundo, em que muita gente de valor fez naufragio, e se affogou por ignorancia, covardîa, e paixaõ. Huns por ignorancia perderaõ o léme, e tambem o nórte: outros por covardîa meteraõ tanto panno, que quebraraõ os mastros: outros por paixaõ fizeraõ-se tanto ao alto, que deraõ em baixos, e baixos miseraveis; e todos encantados das Serêas cahiraõ em Sirtes, e Carybdes, que os sorvêraõ. Até os que navegaraõ estes mares, como Dedalo os ventos, se perderaõ: pelo meyo irás seguro, dizia elle a seu filho Icaro: mas como he máo de achar o meyo entre extremos repugnantes, fizeraõ, como Icaro, naufragio em seu vôo por falta de azas, ou de Estrella, que os guiasse. Naõ estou bem com gente neutral, que tira a dous alvos com a mesma frecha. He impossivel tomar huma náo no mesmo tempo dous pórtos: o de Castella estava entaõ aberto, o de Portugal fechado; este sem forças para guarnecer quem nelle se acolhia, aquelle com armas, que a todos

metiaõ medo. Picaraõ-se os mares, alteraraõ-se as ondas; ninguem tomou pé em pégo taõ fundo: e só ficaraõ em pé alguns poucos, que tiveraõ boas bexigas para nadar, ou azas melhores que Icaro para se acolher. O que mais admira he, que durasse o tempo turvo sessenta annos sem haver Piloto, que governasse a carreira. Muitos fizeraõ carta de marear para ambos os pórtos, poucos se governaraõ por ellas, e por isso todos vacilaraõ na esteira, que haviaõ de seguir; até que os mares se socegaraõ, e o tempo serenou, e se viraõ no Ceo Estrellas, que abriraõ caminho, com que se tomou terra. Sobre esta tomadia ferve outra vez a tempestade repetida, se bem menos escura, porque já corre vento para ambos os pórtos, que espalha as nuvens: e dahi vem que nem todos tomaõ o mesmo, e cada hum se recolhe livremente no que lhe fica mais a geito. Qual seja mais seguro para escapar, elles o digaõ, que o experimentaõ. Qual tenha mais razaõ para dominar o que vay logrando, isso direy eu, porque o sey de certo. E naõ usarey de embuços, como alguns, que fallaõ por escrito sem dizerem o mal, e o bem de ambas as partes, havendo-se nisto como Advogados, que só huma parte abonaõ. Naõ vi em Portugal correr publico nenhum Manifesto, que por si fizesse Castella: nem sey quem visse em Castella Manifesto de Portugal. Se he por temer cada hum, que as razoens do outro mascabem as suas, naõ lhe acho razaõ; porque a verdade he como as quintas

substancias, que nádaõ sobre todos os licores; e com as mentiras mais se apura a guiza dos contrarios, que juntos mais se espertaõ. Sondarey pois aqui, como em carta de marear, ambos os pórtos; naõ deixarey alto, nem baixo, que naõ descubra; porque assim acertará cada hum melhor com a carreira direita, e segura: e fio da boa industria de todos, que vendo ao olho, onde está o perigo, que o saibaõ fugir, e que lancem ancora, onde se possaõ salvar mais descançados na vida, mais seguros na fazenda, e mais quietos na consciencia. Ancora lançou Castella em Portugal, e ferrou a unha taõ rijamente, que o naõ largou por espaço de sessenta annos. Sobre esta unha botou Portugal harpêo com taõ boa preza, que se melhorou no partido; e ainda lutaõ sobre esta melhora. Qual destas duas unhas esteja mais segura, verá o mundo todo, se vir com attençaõ o que aqui escrevo, sem diminuir nas forças de cada hum, nem accrescentar fraquezas. E porque Castella começou a estender primeiro as unhas, com que empolgou neste Reyno, direy primeiro as razoens, que allega para a preza ser sua.

Manifesto do direito que D. Filippe Rey de Castella allega contra os pertendentes de Portugal.

He notorio que por morte do nosse Rey Car-

deal ficou este Reyno como morgado de Clerigo, que naõ tem successor, exposto a herdeiros transversais, que sendo muitos, baralhaõ as razoens de todos, e armaõ pleitos, e discordias inextinguiveis. E para procedermos com clareza, devemos presuppor, que ElRey D. Manoel de gloriosa memoria cazou tres vezes; a primeira, com Dona Isabel, filha primogenita dos Reys Catholicos; segunda, com Dona Maria, filha terceira dos mesmos Reys; terceira, com Dona Leonor, filha delRey D. Filippe o I. e irmãa do Emperador Carlos V. Os filhos do primeiro, e terceiro matrimonio morreraõ sem successaõ: do segundo teve dez filhos: o primeiro foy o Principe D. Joaõ, que teve nove filhos da Senhora Dona Catharina, filha delRey D. Filippe o I. de Castella: destes morreraõ oito sem successaõ; e o nono, e ultimo, que foy D. Joaõ, houve da Senhora Dona Joanna, filha de Carlos V. ao fatal Rey D. Sebastiaõ, em quem se acabou esta linha. A segunda prole delRey D. Manoel foy a Infanta Dona Isabel, que cazou com Carlos V. Emperador; e de ambos nasceo ElRey D Filippe II. e deste Filippe III. e deste Filippe IV. de Castella, que hoje faz toda a guerra a Portugal. A terceira prole foy a Infanta Dona Brites, que cazou com D. Carlos, Duque de Saboya; e de ambos nasceo Phelisberto Emmanuel Principe de Piamonte, oppositor com seus descendentes a Portugal. A quarta prole, o Infante D. Luiz, que naõ cazou, e teve de huma Christãa nova hum filho natural,

que foy o Senhor D. Antonio, tambem oppositor a este Reyno. Quinta prole, o Infante D. Fernando, que cazou com Dona Guiomar Coutinha, filha dos Condes de Marialva: e extinguio-se esta linha. Sexta prole, o Infante D. Affonso, Cardeal, Arcebispo de Braga, e Bispo de Evora. Setima prole, o Infante D. Henrique, que foy Cardeal, e Rey sem successaõ. Oitava prole, o Infante D. Duarte: cazou com Dona Isabel, filha de D. Jayme Duque de Bragança, e tiveraõ tres filhos: primeiro, a Senhora Dona Maria, que cazou com Alexandre Farnes Principe de Parma; segundo, a Senhora Dona Catharina, que cazou com D. Joaõ, Duque de Braganca; terceiro, D. Duarte, Condestável, e Duque de Guimaraens: da Senhora Dona Marianasce o o Senhor Raynuncio, Principe de Parma tambem oppositor: da Senhora Dona Catharina nasceo o Senhor D. Theodosio, Duque de Bragança, e delle o Senhor D. Joaõ, que hoje he Rey de Portugal, onde tem jurado por Principe a seu filho, o Senhor D. Theodosio, que houve em legitimo, e Santo matrimonio da Senhora Dona Luiza, esclarecido ramo da Real Casa dos grandes Duques de Medina, e Sydonia, propugnaculos invictissimos de toda a Christandade contra a Mauritania na Andaluzia, onde por suas heroicas obras alcançaraõ o admiravel appellido de *Buenos*; e bastava para o merecerem destinallos o Ceo para darem a Portugal tal filha para nossa Rainha, e Senhora.

As mais proles, que foraõ a Infanta Dona

Maria, e o Infante D. Antonio, naõ deixaraõ successaõ, porque logo morreraõ. E das que temos dito fecundas, se levantaraõ cinco oppositores a este Reyno, que ficaõ notados em suas linhas; e pela ordem da antiguidade dellas saõ, o primeiro, ElRey D. Filippe; o segundo, o Duque de Saboya; terceiro, o Senhor D. Antonio; quarto, o Principe de Parma; quinto, o Duque de Bragança. A Rainha de França Dona Catharina tambem pertendeo oppor-se, allegando que descendia por linha direita delRey de Portugal, D. Affonso III. Conde de Bolonha, e de Dona Metilde, sua primeira mulher: mas foy escusa sua pertençaõ por improvavel, e prescripta; porque os successores do Conde de Bolonha [que naõ consta os tivesse] nunca fallaraõ nesta materia, depois que aquella linha de Bolonha se ajuntou á França: e a verdade he, que á Condessa Metilde naõ ficaraõ filhos, como consta do seu testamento, que está em Portugal na Torre do Tombo, segundo se escreve. E o engano esteve no successor de Metilde, que foy Roberto, seu sobrinho, filho de sua irmãa Alis. E este he o Roberto, de quem França queria tomar a nossa genealogia, fazendo-o filho de Metilde, e de D. Affonso III. irmaõ de D. Sancho Capello. Quanto mais, que na presente opposiçaõ só de descendentes delRey D. Manoel se tratava, que era o tronco ultimo, e em quanto os houvesse, naõ tinhaõ lugar outros pertendentes; e por isso tambem se naõ fez caso da pertençaõ da Sé

Apostolica, pois naõ estava o Reyno vago de herdeiros.

Dos cinco Oppositores descendentes delRey D. Manoel, foy havido por incapaz no primeiro lugar o Senhor D. Antonio Prior do Crato, por dous defeitos, ambos por parte da mãy, hum no sangue, outro no nascimento; saõ notorios, naõ os explico; e nunca houve suplemento para elles. O Duque de Saboya cedeo aos parentes mais chegados, e tambem de cá o excluiraõ por Estrangeiro. O Principe de Parma ficou atraz na pertençaõ por tres razoens; primeira, por ser morta sua mãy, irmãa da Senhora Dona Catharina, que havia de fazer a opposiçaõ; segunda, por falta da representaçaõ, que só se admitte nos descendentes immediatos do primeiro gráo, e elle era já bisneto delRey D. Manoel, em comparaçaõ da Senhora Dona Catharina, que era neta pela mesma linha do Infante D. Duarte; terceira, por ficarem excluidas as femeas cazadas fóra do Reyno; como se mostra das Cortes de Lamego, celebradas no anno 1141. onde ElRey D. Affonso I. com todos os Estados ordenou, que as femeas, ainda que podessem herdar o Reyno, perderiaõ o direito a elle cazando fóra: e por isso nas Cortes de Coimbra de 1382, excluiraõ a Senhora Dona Brites, filha unica do nosso Rey D. Fernando, por cazar com D. Joaõ I. de Castella: e D. Joaõ I. de Portugal, que lhe succedeo, confirmou esta ley em seu testamento no anno de 1436.

Excluîdos assim todos os sobreditos, ficaraõ no campo sós a Senhora Dona Catharina, e ElRey D. Filippe: deraõ-se duas batalhas, a primeira como Anjos, a segunda como homens: a primeira com forças de entendimento, a segunda com violencia de braço: na primeira venceo a Senhora Dona Catharina, porque lhe sobejavaõ razoens: na segunda venceo Filippe, por ter mais armas: destas naõ se trata aqui, porque as armas entre Christãos naõ daõ Reynos, nem os tiraõ justamente, quando ha razoens, que resolvem o direito delles: e por isso pertende ElRey Filippe vencer tambem nesta parte com as razoens seguintes.

Razoens, que ElRey D. Filippe allega contra a Senhora Dona Catharina.

I. Razon. Por el casamiento delRey Don Juan I. de Castilla con Dõna Beatrîs, hija del Rey Don Hernando de Portugal, quedò el derecho del dicho Reyno en los Reyes Castellanos, porque ella era la unica heredera legitima. II Razon; porque no pertenecia el tal derecho en aquel tiempo a Don Juan I. de Portugal, por ser iligitimo, sinò a D. Juan I. de Castilla, por ser octavo nieto del primero Rey de Portugal. III. De todos los nietos del Rey Don Manuel pretendientes de Portugal, que vivian, quando muriò el Rey

Cardenal, Phelipo Prudente era el mas viejo, y legitimo: por esso el mas habil a la Corona.

IV. Porque demas de vencer Phelipo a todos en general en la edad, vencia tambien a cada uno en particular: al Señor Don Antonio por legitimo, a la Señora Doña Catalina por varon, a Raynuncio, por ser nieto, y el visnieto, del Rey Don Manuel, y por esso mas llegado al ultimo posseedor: y al Duque de Saboya con la edad de la Emperatriz su madre, hermana mas vieja de Beatrîs madre del Saboyano. V. Porque siendo los Reynos del Derecho antiguo de las gentes, nò se deve regular la sucesion dellos por el Derecho Civil lleno de sutilezas, y ficciones, que tantos años despues formaron los Emperadores; y que si bien los Reyes supremos lo avian introducido en los Reynos por el buen govierno de los vasallos, no avian por esso alterado las simples reglas naturales de la sucesion Real, las quales afirmaban averse de seguir en este caso, como si úviera sucedido primero que naciera Justiniano, que fue el inventor de la Representacion; a que nò obsta aver algunos Doctores querido temerariamente sugetar la sucesion de los Reynos a la Civil Instituicion: y assi siguiendo esta consideracion hacia Phelipo su derecho indubitable. VI. Dado que valga la representacion en Portugal, esta nò se admite, sinò quando el nieto del Rey litiga con su tio hermano del tal Rey; y nò entre primos hijos de dos hermanos, quales eran Phelipo, y la

Señora Catalina; y confirmase con exemplo, y ley: con exemplo, porque por muerte de Don Martin Rey de Aragon, que no tuvo hijos legitimos, pretendieron su Corona la Infanta Doña Violante su sobrina, hija del Rey Don Jaymes su hermano mas viejo, y el Infante Don Hernando do de Castilla su sobrino, hijo de la Reyna Doña Leonor su hermana: y dieron sentencia los Estados, y sus Juezes por el Infante Don Hernando, por ser varon, nò haciendo caso de la representacion; que si valiera, avia de dar el Reynò a la Infanta, por ser sobrina, y hija de hermano mas viejo: el qual si fuera vivo, avia de excluir a Doña Leonor su hermana, y madre de Hernando. Con ley; porque el Emperador Carlos V. la hizo particular en Alemania, que nò valga la representacion, sinò concurriendo sobrinos con tio vivo; y es opinion de Azon, y muchos Doctores, que se observa en Francia.

VII. Demas de que la representacion solo la puede aver, quando el padre, que se pretende representar, úviera tenido el primer lugar en la sucesion, de que se trata. Donde supuesto que el Infante Don Duarte en su vida nò tuvo tal lugar, nò podia dexar a sus hijos el derecho, que nunca se radicò en su persona. VIII. En Portugal muerto el Rey Don Juan II. le sucediò su primo Don Manuel, excluyendo al Duque de Viseu Don Alfonso: y si valiera la representacion, avia de ser preferido, por hijo de Don Diego hermano mas viejo de Don Manuel. IX. El beneficio de

la representacion nò se admite en la sucesion de los Mayorazgos, y bienes avinculados para andarem en el pariente mas cercano de cierta generacion: y es cierto, que los Reynos tienen naturaleza de Mayorazgos en la manera dicha. Demas que los Reynos se heredan por concesion de los pueblos, que transmitieron el poder Real, que era suyo, a los primeros Reyes, y a su generacion: y consta qûe la representacion nò tiene lugar en la sucesion de las cosas que vienen *ex concessione dominica*, como resuelve Bartholo.

X. La Ordenacion de Portugal lib. 2. tit. 17. §. 1. dize que por muerte del ultimo posseedor entrará en los bienes de la Corona el hijo varon mas viejo, que della quedare; y consecutivamente echa fuera al nieto, y excluye la representacion. Y confirmase con exemplo de heredamiento de Reyno; porque en Castilla Don Alonso el Sabio excluyendo su nieto hijo del Principe muerto, hizo jurar su segundo hijo. Item. Mas. La misma Ordenacion lib. 4. tit. 62. §. 3. dispone, y manda, que quedando por muerte del que pagava fueros, hijo, ò hija, nò entre en el prazo nieto, ò nieta, aunque sean hijos de algun hijo mas viejo ya difunto. XI. El beneficio de la representacion es privilegio concedido contra las reglas ordinarias del Derecho, y es una ficcion de la ley, por la qual contra la verdad se finge, que el hijo está en el lugar de su padre, y es con èl la misma persona; y por ser privilegio, y fingimiento nò puede aver lugar, sinò quando se

hallare expressamente introducido por Derecho: y es cierto que nò està introducido expressamente, sinò en la sucesion de los heredamientos, y feudos, aunque nò sean hereditarios. Donde, no siendo los Reynos de Portugal feudos, ni si defiriendo la sucesion dellos en todo, como heredamiento proprio, y ordinario, por ser cosa de mayor momento, y mas calificada, y de que se devia hacer expressa mencion, nò puede aver lugar en èl la dicha representacion. XII. Para nò parecer que huye Phelipo del Derecho, prueva que en los Reynos mas propriamente, que en ninguna otra cosa, se sucede por el derecho, que llaman de la Sangre, mirando al primer instituidor; y que en este derecho se consideran las personas por si mismas sin representacion, como si fuessen hijos del ultimo posseedor; y desta manera queda Phelipo en lugar de primogenito de Henrico.

XIII. Dado que la Señora Catalina pudiesse representar el grado de su padre, nò podia representar el sexo: y era duro de admitir, que la hembra igual solamente en el grado, y inferior en lo demas, fuesse preferida al varon para governar Reynos, quando el proprio defecto della le hacia mas dano que a Phelipo el de su madre. XIV. Conforme al Derecho las hembras nò pueden ser admitidas a oficios publicos, ni tener jurisdicion, ni administracion de la Republica; porque en ellas falta fortaleza, constancia, prudencia, liberdad, y otros dotes neces-

sarios: y tenemos exemplo en la Reyna de Castilla Doña Beatrîs, que siendo hija unica del Rey Don Hernando de Portugal, nò fue admitida, y se diò el Reyno por vacante, y lo heredò Don Juan I. donde se colige, que son las hembras incapazes de representar en Portugal, pues son incapazes de heredar. XV. Visto nò declarar Henrico sucessor, era devida à Phelipo la sucesion sin sentencia, por ser su persona suprema, izenta, y libre de qualquier juizio coercivo, y solamente obligado a justificar su derecho con Dios, y declararlo al Reyno: ni avia en el mundo, a quien pudiesse pertenecer la judicatura deste caso, por nò tocar al Papa, por ser materia puramente temporal sin circunstancias, que le pudiesse dar derecho: menos pertenecia al Emperador, por nò le ser reconociente del Reyno de Portugal, y mucho menos a los Juezes, que avia nombrado Henrico; porque eraõ todos parte material, y integral del Reyno, sobre que se litigava, como Portuguezes: demas de que nò avia Portuguez alguno, que nò fuesse sospechoso y recusable por el odio publico, que tienen todos a la Nacion Castellana: ni avia lugar de se compromoter en Juezes loados, por la imposibilidad de hallar personas, de quien se pudiesse fiar cosa tan grande, y tan peligrosa; y porque la obligacion de comprometer nò caye sinò en cosa dudosa, y Phelipo ninguna duda tenia.

XVI. Dado que fuesse necessaria sentencia. Phelipo la tuvo por los mismos Juezes, que

nombrò Henrico; porque de cinco que eran, tres le jusgaron la Corona. XVII. Sobre todo allega Phelipo, que quando el derecho es dudoso, y corre opinion probable por entrambas partes, que las armas lo resolven todo; y que con ellas tomò la possesion, y los pueblos lo admitieron, y juraron en las Cortes de Tomar por Rey; con que se quitò toda la niebla, y razon de dudas. XVIII. Llevando Dios viente e dos herederos, que precedian al Rey Catholico, dava a entender, que queria unir Portugal a los Reynos de Castilla, para fortificar un braço en su Iglesia, para resistir a los insultos de los infielis, y de los hereges; y mejorar desta manera el mismo Reyno, haciendolo inexpugnable con tantas fuerças juntas contra sus enimigos, y en sus conquistas. XIX. Finalmente allega por si la possesion prescripta de sesenta años, bastando treinta, sin contradicion alguna. Y quien lo quitare de la tal possesion, merecerá titulo de tirano, y de ladron, porque de hecho es tirania, y robo inorme, quitar un Reyno a su dueño sin causa, razon, ni justicia.

Estas saõ as razoens, que por si allega o Rey de Castella, para entrar na herança de Portugal. Nenhum Portuguez abafe com ellas, que logo lhas desfarey como sal na agua: mas primeiro quero responder ao candido Leitor, que me pergunta, que razaõ tive para mudar de estylo neste Manifesto, e fallar por outra linguagem differente da em que himos tirando á luz este tratado.

A isso pudéra responder, que o Manifesto he de Castella, e por isso o puz na sua lingua; mas para explicar melhor a razaõ mais principal, que me moveo, contarey huma historia, que aconteceo em hum Tribunal de tres, que tem o Santo Officio neste Reyno. Prenderaõ hum bruxo, por ter trato com o diabo, e consultalo em muitas duvidas: reprehenderaõ-no os Inquisidores, porque sendo Christaõ bautisado dava credito ao diabo, sendo obrigado a ter, e crer, que he pay da mentira. Pay da mentira he, respondeo o bruxo, e por tal o conheço: mas com tudo isso, ainda que muitas vezes me mentia, naõ deixava algumas vezes de me fallar verdade, e eu pelo uso alcançava logo tudo; porque me fallava em duas linguas, que eraõ a Portugueza, e Castelhana: e todas as vezes que me fallava em Portuguez, era certo que dizia verdade; e só quando me fallava em Castelhano, era certissimo que mentia. Naõ sey, se me declaro? Quero dizer, que a lingoa Castelhana he estremada, e unica para pintar mentiras, como escolhida por quem he pay, e mestre dellas: e a Portugueza para fallar verdades: e por isso puz em Castelhano o Manifesto de Castella, e porey em Portuguez a reposta da Senhora Dona Catharina.

Reposta da Senhora Dona Catharina contra as razoens delRey D. Filippe.

I. Reposta contra a primeira razaõ he, que naõ vem a proposito a herança da Senhora Dona Brites; porque a nossa questaõ procede sobre descendentes del Rey D. Manoel, e naõ sobre os del Rey D. Fernando, cujas duvidas se averiguaraõ nos campos de Aljubarrota: álem de que a Senhora Dona Brites naõ deixou filhos, e assim necessariamente havia tornar a Portugal o direito. II Reposta contra a segunda razaõ he, que deveraõ advertir, como na successaõ taõ prolongada de D. Joaõ I de Castella, oitavo neto do primeiro Rey de Portugal, havia o mesmo defeito de illigitimidade em seu pay D. Henrique, álem de outros avós: e mais perto estava do ultimo avô o nosso D. Joaõ I. e do ultimo possuidor no primeiro gráo de irmaõ, que o seu no oitavo; e o nosso houve dispensaçaõ da illigitimidade, e naõ sabemos que o pay, e avós do seu a houvessem. III. Contra a terceira he que diz bem, se todos os Oppositores foraõ filhos do mesmo pay, assim como eraõ netos do mesmo avô; porque entaõ o mais velho seria o Morgado, Principe, e ligitimo herdeiro: mas sendo filhos de differentes pays, como eraõ, devia-se o direito só áquelle, cujo pay o tinha á Coroa: e como os

pays da Senhora Dona Catharina, e D. Filippe, por onde lhes vinha a successaõ, eraõ de huma parte varaõ, e da outra femea, claro está, que o varaõ havia ter o primeiro lugar: e este era o Infante D. Duárte, pay da Senhora Dona Catharina legitima herdeira, por se achar em melhor linha, que Filippe, filho da Emperatriz Dona Isabel irmãa do Infante D. Duarte. Quatro cousas se consideraõ aqui, linha, sexo, idade, e gráo: e no primeiro lugar se busca a melhor linha, e só quem nella prevalece, prevalecerá na causa, ainda que seja inferior ao outro pertendente no sexo, idade, e gráo: e sempre a linha, que procede de varaõ he melhor, que a que procede de femea.

IV. Reposta contra a quarta razaõ. Admittimos o argumento contra os outros Oppositores, e negamo-lo contra a Senhora Dona Catharina por razaõ da melhor linha, em que se achava, com que vencia a Filippe, como fica explicado na reposta proxima contra a terceira razaõ. V. Contra a quinta. Quer El Rey Filippe hum Santo para si, e outro para a outra gente, admittindo a representaçaõ para os vassallos, e negando-a para os Reys: se admitte, que se governaõ melhor aquelles com ella, deve admittir, que se governaráõ mal os Reys, se a naõ admittirem em suas successoens: e assim he, que por fugirem esta calumnia, a admittem quasi todos os Reynos, e Estados de Europa, e até os mesmos Reys: e bastava terem-na admittido em Portugal El Rey

D. Affonso I. nas Cortes de Lamego, anno de 1141. e confirmada por ElRey D. Joaõ I. no seu testamento, anno de 1436. e Affonso V. no anno de 1476. aprovando-o os tres Estados, todos sem paixaõ, nem occasiaõ de controversia, que lhes pudesse perturbar a razaõ; e sendo assim ley praticada neste Reyno, deve admittilla Filippe, em que lhe pêz. E porque este ponto da representaçaõ he o Achiles desta demanda, convém que o expliquemos, para melhor intelligencia della. Representaçaõ he hum beneficio inventado pela ley, que por elle ordenou nas heranças, que se differem *ab intestado*, que os filhos entrem no lugar de seus pays defuntos, e representem suas pessoas, succedendo em todo o direito, que elles houveraõ de ter, se vivos foraõ. Esta representaçaõ na linha direita de ascendentes naõ tem limite: e nas transversais sómente se concede aos filhos, ou filhas dos irmãos, ou irmãas do defunto, de cuja successaõ se trata: e assim ficaõ exclusos os mais parentes collaterais, que se acharem fóra deste segundo gráo, porque naõ se estende a elles a representaçaõ. E conforme a isto fica claro o direito da Senhora Dona Catharina, que he melhor, que o de Filippe; porque representa varaõ, que houvera de ser Rey, se fora vivo; e elle representa femea, que naõ havia de entrar na Coroa, com ser mais velha, ainda que vivera. Antes digo mais, que dado que fora viva a Senhora Dona Isabel, e morto o Infante D. Duarte, ainda a Senhora Dona Catharina tinha mais direito ao

Reyno, que sua tia, por representar a seu pay, que a vencia no sexo, e havia de entrar na herança diante de sua irmãa: e he a razaõ; porque Fernando Rey de Napoles julgou o Reyno a sua neta de seu filho mais velho defunto, excluindo outros filhos mais moços: e Filippe Rey de Inglaterra deu sentença pela sobrinha do Duque de Bretanha, filha de seu irmaõ mais velho, excluindo os varoens mais moços, irmãos do mesmo Duque. E naõ temos necessidade de exemplos forasteiros, quando temos em casa o nosso Rey D. Manoel, com quem se oppoz o Emperador Maximiliano, estando ambos em igual gráo, e este mais velho, mas em linha inferior por femea, e D. Manoel por varaõ, que representava; e julgou-se, que por isso prevalecia ao Emperador.

VI. Os Doutores Castelhanos defendem o contrario, admittindo a representaçaõ entre primos; e a razaõ o mostra; porque o sobrinho, que excluîa a seu tio, ou tia, por representaçaõ de melhor gráo, ou melhor sexo, muito melhor excluirá a seus primos filhos do tal tio, pois saõ já mais remotos, e naõ pódem representar cousa, que a outro naõ tenha já vencido. Ao exemplo se diz, que naõ deixou a Infanta Dona Violante de herdar, por naõ se admittir á representaçaõ no caso, senaõ por ser inhabil por ley particular, que ElRey D. Pedro seu avô fez em Aragaõ, com que inhabilitou as femeas, para poderem herdar aquella Coroa. E a ley de Carlos V. procedeo sómente nas terras sugeitas ao Imperio, ao qual

naõ he sugeito Portugal; e ainda que em outras partes se pratique a opiniaõ de Azam, como em França, que por costume antigo naõ admitte representaçaõ nos collaterais em caso algum; naõ em Portugal, onde seguimos o contrario com o direito cõmum, e opinioens de Acursio, e Bartholo: donde se vem a concluir, que o beneficio da representaçaõ ha lugar na successaõ destes Reynos, quando os sobrinhos pertendem succeder a El Rey seu tio, irmaõ de seus pays, sem haver outro irmaõ do mesmo Rey, que concorra com elles.

VII. Naõ he necessario que o pay possuisse, o que se pertende herdar por via da representaçaõ; porque aqui naõ se leva a herança por transmissaõ, em que naõ póde o pay fazer bom ao filho, o que naõ possuîo: e que no nosso caso naõ entre a herança do Reyno por transmissaõ, mostra-se; porque por ella nem o filho do primogenito haveria a herança de seu avô, a qual naõ ha duvida, que lhe pertence: e assim entra o tal por virtude da representaçaõ, que o poem em lugar do pay ao tempo da successaõ. VIII. O exemplo de D. Affonso naõ vem a proposito; porque álem de ser illigitimo, se lhe negou a representaçaõ, naõ porque ella se naõ use em Portugal, senaõ porque estava fóra do gráo, a que se concede; pois naõ era irmaõ, nem filho de irmaõ del Rey D. Joaõ, mas filho de seu primo; com que ficava já no terceiro gráo, em que se naõ admitte representaçaõ nas linhas transversais; e

assim lhe foy preferido D. Manoel, por se achar hum gráo mais chegado. IX. Concedemos, que naõ ha representaçaõ na herança dos Mórgados vinculados, para andarem no parente mais chegado de certa geraçaõ; porque naõ procede *Jure hæreditario*, mas *ex concessione dominica*, que os póde dár a quem quizer: e os póvos deraõ aos primeiros Reys o poder Real, e á sua geraçaõ, para que os possuissem, e se deferissem como herança sua a seus descendentes: e assim o sente o mesmo Bartholo. E no que diz que na successaõ dos Reynos feudais naõ ha lugar á representaçaõ, he commummente reprovado; além de que o Reyno de Portugal naõ he feudal, nem pódem militar nelle as razoens das *Concessoens dominicas;* como em seu lugar mostrarey logo na reposta da razaõ X.

X. Os documentos, e Ordenaçoens, que allega, naõ se entendem assim. O primeiro lugar da Ordenaçaõ, que aponta, procede nos bens da Coroa, que saõ havidos por *Concessaõ dominica* do Rey; e conforme a Ley Mental, porque se deu ordem de succeder nos bens da Coroa, naõ se differem *Jure hæreditario*. Donde El Rey D. Joaõ I. que foy o Autor da Ley Mental, por isso lhe negou a representaçaõ. E tratando depois em seu testamento da successaõ destes Reynos, declarou, que havia lugar á representaçaõ; porque procediaõ *Jure hæreditario*, e naõ *ex concessione dominica*. Ao exemplo do Rey de Castella D. Affonso o Sabio se diz, que foy julgada aquella

acçaõ até em Espanha por injusta; tanto, que permittio Deos lhe tirasse a Coroa o segundo filho, que elle fez jurar em odio do neto. E as Leys de Castella dispoem, que morrendo o filho mayor, antes que herde, deixando filho, ou filha, vá a estes a herança, e naõ ao tio, irmaõ de seu pay, e ha muitos exemplos. A segunda Ordenaçaõ prova sómente naõ haver representaçaõ nos prazos de nomeaçaõ, em que o foreiro *ex concessione dominica* os póde deixar a quem quizer sem respeito a herdeiro, que succede *ab intestado,* e naõ prova nada no que vay por herança. XI. Concedemos tudo, e negamos só a consequencia, que nada colhe de ser a herança dos Reynos materia exhorbitante, e qualificada: pois com isso está, que he verdadeira herança, e como tal se comprehende sem extensaõ alguma nos casos, em que o Direito concede este beneficio da representaçaõ. XII. Naõ admittimos o direito do sangue, que allega; porque o Direito dos Reynos, e suas possessoens procedeo do antigo Direito das gentes, segundo o qual tudo se deferia como herança, sem se conhecerem outros modos de successoens, que por Leys mais novas foraõ inventados. Isto he doutrina commua dos Doutores, e praticada em Espanha pelos Reys de Castella D. Fernando, D. Alonso o VI. e D. Alonso VIII. D. Jayme Rey de Aragaõ o Conquistador, que dividio os Reynos entre seus filhos, D. Alonso o Sabio, e D. Henrique III. de Castella; aquelle desherdando seu filho, e este pon-

dolhe gravames: e em Portugal o declaraõ as Bullas dos Summos Pontifices de sua fundaçaõ, assentos de Cortes do Rey D. Joaõ o I. e testamento delRey D. Affonso V. onde tudo se leva por herança verdadeira, que admitte representaçaõ, como temos mostrado.

XIII. O beneficio da representaçaõ está concedido na linha collateral, da mesma maneira que na dos descendentes: na dos descendentes he certo nestes Reynos, que succedem as femeas a seus pays com a prerogativa de varaõ; de modo, que se o pay, por ser varaõ, havia de excluir outras pessoas, exclúa a filha as mesmas, como tios, primos, &c. Prova-se esta representaçaõ dos descendentes em Portugal pela Carta patente delRey D. Affonso V. em que ordena lhe succeda o filho, ou filha do Principe seu primogenito, e naõ seus segundos filhos, o que tem força de ley, e direito, por assim o declarar o mesmo Rey: e ha exemplos do mesmo em outras partes, que ficaõ apontados no fim da reposta da terceira razaõ. E que nos collaterais seja o mesmo, consta do texto *in Auth. de hæred.* §. *Si autem.* E da razaõ da equidade, em que as leys se fundaõ, para conceder este beneficio aos descendentes, essa mesma tiveraõ para o concederem aos collaterais: e ha exemplos, como o em que o Rey Filippe de Inglaterra, por conselho de Letrados declarou, que o Ducado de Bretanha pertencia á sobrinha, filha do irmaõ mais velho do Duque defunto, contra outro irmaõ do mesmo Duque: e ha leys, como a ley quarenta

do Touro em Espanha, que diz: *Siempre el hijo, y sus descendientes ligimos por su orden representen las personas de sus padres: & Molina, lib.* 3, *c.* 7. resolve que a dita ley procede na successaõ dos Reynos, como na dos Mórgados. Nem he deformidade, nem impossivel, que a femea represente sexo de varaõ: porque mais difficultoso he fazer, que hum filho tenha a idade de seu pay, que huma filha alcançar o sexo masculino; porque a natureza faz muitas vezes das femeas machos, e naõ póde fazer que o filho iguale a seu pay na idade, e com tudo o Direito poem o filho diante do tio mais velho, só porque representa a seu pay mais velho que o tio; logo muito melhor poderá fazer, o que he menos, que a femea represente varaõ.

XIV. O que diz o Direito, que femeas naõ entrem em officios, nem jurisdiçoens, entende-se onde se naõ succede *Jure hæreditario.* Tambem os Ecclesiasticos naõ pódem haver dignidades seculares, e com tudo possuem as herdades, como se vio no neto Cardeal Rey. Nem as femeas saõ taõ destituidas, como as fazem, principalmente as bem criadas: e os bons Conselheiros supprem seus defeitos. E os Doutores da Universidade de Coimbra resolveraõ, que a Senhora Dona Catharina devia ser preferida a Filippe, confórme as Leys do Reyno, confirmadas por Innocencio IV. que fazem capazes, e habilitaõ as femeas para a successaõ destes Estados, e excluem aquellas, que cazaõ fóra do Reyno; e por isso foy excluida

a Senhora Dona Brites, e naõ por ser femea, e tambem illegitima, e scismatica, e quebrar os contratos jurados, que ao tempo de seu cazamento foraõ feitos : scismatica aqui quer dizer de humor Castelhano. XV. Se Filippe por ser Rey fora izento de Juizes na pertençaõ deste Reyno, naõ o mandára notificar o Papa Gregorio XIII. pelo Cardeal Riario Legado, que naõ affrontasse o nome Catholico com se fazer Juiz, e parte, por parecer dos seus, que com ambiçaõ do favor, e temor do desagrado o enganavaõ ; e se naõ queria Juizes Portuguezes, por considerar nelles alguma paixaõ, que elle lhe daria Juizes desinteressados, e incorruptos : e bastava deixar El Rey D. Henrique devoluta a Juizes a questaõ, que elle só pudera resolver, para o Rey de Castella ser obrigado a estar pela sentença ; e naõ a declarou o Cardeal Rey, naõ porque tivesse alguma duvida na materia, mas por evitar a guerra, que já o Castelhano ameaçava : e naõ tinha duvida ; porque quando El Rey D. Sebastiaõ foy á Africa, deixou feito testamento, em que nomeava o Cardeal D. Henrique por seu successor no primeiro lugar, e no segundo a Senhora Dona Catharina ; e naõ manifestou isto, por divertir a furia de Castella, que estava muito poderosa com vitorias, e Portugal muito debilitado com a perda da Africa, e peste. Fiado pois o Cardeal por tantos principios na justiça da Senhora Dona Catharina, por evitar discordias nomeou Juizes, e requereo ao Catholico : o qual tergiversando-lhe a razaõ o con-

strangeo, e intimidou a que, ou lhe julgasse a causa, ou a naõ decidisse: naõ conseguio o primeiro, alcançou o segundo, porque estava muito poderoso com riquezas, e armas. Morto o Rey Cardeal, ficou a Senhora Dona Catharina só; e o Castelhano para se córar com o mundo, pôz a causa em juizo, assegurando a bolada por todas as vias; porque escolheo os Juizes que quiz, os quaes em Ayamonte, territorio de Castella com evidente nullidade deraõ a sentença de maneira, que sendo cinco, só tres se renderaõ á corrupçaõ: e para desassombrar a consciencia a todos, sumiraõ o testamento delRey D. Sebastiaõ; e boa prova he que nunca appareceo: e tambem he certo, que dizem, e se escreve, que levaraõ para Castella o livro do *Porco espim*, que se guardava no Cartorio da Camera de Lisboa, em que estava o direito da successaõ deste Reyno com as Cortes de Lamego, em que se decretava, que naõ entrassem nesta Coroa Reys estranhos. Feitas estas diligencias, entrou em Portugal com hum exercito a tomar a posse como inimigo. Do dito se colhe, que naõ repugnou a ser julgado, nem lhe eraõ suspeitos os Juizes, pois os escolheo, e fiou delles tudo: e dizer que nenhuma duvida tinha, he falso, porque se a naõ tivera, naõ mandara visitar a Senhora Dona Catharina pelo Duque de Ossuna com recados dobrados, que se a achasse acclamada, lhe désse o parabem; e se por acclamar, o pezame da morte de seu tio o Cardeal Rey; e a requeresse para ser julgada a causa da

pertençaõ do Reyno, que ambos tinhaõ. Nem pedira a Pedro Barboza, Doutor celebre em aquelles tempos, que escrevesse sobre o direito, que por varaõ tinha a esta successaõ; o qual lhe respondeo, que naõ tinha razoens na pertençaõ da Coroa de Portugal em concurrencia de Dona Catharina; e por isso escreveo ao Duque de Gandia huma carta, em que por cifra lhe dizia, que lhe dava grande cuidado o direito de sua prima. E picado deste escrupulo deteve o Duque de Barcellos em Castella depois de resgatado, apoderando-se delle, pelo que temia de seu direito: dilatou-lhe tambem o resgate com côr de o fazer de graça titulo de parente, para que cá naõ o declarassem por Principe, vendo que difficultariaõ sua vinda com os Mouros, que pediriaõ por elle os lugares, que temos em Africa. Confirma-se mais o escrupulo de Filippe com os partidos, que committeo á Senhora Dona Catharina, largando-lhe o Algarve, e as terras, que foraõ do Infantado, e franqueza para mandar todos os annos huma náo á India por sua conta. E finalmente porque vio, que naõ tinha bom partido, se puzera a questaõ nos Juizes, que convinha, sem se lembrar, que ninguem he bom Juiz em causa propria, se fez Juiz, parte, e arbitro, usando de violencia; com que tudo ficou nullo conforme as leys, de que sempre fugio.

XVI. He verdade, que tres Juizes deraõ sentença por Filippe com as nullidades, que ficaõ ditas; e álem dessas outra muito essencial, que

naõ se acha escrita; e devia de escapar a todos os Autores, que trataraõ esta materia com serem muito diligentes: e naõ me admiro; porque com mayor diligencia sumio Castella todos os papeis, que podiaõ encontrar sua pertençaõ; mas dous vieraõ á minha maõ ha poucos dias por hum caso estranho, andando eu com este ponto na forja; e tendo o Principe nosso Senhor noticia, como estavaõ na minha maõ, mos mandou pedir pelo Conde Regedor, e me consta, que os estimou, e mandou guardar: hum he o Regimento, com que El Rey D. Henrique de parecer, e aprazimento dos tres Estados, mandou se fizesse a Junta; e declara quando, como, onde, e que havia-õ de ser onze Juizes, e esses letrados nomeados por elle, e escolhidos pelos Estados. Outro papel contêm outro Regimento del Rey Filippe para fazer este Reyno todo de seu humor por via dos Prelados, Prégadores, Confessores; e porque contêm violencias notaveis, farey mençaõ dellas adiante no seu lugar no fim da decima razaõ do Manifesto da Senhora Dona Catharina. O Regimento do Cardeal Rey he feito pelo Secretario Lopo Soares em Lisboa a 12. de Junho de 1579, todo da sua letra bem conhecida, e firmado por El Rey, e sellado com o sello grande das Armas Reaes. E nelle mandava se fizesse a Junta em Lisboa no Mosteiro de S. Vicente de fóra, por ser mais retirado, e observante na clausura; e que delle naõ sahissem, nem communicassem com pessoa alguma, senaõ depois da causa julgada; e que

teriaõ vinte e cinco alabardeiros de guarda: e só obrigava a que antes de entrarem na Junta, se confessassem, e cõmungassem na Sé; e na Capella mór della fizessem juramento de inteireza diante do Cabido, Camera, Procuradores, Prelados, Titulos, &c. e nada disto se fez: bem se vê logo que a sentença, que Filippe houve de tres Juizes, foy defectuosa, subreticia, capeada, e de nenhum valor.

XVII. Ainda que Castella tivesse opiniaõ provavel nos seus Doutores, mais provavel era a que estava pela Senhora Dona Catharina; e assim tirava toda a duvida, que se naõ podia tirar com armas, quando as cousas se tinhaõ posto por consentimento das partes em juizo contraditorio com Juizes escolhidos, e louvados, e estavaõ *lite pendente*, e Filippe os perturbou, mudou, intimidou, e corrompeo até os desfazer, e diminuir. E he opiniaõ de innumeraveis Autores Castelhanos, como Vasquez, Molina, Sanches, Suares, Filiusio, Bonacina, e outros, que allegaõ: que se naõ póde tomar por armas o Reyno, em que ha opiniaõ. *Quod si unus* [conclue Suares disp. 13. de Bello, sect. 6. n. 4.] *tentaret rem totam occupare, aliumque excludere: hoc ipso injuriam alteri faceret, quam posset juste reptere, & eo titulo justi belli rem totam occupare.* E o juramento do Reyno nas Cortes do Castelhano foy irrito; porque foi em damno da Republica, e da Senhora Dona Catharina, e seus descendentes: e porque faltou o consentimento do Reyno livre, que foy extorto por medo

do exercito, com que cá entrou. Nem obsta o naõ reclamar; porque nunca houve lugar disso até o dia da Acclamaçaõ, que foy antes dos cem annos, que se requeriaõ para a prescripçaõ de boa fé sem contradiçaõ, e elles bem má fé tinhaõ; e bem reclamou o Senhor D. Theodosio com seus filhos, cuja retrataçaõ se mostrou por escrito. E ainda que o juramento fora muito voluntario, ficava o Reyno desobrigado de o guardar, tanto que os Reys de Castella naõ guardaraõ os que fizeraõ a Portugal, ajuntando, que queriaõ perder o Reyno, se assim o naõ cumprissem.

XVIII. Ao que diz do braço, que se fortificava com Portugal em Castella para defender a Igreja, respondemos, que se for o braço, qual o de seu pay, que deu saco a Roma, que ficará bem fortificada a Igreja, [e que favoreceo tanto Castella a de Portugal, que em sessenta annos que o dominou, naõ sabemos que lhe levantasse huma, nem que lhe désse se quer hum Calix. E se alguns politicos cuidavaõ, que melhoraria Portugal de forças contra inimigos, naõ foy assim; e a experiencia mostrou o contrario; porque Portugal conservava-se com a paz, que tinha com todos os Principes: e Castella com guerra, que mantêm a todos: donde perdemos os commercios, que nos enriqueciaõ, e ganhámos guerras com todas as Naçoens, que nos destruîaõ: e para que nem desta destruiçaõ nos podessemos livrar, tiravanos Castella as forças, levandonos nossas armas, thesouros, e soldados, para se servir de tudo em

suas guerras, e conquistas, desemparando totalmente as nossas.

XIX. Finalmente ao que diz da prescripçaõ, e posse, respondemos, que a naõ póde haver em Reynos; e he de todos os Doutores, que naõ se póde dár em nenhuma materia sem boa fé, titulo, e consentimento das partes tacito, ou expresso. Naõ foy boa fé a de Filippe; pois com sentença nulla, e armado com exercito tomou a posse: nem houve consentimento da Real Casa de Bragança, pois consta, que reclamaraõ os Duques Dom Theodosio, e seu filho ao juramento, em que naõ foraõ perjuros, porque o fizeraõ forçados sem intençaõ de o cumprirem: álem de que he do Direito, que quem com armas invade a posse, a perde com toda a causa. Donde dado, e naõ concedido, que Filippe tivesse algum direito, todo o perdeo pela violencia.. E naõ merece nome de tyranno, quem toma o que he seu: *Et habet jus in re:* antes merece titulo de Principe moderado; porque offerecendose-lhe muitas occasioens de se restituir, dissimulou, esperando conjunçaõ de o fazer com socego, e sem damno de seus póvos: os quais hoje governa, conserva, e defende muito melhor que Filippe; porque nasceo, e vive entre seus vassallos, falla a sua lingua, conhece-os de nome, bafeja-os como Senhor, defende-os como Rey, castiga-os como pay, augmenta-os como poderoso, sem lhes tomar as fazendas, como fazem Reys, que daõ em ladroens.

MANIFESTO DO DIREITO

Da Senhora Dona Catharina

Ao Reyno de Portugal contra D. Filippe.

AS respostas da Senhora Dona Catharina, que démos contra as razoens del Rey Filippe, bastavaõ por Manifesto de sua justiça: mas he taõ manifesto o seu direito, que por mais razoens, que demos, sempre ha mais razoens que dár: e para entendermos bem as mais fundamentais, que aqui se seguem, devemos presuppor, que a successaõ del Rey D. Joaõ III. filho primogenito del Rey D. Manoel, acabou em El Rey D. Sebastiaõ seu neto; e tornando aos filhos do mesmo Rey D. Manoel, naõ achou varaõ vivo, mais que o Cardeal D. Henrique, o qual morrendo sem successaõ, e sem irmaõ, ou irmãa, a quem deixasse o Reyno, necessariamente havia de hir a hum de muitos sobrinhos seus, e netos de seu pay. Viviaõ entaõ quatro, tres delles varoens, e huma femea, filhos de dous Infantes, e de duas Infantas: e pela antiguidade das Proles eraõ Filippe Prudente, filho da Infanta Dona Isabel, Philisberto filho da Infanta Dona Brites, D. Antonio filho do Infante D Luiz, e a Senhora Dona Catharina, filha do Infante D. Duarte. Raynuncio tambem oppositor já era bisneto na linha do Infante D. Duarte; mas naõ se fez caso da sua opposiçaõ, por ser defunta

sua mãy, que a devera fazer, e por naõ constituir linha differente da em que se achava a Senhora Dona Catharina, em melhor gráo que elle. E se nesta materia se atentára só para a linha masculina, o Senhor D. Antonio ficava de melhor partido, por ser varaõ, e filho de Infante; mas foy excuso por illigitimo, e indispensado; porque a dispensaçaõ só seria licita em defeito de oppositor legitimo: e logo se seguia a Senhora Dona Maria, por ser filha de varaõ, e mais velha, que a Senhora Dona Catharina sua irmãa: mas excluiraõ-na, por defunta, e a seu filho, que era o Senhor Raynuncio Principe de Parma por estrangeiro, e por ficar fóra do gráo, em que se admitte representaçaõ; e principalmente por naõ constituir linha em opposiçaõ com a Senhora D. Catharina, que ficava com a Senhora Dona Maria na mesma linha do Infante D. Duarte pay de ambas. Seguia-se logo a Senhora Dona Catharina, que era viva, e filha de varaõ: mas esbulhôa do direito com violencia notoria, e naõ a deixou tomar posse El Rey D. Filippe, dando por razaõ, que era varaõ, ainda que filho de Infanta, e que estava em igual gráo com ella: e accrescenta estas palavras, que tenho escritas da sua letra no papel, de que adiante farey mençaõ: *Que para entrar en estos Reynos nó tenia necesidad de aguardar sentencia de nadie, por ser el proximo sucessor en el Reyno, y nó reconociente superior en lo temporal; que saneada, y satisfecha su consciencia de su justicia, pudo ocupar la possesion por su sola autoridad, con-*

forme a Derecho; y que ya es cosa esta, de que nó se sufre disputar, sinó tenerlo por ley, y verdad manifiesta, despues que los tres Estados del Reyno le tienen jurado en Cortes Generales por su Rey, y Señor natural, como lo hicieron en Tomar. Mas do que temos dito, e diremos, se colhe claramente, quaõ pouco fundamento tem, e quaõ sofisticas saõ estas razoens de Filippe, que na verdade se seguia logo depois da Senhora Dona Catharina, excluindo o Principe de Piamonte, e Duque de Saboya, por ser filho da Senhora Dona Isabel mais velha, que a Senhora Dona Brites mãy do Piamonte Saboyano. Posto isto: por muitas razoens tomou o neto da Senhora Dona Catharina o Reyno de Portugal a Filippe com muita justiça: e nem por serem muitas, fazem melhor causa. O ponto está em serem boas: e entaõ huma até duas bastaõ, e tres sobejaõ. As melhores neste caso se reduzem a quatro, que saõ Linha, Patria, Representaçaõ, Acclamaçaõ: e porque destas nascem outras, direy todas por sua ordem, e saõ as seguintes

RAZOENS

Da Senhora Dona Catharina

Contra Filippe.

I Razaõ. Porque este Reyno era devido ao neto, ou neta del Rey D. Manoel, que se achasse

em melhor linha: e entaõ só a Senhora Dona Catharina o estava, como filha legitima do Infante D. Duarte, que houvera de ser Rey, se vivera com a Infanta Dona Isabel mãy de Filippe, e preceder-lhe por varaõ, ainda que ella fosse mais velha. II Razaõ. Porque as Leys de Portugal prohibiraõ passar a Coroa a estranhos [como já dissemos, ou provámos das Cortes de Lamego] e entaõ só a Senhora Dona Catharina era natural deste Reyno. E que esta ley seja justa, prova se da ley natural; porque naõ ha couza mais natural, que governarem-se as communidades por seus naturais que lhes sabem os costumes, e inclinaçoens. Da ley Divina; porque no Deutoronomio mandava Deos ao seu povo, que naõ admittisse Rey estranho: *Constitues Regem, quem Dominus Deus elegerit de medio fratrum tuorum; non poteris alterius gentis hominem Regem facere, qui non sit frater tuus.* Deut. 17. Das letras humanas: os Garçoens diziaõ, que naõ estavaõ obrigados a obedecer a ElRey de Inglaterra, senaõ quando assistia entre elles. Sandoval na Historia dos Reys de Castella diz de Affonso VI. que elle naõ cazaria suas filhas com estrangeiros, se soubera, que naõ havia de ter filhos: e de seu neto filho de D. Ramon fazia pouco caso, por ser filho de estrangeiro: e naõ levava em paciencia, que faltasse em Castella a successaõ Real. O nosso Rey D. Affonso Henriques assentou com os Estados, e póvos, que na Coroa de Portugal naõ succedesse estrangeiro, nem se

admittisse a ella filho de filha, que cazasse fóra do Reyno; e em tempo delRey D. Affonso V. naõ quizeraõ os tres Estados, que fosse sua tutora a Rainha Dona Leonor sua mãy, por ser Aragoneza: e ElRey D. Joaõ III. teve feita ley para estes Reynos, em que naõ só excluîa os estrangeiros, mas tambem as femeas filhas dos Reys destes Reynos, por tirar as duvidas pertendendo algum Rey estrangeiro, ou outro cazado no Reyno succeder nelle; mas a Rainha Dona Catharina a estorvou pelo amor que tinha a Castella, estando para se promulgar. A este ponto atiraõ as leys deste Reyno, que prohibem terem officios publicos estrangeiros; e por isso ElRey Filippe jurou que os naõ daria senaõ a Portuguezes: e podiaõ os Reys Portuguezes fazer estas leys neste Reyno, naõ só por serem confórmes á ley natural, e divina, em semelhante caso, senaõ tambem, porque as punhaõ em couza propria que podiaõ dispôr com as condiçoens, que quizessem; porque ganharaõ á força do seu braço, e custa de seu sangue Portugal aos Mouros, que injustamente o possuîaõ, e assim como em bens proprios lhe puzeraõ as condiçoens, que se lêm nas Cortes de Lamego.

III. Porque só dispensando-se com a ley, que prohibia estranhos, podia ser admittido ElRey Filippe, a qual nunca se tinha dispensado: e havendo-se de entrar no Reyno com dispensaçaõ, mais direito tinha o Senhor D. Antonio para ser dispensado; porque álem de ser natural deste

Reyno, era filho de Infante varaõ, e só necessitava de dispensaçaõ na illegitimidade, que já em ElRey D. Joaõ o I. se tinha dado; e a razaõ de ter por sua mãy sangue Hebreu, naõ estava prohibida, nem isso nos Reys avulta: donde de *primo ad ultimum* a Senhora Dona Catharina só devia entrar na successaõ desta Coroa, por naõ ter necessidade de dispensaçoens por neta legitima del Rey D. Manoel, e Reyno. IV. Porque o beneficio da representaçaõ ha lugar na successaõ destes Reynos, assim como por Direito commum está concedido nas heranças, que se differem *ab intestado:* e prova-se porque está geralmente induzido por Direito em todas as successoens hereditarias, porque o filho he huma mesma couza com seu pay: e estes Reynos saõ herança do ultimo Rey possuidor: logo bem se segue, que ha nelles lugar á representaçaõ, assim como nas heranças, que se differem *ab intestado*. Confirma-se; porque tambem se admitte representaçaõ nos Mórgados, e bens vinculados *jure sanguinis:* logo tambem nos Reynos, posto que fossem *jure sanguinis;* porque foraõ instituidos pelos póvos, em quem se naõ póde considerar, que tivessem mas amor ao filho, ou irmaõ do Rey, por mais chegados, que ao neto, ou sobrinho, por mais remotos. Donde *Molina lib.* 3, *cap.* 7. *q.* 1. *n.* 28. tendo, que a successaõ dos Reynos se differe *jure sanguinis,* admitte o beneficio da representaçaõ. E a ley dispoem em Espanha, que o neto será preferido ao filho segundo do Rey; e

ha exemplos disto em Inglaterra, França, Ungria, Bretanha: e em Aragaõ fez ElRey D. Jaymes II. jurar por seu successor a D. Pedro seu neto, filho do Principe D. Affonso, sendo vivo o Infante D. Pedro seu filho segundo; e neste Reyno D. Joaõ o I. ordenou em seu testamento, que os filhos, e netos do Senhor D. Duarte seu primogenito precedessem ao Infante D. Pedro seu filho segundo; e ElRey D. Affonso V. ordenou o mesmo por sua Carta patente, escrita aos Estados, accrescentando, que o filho, ou filha do Principe D. Joaõ seu primogenito, sendo legitimos, herdassem o Reyno, e naõ filho segundo seu. Posto isto, bem se infere, que á Senhora Dona Catharina pertencia a Coroa deste Reyno, per representar a seu pay, que se vivêra, havia de ser Rey diante da Senhora Dona Isabel, que a perdia, ainda que mais velha, por ser femea.

V. Dado que em Portugal naõ houvesse ley, nem Ordenaçaõ expressa, que admitta representaçaõ na successaõ dos Reynos; ha com tudo ley, que o caso, que naõ estiver nas Ordenaçoens delle decidido, seja julgado pelas leys Imperiais; e se nestas naõ estiver, pelas Glosas de Acursio; e se nestas naõ estiver, por Bartholo, ou pela commum opiniaõ dos Doutores. E o caso presente da maneira que o resolvemos, ainda que naõ está na Ordenaçaõ deste Reyno, colhe-se do Direito Civil, e está determinado por Acursio, Bartholo, e os Doutores, e admittido, e praticado em Portugal, e muitos outros Reynos, como mostrámos.

VI. Porque as femeas pódem ser admittidas á successaõ dos Reynos de Portugal; e se prova, de que a successaõ destes Reynos se differe *jure hæreditario*, como herança do Rey ultimo possuidor: e consta confórme a Direito, que as femeas por testamento, e *ab intestado*, saõ admittidas ás heranças hereditarias, assim pela ley das doze Taboas, como pelo Direito novo dos Emperadores que se hoje guarda: e pois neste Reyno naõ ha ley, que as prohiba, claro está, que podem ser admittidas, assim como o saõ em todos os Reynos, e Estados da Europa, de que ha innumeraveis exemplos, que traz *Tiraquel. tom.* 1. *q.* 10. *á n.* 4. e assim está declarado em Portugal, e se colhe da doaçaõ feita ao Conde D. Henrique, e sua mulher Dona Theresa, que dizia: *Para elle, e seus successores.* E confórme a Direito esta palavra *(successores)* admitte tambem femeas, como a palavra *(herdeiros)* com a qual ElRey D. Affonso II. em seu testamento admitte a sua filha Dona Leonor, para lhe succeder no Reyno: e no Reyno do Algarve se prova particularmente da doaçaõ delRey D. Affonso o Sabio de Castella a ElRey D. Affonso o III. Conde de Bolonha seu genro, para seus filhos, e filhas para sempre. Destes exemplos ha muitos, o melhor me parece o da Carta, que ElRey D. Affonso V. escreveo aos Estados do Reyno, pela qual, quando entrou em Castella, determinou o modo, que se havia de guardar na successaõ destes Reynos, dizendo assim. *Se em algum tempo acontecer, o que Deos*

naõ mande, que o Principe, meu sobre todos muito amado, e prezado filho, faleça antes de meu passamento deste mundo, e delle fiquem filhos, ou filha legitimamente havidos, que aquelles, ou aquella herde os ditos meus Reynos de Portugal, e dos Algarves, e naõ outro algum meu filho, ou filha. De tudo o dito se colhe, que as femeas em Portugal saõ habeis para herdarem esta Coroa, e que a Senhora Dona Catharina naõ a podia perder por femea.

VII. Os Reynos herdaõ-se mais pelo direito hereditario, que pelo do sangue. Em Castella querem muitos que prevaleça o direito do sangue, e que fóra della tenha mais força o hereditario. Donde os Castelhanos pegaraõ do direito do sangue, para darem a Filippe o Reyno de Portugal: mas achando, que tambem por esta via tinha a Senhora Dona Catharina mais direito, pegaraõ do hereditario; e parece que os moveo o verem, que possuîa Filippe, Navarra, Leaõ, e Castella com direito so hereditario, e naõ ficava consoante occupar hum Reyno com direito contrario ao com que possuîa os outros. Donde se deve notar, que com o direito, que allegaraõ contra a Senhora Dona Catharina, perdiaõ os Reynos, que possuîaõ; e em qualquer dos direitos ficavaõ de peor partido, e a Senhora Dona Catharina de melhor condiçaõ.

VIII. Direito do sangue he aquelle, que vem por instituiçaõ antiga, que dispoz fosse correndo a herança pelos parentes mais chegados em sangue

ao instituidor, como se vê nos Morgados. Direito hereditario he aquelle, que sem attentar para as tais instituiçoens, dá a fazenda do defunto ao parente mais chegado, ou quem o tal defunto nomea. De maneira que no direito do sangue succede ao primeiro instituidor, e no hereditario ao ultimo possuidor; e se bem attentarmos em ambos estes direitos, estava a Senhora Dona Catharina diante del Rey Filippe: no do sangue, por vir por linha masculina, que he preferida á feminina, por onde ella vinha; e no hereditario, porque a instituiçaõ do nosso Reyno era, que se désse ao natural, como era a Senhora Dona Catharina, e naõ a estrangeiro, como era Filippe. E prova-se da causa; porque elegeo Portugal o seu primeiro Rey natural, que foy por se eximir do governo de Leaõ. E que este discurso, e opiniaõ esteja confórme a Direito, e razaõ, confirma Castella com semelhante caso, em que tirou a S. Luiz Rey de França a herança de sua Coroa, que lhe vinha por sua mãy Dona Branca, filha mais velha do Rey Catholico, e a deo aos filhos de Dona Berenguera mais moça, que assistiaõ em Castella.

IX. O Duque D. Joaõ, marido da Senhora Dona Catharina, era descendente por linha masculina do primeiro Rey de Portugal D. Affonso Henriques; e he certo que quando de alguma herança he excluîda a femea a favor de varaõ, naõ tem isto lugar, quando ella he cazada com agnado da mesma familia. Donde tambem por

esta cabeça de successaõ hereditaria vinha o Reyno á Senhora Dona Catharina; e só podia haver duvida entre o Duque D. Joaõ, e a Senhora Dona Catharina sua mulher, por terem ambos o direito do sangue, e serem agnados, e precedello ella em ser mais chegada ao ultimo possuidor, e elle a ella em ser varaõ: mas toda a duvida se solta no filho, que de ambos nasceo, o Senhor D. Theodosio, no qual se ajuntaraõ ambas as razoens, que se communicaraõ a seu neto El Rey D. Joaõ IV. o qual fundado nellas tomou posse pacifica do Reyno, que por pays, e avós lhe vinha direitamente. X. Faz muito pelo direito da Senhora Dona Catharina a força, e violencia, com que El Rey Filippe invadio este Reyno; e tomou posse delle; e já mostrámos, que a força em causas juridicas tira o direito a quem a faz: e esta se prova em Filippe; porque mandou declarar por rebeldes, e traydores, com privaçaõ de vida, e fazenda, a todos os que com opiniaõ mais que provavel trataraõ da defensaõ de sua patria, sem lhe terem jurado a elle, nem promettido fidelidade: e por este principio deo garrote secreto a immensos Religiosos, que mandou lançar no mar com pedras aos pescoços. E que fosse injusta, ou tyrannica esta violencia mostrou-o o Ceo, negando por muito tempo o peixe aos pescadores, que foraõ ao Arcebispo D. Jorge de Almeida queixar-se, que estava o mar excommungado, porque lançando muitas vezes as redes nelle, em lugar de peixes tiravaõ muitos corpos de Frades.

E foy assim, que mandando o Arcebispo absolver o mar com as ceremonias da Igreja, começou a dar pescado, e cessou a maldiçaõ, que melhor abrangeria a quem tal justiça executou. Mais fez para violentar naõ só os corpos, senaõ tambem as almas, que mandou a todos os Prelados Ecclesiasticos deste Reyno, que revogassem logo todas as licenças a todos quantos houvesse approvados para confessar, e prégar; e que as naõ concedessem de novo, senaõ aos que fossem conhecidos por de humor Castelhano; e que puzessem censuras reservadas, de que com nenhuma Bulla se pudessem absolver os que de palavra, ou por escrito significassem opiniaõ contraria á de Filippe. E disto tenho na minha maõ hum papel, ou Regimento, que já atraz toquey, digno de se imprimir pelas muitas cousas desproporcionadas, que contém, e por ser da maõ, e letra del Rey Filippe o Prudente, que nestes pontos mostrou, que o naõ era muito; pois mandava aos Prelados inferiores ao Papa, que revogassem os poderes das Bullas, e as licenças, que só os Summos Pontifices pódem tirar: mas como a pertençaõ principal era nulla, naõ ha que espantar, de que os meyos para ella fossem tudo nullidades.

XI. E porque de hum absurdo se seguem muitos, como diz o Filosofo, deste da fôrça, e violencia, se seguiraõ tantas injustiças, em que logo se desempenhou Castella, que menos bastavaõ para lhe tirar o direito, dado, e naõ concedido, que algum tivesse; e para corroborar o da Sen-

hora Dona Catharina, ainda que fosse fraco. Vinte e quatro Capitulos cheos de promessas, que Filippe jurou a este Reyno, quasi todos se quebraraõ, tendo no fim delles, que sendo caso, o que Deos naõ permittisse, nem se esperava, que o Serenissimo Rey D. Filippe ou seus Successores, naõ guardassem a tal concordia, ou pedissem relaxaçaõ do juramento, os tres Estados destes Reynos naõ seriaõ obrigados a estar pela dita concordia, e lhe poderiaõ negar livremente a sugeiçaõ, e vassallagem, e que lhe naõ obedecessem, sem por isso incorrerem em perjuro, crime de *lesæ Majestatis*, nem outro máo caso algum. XII. Admittindo nós as injustiças allegadas em commum, que logo mostraremos em particular; e dado, e naõ concedido, que a Real Casa de Bragança naõ tivesse a este Reyno o direito, que temos mostrado, estava o Serenissimo Duque, neto da Senhora Dona Catharina, obrigado a tratar do bem deste Reyno, por ser natural, e o mayor Senhor delle. Do bem da Republica póde tratar qualquer do povo, procurando seu augmento, e segurança: he ley certa deste Reyno, por ser opiniaõ de Bartholo, que naõ tem nisto quem o contradiga. He tambem certo em Direito, que quando hum Reyno está affogado, e opprimido com injustiças, tyrannias, e insolencias do Rey, que o possue, e de seus Ministros; que o Rey mais visinho he o seu protector, e a quem toca, e compete acudir-lhe: e com mais razaõ os Senhores Duques de Bragança, Condestaveis

deste Reyno, descendentes dos nossos Reys, podiaõ tomar á sua conta a liberdade da Patria, de seus parentes, e criados. Esta doutrina admittem até os Castelhanos, e he de todos.

XIII. Está hoje ElRey D. Joaõ o IV. em posse de boa fé; porque, dado que houvesse duvida no direito, ou violencia interposta de huma das partes, a resoluçaõ pertencia ao povo, que póde eleger por Acclamaçaõ, como elegeo o neto da Senhora Dona Catharina, usando de hum quasi postliminio no direito de eleger, que teve radicado do principio, e depois o transferio hereditario nos Reys; assim Portugal decidio a sentença, que o Cardeal Rey naõ deo, e que o Castelhano nullamente fulminou. XIV. Sobre este fundamento da Acclamaçaõ voluntaria tiveraõ outro os Portuguezes naõ menos forçoso, para renderem obediencia aos descendentes da Senhora Dona Catharina, e sacudirem o jugo de Castella; e foy o das injustiças, com que esta os governava: e prova-se ser bom em toda Europa; em Castella com o Rey D. Pedro, em França com Gilperio, em Suecia com Christierno, em Dinamarca com Herico, em Portugal com D. Sancho Capello, que foy excluîdo do governo por sua froxidaõ, e teve a seu irmaõ o Conde de Bolonha por seu substituto: com este titulo se livraraõ os Hollandezes, e se livraõ os Catalans, se levantou Napoles, se amotinou Secilia; e Portugal declarou por seu Rey, a quem por direito o era, para o governar, como natural sem tyrannias.

REPOSTA DELREY FILIPPE

Contra as razoens

DA SENHORA DONA CATHARINA

Com seu desengano.

I. REPOSTA contra a primeira razaõ. *Terrible caso* [diz Filippe] *qui quiten los Portuguezes un Rey Catholico, y tan buen Christiano como ellos, de su silla, y que se jacten, lo hazen con rason, colgandola de una linea, y que arrastren con ella mi potencia, y mi derecho tan bien fundado en igual grado con mi prima, a quien devia yo preceder por Varon, y mas viejo que ellas!* Mas esta reposta se desfaz, como nevoa á vista do Sol, com a ley, e razaõ da representaçaõ, que já descutimos. II. Contra a segunda. *Admito que podia Portugal hazer ley, que estrangeros nò le heredassen: mas niego que la hizo, y lo pruevo con exemplo de la Reyna de Castilla Doña Beatrìs, hija unica del Rey de Portugal D. Hernando; la qual por muerte de su padre fue jurada en Portugal por Reyna, y Señora suya; y confirmase con el Rey D. Manuel, quando heredò los Reynos, y Estados de Castilla en nombre de su hijo D. Miguel: y siendo poderosos para defenderse, lo recebieron amorosamente, nò obstante ser estrangero; y quando des-

pues los heredò el Archiduque de Austria, aunque era Aleman hizieron lo mismo: y que de la misma manera deve Portugal ser unido a Castilla. Mas estas repostas, e instancias tem facil resoluçaõ; porque a certeza da ley consta muito bem a Castella, que a sumio com as Cortes de Lamego, como fica dito: e a nós basta-nos a tradiçaõ por certeza, que se prova com muitos documentos. E a Rainha Dona Brites por isso a jurou Portugal; porque era natural, e logo a repudiou, porque se fez Castelhana: e se Castella admittia estrangeiros, era porque naõ tinha ley em contrario, como Portugal tem; e tambem porque os fazia naturais com a assistencia continua; e com esta faltou a Portugal, naõ pondo nelle pé, mais que para o opprimir, aggravando-lhe o jugo como estranho, e por isso com muita razaõ o sacudio.

III. *Que nò tenia necesidad de dispensacion en esta ley, porque era Portuguez, hijo de madre Portugueza, y se hizo Portuguez hablando la lengua de Portugal en sus Provisiones, y despachos, conservando las costumbres, y leyes de los Portuguezes; con Palacio Real en su Reyno, y Tribunales prometiendo asistir en él el tiempo necessario para ser tenido, y avido por natural, y nò por estraño.* Mas isto se bem o disse, mal o cumprio; porque nunca veyo a Portugal, mais que a tomar posse armado como inimigo, metendo presidios Castelhanos em todas as forças do Reyno, e Ministros Castelhanos nos Tribunais, armando a que todos fossemos Castelhanos; porque só assim tratava de ser natural nosso: e para

hum homem ser natural requer a ley deste Reyno, que seja nascido nelle, e que seu pay tenha nelle bens de raiz, e domicilio por dez annos continuos, e nada disto teve Filippe. IV. *Al punto de la representacion negamos ficciones, y chimeras de Legistas, y tomámos possesion por la realidad.* Mas já fica desenganado na reposta, que démos á razaõ quinta do seu Manifesto; álem dos exemplos, que na quarta razaõ da Senhora Dona Catharina de novo apontámos, que bem mostraõ quam praticada foy sempre a representaçaõ em todos os Reynos da Europa, e neste de Portugal muito particularmente, e estabelecida por ley.

V. *Que los Reyes, como Señores Soberanos, nò son sugetos a las leyes, que se hazen para governar inferiores, y que las pueden derogar, quando resultaren en daño de la Corona; que es la primera cosa, que se pretende conservar con el derecho.* E diz muito bem em Reys tyrannos, para os quais naõ ha ley, mais que a de sua vontade, confórme aquelle texto, que só elles guardaõ: *Sic volo, sic jubeo; sic pro ratione voluntas.* Mas devera advertir, que na opposiçaõ presente naõ fazia figura de Rey, ainda que o era, senaõ de filho da Senhora Dona Isabel, e como tal em figura de particular pertendia este Reyno, e naõ como filho de Emperador; por onde, ainda que era Rey, naõ lhe pertencia esta Coroa. VI. *Lo que toca, a que las hembras pueden ser admitidas a la sucesion de los Reynos de Portugal, lo admite todo en las hembras de la linea recta, y que lo niega en las colaterales, a*

quien preceden los varones, que se oponen en igual grado, y se prueva en Portugal de aquel Capitulo de las Cortes de Coimbra. Mórmente que de tal devido, como o dito D. Joaõ Henriques havia com o dito D. Fernando, he da parte das mulheres; que segundo costume, e ley de Espanha, dos filhos a fóra naõ pódem succeder em tal dignidade. Mas este argumento bem se vê que naõ vem a proposito; porque se tomarmos o texto como sôa, tambem a filha do ultimo possuidor naõ poderia herdar o Reyno, contra o que temos provado, e Filippe admitte. Donde só se entende dos parentes collaterais, que naõ descendem do Sangue Real dos nossos Reys, como naõ descendia D. Joaõ Henriques Rey de Castella, e por isso naõ devia succeder a ElRey D. Fernando, posto que fosse seu primo com irmaõ: porque este parentesco era por parte das mãys, que naõ descendiaõ dos nossos Reys.

VII. Que todos los Reynos tienen sus leyes, y derechos particulares, que en sus heredamientos observan; y que aviendo variedad en ellos, bien podia llevar unos Reynos por el derecho de la sangre, y otros por el hereditario. Mas escusando nós agora esta questaõ, que devolve muitas fallencias, satisfazemos com averiguar, que assim em hum direito como no outro, tinha a Senhora Dona Catharina mais justiça, como mostra a oitava razaõ do seu Manifesto. VIII. *Que ay tiempos de tiempos, y que ay leyes diferentes para diferentes Reynos: que Francia nò podia heredar Castilla, por-*

que tienen estas leyes, y privilegios, que lo vedan : y Castilla podia heredar Portugal, porque nò avia impedimento de ley, que se lo estorvasse. Mas a isto já dissemos, que temos leys, que naõ passe este Reyno a estranhos, e atraz na segunda razaõ do Manifesto da Senhora Dona Catharina ficaõ apontadas: e se as nega Filippe, tambem lhe negaremos as que allega contra França; e queremos que nos valha neste caso, se foy bom o estylo, que entaõ usou contra França.

IX. *Yo lo heredé, y lo compré, y lo conquisté. Yo lo heredé, porque me lo resolvieron muchos Doctores; y lo compre, para evitar repugnancias: yo lo conquisté, para quitar dudas. Y como lo heredado, comprado, y conquistado es, de quien lo heredó, compró, y conquistó : de la misma manera Portugal por todas as cabeças es mio, y nò de la Señora Catalina, que nò lo heredó, ni lo compró, ni conquistó como yo.* Diz bem que o herdou por dito de Doutores, que corrompeo com dadivas, e terrores. Mas naõ rendeo a opiniaõ do melhor de todos, como já tocámos no fim da reposta quinze ao seu Manifesto; e o mesmo Jurisconsulto referindo-se-lhe huma visaõ, que tivera huma pessoa louvada em virtude, que lhe mostrara Deos a alma de Filippe, passando do Purgatorio para o Ceo, respondeo, perguntando: Restituîo elle já Portugal á Senhora Dona Catharina? Pois em quanto lho naõ restituir, naõ creyo que está no Ceo. E este he o direito, que adquirio pela herança, compra, e conquista, que allega. Herdou o que lhe

naõ pertencia; comprou a quem naõ era dono, que pudesse vender; conquistou contra direito, e assim o ficou perdendo a tudo pelas mesmas tres cabeças, por onde jacta que se fez Senhor. X. *Al punto de la fuerça se dize, que* vim vi repellere licet. *Que una fuerça grande nò se deshace sinò con otra mayor.* E diz bem, que sentio grande força intrinseca no direito da Senhora Dona Catharina, porque força extrinseca naõ a havia nella: antes com paz, e socego se punha na razaõ, que Filippe naõ quiz admittir, nem ouvir; e por isso chamamos violencia á posse que tomou; com que na verdade perdeo todo o direito, que affectava.

XI. *Que tal juramento de guardar capitulos, y perder el Reyno, si nò los guardasse, responde, que nunca lo hizo, ni se mostrará autentico; y que lo prometido en las Cortes se cumpria, y quebrantava conforme a las conveniencias del tiempo, y buen govierno de las cosas, que nò pueden siempre mirar a un solo fin, que los Reyes pueden alterar para mejor govierno, y mayor provecho de sus Estados.* E falla verdade em dizer, que naõ está authentico o tal juramento, que fez nas Cortes de Thomar em Abril de 1581, porque o naõ deixou imprimir na Carta patente de confirmaçaõ dos vinte e quatro capitulos. Tralla porém impressa em Madrid o Autor da Ley Regia de Portugal fol. 129. E o certo he que naõ he mayor o poder nos Reys, para condemnarem por traydores os vassallos, que no promettido, e jurado lhes faltarem; que

nos mesmos póvos para lhes negarem a obediencia, e os excluirem quando os Reys lhes faltaõ com a palavra dada, e quebrantaõ o juramento de sua promessa. Está nos póvos a eleiçaõ, e creaçaõ de seus Reys, e nella contrataõ com elles haverem-nos de administrar em sua conservaçaõ, e utilidade. Donde todas as vezes, que os Reys lhes faltaõ, no que lhes prometteraõ de os defender, e conservar, os pódem remover, e negarlhes a obediencia, como Portugal fez a ElRey D. Filippe, depois de o admittir intruso, e violento. XII. Ridicula he a reposta, que Castella dá á XII. raza da Senhora D. Catharina; porque consta de opprobrios: *Llamandonos rebellados, prejuros, traidores, tiranos: y luego vendrá el Leon con sus garras invencibles a hacer justicia, y poner el derecho en su lugar y puncto, &c.* Mas bem claro fica do que temos discursado, a quem pertencem estas nomeadas, que mais se confirmaõ com as ameaças das novas violencias, que nos promette: e entre tanto nos consolemos com o que lá dizem em Castella: *Que del dicho al hecho vá gran trecho:* quanto mais, que onde as daõ: e naõ ha pé, que naõ ache forma de seu çapato.

XIII. *Niega Phelipo estar el pueblo en possesion de eligir Reyes; porque nò tenian mejor privilegio de eligir Rey en Portugal, que en los otros Reynos de Hespanha, los quales son de sucesion, en quanto vive descendiente legitimo de la familia Real; y en esta parte tiene Portugal menor libertad, que los otros*

Reynos ; porque procede de donacion de los Reys de Castilla, y de conquista de los Reyes de Portugal: y como el pueblo nò diò el Reyno, no puede aver caso, em que sea posible eligir. Bem está: assim he. Mas nas duvidas naõ ha duvida, que tem o povo direito para as decidir, quando naõ ha, quem as resolva limpamente, e se sente offendido : porque se haõ no tal caso os Reynos como vagos, e reduzidos ao primeiro principio natural de sua instituiçaõ antes de terem Reys, em que os póvos pódem eleger quem quizerem : e bem se prova, que os de Portugal nunca quizeraõ a ElRey Filippe; pois nunca lhe deraõ hum viva, como notaõ até seus Chronistas, nem na mayor pojança do horrendo triunfo, com que entrou pela rua Nova de Lisboa. E vimos as acclamaçoens de vivas, com que ElRey D. Joaõ o IV. foy sublimado ao Throno, para desengano do mundo todo, que sabe muito bem, que a concorde, e voluntaria acclamaçaõ dos póvos he o melhor titulo, que ha para reynar; porque assim se instituîraõ os Reynos, e fizeraõ os primeiros Reys. Donde havendo duvida entre herdeiros, e oppositores a huma Coroa, o melhor direito, que ha para as decidir, he a vontade do povo, que primeiro fez os Reys.

XIV. Finalmente responde Filippe: *Que nò se pueden presumir tiranias de un Rey, Catholico, ni injusticias de un Monarcha tan poderoso, que de nada necesita, para ajustarlo todo, dando medio com suavidad a lo violento, y salida facil a lo dudoso.*

E diz bem; porque em duvida, de todos os Reys se ha de presumir bem: mas quando as cousas saõ evidentes, naõ ha escusa, que as livre. A evidencia das injustiças, que Castella usou com Portugal sessenta annos, que o teve sugeito, mostrará o capitulo seguinte: e neste damos fim aos Manifestos de huma, e outra parte; em que ficaõ averiguadas, e bem manifestas as unhas de Portugal, e Castella; e bem curto de vista será, e bem cego de paixaõ, quem com a luz destas verdades naõ vir, que Portugal naõ tem unhas, e que Castella sempre as teve, e para este Reyno muito grandes.

CAPITULO XVII.

EM QUE SE RESOLVE, QUE AS UNHAS DE CASTELLA SAÕ AS MAIS FARPANTES POR INJUSTIÇAS.



DO que temos dito fica assás claro, que Portugal nunca teve unhas para furtar, e que Castella sempre usou dellas. E porque póde haver, quem naõ alcance tantas razoens; assim porque sendo muitas confundem, como porque ha corujas, que naõ vêm luz, poremos aqui huma demonstraçaõ taõ clara, que todos a vejaõ até com os olhos fechados, e a entendaõ, ainda que estejaõ dormindo. Cesteiro, que faz hum cesto, fará cento, diz o proverbio. E se isto he verdade, como o he; mais o será, se dissermos: Cesteiro

que faz hum cento de cestos, quero dizer de furtos, he mais que certo; e naõ he necessario para os provar, trazermos aqui Cétros, nem Coroas, como a de Navarra, de que se intitula ainda Rey o Francez; nem Milaõ, que o mesmo appellida por seu: nem Napoles, sobre que fulmina o Papa, que lhe pertence: nem Castella, e Leaõ, sobre que reclamaõ hoje os Lacerdas em Medina Cæli: nem Secilia, que tem Senhor, que a naõ logra por falta de poder: nem Aragaõ, que lá tem no seu Limoneiro o direito, que o certifica da violencia que padece, nem os mais: que se com estes se forem para seus donos, ficará Filippe como a gralha de Hisopete. Naõ nos he necessario discorrermos por Reynos alheos, dentro no nosso daremos pilhagens aos milhares, em que ensanguentou tanto suas unhas Castella, que bastaõ, para provar, que as tem muito grandes; e que naõ repararia em levar este Reyno de hum golpe, sem ser seu; pois naõ reparou em o desbalijar por partes, depois de o possuir com unhas tyrannicas. Das injustiças nasce a tyrannia, naõ para estar ociosa, mas para obrar mais injustiças. E he assim que os Autores a dividem em duas, quando a definem. A primeira se dá, quando se occupa hum Reyno com violencia contra as leys. A segunda, quando o Rey o governa contra as mesmas leys. A primeira, manifesta fica nos dous Manifestos, e em suas respostas. A segunda, se manifestará nas injustiças seguintes:

Quando Portugal passou para Castella, hia

aperfeiçoando suas Conquistas com novos modos de tratos, que se descobriaõ; hia-se ampliando, e propagando nossa santa Fé. Tudo parou logo, e com o tempo foy tornando para traz. Tinhamos poderosas armadas, immensas armas, muita gente destra para tudo; quasi de repente, e sem o cuidarmos, nos achámos sem nada. Pôz-nos mal Castella com todas as Naçoens: com que se diminuîo o trato, as rendas das Alfandegas faltaraõ, as mercadorias encareceraõ; os estrangeiros naõ podendo vir a nossos pórtos buscar nossas drogas hiaõ buscallas a nossas Conquistas, lançandonos dellas; porque naõ tinhamos forças para lhes resistir; e ainda que tinhamos os antigos brios, faltavanos a direcçaõ do governo, e o cabedal, que nos devorava Castella. Capitulou por vezes pazes com os Hollandezes da Linha para o Nórte, deixando fóra dellas o que fica para o Sul, onde cahe o principal de nossas Conquistas, como quem se naõ doîa dellas. Deu licença a estrangeiros para hirem commerciar a nossas Conquistas com grande perda, assim de particulares nossos, como das rendas Reaes: e no anno de 1640, mandou publicar nos Estados de Flandes obedientes, que podiaõ livremente navegar a quaesquer pórtos nossos: e mandou, que as nossas bandeiras variassem de côr, para se differençarem das suas. Diminuiraõ-se as náos da India; despachavaõ-se taõ tarde, que arribavaõ; proviaõ-se taõ mal, que pereciaõ; e as que vinhaõ, governavaõ-se de modo, que davaõ á

costa: até as armadas naõ logravaõ effeitos, por má direcçaõ; e as que nos mandavaõ fazer, e preparar a titulo de acodirem a nossas Conquistas, feitas, as tomavaõ para as de Castella, e lá pereciaõ. A gente, que cá se alistava, mandavaõ, que cá se buscasse o dinheiro para a pagarem; e o mesmo para as armadas, com que os hiamos servir. As nossas Fortalezas andavaõ taõ mal providas, que as tomavaõ os inimigos, como se vio na Bahia, Pernambuco, Mina, Ormuz, &c. Tomaraõ-nos mais de sete mil pessas de artelharia: e huma vez se viraõ na Ribeira de Sevilha mais de nove centas pessas de bronze com as armas de Portugal. Tomaraõ-nos todos os galeoens, galés, e armadas; de que resultou ficarem nossos mares saqueados, e naõ escapar embarcaçaõ nossa; até os pescadores nos tomavaõ os Mouros: até os direitos, e fintas particulares, que os homens de negocio davaõ para fabrica de armadas, que os defendessem, incorporaraõ em si; e comiaõ-nos os ordenados das galés sem as haver; e tudo, quanto adquiriamos de armas, tomavaõ para Castella. Dizem que nos acodiaõ com suas armadas, como se vio na restauraçaõ da Bahia. Respondemos que o fizeraõ para assegurarem as suas Indias, e que se pagavaõ muito bem. E pelo contrario, quando nós os ajudavamos, que era mais vezes, sempre foy á nossa custa, como se vio na nossa armada, que foy a Cadiz no anno 1637. Os serviços da nossa Coroa feitos á de Castella, pa-

gavaõ-se com premios de Portugal, e os serviços feitos á nossa Coroa nunca tinhaõ premio. Com isto, e com as continuas levas de gente de mar e guerra, para as emprezas de Castella, ficavaõ as nossas desamparadas, e se perdiaõ. Mandavaõ obedecer nossas armadas ás suas Capitanîas, e Almeirantas contra nossas fóros; com que nenhum homem de bem queria servir, por naõ perder honra.

Tinha Portugal privilegio antigo, que se lhe naõ poria tributo, senaõ admittido em Cortes; e jurando Castella de nos guardar todos, nos pôz a titulo de regalîa sem Cortes o real dágua, accrescentou a quarta parte das cizas no sal novos, e intoleraveis tributos em Castelhano, e sobre as caixas de açucar. Incorporou-se na fazenda Real o rendimento das terças dos bens dos Concelhos, que os póvos concederaõ para fortificar muros, e Castellos. Faziaõ estanques de muitas mercadorias, com que obrigavaõ o Reyno a comprar o peor, mandando para fóra o melhor. Andava isto de tributos taõ desaforado, que se atreviaõ os Ministros a lançalos sem ordens Reaes; como o das barcas pescadoras, que obrigaraõ em Lisboa a hir registar ás torres, para pagarem novas imposiçoens, álem das muitas, que já tinhaõ. Quizeraõ introduzir neste Reyno a moeda de Belhaõ, os despachos em Castelhano, o papel sellado, e nos Concelhos de Madrid naõ nos queriaõ despachar senaõ nelle. Meteraõ os roubos de contrabando, e levavaõ

para Castella o procedido delle; naõ se despendendo o seu em cousa alguma de Portugal. O tributo do bagaço da azeitona, quem ha que o naõ julgasse por tyrannico, álem de ridiculo: e ainda mais ridiculo o das maçarocas, cujos executores apedrejaraõ as mulheres no Porto. A violencia das meyas anatas, que se pagavaõ até de titulos vaõs, e fantasticos, e inuteis, e do que era devido por justiça. Fizeraõ praticar neste Reyno cousa nunca vista entre Portuguezes, venderem-se a quem mais dava os officios, que antigamente se davaõ de graça, sem olharem se as pessoas eraõ dignas. E porque as indignas saõ as que por dinheiro sobem aos officios, ficava a Republica mal servida, e perturbada: o sobir sem meritos, e o naõ cahir por erros igualmente se vendia. Faziaõ jurar na Chancellaria, os que compravaõ os officios, que nada davaõ por elles, nem os que pertendiaõ por interposta pessoa: prohibiaõ ás partes virem com embargos a tais provimentos, e se alguem dava mais pelo officio já comprado, lho largavaõ sem restituirem o dinheiro ao primeiro comprador, a quem satisfaziaõ com que apontasse, e pedisse outra cousa. Vendiaõ Habitos até a gente indigna delles e pertenderaõ inventar novas honras, para as vender, e habilitar com ellas gente infame ás mayores. Dos Nobres tomaraõ grandes pedidos; e dos que possuîaõ bens da Coroa a quarta parte; negaraõ os quarteis das tenças, e dos juros era muito ordinario. Obrigavaõ os Nobres, Communidades, e Prelados,

que déssem soldados vestidos, armados, e pagos á sua custa, para fóra do Reyno. Ultimamente pertendiaõ tirar de Portugal toda a nobreza, todas as armas, e forças para a guerra de Catalunha; para o obrigar assim exhausto, desarmado, e sugeito ao que quizessem. Avaliaraõ as fazendas de todos os Portuguezes, para as quintarem: mas amotinou-se Evora, resistiraõ os póvos de Alem-Tejo, e logo todo o Reyno; com que cessaraõ outros muitos tributos, de que estavaõ já provisoens pelas Comarcas. Cresciaõ as rendas Reaes com tributos por huma parte, e por outra multiplicavaõ-se as perdas: destruîa-se a Monarquia, e tudo se gastava em appetites: faltavaõ as armadas, e nos tanques do Retiro navegavaõ baixeis. Triunfando os Hollandezes de Espanha pelas companhias, que contra ella levantavaõ; a da nossa India se consumio, e desappareceo, sem os póvos receberem ganho, nem se lhes restituir se quer, o que lhes tinhaõ feito contribuir, nem se tomar conta aos Ministros, que o devoraraõ. As necessidades, em que nos punhaõ com este modo de governo, tomavaõ por achaque de novas imposiçoens para as remediarem; do castigo faziaõ remedio, para que até o remedio fosse castigo.

Os Juizes Castelhanos julgavaõ, e sentenceavaõ os Portuguezes, que se achavaõ em Castella; e elles tinhaõ em Portugal Juizes Castelhanos. Chamavaõ a Madrid as demandas dos Portuguezes; commettiaõ-nas a Juizes Castelhanos; e

se alguem resistia a isto, era punido. Quando se lhes devaçava de algum caso commettido neste Reyno por Portuguezes, e Castelhanos; pagavaõ tudo os Portuguezes, se sahiaõ culpados, e os Castelhanos eraõ remittidos a seus Juizes, que sempre os absolviaõ livres de culpa, e pena. Inventaraõ huma companhia de S. Diogo, onde se matriculavaõ com quantos delles descendiaõ; para que gozando dos privilegios de izento, se naõ extinguisse o nome Castelhano, antes se augmentasse entre nós, e fosse mais estimado, e appetecido. Punhaõ olheiros Castelhanos nas nossas Alfandegas, naõ os havendo Portuguezes nas de Castella em nosso favor, sendo hum Ministro Castelhano tido por menos limpo de mãos, que cem Portuguezes: e applicava-se a hum só delles mais ordenado, que a todos os Ministros nossos do Tribunal, em que se punhaõ, e se lhes pagava desta Coroa. Faltaraõ-nos com as promessas de nos libertar nos direitos dos Pórtos secos; e com outras mil de huns, e outros, que naõ conto. Levaraõ para Castella o provimento dos Corregedores, Provedores, e Juizes do primeiro banco, para os fazerem dependentes, e os divertirem para lá: tudo contra o promettido, e jurado. Faltou-se á Real Casa de Bragança com algumas preeminencias, e cortezias devidas á sua grandeza, e concedidas por Reys passados. Entregaraõ o menêo deste Reyno, e seu total governo a dous Ministros, cunhado, e genro, que correspondendo-se hum em Madrid, e outro em Lisboa, com intel-

ligencias diabolicas, nos tyrannizavaõ. Puzeraõ por Vice-Rey a Duqueza de Mantua estrangeira, e que naõ era parenta do Rey no gráo, que se requeria para tal governo; puzeraõ-lhe Collateraes, e Conselheiros Castelhanos, que se naõ doessem de nós dependentes, para que sugeitassem seus votos. Fizeraõ que todos estes votos fossem fechados, e secretos, para que se pudesse attribuir aos tais votos tudo, o que tyrannicamente ordenassem. Assim se fizeraõ os dous sobreditos, cunhádo, e genro, como o valîdo, senhores absolutos. Disse o Rey Filippe hum dia ao Conde Duque a solas: *Que haremos con estos Portuguezes? Nò acabaremos con ellos de una vez?* O valîdo, que fabricava fazernos Castelhanos, e Provincia, para assim nos extinguir, respondeo: *Dexe V. Magestad esto a mi cuenta, que yo se le daré buena dellos.* Manifestou isto hum Grande, de quem entaõ se naõ acautelaraõ pela desestimaçaõ da idade.

Assim se portava Castella com Portugal no governo temporal, e menêo da Politica de seus Estados. E que direy do que obrou contra o governo espiritual, e Ecclesiastico? Nas duvidas, que se moviaõ com os Colleitores, se dávamos sentença em favor da Igreja, eramos privados por Castella dos cargos; se contra ella, deixavanos estar excommungados, e com interditos, sem remediar nada, para que naõ só os corpos, senaõ tambem nossas almas padecessem. Tiravaõ dinheiro das pessoas Ecclesiasticas com espe-

ranças, que lhes davaõ dignidades: nem tiveraõ pejo de provocar os Bispos com cartas, que ao que mais désse, levantariaõ com mayores honras, e dignidades. Naõ se tinha por illicito, nem indecente, o que trazia comsigo algum lucro: e daqui vinha darem-se os premios da virtude á maldade, porque tinha esta dinheiro, com que os comprava. Os depositos das Ordens militares, que resultavaõ das cõmendas vagas, consumiaõ-se em usos profanos contra os Breves Apostolicos. Promettiaõ-se as cõmendas, antes de vagarem. Os rendimentos das Capellas, os legados pios, e até das Missas das Almas se tomavaõ a titulo de emprestimo; e a restituiçaõ eraõ em tres pagas, de tarde, mal, e nunca. As Capellas eraõ premio, de quem as accusava, e ficavaõ as Religioens perecendo, e as Almas do Purgatorio sem suffragios penando. E porque o colleitor Castra Cani resistio a isto, como Ministro fiel da Igreja, foy prezo, arrastado, e desterrado com grande affronta de todo o Estado Ecclesiastico, e escandalo da gente Catholica. Da residencia dos Prelados nenhum caso se fazia, gastando-os em ministerios temporais com grande damno espiritual de suas ovelhas. A Bulla da Cruzada se applicava a outros usos fóra da defensaõ de Africa, para que foy concedida: até das rendas da Igreja tomavaõ subsidios, e mezadas: para alguns pediraõ Breve, allegando que os póvos queriaõ, sendo assim, que reclamaraõ sempre. Multiplicavaõ as provisoens das Mitras, com que

hia muito mais dinheiro para Roma, e elles multiplicavaõ as simonias.

E eu tenho dado conta das injustiças, e roubos, que Castella executou em Portugal; e porque estou já rouco de repetir tantos, deixo muitos mais, e concluo com a minha consequencia, de que, quem tal fez, que naõ faria? Quem teve unhas taõ farpantes para destruir hum Reyno, que appellidava seu, peores as teria para o agarrar, ainda que lhe constasse, que era alheo. E em conclusaõ: Castella se tem havido em tudo com Portugal taõ desarrezoada, e cruel, que lhe pudera dizer Portugal, o que na Ilha de Cuba disse hum Indio Regulo Cacich chamado Hatuey, atormentando-o Castelhanos, queimando-o vivo com fogo lento, para que lhes désse ouro: cathequizava-o hum Religioso de S. Francisco neste estado, e tendo-o já reduzido a receber o bautismo, para hir ao Ceo: perguntou, se hiaõ lá Castelhanos? E respondeo-lhe o Religioso, que sim; disse, que naõ queria receber o bautismo, nem hir ao Ceo, por naõ ver lá taõ má gente Fr. Bartholomeu das Cazas Autor Castelhano, e da Ordem dos Prégadores, refere este exemplo com outros muitos das crueldades, que usaraõ em Indias: e nós dizemos, naõ tanto como este Regulo, mas pelo menos, que naõ queremos neste mundo trato, nem commercio com tal gente; e assim me despido della, e de suas unhas para continuar na emenda das que nos tocaõ.

CAPITULO XVIII.

DOS LADROENS, QUE FURTAÕ COM UNHAS PACIFICAS.

AS Republicas, que lograõ muitos annos paz, naõ ha duvida, que com a ociosidade se fomentaõ, e criaõ vicios; porque saõ como as charnecas, onde, porque nunca entra nellas a fouce roçadoura, tudo saõ malezas. Mal grande he a guerra, mas traz hum bem comsigo, que traz a gente exercitada, e divertida de alguns males mais perniciosos, e hum delles he o de furtos domesticos. E daqui vem naõ haver no tempo da guerra tantos ladroens formigueiros, nem de estradas, como no da paz; porque os que tem inclinaçaõ a furtar, applicaõ os damnos ao inimigo, onde naõ temem castigo, e deixaõ a sua Republica illesa. Mas como naõ ha estado, nem tempo, que escape desta praga mais, ou menos, todos os tempos tem unhas, que os infestaõ, assim na paz, como na guerra; desta diremos logo: da paz digo agora, que naõ estou bem com ladroens, que furtaõ metendo espingardas no rosto, desparando pistólas, esfolando caras, como o ladraõ Gayaõ, e o Sol Posto, que sahiaõ ás estradas mais para matar, que para roubar. Mais humanos saõ os que, com boa paz, saudando a gente lhe pedem a bolça por bem para seu mal. Tal foy aquelle, que na

charneca de Aldêa Galega pondo chapéos pelas moutas com páos, que pareciaõ espingardas de longe, pedia ao perto aos passageiros com cortezia da parte daquelles senhores, que lhes fizessem mercê de os soccorrer com o que podessem : e assim davaõ quanto traziaõ, para que os deixassem passar em paz : e tais eraõ os que em tempo de Castella pediaõ donativos pelas portas a titulo de soccorros, e emprestimos, sem nos porem os punhais nos peitos : mas quem naõ dava até a camiza, quando outra cousa naõ tivesse, sempre ficava temendo o tiro, que fere ao longe. Pedir esmola com potencia, he pedir soccorro nas estradas publicas com carapuça de rebuço ; e armas á destra, he querella levar por força, e com unhas pacificas. Outro houve taõ pacifico, que fazia exhibir aos passageires o dinheiro, que levavaõ : e logo lhes perguntava, para onde hiaõ ? E lançando as contas ao que lhes bastava para a jornada, isso lhes restituîa, com nunca Deos queira que vossas mercês lhes falte o necessario para seu caminho, e com o mais ficava. Tres furtaraõ em huma feira de maõ commum outras tantas pessas de panno de linho, duas com trinta varas cada huma, e a terceira de trinta e seis. Ficou-se hum com esta, por ser o capatáz, e deu aos companheiros as outras, a cada hum sua : acharaõ-se defraudados nas seis varas, que levava de mais, e arguiraõ-no, que naõ guardava igualdade, nem justiça, com taõ fieis companheiros. Respondeo que tinhaõ razaõ, e que naõ era elle

homem, que se levantasse ás mayores com o alheo; e partindo as seis varas deu a cada hum duas dizendo: Ajude Deos a cada qual com o que he seu *pro rata*. Taõ pacificas como isto tinha este ladraõ as unhas. Por mais pacificas tenho as unhas dos que passeando em Lisboa vencem praças nas fronteiras; podemo-los comparar com as rameiras, que cheirando a almiscar, e fazendo praça de lizonjas, e afagos, estafaõ as mais inexpugnaveis bolças, e escorchaõ os mais privilegiados depositos.

Naõ sey se pertencem a este Capitulo as piratagens, que se usaõ por esses Almoxarifados, e Alfandegas de todo o Reyno nos pagamentos dos juros, tenças, e mercês, que sobre as rendas Reaes se carregaõ. Vaõ os acrédores pedir os quarteis a seu tempo, e a resposta ordinaria, que achaõ he: Naõ ha dinheiro: e com este cábe poem de ré até aos mais poderosos requerentes: mas se apertados da necessidade, que naõ tem ley, promettem a ametade do quartel, ou a terça parte, logo lhes sobeja, e vos despachaõ, passando-lhes vós provimento, ou escrito, de como recebestes tudo; e assim o carregaõ na despeza, tirando para si do recibo as resultas, com que se guarnecem em bella paz livres de demandas, e contendas. Bem conhecido foy nesta Corte hum homem honrado, que se fez dos mais ricos della pela maneira seguinte: Lançava nas rendas Reaes sempre mais que os outros, e por isso sempre as levava: mas punha no contrato huma

clausula, de que naõ se fazia caso, porque pagava adiantado, e era de muita importancia para elle, que lhe haviaõ de aceitar nos pagamentos a terça parte em papeis correntes. Divulgava logo, que quem tivesse dividas para cobrar delRey, que viessem ter com elle, e que á vista lhas pagaria, se fossem de receber os creditos dellas. Choviaõ-lhe em casa os acrédores, que sempre os ha desesperados de nunca cobrarem, porque a fazenda Real he parte rija: via-lhes os papeis, marchava em todos: concertava-se por fim de contas, que lhes daria a ametade; e tais havia, que por cem mil reis lhe largavaõ papeis liquidos de mil cruzados, e por mil cruzados lhe largavaõ facilmente dous contos; e por esta arte taõ quieta, e pacifica, sem se abalar de sua casa, veyo a medrar mais, que os que levaõ grossos cabedais ao Brasil, e navegaõ com grandes riscos á India.

Venha aqui o Duque de Lerma, que com grande valimento, e mayor paz governou a Monarquia de Espanha por muitos annos, livrando todos seus Estados de muitas guerras. A traça que tomou para taõ louvavel empreza, foy de furtar hum milhaõ á Coroa com approvaçaõ do Rey todos os annos, e este despendia em peitas, com que comprava o segredo de todos os Reys, Principes, e Potentados da Europa. Tinha em todas as Cortes de sua maõ hum Conselheiro, que lhe correspondia com os avisos de tudo, o que se tratava; e a cada hum dava por isso cincoenta mil cruzados, que era muito boa propina. Corriaõ estes

cannos muito occultos; e tanto que tinha assopro, que se maquinavaõ guerras, logo lhes divertia a agua com cartas, e embaixadas a outro proposito taõ bem armadas, que desarmavaõ tudo, apagando temores, extinguindo suspeitas, e grangeando de novo amizades: tanto monta a destreza, e ardil de hum bom Ministro, sagaz, e prudente! E assim dizia este ao seu Principe: Senhor as cousas levadas por mal, arrebentaõ em guerras, e levadas por bem, florecem com paz. Hum anno de guerra gasta muitos milhoens de dinheiro, abraza muitas fazendas de particulares, extingue muitas vidas dos vassallos: e a paz sustenta tudo em pé, saõ, e illeso: e com hum milhaõ, que se gasta cada anno em peitas, compramos este bem taõ grande, e nos livramos dos gastos de muitos milhoens, e das inquietaçoens, que traz comsigo a guerra. Neste passo me pergunta o curioso Leitor: aonde estaõ aqui as unhas pacificas? Perguntastes bem: mas reponderey melhor: que estaõ nos Senhores Conselheiros, que gualdriparaõ o milhaõ a cincoenta mil cruzados cada hum, vendendo por elles o segredo dos seus Principes, que he huma joya, que naõ tem preço; porque depende delle o augmento dos seus Estados, que muitas vezes se apoya na execuçaõ prompta de huma guerra justa. Mas podemos-lhe dar escuza nas consequencias da paz, que sempre he mais proveitosa para os póvos; cujo bem, e conservaçaõ deve ter sempre o primeiro lugar nos discursos de todo o bom governo, se naõ trouxer comsigo mayor

perda, como a com que nos enganou Castella. Alguns Estadistas tiveraõ para si, que fora grande ventura passar a Coroa de Portugal a Castella pela paz, com que nos conservava sua potencia dentro no Reyno. He verdade, que naõ entraraõ cá inimigos com exercitos, que nos inquietassem o somno: mas lá lavrava ao longe a concordia inimiga, e como lima surda nos hia gastando, e consumindo, sem darmos fé do damno, senaõ quando já quasi que naõ tinha remedio. Deos nos livre de tal paz: paz fingida he peor, que guerra verdadeira, e esta he melhor; porque a boa guerra faz a boa paz. A boa paz he a melhor droga, que nos trouxe o commercio do Ceo á terra, e como tal a applaudiraõ os Anjos em Belém depois da gloria de Deos: e por isso he bem que digamos os frutos della, e os documentos, com que se grangea.

CAPITULO XIX.

PROSEGUE-SE A MESMA MATERIA, E MOSTRA-SE, QUE TAL DEVE SER A PAZ, PARA QUE UNHAS PACIFICAS NOS NAÕ DAMNIFIQUEM.



OFFICIO do Principe he procurar, que seus vassallos vivaõ em paz: e por isso quando o juraõ, leva na maõ direita o Sceptro, com que ha

de governar o povo em paz. Os Romanos traziaõ o anel Militar na maõ esquerda, que he a do escudo, para denotar, que as Republicas bem governadas tem mais necessidade de se defenderem, para conservarem a paz, que de offenderem a outros para acenderem guerras. O alvo de todo o governo politico deve ser sempre a paz; porque a guerra he castigo de peccados: e assim se devem considerar sempre as causas, que houve para se romper a paz; e tratarem de as reparar. Para ser firme a paz haõ de procurar, os que a fazem, de terem a Deos propicio: e tello-haõ, se lhe pedirem, que lhes dê juizo, e entendimento para administrar justiça. Será a paz de dura, se as condiçoens della forem honestas, e se se assentar com vontade verdadeira sem enganos. Melhor he a paz com condiçoens honestas, que guerra perigosa com interesses incertos. Os Lacedemonios, e Athenienses diziaõ: Prouvesse a Deos que nossas armas estivessem sempre cheas de têas de aranhas. Quem trata de paz, se a naõ puder concluir, faça pelo menos treguas; porque por meyo das treguas se alcança muitas vezes a paz; porque daõ tempo a se considerarem, e alcançarem de ambas as partes os inconvenientes da guerra: e deve-se advertir, se quem pede a paz he gente de sua palavra: e quem está vitorioso deve concedella, porque se lhe admittem mais facilmente as condiçoens que quer. A guerra faz-se para ter paz, e por isso he melhor sempre admittir esta, que fazer aquella. As con-

diçoens da paz saõ de grande momento para ser de dura. Os Romanos na paz, que fizeraõ com os Carthaginezes, puzeraõ-lhes por condiçaõ, que lhes entregassem a armada, que tinhaõ : puzeraõ-lhe o fogo, e ficaraõ todos quietos. Ninguem se deve fiar muito na paz feita com inimigo porfiado ; porque a malicia, e a ambiçaõ com pretexto de paz se valem de enganos, e cautelas, peores que a guerra : e por isso o Principe prudente no tempo da paz naõ deve deixar os ensayos da guerra, e exercicios militares : nem que os seus vassallos se dém ao ocio, e regalos ; porque, como diz Tito Livio, naõ fazem tanto damno á Republica os inimigos, quanto fazem os regalos, e deleites. Na mayor paz ter as armas, e armadas prestes enfrêa os inimigos. Paz desarmada he mais arriscada, que a mesma guerra. Naõ estaõ ociosos os galeoens no estaleiro, nem as armas com bolor nos armazens : dalli sem se moverem, estaõ reprimindo os impetos do inimigo, que se acanha só com cheirar, que ha de achar resistencia. O Emperador Justiniano tem, que os Principes haõ de estar ornados com as armas da guerra, e armados com as leys da paz, para governarem bem os póvos, que tem a seu cargo. Começa a ruina de huma Republica com o desprezo das leys, onde acaba o exercicio das arnas. Quando Xerxes rendeo Babylonia, naõ matou, nem cativou, os que lhe resistiraõ : mas so mandou para se vingar delles, que naõ exercitassem mais as armas, e que se occupassem em tanger, cantar, e

dançar, e em serem jograis, e taverneiros; e com isto conseguio, que a gente daquella Cidade taõ insigne no mundo fosse vil, e fraca. Tal foy a paz, que o governo de Filippe trouxe a Portugal com o perdaõ geral, que deu a todos os que lhe resistiraõ: e houve Estadistas taõ sabios, que tiveraõ isto por felicidade.

Da maneira que os corpos, e substancias terrestres nascem, crescem, e morrem; e quando naõ tem de fóra quem os gaste, dentro em si criaõ quem as consome: assim as Republicas, quando naõ tem inimigos de fóra, dentro em si criaõ quem as destroe. Dizia o Emperador Carlos V. que da maneira que no ferro nasce a ferrugem, que o gasta, se o naõ usaõ, e no páo o gurgulho, que o come, se o naõ movem, e até o mar se corrompe em si mesmo, onde lhe faltaõ as marés que o abalem; assim nas Republicas nascem bandos, e dissençoens, que as inquietaõ, e consomem, se com a paz deixaõ entrar nellas a ociosidade. O Principe dos Filosofos no cap. 7. lib. 5. da sua Politica adverte tres cousas partos da ociosidade, que assolaõ as Republicas. Primeira: admittirem-se poucos ao governo, havendo muitos dignos. Segunda: excluîrem os ricos viciosos aos pobres virtuosos. Terceira: levantar-se hum valîdo com o menêo de tudo. De tudo resulta, que com tyrannia se izentaõ, com ambiçaõ roubaõ, e com soberba atropelaõ os inferiores: e fazendo-se odiosos movem revoluçoens, como em nuvem prenhe de exhalaçoens, que naõ socega, até que

naõ arrebenta com trovoens, e rayos, assolaçoens, e ruinas. Plataõ diz, que a Republica ociosa cria muitos pobres, que logo daõ em ladroens, e sacrilegos, mestres de maldades. Convém que assim como as abelhas naõ consentem zangaõs na sua Republica; assim os que governaõ a nossa, naõ devem consentir gente ociosa exposta a vicios, novidades, e inquietaçoens. Aristoteles, que sempre contradiz a seu Mestre Plataõ, affirma que mais mal fazem á Republica os ricos no tempo da paz, que os pobres; porque com o poder se eximem da obediencia das leys, e com a ociosidade estaõ prestes para motins, e com as riquezas aptos para os sustentar: impedem a reformaçaõ dos costumes, e relaxaõ a modestia do povo com gastos superfluous no comer, e vestir, incitando o vulgo a desobedecer. E se o Principe os naõ vigiar para os trazer a todos em regra com temor, e amor, darlhe-haõ com a Republica, e com a Monarquia atravéz, e vem a ser consequencia infallivel, que peccados publicos tolerados assolaõ as Republicas como fogo: naõ saõ os dos Reys, os que fazem o mayor damno, senaõ o descuido, com que toléraõ as demazias dos póvos, que Deos castiga com Pharaóes, Caligulas, e Neroens, que lhe servem de algozes: e quando o Principe he bom, permitte, que tenha Ministros tais, como estes Emperadores, e que os naõ possa atalhar, porque o enganaõ com a hypocresia mascarada com côr de virtude, e zelo. Livrarse-ha destes enganos, farse-ha admiravel, e florecerá

invencivel o Rey [disse hum Sabio] que guardar inviolavel quatro leys. Primeira, que naõ consinta que os grandes opprimaõ aos pequenos: e será tido por justo. Segunda, que naõ dissimule nenhuma desobediencia, por leve que seja, sem castigo pezado: e farse-ha temido. Terceira, que naõ deixe passar nenhum serviço sem premio: e será bem servido. Quarta, que ninguem de sua presença se aparte desconsolado: e será de todos muito amado. E hum Rey justo, temido, bem servido, e amado, conservará sua pessoa segura, seu Imperio inexpugnavel, sua fazenda com augmentos, e seus vassallos sem faltas. E em chegando a este auge, logrará prospero seu Sceptro em paz, livre dos damnos, e unhas, que chamamos pacificas.

CAPITULO XX.

DOS LADROENS, QUE FURTAÕ COM UNHAS MILITARES.


ANTOA gostinho, lib. 1. *de Civitate Dei* cap. 3. diz, que assim como os Medicos curaõ aos doentes com diétas, evacuaçoens, sangrias, e fogo; assim Deos cura os peccados do mundo com fomes, que saõ as diétas; com pestes, que saõ as evacuaçoens; e com guerras, que saõ as sangrias, e o fogo. E vem a ser os tres açoutes, que Deos mostrou a David, com os quais costuma castigar os homens:

e por mayor se póde ter o da guerra; porque a nada perdôa, tudo leva, sagrado, e profano, fazendas, honras, e vidas. E como na agua envolta achaõ mayor ganancia os pescadores; assim nas revoltas da guerra achaõ mais em que se empolgar suas unhas, que chamamos Militares. Na restauraçaõ da Bahia entregou o Monarca dous, ou tres milhoens a D. Fadrique de Toledo para as despezas da guerra. Houve depois desgostos entre elle, e o Conde de Olivares, que governava tudo: e ajudando-se este do valimento para se vingar do Fadrique, mandou-lhe tomar contas; e alcançando-o em meyo milhaõ apertou com elle, que o pagasse, ou désse descarga: deu elle esta em huma palavra, que gastára o resto em Missas ás Almas, em esmolas, e obras pias, para que Deos lhe désse a vitoria, que alcançou, que muito mais valia. E pudera dizer tambem, que grande parte se foy por entre os dedos das unhas militares, que a sorveraõ; porque o dinheiro, que corre por muitas maos, he como o pêz, e breu, que logo se pega aos dedos, e mete por entre as unhas.

Seraõ estas por ventura sua, ou desgraça nossa as unhas dos pagadores; os quais se se mancomunaõ, ou descuidaõ huns dos outros, na volta de duas planas fazem tal revolta no dinheiro del Rey, que o deixaõ em passamento, e os soldados em jejum, fazendo lhes de todo o anno quaresma. Se naõ saõ estas póde ser que ajudem; porque escrevendo despezas, onde naõ houve recibos dos

soldados, recebem para si todos os restos, que com serem grossos, naõ se enxergaõ no fim das contas, que capêaõ sua malicia com titulo de milicia: e ficando esta taõ defraudada no cabedal, e por isso nos soldados, vale-se tambem das unhas, que mais propriamente saõ Militares, para que naõ falte aos soldados o necessario, e tambem o superfluo; e daqui vem, que o mesmo he ser soldado, que naõ vos fiardes delle. Tem a guerra grandes licenças, naõ lho nego, mas nunca he licito fazer preza no alheo sem titulo, que cohoneste a pilhagem; e naõ póde haver este, onde se naõ falta com o necessario. Os póvos concorrem com o tributo das décimas para a sustentaçaõ dos soldados, que he bastante, e de sobejo; e por isso os soldados saõ obrigados a defender os póvos, que naõ padeçaõ injurias, damnos, nem perdas. E sobre esta obrigaçaõ, sahirem da mesma milicia unhas, que destruaõ os póvos, he grande injustiça, a qual vem a cahir sobre os que occasionaõ nos soldados com defeito das pagas tais necessidades, que os obrigaõ a buscar remedio para naõ perecerem; e o que se lhes offerece logo mais á maõ, he meter a maõ até o cotovello pelo alheo, quando se lhes falta com o proprio. Metaõ todos os Ministros, Cabos, e Officiais as mãos em suas consciencias, e acharáõ, que tanta pena como o ladraõ merece quem lhe dá occasiaõ semelhante para o ser. E se achar que fallo escuro, naõ mo tache; porque o tempo anda carregado; acenda huma candêa no entendimento, e verá logo, que

he obrigado a restituir, naõ só o que embolçou, mas tambem o que o soldado furtou, por elle lhe naõ pagar.

Naõ saõ os pagadores, nem os soldados sós, os que jogaõ unhas militares: tambem os senhores Capitaens, e Cabos mayores tem suas unhas, tanto mayores, quanto o saõ os cargos. Offerece-se hum destes a Sua Magestade, que lhe dê huma gineta, e que elle levantará a Bandeira de infantes á sua custa. Contenta o alvitre no Concelho, porque fórra de gastos a fazenda Real: sobe a consulta; desce a provisaõ: parte o supplicante com ella; aguarda duzentos, ou trezentos mancebos solteiros, filhos de pays ricos, e pouco poderosos: chovem intercessoens, e logo as peitas, para que os largue: vay largando os que daõ mais, naõ por esse titulo, mas porque diz lhe provaõ que tem o pay aleijado, a mãy cega, ou irmãas donzellas: e o menos que tira de duzentos, que liberta saõ quinze, ou vinte mil reis por cabeça; e ajunta assim quatro, ou cinco mil cruzados: gasta delles mil e quinhentos, quando muito, nas pagas, e comboy de cem infantes, que naõ se puderaõ livrar da violencia por miseraveis, e fica-se com tres mil cruzados de ganancia ao menos, com que vay luzindo na marcha, e poem em pés de verdade, que tudo he á sua custa: e deste serviço, e outros semelhantes faz outra unha, com que alcança huma commenda. E como estas pilhagens tem propriedade de crescerem ao galarim, vem a engrossar tanto, que por meyo

dellas dá caça a officios, e beneficios, com que enche, e ennobrece toda a sua geraçaõ: e vem a ser tudo destreza sua; que aonde outros achaõ a forca, por furtarem sem arte, elle acha thronos com esperanças de mayores accrescentamentos. Nos Vice-Reys da Inda vimos em tempos passados exemplos desta fortuna prosperos, e tragicos; porque os que lá naõ furtavaõ, para cá remirem sua vexaçaõ, morriaõ no Castello com ruim nomeada; e os que traziaõ milhoens furtados, de tudo se escoimavaõ galhardamente com nome de muito inteiros. Emfim o que reza este paragrafo já naõ corre. Seria immenso, se quizesse esgotar aqui todas as unhas militares, assim em naõ pagarem o que devem, como em cobrarem o que naõ he seu, ajudando-se para isso da jurisdiçaõ das armas. Acabo este capitulo com huma habilidade dos Assentistas, e contratadores, a que poucos daõ alcance, e nenhum o remedio. He certo em todas as economias humanas, [e tambem nas divinas] que quem mayor cabedal mete, mayor premio merece: e por isso ninguem repara nos grandissimos lucros, que os Assentistas colhem da obrigaçaõ que tomaõ de prover as fronteiras; porque se suppoem que empregaõ nisso ao menos hum milhaõ de dinheiro; e a hum milhaõ de emprego claro está que deve corresponder hum grandioso lucro; e tal lho deixaõ recolher, sem se advertir, que he mayor o arruido que as nozes; porque cem mil cruzados, que tenhaõ de cabedal bastaõ, e sobejaõ para todo o menêo de dous milhoens. E he assim, que Sua

Magestade lhos vay pagando *pro rata* aos quarteis dentro no mesmo anno: de sorte, que quando os acabaõ de gastar, os acabaõ tambem de cobrar: e a difficuldade está só no principio, e no primeiro quartel das pagas, que se fazem antes de cobrarem da fazenda Real alguma cousa; e para darem principio ás primeiras pagas da milicia, bastaõ os cem mil cruzados, que temos dito, com que entraõ de cabedal: e quando naõ cheguem ao fiado, e ao puxado, remedeaõ o primeiro quartel; e quando vem o segundo, já tem cobrado das consignaçoens del Rey, o que basta para navegar por diante, e supprir atrazados; e assim fazem os gastos com a fazenda Real, e cuida o mundo, que os fazem com a sua, e que saõ por isso merecedores do que ganhaõ, que he mais que muito. Alvidrem agora lá os Estadistas, se he mayor guerra, a que nos faz o inimigo nas fronteiras com ferro, e fogo; se a que nos fazem estes amigos com o dinheiro.

CAPITULO XXI.

MOSTRA-SE, ATÉ ONDE CHEGAÕ UNHAS MILITARES, E COMO SE DEVE FAZER A GUERRA.



HE a guerra hum de tres açoutes, com que Deos castiga peccados neste mundo, já o disse: e por isso traz comsigo grandes trabalhos, assim para quem a faz, como para quem a padece; e

hum dos mayores he o dos latrocinios, e pilhagens, que de parte a parte, e ainda entre si as partes exercitaõ. E porque nem tudo o que se toma he furto, e na guerra muito menos, declararey tudo o que permittem as leys da guerra, e logo ficará claro, até onde pódem chegar as unhas militares. Já que o Reyno de Portugal he taõ guerreiro, que nasceo com a espada na maõ; armas lhe deraõ o primeiro berço, com as armas cresceo, dellas vive, e vestido dellas como bom Cavalleiro ha de hir para a cova no dia do Juizo; bem he que saiba tudo o que permittem, e tambem o que prohibem as leys verdadeiras da guerra, que ordinariamente atiraõ a conservar o proprio, e destruir o alheo, para que com a potencia naõ destrua o contrario.

He erro cuidar que ha prohibiçaõ de guerra entre Christãos; e he heresia dizer que he intrinsecamente máo, ou contra a caridade fazer guerra: porque, ainda que se sigaõ della muitos males, saõ menores, que o mal, que com ella se pertende evitar. A guerra ou he aggressiva, ou defensiva. A defensiva naõ só he licita, mas he obrigaçaõ fazella: he licita pelo preceito natural: *Vim vi repellere licet.* E he obrigaçaõ fazella quem tem a seu cargo defender a Republica. A aggressiva naõ he máo fazer-se, antes póde ser bom, e necessario: naõ he máo, porque temos muitas na Sagrada Escriptura mandadas fazer por Deos: e he necessario fazer-se, porque a

razaõ a dicta para evitar injurias. Para qualquer dellas ser justa saõ necessarias tres circunstancias. Primeira, que se faça com poder legitimo; segunda, com causa; terceira, que se guarde a moderaçaõ devida. Só o Rey, ou Principe, que naõ tem Superior, e seus Ministros com vontade expressa, ou presumpta de sua cabeça, pódem fazer guerra; porque lhes pertence a defensaõ.

O mesmo dizemos dos Ecclesiasticos, que tem poder supremo no temporal; porque militaõ nelles as mesmas razoens, e naõ ha direito, que lho prohiba: e como pódem pôr Juizes nos Tribunais, que sentenceem causas criminais, pódem pôr exercitos em campo, que conservem illesa a sua Republica; porque naõ intentaõ com isso direitamente homicidios, senaõ actos de fortaleza, que he virtude. Mayor duvida he, se pódem os Ecclesiasticos tomar armas, e pelejar? Na guerra defensiva naõ ha duvida, que pódem: porque o direito Natural permitte, e o Positivo naõ prohibe aos Ecclesiasticos defenderem suas vidas, e fazendas. A guerra aggressiva he prohibida pela Igreja aos de Ordens Sacras, por ser indecente ao estado; mas dado que quebrantem este preceito, naõ seraõ obrigados a restituir o que pilharem, se a guerra for justa; porque ainda que peccaõ contra Religiaõ, naõ peccaõ contra justiça: e pela mesma razaõ naõ ficaõ irregulares, se naõ matarem pessoalmente; como nem os que exhor-

taõ á peleja, ou aconselhaõ aos seculares que vaõ á guerra. Se a guerra for injusta, todos ficaõ irregulares, até os seculares, e os que naõ commetterem homicidio, porque basta que o corpo do exercito o commettesse. O Papa póde dar licença aos Ecclesiasticos para militarem, porque póde dispensar nos preceitos da Igreja: e em tal caso naõ incorrem irregularidade, porque dispensados no principal ficaõ livres no accessorio.

O Papa ainda que naõ tem jurisdiçaõ temporal fóra do seu dominio, tem direito para avocar a si as causas da guerra dos Principes Christãos, e julgalas; e saõ obrigados a estar pela sua sentença, se naõ for injusta: e daqui vem que raramente succede ser justa a guerra entre Principes Christãos, porque tem o Papa, que póde determinar suas causas; mas muitas vezes naõ convém interpor o Summo Pontifice sua authoridade, para que naõ se sigaõ outros inconvenientes mayores, qual seria rebellar contra a Igreja a parte desfavorecida: e em tal caso naõ saõ obrigados os Principes a esperar definiçoens do Papa, nem pedillas, e pódem levar a cousa por força de armas; e fica de melhor partido para a consciencia o Principe, que naõ deu occasiaõ ao Papa para se abster no juizo da tal demanda.

A guerra, que se faz sem legitima authoridade, he contra a justiça, ainda que seja com causa legitima; porque o acto feito sem jurisdiçaõ naõ he valioso: e será obrigado a restituir os damnos da guerra, quem a faz, se naõ recompensou com

elles alguma perda, que o inimigo lhe tivesse dado. Se o Papa prohibir ao Principe a guerra, como contraria ao bem commum da Igreja, peccará contra justica o Principe fazendo-a, e será obrigado a restituir os damnos; porque no tal caso já naõ tem titulo para levar a cousa por força, pois está dada sentença.

A Gentilidade antiga teve para si que bastava para fazer guerra o titulo de adquirir nome, e riquezas; mas isto bem se vê que he contra o lume natural; pois nunca he licito tomar o alheo sem causa, que o possuidor désse. A tres cabeças se reduzem todas as causas justas. Primeira: se hum Principe toma a outro, o que naõ he seu. Segunda: se causou lesaõ grave na fama, ou na honra. Terceira: se nega o direito das gentes, como saõ passagens, e commercios; porque o Principe tem obrigaçaõ de conservar os seus illesos nestas cousas. Da mesma maneira póde soccorrer o Principe ao que se meteo debaixo de sua tutéla, se tiver alguma destas causas por si. Quem fizer guerra sem alguma destas causas, pecca contra justiça, fica obrigado a restituir os damnos: e tendo causa justa, se se seguirem da guerra mayores damnos á sua Republica, que lucros á sua vitoria, naõ póde fazer em consciencia a tal guerra, porque he obrigado a olhar pelo mayor bem da sua Republica: e naõ se segue daqui ser necessaria certeza da vitoria, porque esta he contingente, e menor poder a alcança muitas vezes.

Os Principes Christãos pódem fazer guerra aos Principes infieis, que impedem ás suas Republicas receber a Ley de Christo; porque nesta parte defendem innocentes, que tem direito para a tal guerra pela injuria, que se lhes faz. E por esta via conquistou Portugal os Reynos, e Estados, que tem Ultramarinos. O exame das causas da guerra pertence ao Principe, que a faz, e naõ aos Vassallos: os Conselheiros saõ obrigados a tomar plenario conhecimento de todos os fundamentos; porque a Republica he como o corpo humano, onde á cabeça pertence o governo, e aos mais membros obedecer-lhe. Se a materia de que se trata for duvidosa igualmente por ambas as partes, prevalecerá a que estiver de posse; porque assim se julgaõ as demais causas civeis em todos os Tribunais; e se nenhuma das partes estiver de posse, partirse-ha a contenda, se for de cousa partivel; e se o naõ for, lançarse-haõ sortes, ou pagará a ametade á outra parte, que quizer ficar com tudo. Assim o dicta a razaõ natural, e o direito cõmum.

Os soldados, e vassallos naõ saõ obrigados a examinar as causas da guerra: e pódem hir a ella, se lhes naõ constar que he injusta; porque os subditos saõ obrigados a obedecer a seu Superior; e devem presuppôr, que elle terá averiguado tudo em razaõ, e direito, como he obrigado. E o mesmo se ha de dizer dos soldados estipendiarios, que naõ saõ subditos, que se pódem deixar hir por onde vaõ os outros; álem de que, pelo esti-

pendio ficaõ subditos. O modo, que se deve guardar na execuçaõ da guerra, depende de tres gráos de gente, que saõ: o Principe, os Capitaens, e os Soldados; em tres tempos distintos, que saõ: antes da batalha, no actual conflicto, e depois da vitoria. E em tudo isto se devem considerar tres cousas: o que se póde fazer ao inimigo; o como se deve haver o Principe com os Soldados; e como se devem haver os Soldados com o Principe. O Principe he obrigado a sustentar os Soldados, e estes apelejar por elle sem fugir, nem largar os seus pôstos: e daqui se segue, que naõ pódem fazer pilhagens ao inimigo sem licença do Principe, e que seráõ obrigados a restituillas; mas depois da vitoria pódem partir os despojos segundo o costume. Antes de se começar a guerra, he obrigado o Principe a propor as causas della á Republica contraria; e pedir-lhe por bem a satisfaçaõ, que pertende: e se lha der, he obrigado a desistir; mas poderá demandar os gastos feitos; e se a naõ der, procede a guerra justamente, e com direito á mayor satisfaçaõ pela nova injuria de naõ aceitar o contrato pacifico; e poderá pedir, e tomar o que parecer necessario, para ter o inimigo enfreado no futuro.

Depois de começada a guerra, até se alcançar a vitoria, he licito, e justo fazer ao inimigo todos os damnos, que se julgarem necessarios para a satisfaçaõ, ou para a vitoria, sem offensa de innocentes. Depois de alcançada a vitoria, tambem he licito dar aos vencidos todos os damnos, que

bastem, para vingança, e satisfaçaõ dos damnos que deraõ : e naõ se devem computar aqui as pilhagens dos soldados, porque assim o tem o uso, e se lhes deve, por exporem suas vidas ; mas deve ser permittindo-lho o Principe, que póde ainda depois da vitoria matar aos inimigos rendidos, se naõ se der por satisfeito; e cativallos, e tomar-lhes seus bens. E daqui vem o direito, que faz aos vencedores senhores de todos os bens dos vencidos; e tudo se deve regular pela offensa preterita, e paz futura. Se entre os bens dos inimigos se acharem alguns de amigos, devem-se-lhes restituir. Se os damnos feitos aos inimigos bastarem para a satisfaçaõ, naõ se pódem extender aos innocentes. Innocentes saõ os meninos, e as mulheres, e os que naõ pódem tomar armas, e todas as pessoas Religiosas, e Ecclesiasticas. Os peregrinos, e hospedes naõ se contaõ por membros da Republica; mas se os tais damnos naõ bastarem, bem se pódem extender aos bens, e liberdade dos innocentes, porque saõ partes da Republica. Entre Christãos já o uso tem, que os cativos naõ sejaõ escravos; mas pódem ser retidos para castigo, para resgate, ou troco. E porque este privilegio se introduzio em favor dos fieis, pódem ser escravos, os que apostataraõ para o paganismo, naõ para a heresia; porque de alguma maneira ainda retêm o nome Christaõ. Naõ só as pessoas Ecclesiasticas, mas tambem os bens das Igrejas saõ izentos da jurisdiçaõ da guerra pela reverencia, que se lhes deve ; e porque

a Igreja he outra Republica espiritual distinta, e izenta da temporal. E accrescenta-se, que tambem os bens, e pessoas seculares, que se recolhem nas Igrejas ficaõ livres pela immunidade: mas se fizerem da Igreja fortaleza, para se defenderem, pódem ser arrazados, despojados, e mortos; porque naõ usaraõ bom do favor.

Será justa a guerra, em que se guardarem todas as cautélas, que temos dito: e por remate se perguntaõ quatro couzas: Primeira, se he licito usar de cilladas na guerra? Responde-se que he licito occultar os conselhos, e esconder as traças, mas naõ mentir. Segunda, se he licito quebrar a palavra dada ao inimigo? Naõ he licito, salvo faltando elle em algum concerto. Terceira, se se póde dar batalha em dia Santo? Sim, se for necessario, e a obrigaçaõ da Missa segue a mesma regra. Quarta, se póde o Principe Christaõ chamar infieis, ou dar-lhes soccorro para guerra justa? Bem póde ambas as cousas, se naõ houver perigo nos fieis se perverterem; porque quem póde ajudar-se de féras, tambem poderá de animais racionaes.

Guerra Civil entre duas partes da mesma Republica nunca he licita da parte aggressiva, e muito menos contra o Principe, se naõ for tyranno; porque falta em ambos os casos a potestade da jurisdiçaõ: e daqui se segue, que póde o Principe fazer guerra contra a sua Republica com as condiçoens requesitas, que temos dito. Desafios entre particulares nunca saõ licitos; assim porque

saõ prohibidos, como porque ninguem he senhor da vida alhea, nem da sua, para a pôr em taõ evidente perigo. Nem val o argumento de defender sua honra, para naõ ser tido por covarde, se naõ sahir ao desafio; porque isso saõ leys do vulgo imperito, que naõ devem prevalecer contra as do direito; e mayor honra he ficar hum valente tido por Christaõ entre prudentes, que por desalmado deferindo a ignorantes. Será licito o desafio com authoridade publica, como quando a batalha, e vitoria de dous exercitos se poem em dous soldados escolhidos por consentimento de todos, como em David, e o Gigante: porque a causa he justa, e o poder legitimo: e sendo licito pelejar todo o exercito, tambem o será a parte delle; com tanto, que naõ seja evidente a vitoria no todo, e a ruina na parte.

O primeiro homem, que meneou arma offensiva para matar, foy Caim contra seu irmaõ Abel. Os Assirios foraõ os primeiros, que capitaneados por ElRey Nino fizeraõ guerras a Naçoens estranhas. Paõ, hum dos Capitaens de Bacho, inventou as alas nos exercitos, e ensinou o uso dos estratagemas, e o vigiar com sentinelas. Sinon foy o primeiro, que usou fachos; Lycaon introduzio as treguas: Theseo os concertos; Minos deo principio ás batalhas navaes; e os Thessalos ao uso da cavallaria. Os Africanos inventaraõ as lanças; os Martinenses as espadas: e esgremir estas armas ensinou Demeo. E sobre todos campeáraõ Constantino Anclitzen Friburgense, e

Bartholo Suarez Monacho, que descobriraõ o invento da polvora, e máquinas de artilharia, e fogo, para destruiçaõ do genero humano. E todos quantos na guerra empregaraõ suas forças, e industrias, bem examinados, nenhuma outra cousa pertenderaõ mais, que accrescentar-se a si á custa alhea: e vem a ser as unhas militares, a que dediquey este capitulo, para que se saiba até onde se pódem extender, e aonde he bem que se encolhaõ.

CAPITULO XXII.

PROSEGUE-SE A MESMA MATERIA DO CAPITULO ANTECEDENTE.



SPONJA de dinheiro chamou hum prudente á guerra, e isso he o menos que ella sorve; vidas, fazendas, e honras saõ o seu pasto, em que como fogo se céva: e tudo se toléra pelo bem da paz, que com ella se pertende, e alcança, quando naõ a pica a tyrannia do interesse. A boa guerra faz a boa paz: e por isso he mal necessario o da guerra. Como se póde fazer, já o disse no capitulo precedente: como se deve executar direy agora, para que as unhas militares naõ desbaratem, e malogrem milhões de ouro, que nella se empregaõ.

Traz a guerra comsigo muitos perigos, trabalhos, e gastos; e por isso nenhum Principe a deve fazer, salvo quando as condiçoens da paz saõ mais

prejudiciais a seu Estado, e reputaçaõ. Sendo necessario fazer-se, sem considerar os damnos, que della resultaõ, nunca se resolverá em a fazer; e naõ se resolvendo, accrescentará as forças ao inimigo, e debilitará as suas. E assim convém, que resolvendo-se em tomar armas, se resolvaõ todos a vencer, ou morrer com ellas. Meça primeiro em conselho suas forças com as do inimigo; e conhecellas-ha em sabendo qual tem mais dinheiro, porque este he o nervo da guerra, que a começa, e a acaba. Tres cousas lhe saõ muito necessarias para a vitoria, e sem ellas naõ trate da batalha, porque será vencido: a primeira he dinheiro; a segunda dinheiro; a terceira mais dinheiro: com a primeira terá quanta gente quizer de peleja; e tendo mais gente que o inimigo, vencerá mais facilmente. Com a segunda terá armas de sobejo; e quem as tem melhores, assegura a vitoria. Com a terceira terá mantimentos; e exercito bem provido, tarde, ou nunca he vencido. Veja logo que Capitaens tem, porque se naõ forem esforçados, prudentes, e venturosos, perderá tudo: e naõ basta isto; porque he necessario tambem que os soldados sejaõ alentados, escolhidos, e bem disciplinados. Quando Julio Cesar deu batalha a Petreyo em Espanha, disse, que pelejava com hum exercito sem Capitaõ: e quando pelejou com Pompêo, disse, que dava batalha a hum Capitaõ sem exercito. Tanto monta ser tudo escolhido, e naõ introduzido a caso, e de tumulto! Faça rezenha das armas,

que tem, e saiba as do inimigo, porque a vitoria segue ordinariamente a quem tem melhores armas. Os soldados bem armados, e vestidos cobraõ brios, e concebem esforço: çapato, e camiza nunca lhes falte: he conselho de hum grande Capitaõ Portuguez. Tres esperanças deve ter o soldado sempre certas, para pelejar com esforço, e ser leal a seu Principe. Primeira do soldo ordinario. Segunda da remuneraçaõ extraordinaria. Terceira da liberdade, quando lhe for necessaria. A primeira alenta; porque pela boca se aquenta o forno: e naõ devemos querer, que sejaõ os soldados como os fornos da Arruda, que só huma vez na semana os aquentaõ, e isto lhes basta para cozerem o paõ de domingo a domingo: tem se isto por prodigio grande, e por mayor se deve ter, que aturem os soldados mezes, e mezes, sem receberem hum real de soldo, para se vestirem, e manterem. A segunda os faz constantes; porque o dezejo de montar, e crescer he natural; e com a certeza de que haõ de melhorar de posto, e alcançar bons despachos, fazem pelos merecer, e naõ temem arriscar as vidas; porque o estimulo da honra he o melhor alicate que ha para avançar a grandes emprezas; e tambem o do interesse. A terceira os faz leais; porque se se imaginaõ cativos, e que nunca poderáõ renunciar o trabalho da milicia, vestem-se da condiçaõ de escravos, e he o mesmo que de odio a seus Senhores, e haõ-se como forçados da galé. E naõ só he conveniente esta razaõ, mas tambem he

justo que os soldados sejaõ voluntarios, e que tenhaõ caminho para se libertarem, quando lhes for necessario, porque naõ saõ escravos comprados: nem o preço de quatro mil reis na primeira praça iguala o da liberdade, em que nasceraõ, e de que estaõ de posse: nem a obrigaçaõ de servirem á patria prepondéra, quando de serem livres resulta acodirem mais, e servirem melhor. Haja correspondencia igual de ambas as partes: isto he, que o Principe pague, como o soldado serve, e acodiráõ logo innumeraveis a servilo, sem ser necessario buscallos: porque nisto saõ como as pombas, que acodem todas ao pombal, onde achaõ bom provimento, e fogem da casa, onde as depennaõ.

Se examinarmos as causas, porque os soldados fogem das fronteiras para suas casas, e tambem para o inimigo, acharemos que pela mayor parte saõ duas desperaçoens; huma da liberdade, e outra do provimento; e que para ambas as cousas tem justiça: para o provimento, porque quem serve o merece: e para a liberdade, porque nenhuma Naçaõ do mundo os obriga mais que a tempo limitado. França em se acabando a facçaõ, mas que naõ seja mais que de tres mezes, logo os desobriga, e liberta, por mais soldo, e pagas, que tenhaõ recebido: e tambem Portugal usa o mesmo estylo com os soldados das suas armadas, que em se recolhendo, os deixa ir para suas casas: e naõ ha mayor razaõ para naõ se praticar o mesmo estylo com os que servem na campanha, pondo-

lhe seus limites. Castella naõ faz exemplo; porque se obriga seus soldados para sempre, tambem lhes dá privilegios equipollentes: e se os leva amarrados com cordas, e algemas, naõ saõ esses os que melhor pelejaõ; e de tais extorsoens lhe vem perder tantas facçoens. Quanto mais, que se lá trataõ os vassalos como escravos, Portugal sempre se prezou de os tratar como filhos. Nem se achará Doutor Theologo, que approve o uso de Castella, e que naõ diga que he injustiça, indigna até de Turcos, naõ dar liberdade aos soldados depois de algum tempo; quando até aos forçados dos galés se concede depois de dez annos, mas que sejaõ condemnados a ellas por enormes delictos por toda a vida.

Ter o Principe amigos, e espias na terra do inimigo, e conhecimento dos lugares por onde marcha, e ha de ter encontros, he muito necessario. Faça muito por sustentar a reputaçaõ, e credito de sua pessoa, porque terá quem o sirva, e todos se lhe sugeitaráõ. Alexandre Magno divulgou, que era filho de Jupiter, para ser respeitado, e obedecido: justifique a causa que tem para fazer guerra, e divulgue-a com Manifestos; porque dá animo aos soldados, que o servem, e acovarda os contrarios. As causas da guerra ao todo, em geral, ordinariamente, saõ quatro. A primeira para cobrar o que o inimigo tomou. Segunda para vingar alguma afronta. Terceira para alcançar gloria, e fama. Quarta por ambiçaõ. A primeira, e a segunda saõ justas: a terceira he

injusta : a quarta he tyrannia. Quem for vencido, deve examinar a causa de sua ruina, se foy por falta dos Capitaens, se dos soldados, para emendar o erro: e se o naõ houve, nem no inimigo mayor poder, deve aplacar a Deos, tendo por certo, que o irritou contra si com as causas da guerra. E se com tudo foy por estar o inimigo mais poderoso, deve dissimular até se melhorar de forças: porque melhor he sofrer dez annos de guerra furtandolhe o corpo, que hum dia de batalha, em que se perde tudo. Conservar-se-ha em pé nestas demoras conservando o amor dos soldados, e a benevolencia dos póvos; esta ganhase, administrando justiça; e aquelle, usando liberalidade.

Questaõ ha, qual será melhor, se fazer a guerra na terra do inimigo, se na propria. Fabio Maximo affirmava, que melhor era defender a patria dentro nella. Scipiaõ dizia, que mais util era fazerse a guerra fóra de Italia. As conjunçoens das emprezas, e urgencias dos tempos ensinaõ o que será mais conveniente. Ajudar hum Principe a outro na guerra, quando he amigo, ou confederado, he muito ordinario. Dom Fernando, Quinto Rey de Castella favorecia sempre ao que menos podia, para naõ deixar crescer o contrario: nem entrava em ligas, de que naõ esperava proveito. Os Romanos, diz Appiano, que naõ quizeraõ aceitar por vassallos muitos póvos, porque eraõ pobres, e de nenhum proveito. No proveito do interesse, e credito da honra, devem levar sempre a mira os

que fazem guerra. E executados bem os documentos, que temos dado, teraõ menos em que empolgar unhas militares: isto he, que naõ haverá tantas perdas, quantas a guerra mal governada traz comsigo

CAPITULO XXIII.

DOS QUE FURTAÕ COM UNHAS TEMIDAS.



XCELLENCIA he de todas as unhas o serem temidas; e tanto mais, quanto mais féro he o animal que as menêa. Quem ha, que naõ tema as unhas de hum tigre assanhado, e as garras de hum leaõ rompente? Até as de hum gato teme qualquer homem de bem, por valente que seja, quanto mais as de hum ladraõ, que escala o que mais se guarda, e o que muito mais se estima. Temidas saõ todas as unhas militares, de que até agora tratámos, porque as acompanha a potencia, e violencia das armas fulminando favor. Com tudo, armas offensivas nas mãos de hum Pigmeu naõ as temo; e ha soldados Pigmeus, que naõ passaõ de formigueiros: livrenos Deos das que movem Gigantes: destes fallo: Gigantes ha ladroens, e ladroens Gigantes: e assim saõ as unhas suas taõ agigantadas, que nada lhes pára diante; e por isso com razaõ todos as temem, e tremem. Estes saõ os poderosos por nobreza, por officio,

por titulo, e outras qualidades, que os fazem affoutos, intrepidos, e izentos: e quando daõ em furtar, naõ ha outro remedio, que o de pôr em cobro com temor, e pavor, ou aprestar paciencia, e render á sua reveria as armas, e as fazendas; e comprar com a perda dellas o ganho da vida propria. Sabeis o que faz hum destes, irmaõ leitor? Vê-se falto de vestido, e librés para seus criados; chama a sua casa o alfayate mais caudaloso, e diz-lhe: Bem vedes como andamos, assim eu, como toda a minha familia: bem me sabeis o humor: compray lá pannos, e sedas ao costume, fazeime tudoá moderna, e o preço de tudo corra por vossa conta, até que me venha dinheiro da minha cõmenda: tomay logo as medidas, e fazeime prazer, que dentro de oito dias venha tudo feito: quando naõ entendey, que o sentirey muito; já me entendeis. Vay-se o official, sem levar principio de paga mais que as medidas, e ameaças, de que lhe haõ de medir o corpo como hum polvo, se descrepar hum ponto de tanta costura. Vem a obra feita no dia assinalado; vestem-se todos como palmitos; e só o alfayate fica despido, e empenhado até á morte; e se fallar mais no custo, custa-lhe a vida. Outros milhafres destes de unha preta, e mais alentados poderá haver, que empinem mais o vôo, e para que os naõ tenhaõ por lagarteiros empolguem no mais bem parado. Vaõ-se a casa do mercador mais grosso, escolhem as pessas que querem de téllas, sedas, e pannos, tudo ao fiado,

e que ponha tudo em receita para os quarteis dos juros, que ha de cobrar dia de S. Serejo: leva para sua casa, corta largo á custa da barba longa, e rasga bizarro brilhando na Corte: chega o tempo de cobrar o mercador, o que o poderoso já rompeo, para corresponder a Milaõ, Flandes, e Inglaterra: respondelhe, que naõ seja importuno, se naõ quer que lhe seja molesto, e que lhe custe mais cara a venda, que a elle a compra; e assim se vay deixando esquecer com a fazenda alhea: e se o acrédor boqueja, lançalhe huma mordaça, de que lhe ha de mandar cortar as orelhas, e tirar a lingua pelo cachaço.

Outros fazem a sua ainda melhor, com cortezia, e mais pela mansa. Já sabem os homens de negocio que tem dinheiro, fazem-lhes huma visita a titulo de amizade, com que os deixaõ desvanecidos: ainda que alguns ha taõ advertidos, que logo dizem: de donde vem a Pedro fallar galego? E segundaõ logo com outra, a titulo de necessidade, que representaõ, e para a remediar pedem emprestado, e tambem a razaõ de juro, que para elles tanto monta cinco, ou seis mil cruzados, de que lhe passaõ escrito, porque se obrigaõ a pagar tudo dentro em hum anno, e daõ á fiança, quantos moinhos de vento ha em Lagos, e que lá tem huns figueirais no Algarve, &c. E como no tempo dos figos naõ ha amigos, assim no tempo da paga; porque álem de que nunca mais lhe cruzou a porta, mandalhe dizer na primeira citaçaõ, que lhe ha de cruzar a cara, se fallar na

divida, ou se queixar á justiça. E o pobre do homem, porque lhe naõ paguem com cruzes os seus cruzados, dará outros seis mil, e que o deixem lograr suas queixadas sans, e levar suas brancas limpas ao outro mundo, ainda que vá com a bolça limpa, e sem branca. Outros, e saõ estes já mais que muitos, para se forrarem de tantos custos, e riscos recopilaõ os lanços; esperaõ em paragens escuras, ou a deshoras as pessoas, que sabem tem moeda copiosa, poemlhe duas pistolas, ou dous estoques nos peitos, e que faça alli logo hum escrito: e eisaqui papel, e tinta, e lanterna de furta fogo, se he de noite; com todo o encarecimento a sua mulher, ou ao seu caxeiro, que entregue logo logo á vista ao portador dous mil cruzados em ouro: e assim estaõ a pé quedo, até que volta hum delles com a reposta em effeito. E andaõ taõ affoutos, que em suas proprias casas envestem aos que sentem capazes destes assaltos. Testemunha seja o Abbade de Pentens em Traz dos Montes, a quem levaraõ por esta arte huma mula carregada de dinheiro, deixando-o a elle amarrado em huma tulha. Que direy dos que lançaõ em remataçoens de fazendas, que fazem pôr em leilaõ por mil tranquilhas? Ha neste Reyno Ley, que prohibe aos Ministros da Justiça, que naõ lancem nas fazendas, que se executaõ [e guardase exactissimamente nos officiais da Santa Inquisiçaõ] porque com o respeito, que se lhes deve, e temor que outros lançadores tem delles, defraudaõ

muito nos preços, e ficaõ as partes enormemente lesas: mas como as leys saõ téas de aranha, que caçaõ moscas, e naõ pescaõ tritoens: logo estes buscaõ traças: *De pensata la lege, pensata la malicia;* e fazem os lanços por terceiras pessoas, manifestando pela boca pequena, que o lanço he de hum poderoso, com que todos se acanhaõ: e assim lançando cincoenta, no qûe val duzentos, levaõ as cousas por menos da ametade do justo preço; defraudaõ, e roubaõ as partes, naõ só no substancial dos bens moveis, e de raiz, que se vendem, senaõ tambem os direitos Reaes, e as cizas, que se diminuem muito com taõ grande diminuiçaõ nos preços. Tambem as unhas temidas, que empolgaõ affoutas nos tributos Reaes: tais saõ as que se levantaõ com as décimas, porque naõ ha justiça, que se atreva a executalas; e porque saõ mais que muitas, fundem as décimas muito pouco: saõ muitos os que as cobraõ, e poucos os que executaõ a si mesmos: saõ muitos os poderosos, que se eximem, e pouco o cabedal dos pequenos, que as pagaõ. Entre pessoa Real nesta empreza, a quem todos respeitem, e temaõ, e logo cresceráõ as décimas em dobro: nem ha outro remedio para unhas temidas, que opporselhe quem ellas temaõ. Escrito está este remedio no que fez hum Rey de Portugal a certo fidalgo, que tomou huma pipa a hum lavrador, e lhe entornou o vinho, que tinha nella para recolher o seu, que tinha por mais privilegiado. Era o lavrador de boa têmpera, que naõ se acanhava a

medos, nem ameaças; deu comsigo na Corte, lançou-se aos pés del Rey, contoulhe o caso: mandou-o El Rey agasalhar com hum tostaõ por dia, e hum cruzado para sua mulher, e filhos á custa do fidalgo, que mandou logo chamar á Beira: veyo muito contente esperando grandes mercês, que todos cuidaõ as merecem. Seis mezes andou requerendo entrada, sem achar audiencia; e no cabo o fez El Rey apparecer perante si com o lavrador: e perguntandolhe, se o conhecia? Lhe mandou pagar a pipa, e o vinho em dobro; e todos os custos; e que naõ lhe dava mayor castigo por outros respeitos; mas que advertisse, que em sua cabeça levava a vida, e saude daquelle homem, e que lha havia de tirar dos hombros, se alguma desgraça lhe succedia; e que rogasse a Deos, que nem adoecesse; porque tudo havia de resultar em mayor desgraça sua. E resultou daqui, que as unhas temidas ficaraõ tîmidas: e este he o remedio que as açama, nem ha outro.

Este mesmo remedio de aspereza me disse hum prudente, que se devera applicar ás unhas de Hollanda, e Inglaterra. Ao ladraõ mostraõ-se os dentes, e naõ o coraçaõ. E bem se vê, que quanto mais buscamos estas Naçoens com embaixadas, e concertos, tanto mais insolentes, e desarrazoados se mostraõ, pagando com descortezias, e ladroîces nossos primores: porque lhes cheiraõ estes a covardia, e consideraõ-se temidos, e blasonaõ. Se elles naõ nos mandaõ a nós

Embaixadores, sendo piratas, e canalha do Inferno, porque lhos havemos nós de mandar a elles, que somos Reyno de Deos, e Senhores do mundo? Esta razaõ naõ tem resposta; e a que daõ alguns Politicos do tempo, he de covardes bisonhos, que ainda naõ sabem, que caens só ás pancadas se amansaõ. Mas diraõ que naõ temos páos para espancar tantos caens. A isso se responde, que antigamente hum só galeaõ nosso bastava para envestir huma armada grossa, e botando fogo, e dispedindo rayos, a rendia, e desbaratava toda. Sete gurumetes nossos em huma bateira bastavaõ para envestir duas galés; e renderaõ huma, e puzeraõ outra em fugida. Poucos Portuguezes mal armados, comendo couros de arcas, e solas de çapatos sustentavaõ cercos a muitos mil inimigos, que venciaõ: e sempre foy nosso timbre com poucos vencer muitos. Hoje somos os mesmos, e assim fica respondido, que temos páos, com que espancar a todos. Ainda me instaõ que estaõ mudadas as cousas, porque ainda que somos os mesmos, saõ os inimigos muito differentes: aquelles eraõ cobras, e estes saõ leoens, e mais déstros que nós na artelharia, de que tem mayor copia; e de galeoens, e náos, com que inçaõ esses mares, pejaõ nossas barras, e tudo nos tomaõ sem termos cabedal, com que resistamos. Respondo, que por isso o naõ temos, porque lho deixamos tomar: o certo he que com nossa substancia engrossaõ: haja entre nós piratas para elles,

assim como elles o saõ todos para nós: dê-se licença aos Portuguezes poderosos para armarem navios, que andem ao corso, como se deu antigamente aos de Viana, que em quatro dias alimparaõ os mares. A mesma Viana arma hoje como entaõ, se quer tres navios, o Porto quatro, Lisboa seis, Setuval tres, o Algarve outros tres, e ElRey ajuntelhe dous galeoens por Capitanias: e eisahi huma armada de vinte velas com duas esquadras; e arme-se huma bolça só para isto de gente voluntaria, e livre, e veremos logo as nossas barbas sem vituperios. Mas diraõ ainda os zelosos criticos, que isto de bolças he pernicioso invento, que hereges introduziraõ, e que na do Brasil ha muito que emendar. Negolhe todas as consequencias. A do Brasil he muito boa, e só poderia ter de mal, se entrasse nella alguma gente, que tratasse só de seu interesse, ou nos pudesse ser suspeita: mas seriaõ inconvenientes faceis de emendar, e o tempo os curaria. Ser o cabedal della tirado daqui, ou dalli, he ponto que me naõ pertence: Doutores tem a Santa Madre Igreja, que está em Roma, e poderá supprir, e tirar os escrupulos. Quanto mais que o que aponto de novo, nada leva desses escabeches, porque ha de ser de gente escoimada. E prouvéra a Deos que tiveraõ os fidalgos Portuguezes estomago, para fazerem outra bolça só para a India, pois he empreza sua: e serlhes-ha facil, se puzeraõ nella só o que gastaõ em vaidades, e o que perdem na taboa do jogo, e daõ a rameiras, e

consomem na cura de males com que estas lhes pagaõ: e ficariaõ elles de ganho, e o nosso Reyno sem tantas perdas temido, e venerado. Deos sobre tudo.

CAPITULO XXIV.

DOS QUE FURTAÕ COM UNHAS TÎMIDAS.



ENHO por mais crueis, e damninhas estas unhas, que as passadas; porque os tîmidos, e covardes, para se assegurarem fazem mayor estrago, que os temidos, e valentes, que levaõ carta de seguro em seu braço. Hum leaõ contenta-se com a preza, que lhe basta para aquelle dia, ainda que tenha diante das unhas muito mais em que as possa empregar. A rapoza, quando dá em hum galinheiro, tudo degola, e espedaça até o superfluo. Nem ha outra causa desta disparidade, senaõ que a rapoza he covarde, e o leaõ he generoso, e valente. Taes saõ as unhas tîmidas, mayores damnos causaõ com seu temor, que as temidas com sua potencia. E daqui vem as mortes que daõ, e as caras que esfolaõ ladroens formigueiros por essas estradas: temem o ser descobertos, que lhes dêm na trilha, e para se assegurarem, nada deixaõ com vida: a mesma arte, que os ensina a furtar, para sustentarem a vida, lhes deu esta regra, para a assegurarem,

que arredem testemunhas com as mesmas garras. Nem páraõ aqui os damnos, que adiante passaõ; porque nas mesmas rapinas executaõ crueldades: como aquelles de Arrayolos; que furtando hum relogio de ouro, que hia de Lisboa para hum Rey de Castella, por naõ serem conhecidos pela qualidade do furto, que era notorio, o fizeraõ em pedaços, e o lançaraõ de huma ponte abaixo em hum rio. E os que furtaraõ a prata de S. Mamede na Cidade de Evora, pela mesma causa a enterraraõ amaçada na estrada de Villa Viçosa, junto ao poço de entre as vinhas, sem se aproveitarem della para nada.

Dá hum ladraõ destes tîmidos em huma Alfandega, tira o miolo a duas caxas de açucar, e naõ repara em derreter huma duzia dellas com agua que lhes botou por cima, para que se cuide, que o mesmo caminho levaraõ as duas, cuja substancia elle encaminhou para sua casa, e que as humidades do mar, e do sitio obraraõ aquelle máo recado. Tira hum marinheiro dous almudes de vinho de huma pipa, e para que naõ se sinta a falta, bota-lhe outro tanto de agua salgada, e faz isto mesmo a vinte, ou a trinta, porque assim se foy brindando, e a seus companheiros toda a viagem; e naõ repara no damno, que deu de mais de quatro mil cruzados, por poucos almudes de que se aproveitou, porque no fim tudo se achou corrupto. Da mesma covardia nasce naõ reparar hum ladraõ destes tîmidos, em fazer rachas hum escritorio de madre pérola, que val mais que o

recheyo, quando naõ póde levar tudo debaixo do braço; nem em pôr fogo a huma casa, para que se cuide, que se foy no incendio a pessa rica, com que elle se foy para sua casa, &c.

O remedio singular, que ha para todas estes, he a forca, porque como saõ tîmidos, só o medo della os póde enfrear: e se a nenhum se perdoar, todos andaráõ compóstos, como lá disse hum Poeta: *Oderunt peccare mali formidine pœnæ.* E huma Rainha de Portugal dizia, que taõ bem parecia o ladraõ na forca, como o Sacerdote no Altar. Ainda que eu naõ sou de opiniaõ, que se enforquem homens valentes, quando ha outros castigos taõ rigorosos como a forca, quaes saõ os degredos para as conquistas, onde pódem ser de prestimo: e em seu lugar discutiremos melhor este ponto, quando tratarmos das tesouras com que se cortaõ todas as unhas. Agora só digo, que havendo-se de enforcar alguns, sejaõ os tîmidos, covardes, gente inutil, que bastaráõ para documento, e freyo, que sustente em regra os mais.

CAPITULO XXV.

DOS QUE FURTAÕ COM UNHAS DISFARÇADAS.



S Padres da Companhia de Jesus crearaõ no seu Convento de Coimbra hum gato taõ déstro no seu officio de caçar, que até as aves do ar

sugeitava á jurisdiçaõ das suas unhas. Este, como se tivera o discurso, que os Filosofos negaõ a animais, que carecem de entendimento, revolvia-se em lama, e com ella fresca dava comsigo no guarnel do paõ, e espojando-se nelle levava pegado na lama, e entre as unhas quanto podia, e deitava-se ao Sol como morto, até que os pardais acodiaõ aos grãos de trigo, que lhes offerecia por esta arte: e como os sentia de geito, tirava o disfarce ás unhas de repente, e agarrava hum, ou dous, com que se fazia prato todos os dias regalando a vida, como corpo de Rey com aves de penna. Tres disfarces se notaõ aqui, hum da lama, com que se vendia pelo que naõ era; outro da dissimulaçaõ de morto, com que armava a tirar vidas; e outro da iguaria, que offerecia ás aves para fazer dellas vianda. Traça he esta muito ordinaria em caçadores, e pescadores, que disfarçaõ o anzol, e o laço para assegurarem a preza á sua vontade. E os ladroens por estes modos disfarçaõ tambem as unhas para o mesmo intento, e para se assegurarem a si, que isso tem de tîmidas: e até as mais temidas, e affoutas buscaõ disfarces, para evitarem pejos, e escandalos. E vimos a concluir, que naõ ha ladraõ, que se naõ disfarce para furtar: porque até os mais descarados, que salteaõ nas charnecas, cobrem o rosto com mascaras, e rebuços: e os de capa preta, que no povoado nos salteaõ, se naõ cobrem a cara com carapuças de rebuço, ao menos a disfarçaõ com mil máscaras, de que usaõ, cores, e

capas, que tomaõ para encobrirem sua maldade, e fazerem a sua boa.

Chega o pertendente ao Ministro, por cujas mãos sabe, que correm os despachos de certo officio, ou beneficio, que pertende, e fazem hum concerto entre si, que perderá o Ministro duzentos mil reis se naõ lhe houver o officio; e que lhe dará o pertendente cem mil reis, se lho alcançar: asseguraõ-se com escritos, que se passaõ de parte a parte, cuja letra, ou solfa, nem eu a sey descantar, nem o diabo lhe entende o compasso: e com este disfarce acreditaõ seus primores, e encobrem os barrancos, que se seguem; e o que he simonîa, usura, ou furto mero, taes enfeites lhe poem, que parece virtude. E com dizerem, que se arriscaõ a perder mais nos duzentos, gualdripaõ o cento, a que chamamos menos, e ficaõ muito serenos na consciencia, pela regra dos contratos onerosos; como se no seu houvera algum risco, quando elles tem todo o jogo na sua maõ, e baralhaõ as cartas, e fazem o que querem *a dextris, e a sinistris.*

Senhor, diz o outro, eu darey a v. m. huma Quinta, que tenho muito boa, e dizima a Deos, ou a Vossa Senhoria [que tambem entraõ Senhorias nisto] já que he omnipotente na Corte, se me livrar de huma tormenta de accusaçoens, que actualmente chovem sobre mim, em que me arrisco a sahir confiscado, ou com a cabeça menos. Sou contente, responde o Ministro; mas ha me Vossa Mercê de fazer huma escritura de

venda, em que confesse, que lhe comprey a tal Quinta com dinheiro de contado. Feita a escritura, toma com ella posse da propriedade ; e mete velas, e remos, para livrar o donatario; e naõ descança até o pôr em gemeas escoimado, e limpo como huma prata. E porque naõ ha cousa occulta, que tarde, ou cedo, se naõ revéle, e os murmuradores tudo deslindaõ, veyo-se a descobrir o feito, e o por fazer na materia: chegaraõ accusaçoens, a quem puxou pelo ponto: deraõ-lhe logo com a escritura nas barbas: fizeraõ mentirosos os zeladores, e ficaraõ-se rindo; se naõ he que ficou chorando, o que perdeo a Quinta, por ver quaõ caro lhe custou o disfarce da escritura, com que o seu valido capeou o conluyo. Outros com hum ságuate de nonada, com hum açafate de figos disfarçaõ fidelidade, para confiardes delles cem dobroens emprestados, que vos pagaõ com mil figas. Do zelo, e serviço delRey fazem luvas, que encobrem unhas, que agarraõ emolumentos grosissimos dos bens da Coroa. Estoume rindo, quando os vejo fervorosos, e diligentes no manêo da fazenda Real: naõ dormem, nem comem, antes se comem com o cuidado, e diligencia, que mostraõ em tudo, naõ perdoando a trabalho; e eu estou cá comigo dizendo : assim tu barbes, como tu tens mais amor ao proveito del Rey, que a ti mesmo: que tens tu amor á fazenda delRey, eu o creyo, e que lhe armas algum bom lanço para ti capeado com esses merecimentos. Quem introduzio cambios no

mundo, disfarce inventou para palear usuras, quando passaõ dos limites: e pratica de remir vexaçoens com peitas nas pertençoens de beneficios, capa he com que se disfarçaõ simonîas. Mudaõ os nomes ás cousas, para enganarem remorços. Desmentem humas máquinas com outras: arquitectaõ castellos de vento, para renderem á força da consciencia, e zombarem do preceito: *Sed Dominus non irridetur.*

CAPITULO XXVI.

DOS QUE FURTAÕ COM UNHAS MALICIOSAS.



S unhas disfarçadas muito cheiraõ a maliciosas, mas tem estas de mais que aquellas hum grande palmo, se naõ he covado: e por isso lhes damos particular capitulo. Naõ ha furto sem malicia, nem peccado sem malicia; donde se colhe, que se o furto he peccaminoso, tambem ha de ser malicioso: e porque em tudo ha mais, e menos, poremos aqui os de mayor malicia. Por taes tenho os que escondem, e reprezaõ o paõ, para que naõ se veja abundancia, e appareça a carestîa, e suba o preço. O mesmo fazem os mercadores com sedas, e pannos: mostraõ-vos só huma pessa da côr, ou lote, que buscais, e juraõ-vos por esta alma, pondo a maõ na dos botoens da roupeta, que naõ ha em toda a rua Nova mais

que este retalho, e assim vo-lo talhaõ pelo preço, que querem; e em gastando aquelle, apparece logo outro, e outro cento delles: como o ramo da Sibylla de Eneas, que quanto mais nelle cortavaõ, tanto mais renascia cada vez mais formoso. Mas que muito, que façaõ isto na rua Nova, quando até os que naõ professaõ a ley velha, fazem o mesmo nas carnes, vinhos, e azeites, que vem vender a Lisboa: vem trazendo tudo aos poucos, porque se o trazem junto ha abundancia, e em a havendo abatem os preços: e para que subaõ, e enchaõ bem as bolças com assolaçaõ do povo, ajudaõ-se da malicia, que está descoberta, e será remediada, se se der por perdida toda a fazenda, que andar retida, e atraveçada com semelhantes estanques.

Arrendastes huma vinha por hum anno, puxastes por ella na póda, e fizestes-lhe dar para vós, o que havia de dar no anno seguinte, e furtastes com unhas maliciosas ao proprietario a substancia de hum anno, e póde ser que de muitos. Em Béja vi huma estalajadeira comprar por dez reis duas côves murcianas; lançou-as em huma tigela com dous pimentoens bem pizados, e outros dez reis de azeite, deu-lhe duas fervuras, e sem se erguer, de hum tanho, fez trinta pratos, a vintem cada hum, com que banqueteou hospedes, e almocreves, que se deraõ por bem servidos: mas mais bem servida ficou a malicia da hospeda, que com hum vintem, que dispendeo, interessou seis

tostoens, que embolçou. Naõ sey se diga, que se estende tambem a malicia destas unhas a crime *læsæ majestatis*, quando chegaõ a tanto atrevimento, que fazem, e vendem cartas, e provisoens falsas, com firmas, e sellos Reaes. Hum freguez destes conheci no Limoeiro por fazer moeda falsa, e cercear a verdadeira: pedio-me lhe houvesse hum pequeno de chumbo em segredo; e sabida a cousa, tratava de livrar-se appellando para outro foro: dizia que era Religioso de certa Ordem de Italia; e já tinha armada a Patente, è só lhe faltava o sello, e queria o chumbo para fazer delle o sinete.

Em materia de contratos ha tambem unhas muito maliciosas. Pedio em Evora Cidade hum lavrador do termo a certo ricaço hum moyo de trigo fiado para semear: sou contente, mas haveis-mo de pagar para o novo pelo mayor preço, que correr na praça todo este anno, e nisso ficaraõ com assento feito. Succedeo, que nunca sobio o trigo de trezentos e vinte; mas o Cidadaõ mandou pôr na praça meyo moyo seu escolhido com ordem á vendedeira, que o naõ désse por menos de cinco tostoens; e para que naõ estivesse ás moscas, mandou logo seus confidentes com dinheiro, que para isso lhes deu, que comprassem todo aquelle trigo, como para si pelo preço, que a medideira pedisse; e assim recolheo outra vez para sua casa o seu paõ, e o seu dinheiro, e tomou testemunhas de como se vendera toda aquella semana a quinhentos reis

na praça. Veyo o lavrador a seu tempo pagar pontualmente a razaõ de trezentos e vinte, que era o preço verdadeiro : sahio-lhe o seu acrédor desoslayo com a tramoya ; convenceo-o em Juizo com as testemunhas, e fez-lho pagar a quinhentos, em que lhe pêz. E ainda fez mais, que naõ tendo o lavrador dinheiro lhe tomou o preço da divida em trigo, que entaõ valia a dous tostoens : e tudo bem somado veyo a fazer a quantia de dous moyos e meyo, que recolheo em boa satisfaçaõ do moyo, que tinha emprestado havia poucos mezes.

Quasi semelhante a este he outro contrato, que vi fazer muitas vezes no Reyno do Algarve. Vem os lavradores da Serra ás Cidades prover-se do que lhes he necessario dos mercadores, que lhes daõ tudo fiado até ás colheitas do figo, e paça, mas com tres encargos muito onerosos. Primeiro, que lhes encaxaõ o que levaõ da loge pelo mais alto preço, a titulo de fiado. Segundo, que haõ de pagar em paça, e figo avaliando-o pelo mais baixo, a titulo do beneficio, que receberaõ, quando lhes gastaraõ as mercadorias, que lhes apodreciaõ em casa. Terceiro, que lhes haõ de pôr tudo na Cidade á sua custa. Mais maliciosa está outra onzena, que vi exercitar na Ilha da Madeira. Embarcaõ-se alli muitos passageiros para o Brasil, e os que naõ tem cabedal para se aviarem de matalotagem, e outros aprestos, pedem aos mercadores dinheiro emprestado a corresponder com açucar. Respondeo hum : vendo pannos ; naõ empresto o dinheiro, com que trato :

se v. m. quer panno fiado darlho-hey, buscará quem lho compre, e fará seu negocio com o dinheiro de que necessita. Seja como v. m. quizer: ouro he, o que ouro val; e por ser fiado, talhoulhe o preço por cima das gavias; e feita a compra, de que havia de fazer os cincoenta mil reis revendendo-a, ajuntou o mercador: para que v. m. se naõ canse com hir mais longe, eu lhe comprarey esse panno pelo preço, que o costumo comprar em Londres, e contarlhe-hey logo o dinheiro, que he outro beneficio estimavel, e abateo-lhe em cada covado mais, do que lhe tinha levantado na venda; e pagou-se logo do cambio, que havia de vencer naquelle anno o seu emprestimo, para ficar livre daquelle cuidado, e assegurou o capital com boa fiança; e ficaraõ custando ao passageiro os cincoenta mil reis mais de cento: e o mercador interessando na correspondencia, e revenda do açucar, com que do Brasil lhe pagou mais de duzentos; e a isto chamo eu malicia refinada mais que açucar em ponto.

CAPITULO XXVII.

DE OUTRAS UNHAS MAIS MALICIOSAS.



GRANDE malicia he a das unhas, que agora tocámos; mas ainda ha outras mais maliciosas. Se houvesse contratador, que tivesse pezos grandes para comprar, e pequenos para vender, e todos

marcados pela Camera, naõ ha duvida, que o poderiamos marcar por ladraõ de unhas mais que maliciosas; e para que naõ se tenha isto por impossivel entre gente de vergonha, conheci hum naõ longe de Thomar, que tomava muita fazenda ás partes com dous alqueires que tinha; hum grande, com que comprava, e outro pequeno, com que vendia. Em varas, e covados ha muito que vigiar nesta parte, e nisto de medir, e pezar, saõ alguns taõ déstros, que arremeçando na balança o que pezaõ de pancada, e dando hum solavanco na medida, ou apertando mais, e menos a razoura, e estirando a pessa com o covado, e vara, defraudaõ as partes em boa quantidade com bem má consciencia.

Peço licença ao nosso Reyno de Portugal para escrever aqui a mais detestavel malicia que ha, nem póde haver entre Turcos, quanto mais entre Catholicos, e Portuguezes; a qual por ser publica, e notoria, a ninguem fará escandalo referilla. Nem eu a crêra, se me naõ constara já por muitas vias: e a primeira foy em Barcellos, aonde fuy de Braga ha muitos annos ver as Cruzes, que milagrosamente apparecem em hum campo nos dias da Santa Cruz, assim de Mayo, como de Setembro, e sesta feira de Endoenças. A ver esta maravilha veyo tambem de Viana Joaõ Daranton Inglez Catholico, do qual me contaraõ, que enfadado da fortuna, que o perseguia com grandes perdas, se embarcara para o Brasil com

sua mulher, e quatro filhos, e todo o cabedal, que tinha, que sempre chegaria a dez mil cruzados. O Piloto do navio com seus adjuntos, Mestre, e marinheiros confidentes deraõ com as fazendas das partes em suas casas desembarcando-as de noite secretamente. Deraõ á vela, e deixaraõ-se andar mais de oito dias pela cósta com naõ sey que achaques, sem acabarem de se fazerem ao alto, até que os passageiros entraraõ em suspeitas, que buscavaõ piratas para se entregarem; e os requereraõ apertadamente que fizessem sua viagem. Deraõ entaõ com o navio á cósta á meya noite, que he o segundo remedio, que tem para se escoimarem dos furtos, quando naõ achaõ ladroens que os roubem. O navio se fez em dous com a primeira pancada: a gente do mar se afogou quasi toda com o Piloto; e só Joaõ Daranton se salvou com toda sua familia por justo juizo de Deos, para dar nas casas dos mareantes, onde achou sua fazenda. E tenho-vos descoberta a maranha, irmaõ Leitor, e assim passa na verdade; e assim costumaõ fazer este salto homens do mar neste Reyno, no Brasil, na India, e em todas nossas Conquistas, com afronta grandissima da nossa Naçaõ, encargo irremediavel de suas consciencias, e escandalo atroz de estrangeiros, que com serem ladroens por natureza, profissaõ, e arte, naõ sabemos, que usem de taõ horrenda, e detestavel malicia, e modo de furtar.

Estando eu na Ilha da Madeira, chegou á vista

huma Urcaça de S. Thomé, a qual se deixou andar tres, ou quatro dias barlaventeando, sem tomar o porto, até que o Governador, que entaõ era o Bispo D. Jeronymo Fernando, a mandou reconhecer, e notificar que entrasse, como entrou em que lhe pêz; e sabida a causa pelo aranzel da carga, constou que lhe faltavaõ as mais das drogas, que tinha deixado, onde lhe serviaõ mais que na Urca; e por isso buscava mais os piratas, que o porto, para se entregar, e ter descarga, que dar aos correspondentes, se lhe pedissem a carga: porque satisfaz hum destes a todos com dizer, e mostrar que foy roubado: o seu ganho mayor consiste na mayor perda; roubaõ mais, quando saõ roubados; e quando daõ á costa, e fazem naufragio, trazem mais fazenda para si a salvamento. O que mais me assombra, e deixa estupidos todos os meus sentidos, e potencias, he ver que naõ repara hum destes lobishomẽs em dar com huma náo da India a travéz, e affogar dous, ou tres milhoens delRey, e das partes, pelo interesse de quinze, ou vinte mil cruzados, que poz em polvorosa.

He a maldade destas unhas maliciosas mais detestavel, quando toca no bem commum, e da Coroa, que nos conserva, e sustenta a todos. Naõ sey se o sonhey, ou se mo contou pessoa fidedigna: caso he que me assombra! Valha o que valer: se naõ succedeo, servirá de documento, para que naõ aconteça. Poderia ser assim: Que hum Ministro, que tinha por officio

pagar quarteis de juros, e tenças a todo o mundo, foy sonegando muito a titulo de naõ haver dinheiro; e em poucos annos, com esta, e outras industrias taõ maliciosas como esta, ajuntou mais de cem mil cruzados, de que deu oitenta mil a ElRey nosso Senhor, gabando-se que os poupara aos poucos, e que eraõ frutos [melhor dissera furtos] da pontualidade, e primor, que guardava em seu Real serviço. Estimou Sua Magestade o lanço, tendo-o por legitimo; tanto, que lhe deu por elle huma cõmenda de cem mil reis. No cabo de sua velhice apertou com elle o escrupulo, e tratando de sua salvaçaõ se foy á Mesa da Fazenda, e disse, que devia mais á sua alma, que a seu corpo; e que para descargo de sua consciencia declarava alli, que toda quanta fazenda tinha, era furtada dos bens da Coroa, e das tenças, e juros de todo o Reyno; que mandassem logo tomar posse de tudo em nome de Sua Magestade. Tinha este hum filho, que já servia o mesmo officio do pay, e lograva a fazenda, que era muita. Sabendo o que passava, pôem em pés de verdade, que seu pay estava doudo: prendeo-o em casa; amarrou-o com huma cadeya, sem o deixar fallar com gente; e tal trato lhe deo, que era bastante, para lhe dar volta o miolo; e com esta arte evitou a restituiçaõ, que o pay queria fazer a ElRey, e ás partes, do que maliciosamente tinha furtado. Digaõ-me agora os zelosos sabios, que isto tiveraõ por doudice, precindindo della, quaes foraõ mais maliciosas, as unhas do pay, que ajuntou tanta

fazenda para o filho, ou as unhas do filho, que impediraõ a restituiçaõ do pay? Venha o démo á escolha; taes me parecem humas, como as outras; e por taes tivera as de quem, sabendo isto, se o dissimulasse por respeitos, que naõ cabem aqui.

Tres generos de gente abominavaõ os Romanos, assim no governo da paz, como no da guerra; ignorantes, maliciosos, e desgraçados. Ser hum Capitaõ, hum Piloto, e hum Ministro sabios, e venturosos, he grande cousa, para conseguirem bom effeito suas emprezas; mas se com isso forem maliciosos, desdouraõ tudo; e dos que saõ tocados desta sarna, se devem vigiar os Principes, Reys, e Monarcas, mais que de peste; porque nunca se vio peste, que levasse de coalho todo hum Reyno, ou Republica; e huma traiçaõ forjada com malicia, degola de hum golpe todo hum Reyno, ou Imperio: e por serem taõ arriscadas as unhas maliciosas, se devem vigiar mais, que nenhumas outras; porque torcem todo o governo para seus intentos, deslumbrando os discursos do Principe com razoens palliadas, e empatando as execuçoens rectas com côres de mayor bem da Coroa: e bem examinado, he mayor damno; e se algum bem resulta, he para os particulares, que mechem a treta. Mil casos pudera tocar, que deixo, por naõ ferir a quem se poderá vingar, rasgando esta folha, que no mais nada lhe temo; mas direy hum por todos, e seja o somenos. Correo hum pleito mais de vinte annos neste

Reyno, e na Curia de Roma entre a Mitra de Evora, e o Convento de Aviz, sobre os beneficios de Coruche, que saõ muito pingues, qual os havia de prover. Chegou Aviz a tomar posse: veyo Evora com força esbulhalo della: interpoz seu braço El Rey, como Graõ-Mestre, favorecendo Aviz, que lhe pertencia: acodio o zelo por parte de Evora: Senhor, veja Vossa Magestade o que faz; porque á manhãa quererá Vossa Magestade prover hum Infante neste Arcebispado, e será bom que ache nelle estes beneficios, para ter Sua Alteza que dar a seus criados. E melhor dissera: Senhor, ficando estes beneficios em Aviz, saõ todos de Vossa Magestade, que os poderá prover em quem quizer, como Graõ-Mestre; e ficando em Evora, saõ as vacancias de Roma oito mezes do anno pelas alternadas, e só quatro saõ de Evora; e em Sé vacante he tudo de Roma, e de Evora nada: e assim sempre lhe fica melhor a Vossa Magestade serem os beneficios de Aviz. E esta he a verdade; mas a malicia calla tudo isto, e só representa o que lhe arma para seu intento, palliando tudo com razoens affectadas, e sophisticas, até dar caça ao que pertende em favor da parte, que lhe toca, ou que o peita.

CAPITULO XXVIII.

DOS QUE FURTAÕ COM UNHAS DESCUIDADAS.

TÉ agora reprehendemos a malicia, e vigilancia de todas as unhas; porque naõ ha furtar sem malicia, nem malicia sem cautéla. Donde se segue, que o ladraõ descuidado, ou naõ he ladraõ fino, ou anda arriscado a pagar a cado passo o capital, e as custas: com tudo torno a dizer, que ha unhas descuidadas, e que saõ peores que as maliciosas, e muito vigilantes nos damnos que causaõ. Tem obrigaçaõ os que apréstaõ náos, e armadas de as proverem muito bem de tudo em abundancia; e elles descuidando-se das quantidades necessarias, cizaõ de tudo hum terço, se naõ for a ametade: dizem elles, que para El Rey; mas Deos sabe para quem, e nós tambem. Descuidaõ-se na eleiçaõ da qualidade das cousas; e até dos lugares, onde as devem arrumar se descuidaõ. E resulta de tudo faltar o biscouto, e agua no meyo da viagem; porque acertaõ os tempos de a fazerem mais comprida; faltar polvora, bala, e corda na occasiaõ da melhor peleja; naõ se acharem as cousas, quando saõ necessarias, e serem ás vezes tais, que melhor fora naõ as haver, porque saõ corruptas, e de tal sorte, que causaõ mayores males, e doenças com seu uso. O mesmo

succede nos medicamentos, de que naõ ha provimento por descuido, que mal se póde livrar de malicia crassa, e maldade supina; porque naõ ha Ministro taõ ignorante, que naõ saiba, que no mar se adoece; e que se morre, onde naõ ha remedio conveniente para atalhar o mal.

Outros descuidos, e esquecimentos ha muito geraes, e damninhos, que correm nas posses de fazendas, Mórgados, e Capellas, as quais se tomaõ muitas vezes sem titulo legitimo, por estarem auzentes as partes a quem pertenciaõ; ou porque puderaõ mais os que as tomaraõ: e remordendo-lhes a consciencia no principio, se deixaõ hir ao descuido, até que esquece o escrupulo; e assim passa o esquecimento de filhos a netos. Muitas fazendas Reaes, e bens da Coroa andaõ desta maneira sonegados; tanto, que se se fizer hum exame geral de titulos, poucos haõ de apparecer cabaes, salvo se se acolherem á posse immemoravel, a qual naõ val contra Reys, porque tem privilegio de menores, e força de mayores; mas naõ usaõ della ás vezes, por naõ inquietar seus Estados. Rendellos, e esbulhalos hum, e hum, facil cousa seria; mas naõ se acabaria em cem annos a empreza: investillos todos juntos he perigoso; porque muitos unidos faraõ guerra a este mundo, e mais ao outro: e para se defenderem, naturalmente se ajuntaõ, ainda que sejaõ entre si contrarios. Peleja hum elefante com hum rinoceronte: acõmette-os hum leaõ na mayor força da batalha, e logo poem ambos de parte o

odio, e se amigaõ em hum corpo, para resistirem ao mayor contrario; e tanto se esforçaõ, que o vencem com as forças unidas. Hum Rey de Castella mandou pedir a todos os Fidalgos, e Grandes dos seus Reynos todos os titulos, escrituras, e provisoens do que possuîaõ, porque por descuido dos tempos andavaõ muitas cousas destraîdas, e desanexadas da Coroa. Fizeraõ seu conselho, e louvaraõ-se todos no Duque do Infantado, que estavaõ pelo que elle respondesse: e respondeo, que mostrasse El Rey os titulos, com que possuîa quanto tinha de seu nos Reynos, e Estados, que governava: e que elles se obrigavaõ a mostrar outros titulos muito melhores do que possuîaõ. Ficou entendido o motim, e recolheo-se o decreto do Rey com boa ordenança por duas razões, que se deixaõ ver. Primeira, porque de dous males se deve escolher o menor: e menor mal achou, que era possuîrem alguns o que se lhes tolerava por descuido, ainda que naõ fosse seu, que dar occasiaõ a todos se perderem, e naõ ganhar a Coroa, nem o Reyno nada com isso. Segunda, porque se se examinarem bem os bens, que possuem os Reys, ninguem ha taõ arriscado a possuir o alheo; porque a potencia os faz izentos, e a cobiça he cega, e amiga de embolçar, e tudo parece devido á mayor superioridade. Perigoso foy sempre bolir com o caõ que dorme; e por isso muitas vezes as cousas passaõ por alto até as sepultar o esquecimento; mas isso naõ tira ser furto, o que por esta via se

arrasta. E estas saõ as unhas, que chamamos descuidadas; porque até quando mais lembradas, a avareza por huma parte, e o medo por outra, as poem em estado de descuidadas, e esquecidas: e assim fica tudo sem remedio.

CAPITULO XXIX.

DOS QUE FURTAÕ COM UNHAS IRREMEDIAVEIS.



IGO que ha unhas irremediaveis, naõ porque admitta neste mundo demazia, que naõ tenha remedio para se emendar; mas porque muitas vezes naõ ha quem lho applique: e quando as unhas crescem em mãos poderosas, saõ muito más de cortar. Declararme-hey com huma parabola, que ainda que he ténue, tem muita substancia para todos me entenderem. E he, que a Republica dos ratos entrou em conselho, e fez huma junta sobre que remedio teriaõ para se verem livres das unhas do gato? Presidio hum arganáz de bom talento: assentaraõ-se por suas antiguidades os adjuntos: votou o mais velho: Mudemos de estancia; vamo-nos para os Armazens del Rey, onde naõ ha gatos, e sobejaõ bastimentos, biscouto arrodo, queijos a fartar, chacinas de toda a sorte: e onde muitos homens de bem achaõ seu remedio, sem lhes custar mais que tomallo; tambem nós o acharemos, que nos con-

tentamos com menos. Enganais-vos, disse o Presidente, comer á custa del Rey nunca he barato, nem seguro; porque quem a galinha del Rey come magra, gorda a paga; e nos seus Armazens ha unhas peores, que as dos gatos, que nada lhes escapa. Votou o outro; devia de ser alentado: sou de parecer, que cortemos as unhas ao gato. Acodio o Presidente: calay-vos lá murganho: cortarlhas-heis vós? Naõ dizeis nada; porque logo lhes haõ de nascer outras mayores, e mais peçonhentas. Isto de unhas saõ como enxertos de mato bravo; saõ como ortigas, e tojos, que nascem sem que os semeem: por mais unhas que corteis, nunca vos haveis de ver livre de unhas. Vote outro. Levantou-se entaõ hum de cauda larga muito reverendo, e disse: o meu voto he, que lancemos hum cascavel ao pescoço do gato; e assim sentiremos quando vem, e por-nos-hemos em cobro como fazem os Tapuyas no Brasil, quando ouvem as cobras, que chamaõ de cascavel. Bellamente dizeis, acodio o Presidente; mas quem ha de lançar o cascavel ao gato? Lançarlho-heis vós? Eu naõ, respondeo elle: nem eu, nem eu: Pois malhadeiros, se nenhum de vós ha de fazer o que diz, para que me votais aqui cousas impossiveis? Naõ vedes, que nos destruiremos a nós, e á nossa Republica, se intentarmos cousas, que naõ pódem ser, porque nos haõ de dar na cabeça todos esses remedios? E acabou-se a junta; e vêm a ser, que a mayor, e mais irremediavel ruina de huma Republica suc-

cede, quando os medicamentos, que applica para a vida, se lhe convertem em veneno para a morte; e isto he, quando os conselhos, que toma para se defender, disparaõ em máquinas para se destruir: e naõ cahe no erro, senaõ quando vê os effeitos despropositados nas forças gastadas com paradoxos, e no cabedal consumido em desvarios. E estas saõ as verdadeiras unhas irremediaveis; porque trazem a peçonha no remedio: e entaõ mais irremediaveis, quando saõ incontrastaveis os Juizes, que menêaõ as perdas com applauso de ganancias.

Para eu me declarar ainda mais, e todo o mundo me entender melhor, vinha-me vontade de armar aqui hum Conselho de Estado, ou de Guerra, ou do que vós quizerdes, para verdes o mal, que nos resulta das unhas, que chamo irremediaveis; e quem me tolhe a mim agora fazer aqui hum conselho? Faça-se, e seja logo. Arrojem-se cadeiras para todos. Eya Senhores Conselheiros, assentem-se Vossas Senhorias por suas dignidades. Quantos saõ por todos? Dez, ou doze; melhor fora duzentos, ou trezentos? He isto aqui parlamento de Inglaterra? Onde se daõ tantas cabeçadas, por serem muitas as cabeças, que mereciaõ cortadas, por cortarem huma, que bastava. Naõ havemos mister tantos Conselheiros: bastaõ quatro, ou cinco: vaõ-se os mais para as suas Quintas, onde naõ lhes faltará que fazer em suas ganancias: e quem nos ha de presidir neste conselho? Isto está claro: ha de

presidir a ley: qual ley; a do Reyno, ou a de Machavelo? Ainda ha memorias desse caõ! Vá-se presidir no Inferno. Sabeis vós quem he este perro? He o mais máo Herege, que vomitaraõ neste mundo as Furias de Babylonia; e com ser este, he de temer que o trazem na algibeira mais de quatro, e mais de vinte e quatro. Naõ queremos que nos presida a ley de taõ máo homem, que tem assolado, quantas Republicas a admittiraõ. A nossa ley, e Ordenaçaõ do Reyno he a melhor, que se sabe no mundo; ella he a que ha de presidir, e assim propoem para tratar tres cousas. Primeira, a fortificaçaõ desta Cidade de Lisboa. Segunda, o presidio das fronteiras. Terceira, o cõmercio de álem-mar. E quanto á primeira, diz o primeiro Conselheiro, que naõ havemos mister fortificaçaõ onde estaõ nossos peitos. Se o senhor Conselheiro, que tal vota, tivera o peito de bronze, tamanho como o campo de Alvalade, dizia muito bem, e duzentos peitos tais bastavaõ para fortificar, e defender Lisboa, e o Reyno todo; mas he de temer, que naõ tomou nunca a medida a peitos mais que de perdizes, e galinhas, e que na occasiaõ se retire, ou vâ calçar as esporas, para atar as cardas. Diga o segundo, como nos havemos de fortificar. Parece-me, diz elle, que tomemos todas as bocas das ruas com cestos. Tende maõ, naõ vades por diante: cestos? Cheyos, ou vazios? Cheyos de terra. Melhor fora de uvas, teriaõ os soldados que comer. Só hum bem acho nesses vossos cestos,

que naõ deixaráõ cursar os guarda infantes pelas ruas taõ livremente, como andaõ. Diga o terceiro: Sou de parecer, que nos cerquemos com trincheiras de faxina. Esperay: fortificamo-nos nós para dous dias, ou para muitos annos? Naõ vedes vós, que a primeira invernada ha de levar tudo isso de enxurrada, e que haveis de ficar á porta inferi? Diga o quarto: Digo que melhor he nada: e eu digo, que boca, que sahe com nada, que a houveraõ de condemnar a que nunca entrasse por ella nada, e entaõ veria como lhe hia com nada. Ouçamos a quem preside o que lhe parece, e isso faremos. Parece-me, diz a ley, que a fortificaçaõ se faça de pedra, e cal, com muitos, e bons baluartes, e artelharia nelles, porque tudo o mais he impossivel defendernos. Oh como diz bem! Mas ha de ser á custa do publico, e naõ do particular, para ser possivel; e todos os mais votos saõ juizos occultos, que vaõ dar em roubos manifestos, e irremediaveis. Irremediaveis digo, porque os apoya o Conselho, de donde só podia sahir o remedio. E naõ obstante esta opiniaõ, que he a mais segura, accrescento, que fortificaçoens grandes, que demandaõ quinze, ou vinte mil homens de guarniçaõ, que mais barato he naõ se tratar dellas; porque posta essa gente em campo, faz hum exercito capaz de dar batalha, e alcançar vitoria, e Portugal assim se defende sempre.

Vamos á segunda cousa. Que presidio poremos nas fronteiras? Vinte mil Portuguezes, diz o

primeiro voto, e he o de todos. E de donde havemos nós de tirar vinte mil Portuguezes? Vem cá máo homem, naõ vês, que se fizermos isso duas, ou tres vezes, que ficará o Reyno despovoado, e ermo? Quem ha de cultivar os campos? Quem ha de guardar os gados? Quem ha de trabalhar nas officinas de toda a Republica? E faltando isto, que has de comer, que has de vestir, e calçar? Que Naçaõ viste tu nunca, que fizesse guerra só com os seus naturais? Os mais guerreiros Reys do mundo se ajudaraõ de estranhos, que sempre saõ mais, comparados comnosco; porque lá naõ ha Frades, nem Freiras, e por isso saõ tantos como mosquitos, e acodem muito bem ao cheiro dos nossos ramos; e se morrem, naõ pomos capuzes por elles, nem deixaõ filhos, que peçaõ mercês. Trata-se aqui da conservaçaõ dos naturais; e por isso elles fazem os gastos. De maneira, que quereis, que façaõ os gastos, e dem os filhos para ficarem sem fazendas, e sem herdeiros, e o Reyno extincto de tudo. Esse vosso voto está muito bom para darmos atravéz com toda a Republica; mas para a conservarmos, e defendermos, he impossivel. Muitas Republicas, depois de seus Capitaens, e Soldados serem vencidos, venceraõ com estrangeiros; como os Chalcidonenses com Brasidas, os Sicilianos com Gelippo, os Asianos com Lisandro, Callicrate, e Agathocles, Capitaens Lacedemonios. E se alguns Capitaens estrangeiros tyrannizavaõ as Republicas, que ajudaraõ, como os da

casa Othomana, foy porque naõ tiveraõ forças os que os chamaraõ para se defenderem delles : para evitar este inconveniente, naõ consentiaõ os Romanos, que os que os vinhaõ ajudar fossem mais que elles; e para evitar hum mal irremediavel, ha-se de devorar algum inconveniente, quando he menor, que o mal que se padece.

Vamos á terceira cousa. Que me dizeis do cõmercio de álem-mar? O primeiro Conselheiro diz, que naõ podemos com tantas conquistas, que larguemos algumas; como agora Pernambuco, porque: Atalhou o Presidente a razaõ, que hia dando: e perguntou-lhe muito sério: Almoçastes vós já? Pois havia de vir em jejum ao Conselho? Assim parece, e mais que naõ bebestes agua de neve. Hum conselho vos déra eu mais saudavel para vós, do que esse vosso he para nós: que vos guardeis dos rapazes, naõ vos apedregem, se souberem que fostes de parecer que larguemos aos inimigos, o que nossos avós nos ganharaõ com tanta perda de seu sangue. Senhor, tenho que dizer a isso, replicou o Conselheiro. Calay-vos, naõ me insteis; que vos mandarey lançar hum grilhaõ nessa lingua: bem sey o que quereis dizer: naõ tendes que me vir aqui com conveniencias de cortar hum braço, para naõ perdermos a cabeça; saõ isso discursos velhos, e caducos. A maxima das conveniencias he ter maõ cada hum no que he seu até morrer, e naõ largar a mãos lavadas, o que outrem nos ganhou com ellas ensanguentadas. Sois muito bacharel:

naõ me sejais *Petrus in cunctis;* olhay que vos farey *Joannes in vinculis.* Ide-vos logo por aquella porta fóra. Oh de fóra! Está ahi algum porteiro? Chamai-me cá quatro archeiros, que me dêm com este zelote no Limoeiro, e vote o segundo. O segundo diz, que se trate do que haõ de trazer as náos, e frotas do Brasil, e India. Porque aqui naõ se trata [acodio o Presidente] do que haõ de levar, senaõ do que haó de trazer; vem a trazer pouco máis de nada, e faltaõ lá as forças para conservar o conquistado. Levem, disse o terceiro, muito bacalháo, muito vinho, azeite, e vinagre. Esperay: ides vós lá fazer alguma celada, ou merenda? Ainda naõ dissemos tudo, acodio o quarto. Levem muitos soldados, farinhas, traparias, e muniçoens, e isto basta. Aqui acodio a ley Presidente, dando hum grito: Justiça de Deos sobre tais Conselheiros! Porque naõ dizeis todos, que levem Pregadores Evangelicos, que conquistem o Gentio para Deos, e Deos vos dará logo todos os bens temporais dessas conquistas, que venhaõ para vós: *Quærite primùm regnum Dei, & hæc omnia adjicientur vobis.* Matth. 6. Sentença he de eterna verdade, que estabeleçamos primeiro o Reyno de Christo, e logo ficará estabelecido o nosso Reyno, e tudo nos sobejará. He Portugal patrimonio de Christo, que fundou este Reyno, para lhe propagar sua fé. E cançase debalde, quem trata de suas conquistas por outro caminho: furta a Deos, e ao Reyno o cabedal, que emprega em outros intentos, que nunca

haõ de ser bem succedidos, porque vaõ fóra dos eixos proprios, e do centro verdadeiro. Todos os remedios, que applicar para indereitar as rodas da fortuna, haõ de servir de mayor despenhadeiro; e acabemos de cahir nisto, pois somos Christãos Catholicos: naõ desmintamos nossa propria profissaõ; e acabemos de entender, que de nós nasce o mal, e por isso naõ tem remedio; porque o estorva, quem lho houvera de dar. E já que as perdas saõ irremediaveis; porque nascem de Conselheiros, que tem por officio dar-lhes o remedio, e naõ ha outros, que emendem estes, e os melhorem; ponhamos aqui hum Capitulo, que nos descubra o segredo da abelha, e jarrete todas estas unhas.

CAPITULO XXX.

QUE TAES DEVEM SER OS CONSELHEIROS, E CONSELHOS, PARA QUE UNHAS IRREMEDIAVEIS NOS NAÕ DAMNIFIQUEM.



UM Alvitrista, ou Estadista foy a Madrid, haverá vinte annos, e disse, que tinha achado hum remedio singular, para se dar fim brevemente ás guerras de Flandes com grande gloria de Castella. Estimou-se o alvitre, como merecia: fez-se huma junta de todos os Grandes, e Conselheiros para ouvirem o discurso do novo Apollo, que o recopilou em breves razoens; e disse a todos sem nenhum empacho. Senhores, todos

vemos muito bem, que naõ prevalece Espanha contra Hollanda huma hora mais que a outra ha tantos annos; e sabemos, que o nosso poder he mayor, que o seu: donde se colhe que todas as ventagens, que nos fazem, procedem de que se sabem governar melhor que nós: pelo que eu era de parecer, que a Magestade del Rey Filippe mande seus Conselheiros para Flandes, e que venhaõ os Conselheiros de Flandes para Espanha; e logo tudo nos hirá vento em popa, e Hollanda de cabeça abaixo, e teraõ melhora as perdas irremediaveis, que nos assolaõ; porque as obraõ os Conselhos, por cuja conta corre applicar-lhes o remedio. Assim passa, que o que assola as Republicas sem remedio, saõ os conselhos, quando erraõ.

Esta palavra *Conselho* tem dous sentidos, hum material, e outro formal: no sentido material significa os Conselheiros juntos, e o Tribunal em que se assentaõ: no formal he o voto de cada hum, e a resoluçaõ que de todos se colhe: e vem a ser quatro cousas distinctas. Primeira, Conselheiros; segunda, Tribunal; terceira, o parecer de cada hum; quarta, a resoluçaõ de todos. Digo logo de cada huma, o que releva.

Que tais devem ser os Conselheiros.

Questaõ he, se ha de ter o Principe muitos conselheiros, se hum só? Hum só he arriscado

a errar, mas que seja hum Architofel. Ter hum valîdo, de quem se fie, para o ajudar, he prudencia, e he necessario. Os Papas tem seus *Nepotes,* e os Principes devem ter seus confidentes para cada materia: como hum para a paz, outro para a guerra; hum para a fazenda, outro para o trato de sua pessoa, &c. E naõ seja hum só para tudo, porque naõ póde assistir a tantas cousas, nem comprehendelas: e sendo varios, estimulaõ-se com a emulaçaõ a fazer cada qual sua obrigaçaõ por excellencia. Os Conselheiros devem ser muitos sobre cada materia, porque huns alcançaõ, e supprem o a que naõ chegaõ os outros; mas naõ sejaõ tantos, que se confundaõ, e perturbem as resoluçoens; quatro até cinco bastaõ. Outra questaõ he, se devem ser os Conselheiros letrados, se idiotas; isto he, de capa, e espada? Huns dizem, que os letrados, com o muito, que sabem, duvidaõ em tudo, e nada resolvem; e que os idiotas com a experiencia sem especulaçoens daõ logo no que convém. Outros tem para si, que as letras daõ luz a tudo, e que ignorancia está sugeita a erros: e eu digo, que naõ seja tudo letrados, nem tudo idiotas: haja letrados Theologos, e Juristas, para que naõ se cõmettaõ erros: e haja idiotas, que com a sua astucia, sagacidade, e experiencia descubraõ as cousas, e dém expediente a tudo. Poucas vezes acontece, que concorraõ na mesma pessoa engenho para discorrer sobre o que se consulta, e juizo para obrar o que na consulta se determina: muitos saõ de fraco juizo consultados, mas para

executar, o que se resolve, saõ destrissimos. Muitos excedem na agudeza dos pareceres que daõ, mas na execuçaõ delles saõ taõ ineficazes, que os perdem. E por isso digo, que he melhor terem todos lugar no Conselho, para se ajudarem, e supprirem huns aos outros, e ficar tudo bom.

Outra questaõ se segue a esta [dado que naõ póde neste mundo tudo ser perfeito, e cabal, porque naõ ha, quem naõ tenha seu pé de pavaõ] se he melhor para a Republica ser o Principe bom, e os Conselheiros máos: ou serem os Conselheiros bons, e o Principe máo? Se o Principe se governar por seus Conselheiros, diz Elio Lampridio, que pouco vay em que o Principe seja máo, se os Conselheiros forem bons; porque mais depressa se faz bom hum máo com o exemplo de muitos bons, que muitos máos bons com o exemplo, e conselho de hum bom: e como a resoluçaõ, que se segue, he dos bons, tudo fica bom. Mas se o Principe governar sem respeito aos Conselheiros, melhor he ser o Principe bom, ainda que os Conselheiros sejaõ máos; porque o exemplo do Principe tem mais força para reduzir á sua imitaçaõ, os que o servem; e como diz Plataõ, e refere Tullio, quaes saõ os Principes, tais saõ os vassallos: se o Principe he virtuoso, todos trabalhaõ por serem virtuosos; e se he vicioso, todos se daõ ao vicio. Quando o Principe he Poeta, todos fazem trovas: quando he guerreiro, todos trataõ de armas: por monstro se tem em huma Corte haver, quem faça, ou diga cousa,

de que o Principe naõ goste. E dado, que os Conselheiros naõ se refórmem com o exemplo do Principe, nem sejaõ quaes pede a razaõ, para isso tem o Principe ó poder na escolha dos sugeitos, naõ se limitando aos que o cercaõ, senaõ estendendo o conhecimento até os mais remotos, e lançando maõ dos mais aptos. E para isso devem os Principes considerar, que da bondade de seus Conselheiros depende a sua fama, honra, e proveito de seus póvos. Se o Principe errar na escolha dos Conselheiros, perde a sua reputaçaõ, e podemos presumir, que errará em tudo. De ter bons Conselheiros se segue bom successo em suas emprezas, bom nome em suas obras, e grande reputaçaõ com os estrangeiros; dos quaes será venerado, e temido, assim como amado, e obedecido dos seus. E para que o Principe possa acertar na escolha dos Conselheiros, digo em duas palavras as suas qualidades, de que os Autores, e Estadistas fazem grandes volumes.

O Conselheiro ha de ser prudente, e secreto, sabio, e velho, amigo, e sem vicios: naõ cabeçudo, nem temerario, nem furioso. Quatro inimigas tem a prudencia. Primeira, Precipitaçaõ, segunda, Paixaõ, terceira, Obstinaçaõ, quarta, Vaidade: a primeira arrisca, a segunda cega, a terceira fecha a porta á razaõ, a quarta tudo tisna. Tres inimigos tem o segredo; Bacho, Venus, e o Interesse. O primeiro o descobre, o segundo o rende, o terceiro o arrasta. E perdido

o segredo do governo, perde-se a Republica. A sabedoria, e velhice se ajudaõ muito, esta com a experiencia, e aquella com o estudo; com tanto, que a velhice naõ seja caduca, e a sabedoria inutil. Se for amigo do Principe, e da Republica, tratará do bem cõmum, e naõ do particular, em que consiste a maxima da mayor virtude, que deve professar hum Conselheiro, com que extinguirá todos os vicios, que o pódem deslustrar. E para assegurar este ponto, devem os Principes acautelar-se de pessoas, que tenhaõ aggravado; por mais talentos que tenhaõ, naõ fiem delles os póstos em que pódem ter occasiaõ de se vingarem. Plataõ diz, que os Conselheiros haõ de estar livres de odio, e amor. Virgilio canta, que o amor, e a ira derrubaõ o entendimento. Salustio escreve, que devem estar apartados de amizade, ira, e misericordia; porque aonde a vontade se inclina, alli se applica o engenho, e a razaõ nada póde. Cornelio Tacito tem, que o medo desbarata todo bom governo, e conselho. Carlos V. queria, que deixassem á porta do Conselho a dissimulaçaõ, e o respeito. Thucidides, que entendaõ a materia, em que votaõ; que naõ se deixem corromper com peitas, e que saibaõ propor os negocios com graça, e destreza. Innocencio III. quer que saibaõ tres cousas. Primeira, se o que, se consulta he licito segundo a justiça. Segunda, se he decente segundo a honestidade. Terceira, se cumpre segundo o Direito. E assim votaráõ sem temor de respeitos

que os possaõ encontrar: porque, como diz Santo Agostinho, melhor he padecer por dizer verdade, que receber mercês por lisongear: e he conselho de Christo, que temamos a perda da alma, e naõ a do corpo.

Devem ter os Conselheiros todos seus bens nas terras do Principe a quem servem, e todas suas esperanças póstas nelle; e o Principe naõ deve anifestar sua opiniaõ, para votarem livres. E póstos nesta liberdade, naõ sejaõ faceis de variar no parecer, nem afferrados ao que deraõ: movaõ-se por razaõ; porque naõ muda, nem varîa conselho, diz Tullio, quem o varîa, e muda para escolher o melhor. Covardes ha, para que naõ lhes chamemos traydores, que capeaõ sua má tençaõ no conselho com astucias, que nunca lhes faltaõ, encobrindo sua natural fraqueza, que nelles póde sempre mais, que a razaõ, e que a experiencia; que muitas vezes lhes mostra, que naõ tiveraõ causas para temer, e que lhes sobejou má vontade para enganar, e porisso varîaõ. Livrarse-ha destes o Principe, se os vigiar, naõ lhes admittindo o conselho para effeituar cousas illicitas; nem meyos illicitos, para conseguir cousas licitas: e assim he, que nesta pedra de toque vaõ sempre esbarrar seus quilates. Alguns Autores querem que os Conselheiros saibaõ muitas linguas, ou pelo menos as dos póvos, que o seu Principe governa, ou tem por aliados, e amigos; porque corre perigo descobrirem os interpretes o segredo, ou declararem mal as Embaixadas. Pedro

Galatino diz, que eraõ obrigados os Juizes de Israel a saberem setenta linguas, para naõ fallarem por interprete aos que diante delles litigavaõ. Devem ter liçaõ das historias, e corrido muitas terras, e Naçoens; saber as forças do seu Principe, de seus visinhos, amigos, e inimigos. Sejaõ liberais; porque o povo paga-se muito desta virtude, e a ama, e a adora: o avarento sempre he aborrecido, e por acodir á sua cobiça tudo faz venal. Favoreçaõ os que o merecem, sem que lho peçaõ: tenhaõ a porta aberta para ouvir a todos sem escandalizar com palavras, nem dar occasiaõ de desesperarem as partes. E finalmente seja o Conselheiro bom Christaõ, e terá todos os requisitos; porque a pureza da Religiaõ Christãa Catholica naõ permitte vicio, que naõ emende.

Tribunal como, e que tal.

ARISTOTELES no lib. 1. da sua Rhetorica, diz, que toda a Republica para ser bem governada deve ter cinco Tribunais. Primeiro, da Fazenda publica, e particular. Segundo, da Paz. Terceiro, da Guerra. Quarto, do Provimento. Quinto, da Justiça. E nesta parte estamos melhor que a Republica de Aristoteles; porque temos doze Tribunais, que bem examinados, se reduzem aos cinco apontados. Para o primeiro da Fazenda publica, e particular, temos dous; hum se chama

tambem da Fazenda, e outro he o Juizo do Civel com sua Relaçaõ, para onde se appella, e aggrava. Para o segundo da Paz temos cinco, tres delles para o sagrado, e saõ o Santo Officio, o do Ordinario, e o da Consciencia ; e dous para o profano, que saõ a Mesa do Paço, e a Casa da Supplicaçaõ. Para o terceiro da Guerra temos dous; hum que se chama tambem da Guerra, e outro Ultramarino. Para o quarto do Provimento temos outros dous ; hum he o da Camera, e outro o dos tres Estados. E para o quinto da Justiça temos outros dous, que já ficaõ tocados, e saõ a Mesa do Paço, e a Relaçaõ. E para melhor dizer, todos os Tribunais tiraõ a hum ponto de se administrar justiça ás partes. E finalmente sobre todos hum, que os comprehende todos, e he o do Estado.

Os Romanos tinhaõ hum Templo dedicado á Deidade do Conselho, e era escuro, para denotar, que os conselhos devem ser secretos, e que ninguem deve ver, nem entender de fóra o que se trata nelles. Licurgo naõ permittia em Lacedemonia, que fossem magnificas, nem sumptuosas as casas, em que se faziaõ os conselhos, e punhaõ os Tribunais, para que naõ se divertissem, nem ensoberbecessem os Conselheiros. E até nesta parte se acõmoda Portugal muito aos antigos : e por credito seu naõ digo, o que me parecem os aposentos, em que arma os seus Tribunais. Em outras cousas tomaramos que imitára os antigos, como no magnifico, e grandioso de obras publicas,

fontes, pontes, torres, pyramides, columnas, obeliscos, e outras maquinas, com que se ennobrecem as terras, e se affamaraõ Gregos e Romanos. E em Lisboa, promontorio mayor, e melhor do mundo, naõ haver huma obra publica, que leve os olhos ! Se em minha maõ estivera, já tivera levantadas columnas mais magestosas, que as de Trajano ; e Agulhas mais grandiosas, que a de Xisto ; humas de marmores, e outras de jaspes, que nos sobejaõ ; taõ altas, que vençaõ os montes, e cheguem ás nuvens, e se vejaõ até dos mares ; e sobre ellas as Estatuas delRey nosso Senhor D. Joaõ o IV. e da Senhora Rainha, e do Serenissimo Principe seu filho, que enchessem, e authorizassem com suas Reaes Magestades os terreiros, rocîos, e praças, para eterna memoria, e gloria da felicidade, com que dominaraõ este Reyno, e nos livraraõ do jugo de Castella sem arrancar espada, nem dar mostras de acçaõ violenta, como rayos, que obraõ seu effeito, antes que se ouça o trovaõ. Nem seriaõ isto gastos superfluos, quando o credito, e admiraçaõ, que delles resulta, causaõ nas Naçoens estranhas assombro, e respeito com que se enfreaõ : considerando, que quem tem posses, e magnanimidade para cousas taõ grandiosas na paz, tambem as terá para as que saõ mais necessarias na guerra. Mas elles vém, que naõ temos hum caes que preste ; que naõ ha hum mole em nossos pórtos, nem fortificaçaõ acabada em nossas fronteiras ; perdem o conceito, que deveraõ ter de nós, e

tomaõ orgulhos, e audacias, para nos fazerem das suas, confiados mais em nosso descuido, e desalinho, que em seu poder. De donde vem isto? He que naõ ha quem cure do publico: e por isso já naõ me espanto do pouco apparato, e lustre dos nossos Tribunaes, que correm nesta parte a fortuna das obras publicas. E só hum bem tem, que he estarem quasi todos juntos dentro de hum pateo, com que ficaõ menos trabalhosos os requerimentos das partes, para forrarem de tempo, e passadas na busca dos Ministros; que tambem fora bom viverem arruados todos, e naõ taõ espalhados, e remotos huns dos outros, que fará muito hum requerente muito ligeiro, se der caça a dous, ou tres no mesmo dia, para lhes lembrar o seu negocio. Ao bem de estarem juntos os nossos Tribunaes, se devera ajuntar outro de serem cõmunicaveis por dentro com o Paço Real; de sorte, que pudesse ElRey nosso Senhor sem ser visto, nem sentido, ver, e ouvir o que nos Tribunaes se obra. O Emperador dos Turcos tem huma gelosia coberta com hum sendal verde, por onde vê, e ouve tudo quanto os Baxás fazem, e dizem quando, se ajuntaõ em conselho; os quaes só com cuidarem, que os estará espreitando o seu Rey, administraõ justiça, e naõ gastaõ o tempo em praticas, que naõ pertencem ao serviço de seu Senhor, ou ao bem publico.

Em conclusaõ: as Republicas ricas devem mostrar sua grandeza na magestade de seus Tribunaes com casas amplas de frontispicios magni-

ficos, e bem guarnecidos por dentro, claras, e sumptuosas; porque a excellencia dos apparatos exteriores esperta no interior dos animos espiritos grandiosos, e resoluçoens alentadas: alojamentos humildes acanhaõ os brios, embotaõ os discursos, e até nos intentos generosos lançaõ grilhoens, e algêmas. Tamara lib. 1. cap. 7. dos costumes das gentes diz, que havia em França antigamente hum costume, que eu naõ posso crer, que o Conselheiro, que acodia muito tarde ao conselho, tinha pena de morte, a qual logo se executava. E que se algum se desentoava, ou fazia arroîdos no Tribunal, lhe cortavaõ o topéte. Deviaõ de tomar isto dos Grous, que quando se ajuntaõ na Asia, para se mudarem de huma regiaõ para outra, depennaõ, e mataõ o que vem ultimo de todos. Juntos os Conselheiros no Tribunal, a primeira acçaõ, que devem fazer, antes de tratarem nenhum negocio, he oraçaõ ao Espirito Santo, offerecendolhe hum Padre nosso, ou huma Ave Maria, pedindolhe, que os allumîe a todos, illustrando-lhes o entendimento, para que saibaõ escolher o que for mais conveniente ao Divino serviço, e mais proveitoso para o augmento da Republica, e bem de seu Principe. Dar principio a cousas grandes sem implorar auxilio do Ceo, he acçaõ de Satyros, ou de A'theos.

Voto, e parecer de cada hum.

O Conselho, voto, e parecer dos Conselheiros he hum bom aviso, que se toma sobre cousas duvidosas, para naõ errar nellas: toma-se sobre cousas, que naõ estaõ na nossa maõ; naõ se toma sobre cousas infalliveis, porque estas pedem execuçaõ, e naõ conselho; deve ser de cousas possiveis, e futuras; porque as impossiveis presentes, e passadas, já naõ tem remedio. Naõ deixa o conselho de ser bom, por sahir o successo máo; nem o máo conselho deixa de o ser, por ter bom successo; porque os successos saõ da fortuna, e dependem das execuçoens que muitas vezes por serem más, damnaõ a bondade dos conselhos; e tambem por serem boas, emendaõ ás vezes o erro do conselho. Os Carthagineses enforcavaõ os Capitaens, que venciaõ sem conselho, e naõ castigavaõ aos vencidos, se consultavaõ primeiro o que depois obravaõ. Na guerra, que os Gregos fizeraõ a Troya, mais montaraõ os conselhos de Nestor, e Ulysses, que as forças de Achilles, e Ayas. Henrique III. de Castella dizia, que mais aproveitavaõ aos Principes os conselhos dos sabios, que as armas dos valentes; porque mais illustres cousas se obraõ com o entendimento da cabeça, que com as forças dos braços: e allegava o que diz Tullio, que mais aproveitaraõ a Athenas

os conselhos de Solon, que as vitorias de Themistocles. He muito prejudicial saberem os Conselheiros o que o Principe quer; porque logo buscaõ razoens com que o justifiquem. O Conselheiro naõ ha de approvar tudo o que o Principe disser; porque isso será ser lisongeiro, e naõ Conselheiro. Muitos naõ tem nos conselhos respeito ão que se diz, senaõ a quem o diz; se he amigo, vaõ-se com elle: senaõ he do seu humor, ou parcialidade, reprovaõ-no: e he muito prejudicial modo de governar este. Pequenos erros, que no principio naõ se sentem, saõ mais perigosos, que os grandes, que se vém; porque o perigo, que se intende obriga a buscar o remedio; más os erros, que se naõ sentem, ou dissimulaõ, crescem tanto, pouco a pouco, que quando se advertem, já naõ tem remedio; como a febre thisica, que no principio naõ se conhece, e quando se descobre, naõ tem cura.

Conselhos bons saõ muito bons de dar, mas muito máos de tomar: muitos os daõ, e pouco os tomaõ. Conselhos máos tem duas raizes: ou nascem de odio, ou de ignorancia: por peores tenho os primeiros; porque a ignorancia procede da fraqueza, e o odio resulta da malicia; e a malicia he peor inimigo que a fraqueza. E até nos bons conselhos pódem reinar o odio, e a malicia, quando muitos os daõ, e poucos os tomaõ, ou seja no termo *á quo*, quando se dá conselho, pois todos o lançaõ de si; ou seja no termo *ad quem*, quando se recebe, pois poucos o admittem. Que sejaõ

tomados com aborrecimento, he cousa muito ordinaria: que sejaõ dados com odio, naõ he taõ commum; mas he grande mal; porque nunca póde ser boa a planta, que nasce de má raiz, ou se enxerta em ruim arvore. E com ser máo o conselho deslindado nesta fórma, era muito bom para ser dinheiro pela propriedade que tem; e já dissemos, que muitos o daõ, e poucos o tomaõ. Em hum cousa se parece muito o conselho com o dinheiro, e he, que ambos saõ muito milagrosos. Trés milagres muito grandes achou hum discreto no dinheiro; naõ ha quem os naõ experimente, e por serem muito ordinarios, ninguem faz memoria delles. Primeiro, que nunca ninguem se queixou do dinheiro, que lhe pegasse doença. Segundo, que nunca ninguem teve nojo delle. Terceiro, que nunca cheirou mal. Digo que nunca ninguem se queixou delle, que lhe pegasse doença; porque andando por mãos de quantos leprosos, sarnosos, morbogallicos, e empéstados ha no mundo, e passando dellas para as mãos do mais mimoso fidalgo, e da mais delicada donzella, nenhuma doença sabemos, que lhes pegasse, mais que fome de lhe darem mais. Donde colho, que naõ he bom o dinheiro para paõ; que se fora paõ, nunca houvera de matar a fome. Digo mais, que nunca ninguem teve nojo do dinheiro; porque o recolhem em bolças de ambar, e seda, o guardaõ no seyo, e até na boca o metem, sem terem asco delle nem se lembrarem, que tem andado por mãos de regateiras, ramelosas, e de lacayos rabugentos, e

de negros raposinhos. E digo finalmente, que nunca cheirou mal a ninguem; porque bem póde elle sahir da mais immunda cloaca, respira nelle bemjoim de boninas; ainda que venha entre enxofre, ha-lhes de cheirar a ambar, algalia, e almiscar. Tal he o conselho: se he bom, nenhum mal faz: se he máo, ninguem tem nojo delle, nem lhe cheira mal; ainda que venha envolto em fumaças do Inferno, parecem-lhe perfumes aromaticos do Paraiso: e entaõ mais, quando vem deslumbrando com tais nevoas, que tolhem a vista de seu conhecimento. De tudo o dito se colhe, que se divide o conselho em bom, e máo: se he bom, recebe-se com aborrecimento, se he máo, dá-se por odio. Quando se recebe com aborrecimento, nada obra, por bom que seja: quando se dá por odio, pretende arruinar tudo, e alcança o intento, tanto que se aceita. Deos nos livre de ser odioso o conselho, tanto me dá por respeito de quem o dá, como por parte de quem o recebe: em manquejando por algum destes dous pólos, ou naõ temos fé nelle, ou executa a peçonha que traz; e de qualquer modo causa ruinas, e grandes perdiçoens. Para se livrar o Principe de todas estas Scylas, e Charybdes, deve conhecer bem de raiz os talentos, e animos de seus Conselheiros: e faça por isso, porque nisso está a perda, ou ganho total de seu Imperio.

Resoluçaõ do Conselho.

A RESOLUÇAÕ he consequencia dos votos, e della nasce a execuçaõ, e desta o bom effeito, que he o fim, que se pertende nos Conselhos. Nas emprezas devem-se executar as resoluçoens, que tem menos inconvenientes; porque he impossivel naõ os haver: e quem se naõ aventurou, nem perdeo, nem ganhou: e hum perigo com outro se vence; e atraz do perigo vem o proveito Naõ devem os que consultaõ deixar de executar o que se determina, porque haja perigo na execuçaõ; se he mayor o proveito, que de executar-se se segue, que o perigo, que de se naõ executar se encorre. Prudencia he consultar com madureza, e executar com diligencia: *O Conselho na almofada,* diz o Proverbio, *e a execuçaõ na estrada;* e por isso se dizia dos Romanos, que assentados venciaõ, Principes ha, que para que naõ lhes vaõ á maõ no que determinaõ, naõ admittem a Conselho os que sabem lho naõ haõ de approvar, para que naõ lhes debilitem os animos dos que esperaõ os ajudem no seu parecer: prejudicial modo he este de governar. Tanto que se começa a executar o que se resolveo, naõ se devem lembrar do conselho, que deixaraõ de seguir, para que naõ lhes esfrie o gosto, que dá alma á execuçaõ; e esta naõ se deve cõmetter nunca a quem

foy de contrario parecer; porque por fazer a sua opiniaõ boa, dá a travéz com toda a empreza por modos illigitimos, que seu capricho lhe inculca, e capéa já com a pressa, já com o vagar, que prova sofisticamente serem meyos necessarios. Negocios ha, que he melhor deixalos hum pouco, que executalos logo; porque executados se malograõ, ou concluem tarde; e dissimulados se esfriaõ mais cedo: muitas doenças sára o tempo sem mézinhas, e naõ o Medico com ellas: muitos negocios se perdem; porque naõ se executaõ em seus lugares, e conjunçoens: deve estar a empreza sazoada para se effeituar, como a horta disposta para se semear.

Quando o governo começa a descahir, porque saõ mais os que resolvem mal, que os que resolvem bem, pouco impedimento basta, para que naõ se execute o que na consulta se examina; e ainda que alguns aconselhem bem, naõ bastaõ a ordenar o que os mais desordenaõ: nem serve de mais o estar no Conselho, que participar da culpa, que tem os que governaõ mal: e só lhe fica por remedio ao Principe retratar tudo, conhecido o erro: e he hum remedio muito prejudicial; porque diminue muito na authoridade do Principe, e augmenta impetos de desobediencia nos Ministros para as execuçoens, que mais importaõ. O Principe consulte, e cuide bem o que decreta; porque naõ parece bem retratado, salvo se for em quadro com bom pincel; mas com penna nem de palavra, naõ fica gentil-homem. Se o

erro for pequeno, melhor he sustentallo, se naõ se seguir delle grande damno, ou alguma offensa de Deos; porque prepondéra mais o credito do Principe: e se for de qualidade, que peça emenda, haja algum Ministro fiel, que o tome sobre si, e tambem a pena, que o Principe moderará, ou perdoará a titulo de descuido; e assim se dará satisfaçaõ a todas as partes, ficando illesa a authoridade mayor. Se houvesse Principe, que facilmente se retratasse, allegando que naõ he rio, que naõ haja de tornar a traz. Responderalhe que ha tres R. R. R. que naõ tornaõ atraz, por mais montes de difficuldades, que se lhe ponhaõ diante: e saõ: Rey, Rio, e Rayo, e o Rey muito mais; porque se dér em dobrar-se, em dous dias perderá o credito, que consiste em sustentar sua palavra; que, como dizem, palavra de Rey deve ser inviolavel: e se o naõ for, faltarlhe-haõ os subditos com a inteireza da obediencia, em que se apoya a Magestade, e naõ o conheceráõ por Rey, nem por Roque. E seguirsehaõ damnos irremediaveis, os quaes pertendemos atalhar em todo o discurso deste Capitulo; que bem considerado vem a ser, que do bom conselho se segue o bom governo, que sustenta as Republicas illesas; e do máo resultaõ assolaçoens de Reynos, e ruinas de Imperios; e o mundo todo he pequena pelóta para o bote, ou rechaço de hum lanço de máo governo.

CAPITULO XXXI.

DOS QUE FURTAÕ COM UNHAS SABIAS.



A no Brasil, e Cabo Verde tantos bugîos, que saõ praga: e porque os estimaõ em Portugal, e em muitas partes por seus tregeitos, usaõ lá hum modo de os caçar sem os ferir muito facil, e recreativo. Lançaõ-lhes cocos abertos, e providos de mantimento nas paragens onde andaõ mais frequentes; mas abertos com tal proporçaõ, que caiba a maõ do bugîo aberta, e naõ fechada; e com este animal ser taõ ardiloso, que cuidaõ os Tapuyas, que tem entendimento, tanto que empolga no miolo do coco, nunca o larga, nem sabe abrir a maõ para a tirar fóra. Daõ sobre elles os caçadores de repente, tanto que os sentem enfrascados no sevo; e porque tem seu valhacouto nas arvores, fogem para ellas, e faltando-lhes as mãos para treparem, deixaõ-se apanhar, por naõ largarem a preza do mantimento. Mais ardilosas saõ as cobras, que para escaparem de animaes inimigos, que as perseguem, fazem minas, em que se guarnecem, largas no principio, e estreitas no cabo com sua sahida apertada, por onde escapaõ, deixando entalado seu inimigo; e logo voltando-lhe nas costas pela primeira via, lhe tiraõ a vida a seu salvo, e logtaõ o despojo do cadaver. Fazer

huma facçaõ de grande porte he valentia ; carregar nella de grande preza he felicidade; deixar-se render com a preza nas mãos, e perdella com o credito, e vida, he desgraça, e he ignorancia de bogîo. Levarem-me a preza, e illa tirar das garras do inimigo, mas que seja com emboscada, e estratagema, he prudencia de serpente : e estas saõ as unhas de que trato, que sabem pescar com sabedoria, sem deixar rasto de que lhe peguem, nem porta aberta, por onde o cassem.

Ha outras unhas, que poem sua sabedoria em fazerem bem o salto, e darem logo outro, com que se ponhaõ em cobro; como os que andaõ de terra em terra vendendo unguentos para todas as enfermidades : em Castella os vi applaudindo seus medicamentos pelas praças; e para prova de sua efficacia passavaõ com estocadas suas proprias tripas [se naõ eraõ as de algum carneiro] e untando a ferida se davaõ logo por saõs : e a gente immensa, que isto via, comprava sem reparo as unturas, que vinhaõ a ser azeite com cera, e alecrim pizado ; e os vendedores passavaõ avante a outra terra, deixando os compradores com as bolças vazias de dinheiro, e cheyas de unguentos, que naõ prestavaõ para nada. Melhor succedeo a hum, que vi em Evora [Castelhano era] fez hum theatro na praça, poz nelle dous caixoens de canudos do unguento milagroso, que servia para todos os males : bailou sua mulher, e huma filha, que volteava por cima de huma mesa ; fizeraõ entremezes, a que acodio toda a Cidade :

disse elle no cabo tais gabos da mézinha, que naõ ficou pessoa, que a naõ comprasse a tostaõ cada canudo, até vazar de todo os caixoens, que encheo de prata: e ao outro dia deu comsigo em Castella, levando de caminho outros lugares: e sey que cegou huma pessoa com a mézinha, porque a poz nos olhos; e outro acabou de entrévar de huma perna, porque a untou com elle.

Outras unhas ha taõ sabias como estas, para pilharem dinheiro vendendo sabedorias. Nesta Corte andou hum brixote vestido de vermelho na era de 642. promettendo huma receita, se lhe déssem tantos, e quantos, com que se conservaria carne fresca mais de hum anno, frutas, e hortaliças: excellente invento para as náos da India, mas nada vimos, que conseguisse effeito. Eu o vi em Evora fixar carteis impressos pelos cantos, que tinha hum medicamento para conservar os vinhos, e melhoralos: e hum curioso lhe deu algum dinheiro para fazer a experiencia em hum tonel; e fõra melhor fazella em hum quarto, para naõ perder duas pipas de vinho, que se lhe damnou com a buxinifrada de arêa, e outros materiaes, que lhe mexeo. Outro mais sabichaõ que todos veyo vendendo, que sabia fazer bombardas de parafuzos, que pudessem levar cincoenta soldados cada huma em roscas, e armalla, e disparar aonde quizessem: poem-se a especulaçaõ em praxe; arrebenta o fogo pelas juntas, e crisma a quasi todos. Outro taõ sabio em pilhar dinheiro como este, prometteo fazer pessas de artelharia taõ

leves, que pudesse levar duas huma azémola, como costaes em carga á campanha; e que as havia de fazer de couros crús, e cosidos, taõ fortes, que disparassem quatro tiros sem risco algum de arrebentarem: poz-se a máquina em effeito; e eu a vî em Elvas lançada em hum monturo, porque arrebentando com meya carga de prova nos descarregou a todos deste cuidado.

Outro gabando-se de engenheiro consumado, prometteo humas barcaças, que sahindo do Rio de Lisboa abrazariaõ todos esses mares, e quantas armadas inimigas nelles houvessem: encheo as de palhas, e chamiços, que estavaõ promettendo quando muito huma boa fogueira de S. Joaõ; e day cá por cada invento destes tantos mil cruzados. Tal como este foy outro em Campo mayor, que se gabou sabia fazer huma arca de foguetes em fórma de girandola; e que haviaõ de sahir della de soslayo todos juntos, como rayos, a ferir as barbas do inimigo com ferroens de settas. Por mais louco tive outro, que trouxe a este Reyno hum segredo de armas de papel, que disse sabia fazer, untadas com certo oleo, que as fazia impenetraveis a prova de mosquete, e taõ leves como a camisa. Que haja no mundo embusteiros, naõ he para mim cousa nova; mas que haja em Portugal quem os ouça, e admitta, he o que choro; sem acabarem de cahir, que tudo saõ sonhos de Scipiaõ, enredos de Palmeirim, gigantes de palha, com que nos armaõ, mais a levar o ouro do Reyno, que a defender a Coroa delle; e nisto

he que poem toda a sua sabedoria, que trazem escrita na unha.

Outras unhas andaõ entre nós taõ sabias, que despontaõ de agudas: e podemos dizer dellas, o que disse Festo a S. Paulo: *Multæ te literæ ad insaniam convertunt*. Actor. 26. Que os fazem doudos as muitas letras que alrotaõ. Estes saõ os Estadistas, Alvitristas, Criticos, e Zoilos, que tem por ley seu capricho, e por idolo sua opiniaõ; e para a sustentarem, naõ reparaõ em darem através com huma Monarquia: e ha gente taõ cega, que levada só do sequito, que os tais por outra via ganharaõ, até a seus erros chamaõ sabedoria, sem advertirem nos grandes damnos, que de seus conselhos nos resultaõ.

CAPITULO XXXII.

DOS QUE FURTAÕ COM UNHAS IGNORANTES.



ITOSAS unhas saõ estas, porque depois de fazerem immensos damnos no que desfazem, e desbarataõ com seus assaltos, ficaõ sem obrigaçaõ de restituir, se a ignorancia he invencivel; que se he crassa, ou supina, corre parelhas com as dos ladroens mais cadimos. Ha humas ignorancias, que somos obrigados a vencellas pelas regras de nosso officio, que nos estaõ advertindo

tudo: e quem he ignorante na arte, ou officio, que professa, todos os damnos, que dahi resultaõ ás partes, a elle se imputaõ, e a quem conhecendo sua ignorancia, e devendo emendallo, o consente. Como póde ser Medico, quem nunca estudou Medicina? Como póde ser Piloto, quem naõ entende o Astrolabio? Como póde ser Advogado, quem nunca leo a Ordenaçaõ; e o mesmo digo de todos, quantos officios ha na Republica. Até o alfayate se naõ sabe talhar, deita-vos a perder o vosso panno: e hum sarralheiro, se naõ sabe dar a têmpera ao ferro, ou aço, damna-vos a pessa que lhe mandastes concertar. E na ignorancia de todos se vem a refundir innumeraveis, e insofriveis perdas, que causaõ a todo o Reyno em vidas, honras, e fazendas, que saõ as cousas, que mais se estimaõ. Bem provîdo está tudo com examinadores para todas as Artes, se naõ houvera peitas, e intercessoens, que corrompem até os mais escoimados rodamantos. E se isto naõ basta, logo achaõ hum sabio na sua sciencia, que se examina por elles, mudando o nome por menor preço, e lhes alcança carta de examinaçaõ, com que fica graduada a ignorancia do candidato, e elle dado por mestre peritissimo. Como ha de haver no mundo, que se tolére, e permitta provarem cursos em Coimbra mais de hum cento de estudantes todos os annos, sem pôrem pé na Universidade? Andaõ na sua terra matando caens, e escrevem a seu tempo ao amigo, que os approvem lá na matricula, representando suas

figuras, e nomes: e daqui vem as sentenças lastimosas, que cada dia vemos dar a Julgadores, que naõ sabem qual he a sua maõ direita, mais que para embolçarem com ella esportulas, e ordenados, como se foraõ Bartholos, e Covas-Rubias. Daqui matarem Medicos milhares de homens, e pagarem-se como se foraõ Avicenas, e Galenos. E a graça, ou mayor desgraça he, que nem o diabo, que lhes ensinou estes enredos, lhes saberá dar remedio, salvo se for levando-os a todos, que he o que pertende.

No serviço delRey naõ se devem tolerar tais ignorancias, porque se seguem dellas damnos gravissimos. Quem perdeo as náos, que vinhaõ da India carregadas até ás gavias de riquezas? Dizem que o tempo: e he engano: naõ as perdeo, senaõ a ignorancia dos Pilotos, que foraõ dar com ellas em baixos, e cachópos. Quem desbaratou a frota, que hia para o Brasil? Dizem que os piratas: e he engano: naõ a desbaratou, senaõ a ignorancia dos marinheiros, que naõ souberaõ velejar a proposito. Quem perdeo a vitoria na campanha? Dizem que a remissaõ da cavallaria: e he engano: naõ a perdeo, senaõ a ignorancia dos Coroneis, que naõ souberaõ dispôr as cousas como convinha. Gente bisonha, e mal disciplinada occasionaraõ com ignorancias intoleraveis perdas; e o que se deve saber, e advertir, nunca tem boa escuza: mas naõ ha morte sem achaque, todos sabem dar sahida a seus erros, fazendo homicida a fortuna, que está innocente no delicto.

Mas como o mal, e o bem á face vem, logo se deixa ver a fonte da culpa: e he grande lastima, que arrebente esta ordinariamente da ignorancia.

Ha alguns ladroens taõ ignorantes, que sempre deixaõ rasto como lêsmas, e a mesma preza os descobre; como o que furtou o trigo, sem advertir, que era o saco roto, e pelo rasto delle que hia deixando, lhe deraõ na trilha, e o apanharaõ. Outros, porque se carregaõ tanto, que naõ pódem fogir, saõ alcançados. Outros, porque se vestem do que furtaraõ, saõ conhecidos; e todos só por ignorantes saõ descobertos. Antes he propriedade da ignorancia, que por mais que se esconda, naõ póde muito tempo estar occulta. Como succedeo na Alfandega do Porto por descuido do Provedor, e incuria de seus Ministros, que a balança em que se pézaõ os açucares, e drogas, que pagaõ direitos pelo pezo, se falsificou de maneira, que a em que se punhaõ os pezos, tinha menos duas arrobas, que a outra, em que se punhaõ as caxas, e fardos, sem se dar fé deste delirio, senaõ depois de ElRey perder muitas mil arrobas nos seus direitos. Isto de balanças deve andar sempre muito vigiado, e naõ excluo daqui a casa da Moeda: pudera referir aqui muitos modos que ha de furtar nellas, e deixo, porque naõ pertencem a este capitulo; seu lugar teraõ.

Naõ farey minha obrigaçaõ, se naõ enxirir aqui huma ignorancia fatal, que anda moente, e

corrente neste Reyno, na emenda da qual temos muito que aprender nas outras Naçoens, ainda que ellas obraõ com injustiça, o que nós podemos imitar sem nenhum escrupulo. E he, que nenhuma gente ha taõ desmazelada, que fazendo huma frota, ou armada para alguma empreza, naõ assegure os gastos della por todas as vias; de tal sorte, que se o primeiro intento naõ succeder, se recupére no segundo, ou no terceiro. Como agora: faz o Hollandez, ou o Inglez huma armada, para hir dar em certa parte de Indias, onde tem a malhada huma grande preza: e se esta lhes escapa das unhas, por ventura de huns, ou desgraça de outros, já levaõ destinada outra facçaõ, e outra em outras paragens, sejaõ quaes forem, para onde viraõ logo as prôas e naõ se recolhem para seus pórtos, sem trazerem com que refaçaõ ao menos os gastos, quando naõ enchaõ as bolças. Só Portugal he nisto taõ pródigo, que tem por timbre [chamara-lhe antes inadvertencia, ou ignorancia] entregar todos os gastos de suas armadas ao vento, sem mais fruto, que o de dar hum passeyo com bizarria por Val das aguas, e tornar-se para casa com as mãos vazias, e as frasqueiras despejadas. Quanto melhor fora levar logo no Roteiro, que se naõ acharem piratas, que os busquem até dentro em seus pórtos; que vaõ a Marrocos; que vaõ ás barras de nossos inimigos; que esperem; que sayaõ, e que naõ se venhaõ sem recuperarem por alguma via os gastos, pelo menos, os que vaõ fazendo; e a estes sem fruto chamo tambem unhas ignorantes.

CAPITULO XXXIII.

DOS QUE FURTAÕ COM UNHAS AGUDAS.



ODA a unha, que arranha, he aguda; e toda a unha, que furta, arranha até o vivo; logo todas as unhas, que furtaõ, saõ agudas. Bom está o argumento, e bem conclue o syllogismo. Mas naõ fallo dessa agudeza senaõ da subtileza com que alguns furtaõ, sem deixarem rasto, nem pégada de que lhes pegue: e aqui bate o subtil, e o agudo desta arte. O estudante, que vendeo a Imagem de S. Miguel da Capella da Universidade de Coimbra, como se fora sua, a hum homem do campo, naõ andou subtil; porque ainda que fez o contrato no páteo, e a entrega na Capella sem testemunhas, e se acolheo com dez mil reis nas unhas, logo se descobrio a maranha, e o apanharaõ pelos sinais, que deu o villaõ, e lhe fizeraõ pagar o capital, e mais as custas. E menos agudo andou o outro, que talhando o preço das galinhas, a quem as vendia na feira, e levando-o a quem dizia lhas havia de pagar, o poz em huma Igreja, onde estava o Padre Cura confessando, e chegando-se a elle, lhe pedio por mercê á puridade, se lhe queria ouvir de confissaõ aquelle homem, e respondendo alto que sim, e que esperasse, que logo o despacharia, se deu o vendedor por satisfeito, cuidando o mandava

esperar, para lhe dar o preço da compra, e teve lugar o ladraõ de se acolher com o furto; mas naõ advertio, que o podia conhecer o Confessor, como conheceo, de que resultou sahir o ladraõ da alhada com mais perda, que ganancia.

Mais agudo andou outro, que vendo entrar pela ponte da mesma Cidade de Coimbra hum forasteiro bem vestido, armou a lhe furtar o fato na volta: e armou bem para seu intento; porque o esperou no bocal de hum poço, que está na estrada, por onde havia de passar, chorando sua desgraça, e que lhe cahira naquelle instante huma cadêa de ouro dentro no poço, e que daria hum dobraõ a quem lha tirasse. Moveo-se a compaixaõ o passageiro, que devia de ser homem de bem, se naõ he que o picou o interesse, e por isso naõ presumio malicia: gabou-se que sabia nadar como hum golfinho, e que lhe tiraria a cadêa de mergulho: despio-se, sem se despedir do vestido, que logo se despedio delle; porque o matalote da cadêa, tanto que o vio debaixo da agua, tomou as de Villa Diogo com todo o fato, e cabana, deixando a seu dono como sua mãy o pario, sem lhe deixar rasto, nem pégada por onde o seguisse: nem podia, ainda que quizesse, pelo deixar prezo sem cadêa, nem grilhaõ, como pintaõ as almas do Purgatorio. Menos cruel andou huma Matrona em Madrid, e naõ menos ardilosa, que mandou fazer duas bocetas com fechaduras, ambas iguaes, e semelhantes na guarniçaõ, e pregadura: meteo em huma tres mil cruzados de joyas, e na outra

outro tanto pezo de chumbo, e pedras, que achou na rua; e escondendo esta na manga, se foy com a outra a hum mercador rico, que lhe désse dous mil cruzados a cambio sobre aquellas joyas: celebraraõ o contrato, sem reparar ella na quantidade dos redditos, porque naõ determinava de os pagar; nem elle no capital, porque se assegurava com as joyas. Virou-se contra hum escritorio para tirar o dinheiro, e com mayor velocidade a senhora harpîa trocou as bocetas, pondo na mesa a das pedras chumbadas, e recolhendo na manga a das joyas; e levando a chave comsigo, para que lhe naõ enxovalhassem as joyas, ou atirassem com as pedras, se foy com os dous mil cruzados, onde nunca mais appareceo, nem apparecerá, senaõ no dia do Juizo.

Naõ andou menos astuta outra Senhora na mesma Côrte, para se vestir de córtes os mais preciosos, que achou na calhe Mayor, á custa do mercador, que lhos cortou por sua bocá sua medida. Alugaõ-se em Madrid amas, assim como em Lisboa escudeiros para acompanhar: tomou huma, que tocava de mouca, e chamando-lhe madre mia, se foy com ella, aonde fez a compra de tudo o melhor que achou; sedas, télas, e guarniçoens, que passáraõ de quinhentos cruzados, sem reparar em medidas, nem em preços; e quando foy á paga disse: *Que nò trahia caudal bastante, porque nò pensava, que hallaria cosas tan lindas, que alli quedava su madre, y que luego bolvia con todo el diñero: quede-se aqui madre mia, que yo*

voy con esta niña, que lleva la ropa, y buelvo luego en hora buena, responderaõ ambos mercador, e velha, ignorantes da treta; de que a velha se livrou em duas audiencias, provando que era de Alquiler, e mouca, e servia a quem lhe pagava: e o mercador pagou as custas sobre o capital, que lhe acolheo, e naõ alcançou ainda. Em Lisboa certo Picaõ tinha huma mulata mais amiga que sua, porque era forra, e grande conserveira, trato com que vivia, e o sustentava a elle passeando sem nenhum trabalho; e se algum tinha, era com os Confessores, quando se desobrigava nas Quaresmas. Tratou por huma vez dar de maõ ao trato, e para isso fallou com hum Sevilhano, capitaõ de hum navio, se lhe queria comprar huma mulata de grandes partes. E para que tomasse conhecimento dellas o convidou a jantar, e que o preço della seria o que sua mercé julgasse em sua consciencia. Avizou-a que tinha hum hospede de importancia, e que se esmerasse para o dia seguinte no jantar, a que o tinha convidado: meteo a innocente velas, e remos, e fez de pessoa com todo o empenho hum banquete, que se pudéra dar a hum Emperador, e servio á mesa, como criada, dando-se por autora de todos os guisados, e acipipes. Ficou o Castelhano satisfeito, tanto, que talhou a compra em duzentos cruzados, que logo contou em patacas ao Picaõ: e ficaraõ de acordo, que lha entregaria no dia de sua partida levando-lha a bórdo; e assim o fez enganando-a segunda vez; porque o Sevil-

hano a queria regalar no seu navio em retorno do banquete. Poz-se ella de vinte e quatro, como se fora a bodas; e ficou nos piozes, voltando-se o amigo para terra dizendo comsigo: veremos agora, se me negaõ a absolviçaõ os Padres Curas. O navio deu á vela: gritava a triste, que era forra! Consolava-a o Castelhano: *Que luego se le iria aquella pasion, como se viesse en Sevilla, que era tan buena tierra como Lisboa, y que iva para ser señora, mas que esclava, de una casa muy noble, y rica, &c.*

Estas saõ as unhas agudas, que fazem a sua sem deixarem coimas: e destas ha milhares, que na fazenda del Rey fazem grandes estragos com alvitres, e conselhos, que despontaõ de agudos, e levaõ a mira em encherem as bolças; como se vio nos das maçarocas, e bagaços, de que naõ resultou mais que gastos da fazenda Real para Ministros. E destes ha alguns taõ déstros, que provêm todos os officios em seus criados, para lhes pagarem serviços proprios com salarios alheos; e saõ os peores, porque com as costas quentes em seus amos, procedem affoutos nas rapinas. Outras unhas ha destas, que por naõ encontrarem fazenda Real, em que empolguem, aproveitaõ-se da authoridade do Rey, para dar no povo com admiraveis traças, e habilidades, que a arte lhes ensina: e bem de exemplos a este proposito deixámos referidos no cap. 4. em que mostrámos, como os mayores ladroens saõ os que tem por officio livrarnos de ladroens.

CAPITULO XXXIV.

DOS QUE FURTAÕ COM UNHAS SINGELAS.



ELHOR dissera rombas, ou grosseiras, para as contrapor com as agudas, de que até agora fallámos: mas tudo vem a ser o mesmo, e muito mais ainda; e logo contraporemos estas com as dobradas, que se seguiráõ. E para intelligencia de hum, e outro capitulo, devemos presuppor, que assim com ha unhas dobradas, tambem as ha singelas. Dobradas saõ as que se aprestaõ de varios modos, e invençoens, com tal arte, que nunca lhes escapa a preza. E daqui se infere, que as singelas eraõ as que naõ tem mais que hum modo, e caminho por onde furtaõ; naõ armaõ mais que a hum lanço, e se erraõ o tiro, ficaõ sem nada. E accrescento mais, porque singelo quer dizer simples, que furtar ninherias, e de modo que vos apanhem, tambem he ser ladraõ de unhas singelas. Furtar cinco, ou seis mil cruzados abrindo portas com gasúas, ou arrimando escadas, e destelhando as cazas para decer por cordas, e dar no thesouro, modos saõ de furtar, que sabe qualquer ladraõ, antes de ser graduado, ou marcado, que he o mesmo. Mas levar o thesouro sem gasúas, sem escadas, sem cordas, nem sobresaltos, aqui está o subtil da arte, e o naõ

ser aprendiz singelo. Furtar esse thesouro, e dar comsigo na forca, porque o apanharaõ com o furto nas mãos, ou com as mãos no furto, isso he furtar de ladroens-zinhos novatos, que naõ sabem, qual he a sua maõ direita. Mas furtar esse thesouro, mas que seja de hum milhaõ, e outro em cima, e ficar taõ enxuto como hum inhame; e taõ escoimado, como hum noviço cartuxo, sem deixar indicio, de que lhe peguem, aqui bate a quinta essencia da ladroîce; e o que assim se porta, bem se lhe póde passar carta de examinaçaõ, com foro, e privilegio de mestre graduado nesta sciencia: e destes doutores ha mais de hum milhaõ, que cursaõ as cathedras, e escólas de Mercurio, e Caco. E quem saõ estes? Perguntastes bem; porque como naõ trazem insignias de seus gráos, nem sinal manifesto de sua profissaõ, saõ máos de conhecer: e entaõ melhores mestres quando peores de achar: sendo assim, que em achar o mais escondido, e em arrecadar o achado, saõ insignes.

Seraó estes os que vos sayem nas estradas com carapuças de rebuço, e espingardas no rosto? Tiray lá, que ainda que lhes chamais salteadores por antonomasia, saõ formigueiros por profissaõ; e taõ singelos, que nunca levantaõ casa de sobrado, nem tem bens de raiz, nem ajuntaõ moveis, que naõ caibaõ de baixo do braço; saõ como o caracol, que traz a casa comsigo; e como o Philosopho, que dizia: *Omnia mea mecum porto.* Tudo quanto tenho de meu, trago comigo. E ainda

menos, pois o que trazem, tudo vem a ser alheio. Seraõ os alfayates, que lançando o giz álem das medidas, e metendo a tezoura por mais duas dobras, do que cortaõ, tiraõ a limpo, sujando a consciencia, hum gibaõ de córte, e cortaõ hum calçaõ de veludo para si, e huma anagoa para sua mulher? E tambem saõ ladroens singelos; porque saõ caseiros, criados á maõ, naõ mataõ, nem ferem: quanto tomaõ cabe em huma arca, que chamaõ rua; e por isso juraõ, quando lhes perguntais pelos retalhos, que sobejao, ainda que sejaõ muitos, e grandes, que os botaraõ na rua: e ficais sem escandalo do que vos levaõ. Seraõ os Tabelliaens, e Escrivaens, que ha sem numero nesta Corte, e em todo o Reyno, que com huma pennada tiraõ, e daõ cem mil cruzados a quem querem? Esses grandes ladroens saõ mas singelos, principalmente quando se applicaõ a si o que furtaõ, porque logo se lhes enxerga; como aquelle, que fez humas casas em Lisboa, junto a S. Paulo, que ainda hoje se chamaõ da Pennada; porque vendo-as ElRey D. Sebastiaõ, disse: Boa pennada deu alli o Tebelliaõ! De mais de que, como poem por escrito tudo, saõ faceis de apanhar seus erros de officio: e se dobraõ o partido com outro, para se justificarem, ficaõ á revelia de quem fará que percaõ o feito, e o por fazer: e lá irá quanto Martha fiou, por se fiarem de quem lhes naõ deu fiança a lhes guardar segredo no conluyo.

Seraõ os soldados de cavallo, que quando se

vém montados em ginetes, que naõ saõ de seu gosto, lhes daõ tal trato, que em quatro dias daõ com elles no almargem, e no monturo, para que os provejaõ de outros? Tambem saõ ladroens singelos; porque dando com isso grande damno a Sua Magestade, ficaõ com pouco proveito. Outros ha neste genero mais escrupulosos, que por naõ serem homicidas da fazenda Real, lhes ataõ sedas nos artêlhos dos pés, ou das mãos com tal arte, que os fazem manquejar, até que os provêm de outros. E o furto está no damno, que se dá a El Rey, e á milicia, porque se vende o cavallo manco per dous, ou tres mil reis para huma atafona, ou nora, tendo custado quinze, ou vinte. E dahi a quatro, ou cinco dias, vay o soldado transformado em alveitar, e diz ao comprador: quanto me quereis dar, e darvos-hey este rocim saõ em duas horas? Concertaõ-se em dez, ou doze tostoens; applicalhe hum emplasto de herva moura, para dissimular a tezoura, que vay por baixo, e córta a sedella, que lhe pescou os tostoenszilhos, e fica o cavallinho saõ como hum pero no mesmo instante; e quem o mancou, e desmancou, taõ quieto na consciencia, como maré de rosas. Os infantes, coitadinhos, querem alguns Criticos especulativos, que sejaõ de unhas dobradas, porque saõ multiplicados os seus furtos; mas naõ tem razaõ, que assás singelos andaõ; e se agasalhaõ huma marrãa, ou hum cabrito, mas que seja hum carneiro, ou huma vaca, quando vaõ de marcha por esses campos de Jesu Christo,

he porque os achaõ desgarrados, para que os naõ coma o lóbo; e assás ténue vay tudo, e assas singelo. Andem elles fartos, quero dizer, pagos, e póde ser que tenha tudo emenda. A obrigaçaõ, que a todos corre, já o disse no capitulo 21. das unhas Militares.

CAPITULO XXXV.

DOS QUE FURTAÕ COM UNHAS DOBRADAS.


A dissemos, que unhas dobradas saõ as que se armaõ de varios modos, e invençoens, para furtar com tal arte, que nunca lhes escapa a preza. Ha na Dialectica hum argumento, que chamamos Dilema; porque joga com duas proposiçoens, como com páo de dous bicos, que necessariamente vos haveis de espetar em hum delles. Tais saõ os ladroens, que chamo de unhas dobradas; porque as aguçaõ de sorte, que por huma via, ou por outra lhes haveis de cahir nellas: com hum exemplo ficará isto claro, e corrente. Quando Sua Magestade, que Deos guarde, manda fazer cavallaria para as fronteiras, he certo que ha grandissima variedade nos preços, e que nunca se ajustaõ os avaliadores, humas vezes por alto, outras por baixo; com que fica armado o Dilema, de que naõ póde escapar

o furto: quando levantaõ o ponto, no escudo del Rey vay dar o tiro; quando o abatem, na bolça dos vendedores descarrega o golpe. E succede ordinariamente a pesca, sem os Ministros delRey serem sabedores das redes, com verem abertamente os lanços; ainda que pela experiencia bem puderaõ advertir na desproporçaõ dos preços: furta-se a El Rey, que manda comprar os cavallos, ou furta-se aos vendedores: e a restituiçaõ de ambos os furtos, se bem a averiguarmos, vem a ficar ás costas dos avaliadores, que ordinariamente saõ os alveitares das terras, onde se fazem as resenhas, e escolhas dos potros, cavallos, e dragoens mais aptos para a guerra: e succede assim, que se o vendedor he poderoso, intimîda os ferradores, ou os peita, para que ponhaõ em quarenta o que naõ vale vinte, e fica defraudada a fazenda Real em mais de ametade; e se o vendedor naõ tem ardil, nem poder para agencear, e seguir esta trilha, avaliaõ-lhe o que vale trinta em quinze, e em dez, levados do zelo do bem cõmum, a que se encostaõ para engolir o escrupulo: e assim por huma via, ou por outra ordinariamente se afastaõ, e poucas vezes se ajustaõ com o legitimo preço, errando o alvo, ora por alto, ora por baixo. E he certo, que Sua Magestade, que Deos guarde, naõ quer nada disto: naõ quer o primeiro; porque defrauda seus thesouros: naõ quer o segundo; porque offende seus vassallos, que tambem naõ saõ contentes de serem enganados em mais da ametade do justo

preço: com que fica certissimo, que he furto manifesto por huma via, e por outra. Nesta agua envolta escorreraõ ás vezes os executores tambem com os poderes Reaes, tomando para si os melhores potros por preços muito baixos: e talvez succede tomarem hum, e dous, e tambem tres por dez mil reis, e por oito cada hum, a titulo de irem servir com elles ás fronteiras: e dahi a quatorze mezes o vendem bem pensado por sessenta, e por cem mil reis; por ser de boa raça, e melhores manhas. Se nisto ha furto, perguntemno a seus confessores, e veraõ que lhes respondem com Navarro. Mas má hora, que tal perguntem.

Outro modo ha mais seguro de furtar com unhas dobradas, e póde ser que mais proveitoso; e he, quando dous vaõ forros, e a partir no interesse, e succede na mesma cavallaria, quando della se fazem resenhas para as pagas; e tambem acontece o mesmo na infanteria. Tem hum Capitaõ oitenta cavallos sómente, passa mostra de cento e vinte, porque pedio quarenta emprestados a outro Capitaõ seu amigo, a troco de lhe fazer a barbado mesmo modo quando fizer a sua resenha: e assim embolçaõ ambos oitenta praças de ausentes, que bem esmadas por mezes, fazem somma de mil e duzentos cruzados cada mez; e se durar a tramoya hum anno, chega a pilhagem a pouco menos de quinze mil cruzados; e se usarem della muitos cabos, teremos de pôr de portas adentro pilhagens, e pilhantes peores, que os que nos vem

de Castella saltear os boys, e ovelhas. Mas o General das armas [peço a sua Excellencia licença para o nomear aqui] o Conde de S. Lourenço contraminou já tudo, e tem as cousas taõ correntes com notas, e contra divizas, que naõ póde haver engano: como tambem nas innumeraveis praças de infante, que se gualdripavaõ com achaque de doentes, e vinhaõ a ser peor que praças mortas; porque tais doentes, e tais soldados naõ os havia no mundo: e mandando-os ver á cama, e naõ os achando, descobrio a maranha: e ainda deu alcance a outra peor, em que punhaõ de cama soldados saõs com nomes mudados. Nada escapa á subtileza desta arte de furtar: mas o zelo, e destreza do Conde General excede, e vence todas as artes no serviço delRey nosso Senhor.

Em Vianna de Caminha me ensinou hum Castellaõ a furtar com unhas dobradas com mais destreza; porque jogando o páo de dous bicos, trançava ambas as pontas infallivelmente. Concertava-se com os navios, que vinhaõ de fóra, a quanto me haveis de dar por cada fardo, ou caxa, e pôr-vos-hey tudo seguro onde quizerdes? Admittia de noite barcadas de fazendas na fortaleza, que cõmunica com o mar, e com a terra, e dava-lhes passagem segura para as loges dos mercadores. E feito este primeiro salto, dava ordem ao segundo por via de hum alcaide, com quem hia forro, e a partir nas ganancias das prezas, que lhe inculcava: dava-lhe ponto, e

avizo infallivel das paragens onde acharia tais, e tais fazendas furtadas aos direitos. E assim èra, que ficavaõ no cabo defraudados os mercadores em duas perdas, huma das grossas peitas, que davaõ ao Castellaõ, e outra do muito mais, que eraõ forçados a dar ao meirinho, para que os deixasse: e nesta segunda bolada tornava o Castellaõ a empolgar a segunda unha; e assim furtava com unhas dobradas effectivamente sem errar o tiro de nenhuma..

CAPITULO XXXVI.

COMO HA LADROENS, QUE TEM AS UNHAS NA LINGUA.



ELHOR dissera nos dentes, porque tem duas ordens, com que dobraõ a preza, e afferraõ melhor que á lingua; e tambem porque tudo quanto se furta, vem a parar, ou desapparecer nos dentes. Espada na lingua já eu ouvi dizer que a havia, e tambem pudéra dizer setta; porque fere ao longe como setta, e corta ao perto como espada; e peor, porque muitas vezes dá feridas incuraveis, como espada columbrina, e setta hervada: mas unhas na lingua he cousa nova. Ainda mal, de que he taõ velha, e tantas vezes renovada em gente Aulica. Vêllos-heis andar no Paço fazendo mizuras a cada passo, e tirando a gorra á legua, chapéo queria dizer, que já se naõ

usaõ gorras: naõ lhes taxo a cortezia, que he virtude muito propria da Corte; mas noto a intensaõ, e palavrinhas com que a acompanhaõ; as quaes examinadas na pedra de toque da experiencia, saõ unhas de aço, que naõ só arranhaõ creditos alheos, mas empolgaõ para si, que he o principal intento, em tudo o precioso, que cuidaõ se poderá dar a outros. E para isso naõ ha provimento, que naõ desdenhem, nem despacho, que naõ menoscabem; até o que he nos outros paga de justiça, fazem negoceaçaõ de adherencia, para levarem a agua ao seu moînho, e fazerem canno das minguas alheas para as enchentes proprias, de que andaõ sequiosos. Façamos praça de exemplos, e correrá a verdade deste capitulo clara como agua.

Olhaime para aquelle Capitaõ, que entra na Audiencia com hum braço menos; porque lho levou na guerra huma bala: vede dous soldados, que vem com elle, hum com hum olho vasado de huma estocada, e outro com huma perna quebrada de huma mina; porque para os fazer assinalados sua fortuna os marcou com taes desgraças. E como nos mayores riscos tem sua ventura a valentia, allegaõ a seu Rey o que em seu serviço padeceraõ, para que os remunere com os despachos, que merecem: hum péde a cõmenda, outro a tença, outro o habito: todos merecem muito mais. Mas o invejoso, que está de fóra, e taõ de fóra que nunca entrou em tais baralhas, temendo que lhe vôe por aquella via o

passaro, a que tem armado a costella, e que se lhe vá da rede a preza, que pertende pescar, puxa da espada da lingua; porque nunca arrancou outra para cortar o direito, que vê vaõ adquirindo, e diz do torto: olhay, o com que vem agora cá o tortélos Polifemo, por hum olhinho que perdeo! Deos sabe aonde, póde ser que bebendo em alguma taverna; quer que lhe dém mais do que val toda a sua cara: ainda lhe ficou outro olho, isso lhe basta. Pois o outro Briareu, devia de querer cem braços, bastandolhe huma maõ para empinar quanto tem furtado com ambas; e por hum bracinho, que lhe cortaraõ, quer que lhe talhem huma cõmenda, que naõ sonharaõ seus avós: e o outro que por huma perninha lhe dém hum habito. Quanto melhor lhes fora a todos tres tomarem o habito de huma Religiaõ, para fazerem penitencia de quantas maldades obraraõ, para acharem estas manqueiras, de que vem fazer gadanho para estafarem mercês, que só nós merecemos a ElRey, como se vê ao perto. E por esta solfa se deixa este, e outros tais como elle, hir descantando semelhantes letras, até que sayem com a sua por escrito, estorvando, e tirando os despachos a quem os merece, para os incorporarem em si. E ainda mal que lhes succede. Testemunha seja hum Capitaõ, que eu vî despedirse de hum amigo nesta Corte, para se voltar para as fronteiras com quatro mezes de semelhantes requerimentos: e perguntandolhe o amigo, como se hia sem esperar o seu despacho? Respondeo

palavras dignas de se imprimirem: Vou-me desta Babylonia para a campanha; porque me he mais facil, e honroso esperar là as balas do inimigo com o peito, que aqui com os ouvidos as dos ditos, e repostas dos Ministros, e Aulicos de Sua Magestade.

Vedes aqui, amigo leitor, como os que tem as unhas na lingua, naõ descançaõ até que naõ enxotaõ toda a sorte de requerentes benemeritos, para lhes ficar o campo franco a suas pertençoens, que por esta arte alcançaõ; e assim furtaõ, e pescaõ com os anzóes, e unhas da lingua o que naõ merecem, e de justiça se deve dar a quem arriscou a vida, e naõ a quem a traz empapelada: e estes saõ os ladroens, que tem na lingua as unhas, com que empolgaõ no que naõ he seu, nem lhes he devido. Facil tinha tudo o remedio, e escrito está, e marcado com sellos de chumbo, que os premios da guerra naõ se appliquem a serviços da paz. Se os Summos Pontifices largaraõ a este Reyno os dizimos de innumeraveis cõmendas, que he sangue de Christo para os Cavalleiros, que á custa de seu sangue propagaõ a Fé, e defendem a Patria; como se póde permittir, que logre estes premios, quem nunca defendeo a Fé, nem honrou a Patria? Naõ sey se o diga. Que vî já cõmendas em peitos inimigos de Deos, e algozes da Patria. Cala-te lingua; naõ te arrisques: olha que temo chamem muitos a isto murmuraçaõ, tomando-o por si; porque tudo o que pica desagrada: e o que desagrada, he sinal

que lhe toca. Toquemos a recolher, e vamonos dizer antes sape a hum gato.

CAPITULO XXXVII.

DOS QUE FURTAÕ COM A MAÕ DO GATO.



ADROENS ha, dos quaes podemos dizer, que tem mais mãos que o gigante Briareu, porque naõ lhes escapa conjunçaõ, lugar, nem tempo; e como se tiveraõ mil mãos, *á dextris, e á sinistris,* naõ erraõ lanço: e isto vem a ser furtar com mãos proprias, que naõ he muito: mas furtar até com as alheas, he destreza propria desta arte, que vence na malicia a subtileza de todas as artes. Diz Lactancio Firmiano, que a mayor maldade, que commette o demonio, he a de tomar corpos fantasticos para commetter abominaçoens; porque naõ póde haver mayor malicia, que despir-se huma criatura de seu proprio ser, e vestir-se da natureza alhea, sahindose de sua esféra, para poder mais offender a Deos. Tais saõ os homens ladroens, que se ajudaõ de mãos alheas: sahiem-se de sua esféra, e vaõ mendigar nas alheas modos, e instrumentos, com que mais furtem. Naõ se contentar hum ladraõ com duas mãos, que lhe deu a natureza, e com cinco dedos, que lhe poz em cada huma, armados com muito formosas unhas; e hir buscar mãos alheas, e emprestadas,

para mais furtar, e poupar as suas para outros lanços, he o summo da ladroîce. No como se verifica isto, está ainda a mayor difficuldade, que será facil de entender a quem olhar para a maõ de Judas, quando no officio das trevas apaga as candêas. Obrigaçaõ he, que corre por conta dos Sacristaens: mas porque naõ chegaõ ás velas, ou por se naõ queimarem, valem-se da maõ alhea: e assim vem a ser mãos de Judas todas as que ajudaõ ladroens em seus artificios.

Ainda se naõ deixa ver em que cabeça vay dar a pedrada deste discurso. Os senhores Assentistas me perdoem, que elles haõ de ser aqui o primeiro alvo deste tiro. Digaõ-me Vossas Senhorias [e naõ estranhem o titulo, que he cortezia, que nos introduziraõ cá os Berlanguches, que logo entraráõ tambem nesta reste] se ElRey nosso Senhor lhes concede licença para recolherem comprado no novo o paõ, que baste para o provimento das fronteiras, o que pódem fazer por si, e seus criados, para que empenhaõ nisso os Juizes, Ouvidores, Corregedores, e Provedores de todo o Reyno? E porque estes saõ escoimados, e haõ medo de tomar peitas, á força lhas fazem aceitar, alcançando-lhes licenças de Sua Magestade para isso? Que he isto? Donde vem tanta liberalidade, em quem trata de sua ganancia? Interesse he tudo proprio: mãos de gato armaõ, e com saguates lhe aguçaõ as unhas, para as prezas serem mais copiosas passando dos limites, de cujas crescenças fazem ne-

goceaçaõ, e venda a seu tempo com excesso, levando de codilho a substancia aos póvos famintos, obrando tudo com as mãos da justiça, que he o de que me queixo; que a justiça chegue a ser entre nós maõ do gato, para que naõ lhe chamemos maõ de Judas, que atiça este incendio, em quanto os sobreditos tem as suas de reserva em luvas de ambar para agasalharem os lucros, que com tantas mãos negocearaõ.

Dêmos huma de maõ aos Berlanguches, já que lha promettemos, e elles naõ querem que lhes faltemos com o promettido. Ha perto da nossa barra de Lisboa huns ilhéos, que chamamos Berlengas; e porque passaõ por elles todos os estrangeiros, que vem do Nórte, chamamos a todos Berlanguches. Estes pois deraõ em nos virem meter na cabeça, que só elles sabem fazer baluartes, attacar petardos, disparar bombas, artificiar máquinas de fogo, e engenhos de guerra. Sendo assim, que de tudo quanto obraõ, naõ vimos até agora fruto, mais que de immensas patacas, e dobrões, que recolhem para mandar á sua terra: até agora naõ vimos bomba, que matasse gigante, nem petardo, que arrazasse cidade, nem máquina de fogo, que abrazasse armada, nem queimasse se-quer hum navio. Por isso disse muito bem o Doutor Thomé Pinheiro da Veiga [que em tudo he discreto] respondendo á petiçaõ de hum destes engenheiros, que demandava hum milhaõ de mercês pelas barcas de fogo, que arquitéctou contra os Parlamentarios, que

nos pejaraõ a barra do Tejo no anno de 1650, que o queimassem com ellas, por nos gastar a nossa fazenda com engenhos, que no cabo nada obraraõ. Somos como crianças os Portuguezes nesta parte: admiramo-nos do que nunca vimos, e estimamos só o que vem de fóra, e apalpado tudo, he farello; porque, no fim das contas, só o nosso braço he o que obra tudo, e leva ao cabo as emprezas. Aqui me pergunta hum curioso pelas unhas do gato? E eu lhe respondo, que olhe para os thesouros delRey, e para as nossas bolças, e verá tudo arranhado com estas invençoens dos Berlanguches, peores para nós, que maõ de gato; pois nos furtaõ, e levaõ com seus gatimanhos, o que fora melhor dar-se aos filhos da terra, que o trabalhaõ, e o merecem: e no cabo andaõ despidos, e os Berlanguches rasgando cochonilhas, e brilhando télas. Basta hum tostaõ para qualquer homem de bem passar hum dia: hora dêmoslhes a elles dous, com que pódem beber vinho, como boys agua: para que he dar-lhes setenta e quatro mil reis cada mez de ordenado? Desordenada cousa chamára eu a isto; pois lhes vem a sahir a mais de hum tostaõ para cada hora, e mais de dous mil e quatro centos reis para cada dia, e hum conto para cada anno. Parece isto conto de velhas, e discurso de gigantes encantados: gigantes de ouro saõ isto, que se nos vaõ do Reyno, conquistados por pigmeus de palha, de que fazem a maõ do gato; que de palha borrifada com polvora vem a ser o fogo, com que abrazaõ

mais a nós, que a nossos inimigos: e elles o saõ mais verdadeiros que os Castelhanos; porque estes nunca nos déraõ tal saco, nem entraraõ cá por tais esfolagatos.

E para que naõ pareça que só em estranhos damos com este discurso, viremos a prôa delle para nossas conquistas, e acharemos mãos de gato façanhosas, de que usaõ Portuguezes. Já toquey esta treta succintamente no § ultimo do capitulo IX. a outro proposito; mas agora a contarey mais diffusa a este intento, em que tem mais artificio. Quer hum capitaõ, ou governador tornar para sua casa rico sem escandalos, nem revoltas, mete se de gorra com os mais opulentos do seu destrito, vendendo bullas a todos de valias, e pedreiras, que tem no Reyno; mostra cartas suppostas, com avizos de despachos, habitos, cõmendas, e officios, que fez dar a seus afilhados: e como todos os que andaõ fóra da patria, tem pertençoens nella, cresce-lhes a todos a agua na boca ouvindo isto; e vaõ-se para suas casas discursando o caminho, que teraõ para terem entrada com taõ grande valia, que tantos compadres tem em todos os Conselheiros, e logo lhes occorre a estrada coimbrãa das peitas; porque dadivas quebraõ penedos; e armaõ logo hum presente para adoçar o senhor Capitaõ, ou Governador, e o hir dispondo ao favor, que pertendem; e já se imaginaõ dando alcance á garça, que taõ alto lhes voou sempre: crescem as visitas, chovem os donativos de huns, e de outros;

e quando chega a monçaõ de navios para o Reyno, chegaõ os memoriaes, e achaõ aos sobreditos senhores fazendo listas para a Corte, escrevendo cartas, arrumando negocios de mil pertendentes, e de tudo fazem rede para pescar os donativos, com que naturalmente se despenhaõ. Chega hum, e diz : Senhor, bem sabe Vossa Senhoria, que ha vinte annos sirvo a Sua Magestade á minha custa, e que he já o tempo chegado de lograr alguma mercê por isso : e para que eu deva esta tambem a Vossa Senhoria, espero que me favoreça por meyo de seus valîdos, a quem protesto ser agradecido. Tenha maõ v. m., acode a Senhoria, para que veja como trago a v. m. na casa dianteira, e suas cousas diante dos olhos. Senhor Secretario, lêa v. m. lá as cartas, que escrevi hontem para Sua Magestade, e para o Concelho da Fazenda, e Ultramarino. E o Secretario, que está de avizo, puxa pelas primeiras duas folhas de papel, que acha escritas, e com a destreza, que costumaõ, relata logo de cada huma seu capitulo, que de repente vay compondo, talhado para as pertençoens do supplicante, em que o descreve taõ valente, leal, e bizarro, que nem a mãy, que o pario, o conheceria por aquelle retrato. Toma-lhe as petiçoens, e memoriaes Sua Senhoria, e manda ao Secretario que as anexe áquelle ponto :. e ao sobredito diz, que durma descançado, que em boa maõ jaz o pandeiro : e elle, mais solicito que nunca, vay-se para casa, e manda logo o melhor que acha nella,

para naõ ser ingrato; e por esta maneira, de mil modos, com estas abuises caçaõ os mais gordos tralhoens da terra, e metem nas redes os mayores tubaroens do alto: papos de almiscar em Macáo, bocetas de basares em Maláca, bisalhos de diamantes em Goa, alcatifas de seda em Cóchim, barras de ouro em Moçambique, pinhas de prata em Angóla, caxas de açucar no Brasil; e em cada parte de tudo tanto, que enchem navios, que vem depois dar á costa: *Male parta, male dilabuntur.* A agua o deu, a agua o leva. E ficaõ desfeitas como sal na agua todas as máquinas das pertençoens dos innocentes, e elles no Limbo da suspensaõ, e no Purgatorio do arrependimento, porque deraõ ao gato o que naõ comeo o rato.

Tambem para ElRey nosso Senhor ha mãos de gato, que lhe arranhaõ a fazendo, e arrastaõ a grandeza de suas datas, e mercês; e saõ os exemplos tantos, que me naõ atrevo a contalos, assim por muitos, como por arriscados. Direy hum imaginado, que poderia acontecer, e servirá de molde para muitos. Vaga em Coimbra huma Cadeira: vem consultada em tres oppositores. O primeiro he o melhor, o ultimo o sumenos: tem este por si mais amigos na Corte: temem fallar a Sua Magestade, porque saõ conhecidos, e sabem que especúla muito bem os que saõ apaixonados, para naõ admittir suas informações: buscaõ huma maõ de gato, e armaõ os páos, que venhaõ a cahir nella: espreitaõ a occasiaõ em que Sua

Magestade vê as consultas: fallaõ-lhe, como a caso: Senhor, para que se cança Vossa Magestade em apurar gente, que naõ conhece; consultas da Universidade saõ muito apaixonadas pelos bandos das opposiçoens, que muitas vezes poem no primeïro lugar quem havia de vir no ultimo: aqui anda o Lente Fulano, que tem grande conhecimento de todos os sugeitos, e he desinteressado nestas materias; informe-se Vossa Magestade delle, e verá logo tudo claro como agua. Tendes razaõ. Toca a campainha: acode o Moço Fidalgo: manday recado a fulano, que me falle á tarde. Aqui está na Sala, responde o mesmo: Deos o trouxe sem duvida, acodem os conjurados, que de proposito o trouxeraõ, e deixaraõ no posto bem instruîdo. Saiem-se todos para fóra, e entra o louvado: cõmunica-lhe Sua Magestade a duvida: resolve-a elle fazendo-se de novas no ponto, que traz estudado: e affirma que os conhece a todos melhor que as suas mãos; que nunca Deos queira, que elle diga a seu Rey huma cousa por outra, que nem por seu pay mudará huma cifra contra o que entende: e com estes ensalmos apeya os melhores do primeiro lugar, e levanta o ultimo aos cornos da Lua: e como naõ presume malicia, quem naõ trata enganos, persuade-se ElRey, que aquella he a verdade; e tomando a penna despacha a consulta, e dá a Cadeira ao que menos a merece: e faça-lhe bom proveito: e estes saõ os modos, suave leitor, com que cada dia se tiraõ sardinhas com a maõ do gato.

CAPITULO XXXVIII.

DOS QUE FURTAÕ COM MÃOS, E UNHAS POSTIÇAS, DE MAIS, E ACCRESCENTADAS.



DE hum ladraõ se conta, que tinha huma maõ de páo taõ bem concertada, que parecia verdadeira, e devia de ser a direita, porque encostando-a á esquerda por entre as dobras da capa, se punha de joelhos muito devoto nas Igrejas de concurso junto aos que lhe parecia que poderiaõ trazer bem provîdas as algibeiras; e com a outra maõ, que lhe ficava livre, lhes dava saco subtilmente; e ainda que os roubados sentiaõ alguma cousa, olhando para o visinho, de quem se podiaõ temer, e vendo-o com ambas as mãos levantadas, como que louvava a Deos, persuadiaõ-se que seriaõ apertoens da gente o que sentiaõ. Assim me declaro nisto, que chamo furtar com mãos postiças, de mais, e accrescentadas: e melhor ainda me declararey com os que occupaõ muitos officios na Republica, comendo, e devorando a dous carrilhos, como monstros, a substancia do Reyno: como se lhes naõ bastára a maõ, que tomaõ em huma occupaçaõ, metem pés, e mãos no meyo alqueire com seu Senhor, e ajuntaõ moyos de rapinas, porque dando-lhe o pé tomaraõ a maõ; e já lhes eu perdoára, se só huma maõ meteraõ

na massa; isto he, se só com hum officio se contentaraõ: mas manejar tres, e quatro com mãos postiças, he quererem agarrar este mundo, e mais o outro.

A Santa Madre Igreja Catholica Romana, que em tudo acerta, tem mandado com sua milagrosa providencia, que nenhum Clerigo coma dous beneficios curados, por amor da assistencia, que naõ sendo Santelmo, nem S. Pero Gonçalves, que apparece na mesma tempestade em dous navios, he impossivel têlla em duas partes; e naõ quer que coma, e beba o sangue de Christo, sem o merecer pessoalmente. E como hade haver no mundo, quem coma, e beba o sangue dos pobres, e a fazenda delRey, e substancia da Republica, hum homem secular occupando dous póstos, e dous officios incompativeis; e porque saõ mais que muitos, chamo tambem a isto ladroens, que furtaõ, e comem a dous carrilhos; e ainda mal que comem a tres, e a quatro, como monstros de duas cabeças. Muitas cabeçadas se daõ, e toléraõ em Republicas mal governadas; mas que na nossa taõ bem regîda, e disposta se sofraõ estas, he para dar os bem entendidos com as cabeças por essas paredes. Ver que faça dous officios, e tres, e quatro, e sete occupaçoens hum só homem, que escassamente tem talento para hum cargo, he ponto que faz fugir o lume dos olhos: e pouca vista he necessaria para ver, que naõ póde estar isto sem grandes ladroîces: e a primeira he, que come os ordenados com que se

pudérаõ sustentar, satisfazer, e ter contentes quatro, ou cinco homens de bem, que o merecem. A segunda, e mayor de todas, que como he impossivel assistir hum só sugeito a tantas cousas differentes, passaõ-lhe pela malha mil obrigaçoens de justiça, naõ dando satisfaçaõ ás partes, trazendo-as arrastadas muitos mezes com gastos immensos fóra de suas patrias; e no cabo despachaõ mil disbarates por escrito, para serem mais notorios; porque naõ tem tempo, para verem tantas cousas, nem memoria para comprehenderem as certezas, que se lhe praticaõ: e quando vaõ a alinhavar as resoluçoens, escapaõ-lhe os pontos, e embaraçaõ-se as linhas, que tinhaõ lançado huns, e outros; e perde-se o fiado, e o comprado, e o vendido; e vem a ser mais difficultoso encaminhar hum desarranjo destes, que começar a demanda de novo. Perdem-se petiçoens, somem-se provisoens, faltaõ os Oraculos, respondem sésta por balhésta, fazem-vos do Ceo cebola, metem-se no escuro dos segredos, com mysterios, que naõ ha: e Deos nos dê boas noites. Baldaraõ-se as peitas; frustraraõ-se as intercessoens; perderaõ-se os gastos, e a paciencia; e appellay para o barqueiro, que de Deos vos póde vir o remedio; porque se o buscardes na fonte limpa, que reprende com sua clareza tantas aguas turvas, arriscais vos a huma enxurrada de Ministros, que vos tiraõ o Oleo, e mais a Crisma.

Finalmente digo, que assim como ha heresias verdadeiras, que encontraõ verdades catholicas;

assim ha heresias politicas, que encontraõ as verdades que escrevo: e assim como seria heresia de Calvino, e Lutéro dizer que he mal feito ordenar a Igreja, que nenhum Clerigo coma dous beneficios curados; assim he heresia na politica do mundo admittir, que hum homemsinho de nonnada occupe dous officios, que requerem duas assistencias. He nota de alguns Escriturarios, que nunca Deos provêo dous officios juntos em hum só sugeito: e para significar a importancia disto mandava, que ninguem semeasse dous legumes na mesma terra: e quando occupava algum servo seu em huma empreza, dava-lhe logo com ella os talentos necessarios, e forças convenientes: e isto naõ pódem fazer os Principes da terra, que se bem saõ Senhores dos cargos, para os darem a quem quizerem, naõ o saõ dos talentos, nem os pódem dar a quem os naõ tem, como póde Deos; e por isso deve hir attento nos provimentos que fazem, porque até hum só, e singular requer homem capaz para ser bem servido. E para que se veja, como as cousas vaõ muitas vezes nesta parte, contarey o que succedeo ha poucos annos em huma praça, onde foy provîdo por Capitaõ mór certo Cavalheiro, que presumia de grande soldado; e no primeiro dia, em que tomou posse do seu felîz governo, lhe foraõ pedir o nome para as rondas daquella noite. Estava elle em boa conversaçaõ de amigos, e senhores, que o visitavaõ com o parabem de sua boa vinda; perguntou ao Cabo, que era o que demandava? Que me dê

Vossa Senhoria o nome para esta noite, he o que peço, respondeo elle : e o senhor Capitaõ instou muito admirado : ainda me naõ sabem o nome nesta terra? E muito mais o ficaraõ os circunstantes do seu enleyo. Acodio o Sargento: bem sabemos o nome de Vossa Senhoria, o que peço he o nome para a ronda. Aqui areou mais o Capitaõ. E para naõ se arriscar a responder outro desproposito, disse-o peor, porque o mandou embora sem resoluçaõ, e que no dia seguinte tratariaõ o ponto com mais desafogo. E eisaqui que tais succedem ser os senhores, que occupaõ grandes póstos; e sendo tais, que faraõ se os puzerem em muitos?

He engano manifesto dizer-se, e cuidar-se, que naõ ha homens para os cargos, e por isso os multiplicaõ em hum Ministro. He o nosso Reyno de Portugal muito fertil de talentos muito cabaes para tudo: prova boa sejaõ todas as sciencias, e artes, que em Portugal acharaõ seus Autores. A nobreza, e fidalguia, authoridade, e christandade entre nós andaõ em seu ponto. Todas as Naçoens do mundo pódem andar comnosco á soldada nesta parte: mas naõ apparecem os talentos, por tres razoens. Primeira, porque naõ ha quem os busque. Segunda, porque ha quem os desvie. Terceira, porque naõ saõ entremetidos; e isso tem de bons. Naõ ha quem os busque, porque naõ ha quem os estime. Ha quem os desvie, por se introduzir inutil. Naõ se offerecem, por naõ padecerem repulsas. E daqui vem andarem Sci-

pioens valentes pelos pés das moutas, comendo terra; e Tersistes cobardes pelos thronos, cevando vaidades; andaõ Anibaes prudentes, guardando gado; e Nabaes estultos, dominando opulencias; andaõ Heitores leaes, arrastados á roda dos muros da patria, que defenderaõ; e Sinões traidores, embolçando vivas, e triunfando em carros. Sejaõ ouvidos varoens desinteressados, sabios, e religiosos, e elles descobriráõ as minas onde está o ouro dos talentos mais preciosos: elles conhecem as talhas de barro, que conservaõ melhores vinhos, que jarras de ouro.

CAPITULO XXXIX.

DOS QUE FURTAÕ COM UNHAS BENTAS.



NHAS bentas parecerá cousa impossivel; porque todas saõ malditas, e peçonhentas, como as dos gatos, que ha pouco discursámos. Mas como naõ ha regra sem excepçaõ, desta se tiraõ algumas: tais saõ as da graõ besta, de quem dizem os naturaes grandes virtudes: e com tudo isso tambem affirmaõ os mesmos, que até essas virtudes saõ furtadas ás conjunçoens da Lua; para que nenhuma unha se possa gabar, que escapou da Estrella, que os Astrologos chamaõ Mercurio, ladraõ famoso. E entre tantas unhas naõ ha duvida, que ha algumas bentas; naõ porque

tirem almas do Purgatorio com perdoens de conta benta; mas porque lançadas as contas, lançando bençãos, e apoyando virtudes, e clamando misericordias, e amores de Deos, purgaõ as bolças, que encontraõ, melhor que pirolas de escamonéa. A mais de quatro Criticos se me vay o pensamento neste passo, naõ de passagem, mas de proposito, e reixa velha, a certos servos de Deos, a quem murmuradores chamaõ por desdem da Apanhia, levantando-lhes que mandaõ olhar a gente para o Ceo, em quanto lhe apanhaõ a terra. Mas isto he praga, que só se acha em quem naõ val testemunha, conforme a sentença de Luiz Rey de França, que só hereges, e amancebados fallaõ mal dos tais sugeitos: estes, porque os reprehendem com sua modestia; e aquelles, porque os convencem com sua doutrina. E o certo he, que esses mesmos Zoilos, que murmuraõ, quando querem a sua fazenda segura, ou o seu dinheiro bem guardado, que nas mãos destes Anjos da guarda depositaõ tudo.

As unhas, que usurpaõ a titulo de bentas, saõ aquellas, que empolgando piedades, fazem a preza em latrocinios. Explico isto com alguns exemplos, que daraõ noticia para outros muitos. Seja o primeiro de dous soldados da fortuna, que vendo-se mal vestidos [desgraça ordinaria em todos] acordaraõ valer-se do Sagrado, para que o profano os remediasse. Houveraõ ás mãos huma Hostia, que pediraõ em certa Sacristia para huma Missa das almas: daõ comsigo, e com ella

na rua Nova: pedem a hum mercador, dos que chamaõ de negocio, lhes mostre a melhor pessa de Londres: encaxaõ-lhe em huma dobra a Hostia dissimuladamente, mostraõ-se descontentes da côr, e pedem outra: vistas assim algumas, appellaõ para a primeira, e mandaõ medir vinte covados, regateando-lhe primeiro muito bem o preço, como he costume. Mal eraõ medidos quatro, quando apparece a Hostia, a que elles fingindo lagrimas se prostraraõ batendo nos peitos. Fica o mercador sem sangue, temendo lhe imputem de novo, o que em Jerusalem tomaraõ sobre si seus antepassados. Naõ he necessario declarar os extremos, que de parte á parte passaraõ. Resultou por fim de contas, que levaraõ a bom partido a pessa toda, sem outro custo, que o de jurarem, que ninguem saberia o caso succedido. Naõ sey se he isto furtar com unhas bentas? Selo-haõ mil esmolas, pelo menos, que cada dia vemos pedir com capa de piedade, e misericordia, para pobres, para Missas, e Irmandades, as quaes vaõ arder na mesa do jogo, ou da gula. Hum mulato conheci, que tinha huma ópa branca, que comprou na roupa velha por dous tostoens, com a qual, com huma bacia, e duas voltas, que dava por quatro ruas todos os dias, pedindo para as Missas de Nossa Senhora, ajuntava o que lhe bastava para passar alegremente a vida. Tambem este furtava com unhas bentas.

Que direy de infinitos, que a titulo de pobres se fazem ricos? Abrem chagas nas pernas, e nos

braços, com causticos, e hervas: mostraõ suas dores com brados, que moveráõ as pedras: *Mira la plaga, mira la llaga!* Pelas Chagas de Christo nosso Redemptor, que me dêm huma esmola! Dizia hum destes na ponte de Coimbra de outro, que tinha huma perna muito chagada: voto a tal, que tem aquelle ladraõ huma perna, que val mais de mil cruzados! E assim he, que muitos mil ajuntaõ estes piratas: e lá se conta de hum aleijado, que morrendo em Salamanca, fez testamento, em que deixou a ElRey Filippe I. ou II. de Castella a albarda do jumento, em que andava; e acharaõ-se nella cinco, ou seis mil cruzados em ouro. Hum Fidalgo piedoso lançou pregaõ na sua terra, que tal dia dava hum vestido novo por amor de Deos a cada pobre: ajuntaraõ-se no seu pateo infinitos; e a todos deu vestidos nóvos, mas obrigou-os a que logo os vestissem, e tomou-lhes os velhos, e nelles achou bem cosida, e escondida por entre os romendos mayor quantidade de dinheiro vinte vezes, que a que tinha gastado nos vestidos. Estes tais naõ ha duvida, que saõ ladroens, que com unhas bentas esfolaõ a Republica, tomando mais do que lhes he necessario, e fora melhor distribuillo por outros, que por naõ pedirem padecem.

Tambem em mulheres ha exemplos de unhas bentas notaveis. Innumeraveis saõ as que professaõ benzedeiras, e tem mais de siganas, que de beatas. Entra em vossa casa huma destas com nome de santinha; porque dizem della, que

adevinha, faz vir á maõ as cousas perdidas, e depára cazamentos a orfãns, e despachos aos mais desesperados pertendentes. Pedis-lhe remedio para vossos dezejos: pedevos huma cadêa de ouro emprestada para seus ensalmos, quatro aneis de diamantes, meya duzia de colheres, e outros tantos garfos de prata, cinco moedas de tres mil e quinhentos, em memoria das cinco Chagas; mete tudo em huma panéla nova com certas hervas, que diz colheo á meya noite, vespora de S. Joaõ, e enterra-a muito bem coberta de traz do vosso lar, fazendo-vos fechar os olhos, para que naõ lhe deis quebranto: e a hum virar de pensamento, emborca tudo nas mangas do sayo, e fica vazia a ôlha, ou para melhor dizer chea de preceitos, que ninguem bula nella, sobpena de se converter tudo em carvoens, até passarem nove dias, em honra dos nove mezes; e nelles se passa para Castella, ou França, cóm a preza nas unhas, que chamo bentas, pois por tais as tivestes, quando a poder de bençaõs vos roubaraõ. Vedes vós isto piedoso leitor? Pois sabey de certo, que succede cada dia por muitas maneiras a gente muito de bem, e obrigada a naõ se deixar enganar taõ parvoamente.

Mas deixando ninherias, vamos ao que importa. Admittimos todos neste Reyno as décimas para a defensa delle, e a todos contentou muito esta contribuiçaõ; porque naõ ha cousa mais racionavel, que assegurar tudo com a décima parte dos rendimentos, que vem a ser pequena parte com-

parada com o todo. Dizem os Ecclesiasticos neste passo, que saõ izentos de gabellas por Diplomas Pontificios, e eu naõ lho nego; mas quizera-lhes perguntar, se gostaõ elles de lograr os lucros, que das décimas resultaõ, que saõ terem as suas fazendas seguras, e as vidas quietas das invasoens dos inimigos, que os nossos Soldados rebatem, alentados com as décimas? Naõ pódem deixar de responder todos, que sim. Pois se assim he, como na verdade he, lembrem-se do ditado, e do Direito que diz: *Qui sentit commodum debet sentire & onus.* E vem a ser o que diz o nosso proverbio, que quem quizer comer, depenne. Que se depenne, quem gosta de viver sem penas; e estando isto taõ posto em boa razaõ, segue-se logo a consequencia verdadeira, que devaõ dar seu consentimento na contribuiçaõ das décimas: e vindo elles nisto, como saõ obrigados pela razaõ sobredita: *Et scienti, & consentienti non fit injuria*; digaõ-me, onde encalha o seu escrupulo? Encalha nos Diplomas, de que fazem unhas bentas, para surripiar do cõmum, o que affectaõ para seus cõmodos particulares. E naõ se vio mayor semrazaõ, que quererem conservar suas queixadas sans á custa da barba longa. E se ainda persistem na sua teima, ou interesse, que assim lhe chamo, e naõ escrupulo; respondaõ-me a este argumento. Se he licito aos Reys Catholicos tomarem a prata das Igrejas, para as conservarem, e defenderem em extrema necessidade; porque naõ lhes será licito recolherem décimas dos Ec-

clesiasticos, para os defenderem no mesmo aperto? Licito he, naõ ha duvida; porque esta consequencia naõ tem reposta: e della se colhe outra, que reprehende de muita cobiça, e avareza o que elles querem que seja escrupulo, e excõmunhaõ; e vem a ser rapina verdadeira, a com que se levantaõ ás mayores fazendo, unha da Religiaõ para agarrarem o capital, e os redditos, sem entrarem nos riscos, que sempre grandes lucros trazem comsigo. E vedes aqui as verdadeiras unhas bentas: bentas na opiniaõ de sua cobiça, e malditas na de quem melhor o entende: e para que elles entendaõ, que sabemos tambem o respeito, que se lhes deve, e que naõ ha diplomas, que encontrem esta doutrina, direy claramente o que ensinaõ os Theologos nesta parte, e he, que saõ obrigados os Ecclesiasticos a concorrerem igualmente para os gastos publicos das calçadas, fontes, pontes, e muros porque todos igualmente se servem, e aproveitaõ destas cousas: e ha de ser em tres circunstancias. Primeira, quando a contribuiçaõ dos leigos naõ basta. Segunda, com exame, e ordem dos Prelados. Terceira, sem força na execuçaõ. Mas logo se accrescenta, que os Prelados saõ obrigados a executalos; e isso he o que queremos na contribuiçaõ das décimas: e melhor fora naõ se chegar a isso, pois em gente sagrada se devem achar mayores primores.

Naõ posso deixar aqui, de acodir a huma queixa, que anda mal enfarinhada com reçaibos de unha

benta, e topa no Fisco Real, quando pelo Santo Officio recolhe as fazendas dos comprehendidos em crime de confiscaçaõ. Poderiaõ alguns zelosos dizer, que se gasta tudo no Tribunal, que o arrecada, e que he tanto o que se confisca, que excede seus gastos : e que dos sobejos nunca resulta nada para Sua Magestade, que com grande piedade remette tudo nas consciencias de taõ fieis Ministros. Materia he esta muito delicada com ser pezada; e por credito da inteireza, que taõ Santo Tribunal professa, convêm que lhe demos satisfaçaõ adequada em capitulo particular, que será o seguinte.

CAPITULO XL.

RESPONDE-SE AOS QUE CHAMAÕ VISCO AO FISCO.



OR fabula tenho o que se conta do Sayvedra, que dizem meteo neste Reyno, por enganos de breves falsos, o Tribunal, e Fisco da Santa Inquisiçaõ ; porque naõ ha memoria disso nos Archivos do Santo Officio, nem na Torre do Tombo, onde todas as cousas memoraveis se lançaõ : nem ha outro testemunho, mais que dizello o mesmo Sayvedra, por córar com isso outros crimes, que o lançaraõ nas galés. O certo he, que o Rey Catholico D. Fernando lançou de Castella os Judeos na era de 1482, porque tinhaõ juramento

os Reys de Espanha, por preceito do Concilio Toledano, de naõ consentirem Hereges em seus Reynos. Muitos destes, ou quasi todos, deraõ comsigo em Portugal. Admittio-os ElRey D. Joaõ II. por tempo determinado, que se iriaõ deste Reyno, sobpena de ficarem seus escravos os que se naõ fossem. Muitos se foraõ : e os que se deixaraõ ficar, correraõ a fortuna de escravos, e como tais eraõ vendidos ; até que ElRey D. Manoel os tornou a notificar com as mesmas, e mayores penas, que lhe despejassem todos o Reyno : alguns obedeceraõ, e os mais pediraõ o Santo Bautismo, e com isso aplacaraõ as penas : e ficaraõ taõ mal instruîdos que ElRey D. Joaõ III. vendo que naõ só professavaõ a Ley de Moysés publicamente, mas que tambem a ensinavaõ até aos Christãos velhos, alcançou do Papa Clemente VII. o Tribunal do Santo Officio, no anno de 1531, e o fez confirmar por Paulo III. no anno de 1536. com Breves Apostolicos, na conformidade em que até hoje dura, e durará com o favor Divino por todos os seculos ; porque a este Santo Tribunal se deve a inteireza da Fé, e reformaçaõ de costumes, com que este Reyno florece em tempos taõ calamitosos, que abrazaõ todo o Orbe Christaõ com corrupçoens, e heresias.

A mayor pena, que tem os Hereges, álem da de morte, he a que lhes executa o Fisco da confiscaçaõ, e perda de todos seus bens : e he muito justa ; porque as heresias nascem, e cévaõ-se

com a cobiça das riquezas, com as quaes se fazem os Hereges mais insolentes, e pervertem outros, e com lhas tirarem ficaõ mais enfreados ; e só o Summo Pontifice póde applicar os bens confiscados, a quem lhe parecer mais conveniente ; porque he causa meramente Ecclesiastica. Os bens dos que forem Clerigos, applicaõ-se por Direito á Igreja, os dos Religiosos á sua Religiaõ, os dos leigos a seus Principes, onde os tais bens existem, e naõ onde se condemnaõ. Em Espanha, e Portugal pertencem os bens dos leigos aos Reys por particular concessaõ ; e os dos Clerigos, mas que tenhaõ beneficio, por costume geral em toda a parte, pertencem ao Fisco secular. De tudo isto se colhem tres conclusoens certas.

Primeira conclusaõ : que os Principes seculares naõ pódem remittir aos Hereges as penas do Direito Canonico, nem do costume Ecclesiastico, nem ainda das leys, que os mesmos Principes puzeraõ, se foraõ approvadas pela Igreja, porque pela approvaçaõ ficaõ Ecclesiasticas. Segunda : que naõ pódem os Inquisidores remittir os bens confiscados sem consentimento do Principe, porque lhos concedeo o Papa ao seu Fisco ; mas o Papa póde, porque he Senhor Supremo. Terceira : que depois de dada sentença, de tal maneira ficaõ os bens confiscados sendo proprios do Principe pela doaçaõ do Papa, que póde delles dispôr, e dallos a quem quizer, mas que seja aos mesmos Hereges, a quem se tomaraõ, depois de reconciliados ; mas antes de reconduzidos naõ

pódem pelas tres razoens que ficaõ tocadas, que com as riquezas se cévaõ, e crescem as heresias, e os Hereges se fazem insolentes, e pervertem outros : e tambem, porque he causa Ecclesiastica, e naõ tem direito aos bens, que lhes naõ estaõ ainda sentenceados. Destas tres conclusoens se colhe huma consequencia certa, que a confisçaõ he pena Ecclesiastica, e que como tal naõ póde o Principe secular impedir a execuçaõ della sem licença do Summo Pontifice, que lha póde dar como Senhor Supremo da Ley, que tem dominio alto sobre tudo.

De tudo o dito fórmo agora hum argumento, com que acudo á queixa, que nos obrigou a fazer este capitulo. Os Reys em Portugal saõ Senhores dos bens confiscados, depois de sentenceados, de tal maneira, que os pódem dar até aos mesmos Hereges reconciliados: *ergo á fortiori*, poderáõ dar a administraçaõ, e dominio dos tais bens absolutamente aos Senhores Inquisidores, para que os gastem, como melhor lhes parecer ; e que lhes tenhaõ dado este poder he notorio, e se prova do facto, e da permissaõ continua sem repugnancia, nem contradiçaõ. E ainda que a massa do Fisco he muito grande, naõ saõ menores os gastos da sustençaõ dos penitentes, das agencias de seus pleitos, das fabricas dos edificios, dos ordenados dos Ministros, dzs máquinas dos cadafalsos, e mil outras cousas, que emprezas taõ grandes trazem comsigo, que he facil conhecellas, e difficultoso julgallas ; porque o menos, que aqui

se pondéra, he o que vemos, e o mais, o que se nos occulta com o eterno segredo, alma immortal do Santo Officio. Nem se póde presumir que haja desperdicios, onde ha tanta exacçaõ, e pureza de consciencias, que apuraõ o mais delicado de nossa Santa Fé : antes se póde ter por milagre o que vemos, e experimentamos, que só com a confiscaçaõ dos Réos se sustente máquina taõ grande, taõ illustre, e taõ poderosa. E dado, que passe alguns annos a receita álem da despeza, succedem outros, em que a despeza excede os bens confiscados: e a providencia economica iguala as balanças de hum anno com os contrapezos do outro: e vimos a concluir, que tudo o que se póde metafisicar de sobejos, he pequena remuneraçaõ para taõ grandes merecimentos. Nem ha no mundo interesse, com que se possa gratificar o que este Santo Tribunal obra em si, e executa em nós. O que obra em si, he huma observancia de modestia, e inteireza, que assombra, e confunde aos mais reformados talentos; porque o mesmo he entrar hum homem Ecclesiastico, ou secular no serviço do Tribunal da Santa Inquisiçaõ, que vestir-se logo de huma composiçaõ de acçoens, palavras, e costumes, que fazemos pouco, os que os vemos, quando naõ lhes fallamos de joelhos. O que em nós executaõ, bem se deixa ver na reformaçaõ dos vicios, na extinçaõ das heresias, e no augmento das virtudes. Seria Portugal huma charneca brava de maldades, seria huma sentina de vicios, seria huma Babylonia

de erros, se o Santo Officio naõ vigiara as maldades, naõ castigara os vicios, e naõ extinguira os erros. He Portugal hum Promontorio commum de todas as Naçoens; nelle entraõ, e sáiem continuamente todos os hereges do mundo, sem que os vicios das Naçoens nos damnem, sem que os erros das heresias se nos peguem. Naõ ha Reyno, nem Provincia na Christandade, que se possa gabar de intacto nesta parte: só Portugal persevera illeso. A quem se deve taõ gloriosa fortuna? Ao Santo Officio, que tudo atalha, vedando livros, açamando seitas, castigando erros, e melhorando tudo. E vendo os Reys Serenissimos de Portugal a importancia de taõ grande serviço, como a Deos, e á Republica fazem taõ fieis Ministros, naõ fizeraõ muito em lhes largarem todo o Fisco á sua disposiçaõ.

E se ainda se naõ derem por satisfeitos os zelosos na sua queixa, ouçaõ o que respondeo ElRey Filippe, o Prudente, em Madrid a outra semelhante, que involvia notas com titulo de excessos no uso do poder: *Dexadlos, que mas estimo yo tener mis Reynos quietos, y Catholicos con treinta Clerigos, que todos essos interesses, y respetos.* Fallou como prudente que era; porque interesses, e respeitos temporaes, naõ tem comparaçaõ com lucros sobrenaturaes. Este mesmo Rey, passando pela Praça de Valhadolid com todo seu acompanhamento, e pompa real, encontrou dous Inquisidores, e em os vendo, se sahio do coche, e com o chapéo na maõ os levou nos

braços, dizendo: *Assi es bien, que honre yo a quien tanto me honra a my, y defiende mis Reynos como vòs!* Sabia conhecer o que nós naõ ignoramos; e por isso affoutamente concluo, que cada hum diz da feira, como lhe vay nella. Quero dizer, que só gente suspeita poderá grunhir, onde desapaixonados cantaõ a gala, e o parabem ao Santo Officio com os vivas que merece. E nós descantemos por diante os excessos de outras unhas, pois nas do Fisco naõ achamos o visco, que só gente satyrica pela toada de orelha de Midas lhe apoda.

CAPITULO XLI.

DOS QUE FURTAÕ COM UNHAS DE FOME.



NAS gazetas de Picardia se escreve, que houve hum moço taõ inclinado a seu accrescentamento, que assentou praça de pagem com hum Fidalgo, que tinha fama de rico; mas ao segundo dia achou, que assentara praça de galgo; porque nem cama, nem vianda se usava naquella casa; e por isso o senhor della era rico, porque adqueria com unhas de fome o que enthesourava. Succedeo hum dia, que indo o novo pagem comprar huma moeda de rabaõs para a cêa de todos, encontrou huma grande procissaõ de Religiosos, e

Clerigos, que levavaõ a enterrar hum defunto, e de traz da tumba se hia carpindo a mulher, e lamentando sua desgraça, e ouvio que dizia entre lagrimas, e suspiros: aonde vos levaõ meu mal logrado? A' casa, onde se naõ come, nem bebe, nem tereis cama, mais que a terra fria? Em ouvindo isto o rapaz, voltou para casa como hum rayo fogindo, trancou as portas, e disse espavorido a seu amo. Senhor ponhamo-nos em armas, que nos trazem cá hum homem morto! Tu deves de vir doudo, disse o amo, pois cuidas que a nossa casa he Igreja. Bem sey, disse o moço, que esta casa naõ tem Igreja mais que o adro, que he v. m. ao meyo dia; e por isso entrey em suspeitas, se viriaõ cá enterrar aquelle finado: e confirmey-me de todo, porque a gente, que o traz, vem dizendo, que o levaõ á casa, onde se naõ come, nem bebe, nem ha cama, mais que a terra fria; e como aqui ninguem come, nem bebe, nem tem cama, bem digo eu, que cá o trazem; e que fiz bem de fechar as portas, pois assás bastaõ os defuntos, que cá jazemos mórtos de fome, que he peor que de maleitas.

Com esta historia se explica bem, que cousa saõ unhas de fome, que poupando furtaõ á boca, á saude, e á vida, o que lhes he devido; e assim chamamos unhas de fome a huns, que tudo escondem, e que tudo guardaõ, sem sabermos para quando, e he certo que para nunca; porque primeiro lhes apodrece, que saia á luz o que reservaõ: e quando vos daõ alguma cousa, he

sempre o peor, e o que naõ presta, ou de modo, que melhor fora naõ vos darem nada. Saõ estes como a rapoza de Hisopete, que banqueteou a cegonha com papas estendidas sobre huma lagem, para que as naõ pudesse tomar com o bico. E se me perguntardes, onde está aqui o furto, que parece o naõ ha em guardar cada hum o que he seu, e em poupar até o alheo, respondo, que o caro he barato, e o barato he caro. Direis que tôa isto a desproposito; mas eu naõ vî cousa mais certa, se a entenderdes como a entendo; e já me naõ haveis de entender, se me naõ declarar com exemplos. Seja o primeiro do que cada dia vemos em provimentos de náos da India, e de galeoens, e navios, que manda ElRey nosso Senhor ao Brasil, Angóla, e outras partes: provêmse de chacinas podres, bacalháo corrupto, biscouto mascavado, vinho azedo, azeite borra; porque achaõ tudo isto assim mais barato na compra; e sáie-lhes mais caro no effeito, porque adoecem todos os passageiros, morre a ametade, malogra-se a viagem, perde-se tudo; porque foraõ provîdos com unhas de fome: e por pouparem o que se furta, fizeraõ com que o barato custasse caro a todos.

Segundo exemplo seja do que succede nas armadas: manda-as Sua Magestade provêr para tres mezes com liberalidade Real: encolhem os Provedores as mãos para encher as unhas, e daõ provimento para tres semanas: eisque na segunda semana já falta a agua, e na terceira já naõ ha

paõ. Tornaõ-se a recolher sem obrarem o a que hiaõ, e por milagre chegaõ cá com vida. Eisaqui que cousa saõ unhas de fome, que por matarem a sua, pôem em desesperaçaõ a alhea. Os provimentos Reaes, como os de toda a casa bem governada, devem ser como os de Deos, que sempre nos dá remedios superabundantes. Naõ devem hir as cousas taõ guizadas, nem taõ cerceadas, que nada sobeje; o que sobeja no prato he o que satisfaz mais, que o que se come. Tres açoutes tem Deos, com que castiga o mundo, e o primeiro he fome: açoutar quer nossa Monarquia quem mete em suas forças fome. Nada poupa quem aguarenta a fartura, porque vos vem a levar o rato, o que naõ quizestes dar ao gato. Perdem-se immensos thesouros de gloria, e interesse nos cõmercios do mar, e nas vitorias da campanha por falta do provimento liberal, e conveniente. Deos nos livre da ganancia, que nos occasiona taõ grandes perdas.

Tambem roubaõ com unhas de fome, os que por forrarem de gastos, aguarentaõ os ordenados, privilegios, e favores aos Ministros, e Officiaes delRey, ou das Republicas. Nos marinheiros das náos da India temos bom exemplo. Concedelhes o Regimento antigo trinta mil reis de praça; hum lugar na náo capaz de sua pessoa, e fato; quatro fardos de canéla livres, e sem taxa, para que engodados com estes interesses, e liberdades, abracem o trabalho, que he desmedido. Vem o Regimento moderno, aguarentalhes tudo a titulo

de poupar á fazenda Real: e segue-se dahi naõ haver quem queira arriscar sua vida por taõ pouco, e irem forçados, e por isso negligentes em tudo. Nem ha para que buscar outra causa de se perderem tantas náos de poucos annos a esta parte. As náos no mar saõ como os carros, que caminhaõ carregados por terra: se tem quem os guie, e governe com cuidado, e sciencia, escapaõ de atoleiros, e barrancos, onde se fazem em pedaços, se os deixaõ meter nelles. Como naõ haõ de dar as náos á costa, e em baixos, se os que as guiaõ, e governaõ, vaõ descontentes, e ignorantes? Vaõ descontentes, porque vaõ forçados, e vaõ forçados, porque naõ vaõ bem remunerados: e daqui vem serem ignorantes; porque ninguem estuda, nem toma bem a arte, de que naõ espera mayor proveito: e assim nos vem a custar o barato muito caro; porque houve unhas de fome, que fabricaraõ ruinas, onde armaraõ interesses.

Aqui me vem a curiosidade de perguntar, qual he a razaõ, porque nenhuma náo, nem galeaõ nosso, ou vá de viagem, ou de armada nunca leva boticas, nem medicamentos communs, para as febres da Linha, nem para as feridas de huma batalha, nem para o mal de Loanda, nem para nada? Huma de duas; ou he ignorancia, ou escaceza: ignorancia naõ creyo que seja; porque naõ ha quem naõ saiba, que se adoece no mar mais, e mais gravemente que em terra: he logo escaceza; por naõ gastarem dous, ou tres mil

cruzados nos aprestos para a saude, e vida dos passageiros, e soldados, sem os quaes se perde tudo : perde-se a gente, que he o mais precioso, morrendo como mosquitos, e alojando-os ao mar aos feixes ; e perde-se tudo, porque tudo fica sem quem o defenda das inundaçoens do mar, e violencias dos inimigos. Muita ventagem nos fazem nesta parte os estrangeiros, em cujos navios vemos boticas, e aprestos muitas vezes para curar doentes, e feridos, que valem muitos mil cruzados : e nós escassamente levamos hum barbeiro, nem hum ovo para huma estopada.

CAPITULO XLII.

DOS QUE FURTAÕ COM UNHAS FARTAS.



RAPOZA, quando saltêa hum galinheiro, faminta céva-se bem nos primeiros dous pares de galinhas que mata ; e como se vê farta, degola as demais, e vay-lhe lambendo o sangue por acipipe. Isto mesmo succede aos que furtaõ com unhas fartas, que naõ páraõ nos roubos por se verem cheos, antes entaõ fazem mayor carniçaria no sangue alheo : saõ como as sanguixugas, que chupaõ até que arrebentaõ. Andaõ sempre doentes de hidropesia as unhas destes : entaõ tem mayor sede de rapinas, quando mais fartos

dellas. E ainda mal, que vemos tantos fartos, e repimpados á custa alhea; que naõ contentes, da mesma fortuna fazem razaõ de estado, para sustentarem faustos superfluos, engolfando-se mais para isso nas pilhagens, para luzirem desperdiçando; porque só no que desperdiçaõ achaõ gosto, e honra: chamara-lhe eu descredito, e amargura de consciencia, se elles a tiveraõ.

Olhem para mim todos os Ministros delRey, que hontem andavaõ a pé, e hoje a cavallo: estejaõ-me attentos a duas perguntas, que lhes faço, e respondaõ-me a ellas, se souberem; e se naõ souberem, eu responderey por elles. Se os officios de vossas mercês daõ de si até poderem andar em hum macho, ou em huma faca, quando muito, e suas mulheres em huma cadeira; como andaõ vossas mercês em liteira, e ellas em coche? Se a sua mesa se servia muito bem com pratos, saleiro, e jarro de louça pintada de Lisboa; como se serve agora com baixelas de prata, salvas de bastioens, confeiteiras de relevo? Naõ me diraõ, de donde lhe vieraõ tantas colgaduras de damasco, e téla, tantos bofetes guarnecidos, escritorios marchetados com pontas de abbada em cima? Deraõ de fartos em fome canina? Já que lhes naõ dá do que dirá a gente, naõ me diraõ, onde acharaõ estes thesouros, sem irem á India; ou que arte tiveraõ, para medrarem tanto em taõ pouco tempo, para que os desculpemos ao menos com a visinhança? Já o sey, sem que mo digaõ: houverao-se como a rapoza no galinheiro, em que

entraraõ : cevaraõ-se naõ só no necessario, senaõ tambem no superfluo. Naõ se contentaõ com se verem fartos, e cheos, como esponjas, querem engordar com acipipes; e por isso lançaõ o pé álem da maõ, e estendem a maõ até o Ceo, e as unhas até o Inferno, e metem tudo a saco, quando o ensacaõ : e saõ como o fogo, que a nada diz, basta. E se querem saber a causa de suas demazias, lêaõ com attençaõ o capitulo, que se segue.

CAPITULO XLIII.

DOS QUE FURTAÕ COM UNHAS MIMOSAS.



SSIM como ha unhas fartas, tambem as ha mimosas, que saõ suas filhas, e por isso peores, por mal disciplinadas, porque para regalarem a seus donos furtaõ mais do necessario. Furtar o necessario, quando a necessidade he extrema, dizem os Theologos, que naõ he peccado; porque entaõ tudo he commum, e naõ ha meu, nem teu, quando se trata da conservaçaõ das vidas, que perecem por falta do que haõ mister, para se sustentarem : mas furtar o superfluo para amimar o corpo, e regalar a alma, he caso digno de reprehensaõ : e ainda mal, que succede muitas vezes. Como agora : ponhamos exemplos; porque exemplos declaraõ muito. He certo que a

qualquer Ministro del Rey basta o ordenado, que tem com as gages licitas do officio para passar honestamente confórme a seu estado. Pois se lhe basta hum vestido de baeta, para que o faz de veludo? Se lhe sobeja hum gibaõ de tafetá, para que o faz de téla, quando El Rey o traz de olandilha? Para que rasga hollanda, onde basta linho? Para que come galinhas, e perdizes, e tem viveiro de rolas, se póde passar com vaca, e carneiro? Para que dispende em doces, e conservas, o que bastava para cazar muitas orfans? Bastando paças, e queijo para assentar o estomago, sem lhe causar as azîas, que padece pelos muitos guizados, que naõ póde digerir. Para que saõ tantas mostras do Reyno, e de Canarias, bastando huma de Caparica, ou de mais perto? Por verdade affirmo, que vi em casa de hum nesta Corte mais de quinze frasqueiras, e naõ era Flamengo; e outro que mandava borrifar o ar com agua de flor para aliviar a cabeça, que melhor se aliviaria, naõ lhe dando tanta carga de licores.

Muitos mimos saõ estes, e que naõ pódem estar sem empolgar as unhas na fazenda, que lhes corre pela maõ, e por isso lhes chamo unhas mimosas. *Quien cabras nò tiene, y cabritos viende, donde le vienen?* Meu irmaõ Ministro, ou official, ou quem quer que sois, se vossa casa hontem era de esgrimidor, como a vemos hoje á guiza de Principe? E até vossa mulher brilha diamantes, rubîs, e perolas sobre estrados broslados? Que cadeiras saõ estas, que vos vemos de brocado, contadores

da China, catres de tartaruga, laminas de Roma, quadros de Turpino, brincos de Veneza, &c.? Eu naõ sou bruxo, nem adevinho; mas atrevome, sem lançar peneira, affirmar que vossas unhas vos grangearaõ todos esses regalos para vosso corpo, sem vos lembrarem as tiçoadas, com que se haõ de recambiar no outro mundo: porque he certo, que vós os naõ lavrastes, nem os roçastes, nem vos nasceraõ em casa como pepinos na horta; e mais que certo, que ninguem volo deu por vossos olhos bellos, porque os tendes muito mal encarados. Logo bem se segue, que os furtastes: e vós sabeis o como, e eu tambem: e para que outros o saibaõ, volo direy; porque estou certo o naõ haveis de confessar, mas que vos dêm tratos.

Entregaraõ-vos o livro das despezas, e receitas Reaes, enxiristes-lhe huma folha portatil no principio, outra no meyo, outra no cabo: acabou-se a lenda; levantastes as folhas com quanto nellas se continha, que eraõ partidas de muitos contos; e ficastes livre das contas, e encarregado nos furtos, que só no dia do Juizo restituireis; porque ainda que vos vendais em vida, naõ ha em vós substancia, porque a esperdiçastes; nem vontade, porque a naõ tendes, para vos descarregar de taõ grande pezo. Por esta, e outras artes de naõ menor porte, que deixo, fazem seu negocio as unhas mimosas; e tudo lhes he necessario, para manterem jogo a seus appetites; e naõ houvera melhor Flandes, se o bicho da consciencia as naõ roera. Hum licenceado destes, picado do escru-

pulo, correo quantos Mosteiros ha em Lisboa antigamente, buscando hum Confessor, que o absolvesse: e a razaõ que dava para ser absolto era, que naõ tinha mais que duzentos mil reis de ordenado, e gages, e que havia mister mais de quinhentos mil para governar sua casa; e que naõ havia de ser contente ElRey, que a sua familia perecesse. Respondiaõ-lhe todos [porque todos estudavaõ pelos mesmos livros] he verdade que naõ quer Sua Magestade que seus criados morraõ de fome; mas tambem he verdade, que naõ quer, que o roubem: e se esse officio naõ vos abrange, moderay os gastos, ou largay-o, que naõ faltará quem o sirva com o que elle dá de si sem esses furtos: sois obrigado a restituir quanto tendes furtado: aqui perdia a paciencia o supplicante, allegando, que era muito o que estava comido, e bebido, e que naõ havia posses para tanto: mal mudarey de estylo, dizia elle, até agora tomava a El Rey diminuindo nos pezos, e nos preços, e nas cifras, daqui por diante accrescentarey tudo, e sahirá das partes cabedal, com que satisfaça, já que naõ ha outro remedio: e como as partes saõ muitas, e de mim desconhecidas, tomarey a bulla da Composiçaõ daqui a cem annos, e ficará tudo concertado. Mas naõ faltou quem o advertisse, que naõ vale a tal bulla, a quem furta com os olhos nella; e que melhor remediaria tudo aguarentando os mimos, e regalos em que dissipava tudo.

CAPITULO XLIV.

DOS QUE FURTAÕ COM UNHAS DESNECESSARIAS.



XCUSADAS saõ no mundo quantas unhas ha, que o arranhaõ com ladroîces, e por isso bem desnecessarias todas. Mas este capitulo naõ as comprehende todas; porque só trata das superfluidades, que destroem as Republicas, peor que ladrões as bolças, a que daõ caça. E bem puderamos aqui fazer logo invectiva contra os trajes, invençoens, e costumes de vestidos, que se vaõ introduzindo cada dia de novo, esponjas do nosso dinheiro, que o chupaõ, e levaõ para as Naçoens estranhas, que como a bugios nos enganaõ com as suas invençoens: cada dia nos vem com novas cores, e teceduras de lãn, e seda, que na sua terra custaõ pouco mais de nada, e cá no las vendem a pezo de ouro: e como o que vem de longe, sempre nos parece melhor, e o que nos nasce em casa, naõ agrada; desprezamos os nossos pannos, e sedas, que sempre se fizeraõ no Reyno com melhoria. Insania marcada, e politica errada foy sempre, antepor o alheo ao proprio com dispendio da cõmodidade. Haverá quarenta annos, que Castella lançou huma Pragmatica com graves penas, que ninguem vestisse seda, se naõ fosse fidalgo de bastante renda: e attentava nisto ao

que hoje se naõ attenta, que naõ gastassem superfluamente os vassallos, furtando á boca, e aos filhos, e á Republica, o que punhaõ em luzimentos desnecessarios. Queixaõ-se hoje, que naõ tem para pagar as décimas, com que ElRey lhes defende as vidas; e nós vemos, que lhes sobeja para gastarem no que lhes naõ he necessario para a vida. Apodaõ este tempo com o antigo: chamaõ ao passado idade de ouro, e ao presente seculo de ferro: e nós sabemos, que quem entaõ tinha hum anel de ouro, com hum par de colheres, e garfos de prata, achava que possuîa muito. Entaõ mandava ElRey D. Diniz, o que fez quanto quiz, as arrecadas da Rainha á Cidade de Miranda quando se murava, dizendo: naõ párem os obras por falta de dinheiro; empenhem-se essas arrecadas, que custaraõ cinco mil reis; ou vendaõ-se, e vaõ os muros por diante, que logo irá mais soccorro. Estes eraõ os thesouros antigos! E hoje naõ ha mecanico, que naõ tenha cadêas de ouro, transelins de pedraria, e baixellas de prata. Naõ tornou o tempo para traz; mas a cobiça he a que vay adiante, pondo em cousas superfluas, e particulares, o que houvera de empregar no augmento do bem commum, e defensa da patria.

Esta he a opiniaõ de muitos politicos Estadistas, que naõ sabem adquirir augmentos para o commum sem minguas dos particulares. A minha opiniaõ he, que todos luzaõ, porque a opulencia dos trajes ennobrece as Naçoens, e causa veneraçaõ nos Estrangeiros, e terror nos adversarios:

pelos trajes se regula a nobreza de cada hum, e naturalmente desprezamos o mal vestido, e guardamos respeito ao bem ataviado: e quasi que he isto de fé; pelo menos assim o diz Santiago na sua Canonica, ainda que reprehende aos que desprezaõ os pobres; porque ás vezes: *Sub sordido pallio latet sapientia.* O luzimento com moderaçaõ he digno de louvor; o superfluo com prodigalidade he o que taxamos. Dou-lhe que naõ valha nada esta invectiva: façamos outra, que porventura valerá menos na opiniaõ dos poderosos, que ella ha de ferir de meyo a meyo. He certo que se gasta neste Reyno todos os annos das rendas Reaes quasi hum milhaõ, ou o que se acha na verdade, em salarios de officiaes, e Ministros, que assistem ao governo da justiça, e menêo das cousas pertencentes á Coroa: e he mais que certo, que com a ametade dos tais Ministros, e póde bem ser que com a terça parte delles, se daria melhor expedienté a tudo; porque nem sempre muitos alentaõ mais a empreza, e se ella se póde effeituar com poucos, a multidaõ só serve de enleyo. Se basta hum Provedor em cada Provincia, para que saõ cinco ou seis? Se basta hum Corregedor para vinte leguas de destrito, para que saõ tantos, quantos vemos? Tantos escrivaens, meirinhos, e alcaides em cada Cidade, em cada Villa, e Aldea, de que servem; se basta hum para escrevinhar, e meirinhar este mundo, e mais o outro? Este alvitre se deu ao Rey de Castella naõ ha muitos annos, e naõ pegou; póde

bem ser, que por ser bom para nós. Se esmarmos bem as rendas Reaes das Provincias, e as descutirmos, acharemos que lá ficaõ todas pelas unhas destes galfarros despendidas em salarios, e pitanças. Entremos nas sete Casas desta Corte, mas que seja na Alfandega, e casa da India, acharemos tantos officiaes, e ministros que naõ ha quem se possa revolver com elles; e todos tem ordenados; e todos saõ taõ necessarios, que menos póde ser fizessem melhor tudo. A hum Mister de Lisboa ouvi dizer, que bastavaõ na Camera tres Vereadores, e que tinha sete; e que fora melhor poupar quatro mil cruzados para as guerras; e accrescentava: para que saõ na mesa do Paço oito, ou dez Dezembargadores, se bastaõ quatro, ou cinco? Na casa da Supplicaçaõ, para que saõ vinte, ou trinta, bastando meya duzia? E em todos esses Tribunaes, para que saõ tantos Conselheiros, que se estorvaõ huns aos outros. Engordaõ particulares com salarios, e emmagrecem as rendas Reaes no commum, e naõ ha por isso melhores expedientes: muita cousa fantastica se sustenta mais por uso, que por urgencia. Estive para dizer a este Licurgo, o que disse Apelles ao çapateiro, que lhe emendava o vestido, e roupagem de hum retrato: *Ne sutor ultra crepidam.* Quem te mete Joaõ topete com bicos de canivete? Que muitas vezes nos metemos a emendar, o que naõ entendemos. E em Tribunaes mayores, que constaõ de ancianidade, tem muitas licenças, e privilegios a velhice, que ha

mister ajudada, e alentada, e por isso se permittem mais Ministros, e mayores ajudas de custo. Deos nos livre de Ministros, que antes de lhe chegar o tempo de os aposentarem, vencem salarios sem os merecerem, e sem trabalharem.

As guerras de Flandes estiveraõ muitos annos de quedo, sustentando exercitos grosissimos com immensos gastos, e soldadas de Cabos, que os comiaõ com huma maõ sobre outra, pondo em pés de verdade, que tudo era necessario, porque dalli viviaõ. Das galés, que o estreito de Gibraltar nunca vio, e das de Portugal, que naõ existem, se estaõ vencendo praças, que pagaõ as rendas Ecclesiasticas; e ninguem repara nisto; porque se reparaõ com esses lucros, os que houveraõ de zelar estas perdas. Chegaraõ os motins de Flandes hum dia a estado, que se haviaõ de concluir com huma batalha, em que meteraõ os levantados o resto. Entraraõ em conselhos os Castelhanos, e sahio por voto de todos, que pelejassem, porque estavaõ de melhor, e mayor partido. Advertio-os o Presidente, que ficavaõ todos sem rendas, e sem remedio de vida, se as guerras se acabavaõ: e retrataraõ-se todos, mandando dizer aos adversarios, que guardassem a briga para tempo de menos frio. E praza a Deos naõ succeda isto mesmo cada dia entre nós nas occasioens, que se offerecem opportunas, para concluirmos com guerras: porque huma boa lança o caõ do moinho: e quando vem a occasiaõ, deixaõ-lhe jurar a calva, para que lhes fique nas unhas a gadelha, que os sustenta.

CAPITULO XLV.

DOS QUE FURTAÕ COM UNHAS DOMESTICAS.

OAÕ Eusebio, Escritor insigne, e Autor eruditissimo da Companhia de Jesus, refere na sua *Philosophia natural*, que ha no mundo Novo humas plantas, que poderáõ ser como cá melões, cujos frutos saõ viventes, e imitaõ a especie de borregos, ou cabritos: estes em quanto verdes estaõ amortecidos, e vaõ crescendo com o suco da planta: como amadurecem, levantaõ-se vivos, e comem a herva circumvisinha, até que se despedem da vide em que nasceraõ: e se os naõ vigiaõ, nada lhes pára em toda a horta, tudo abocanhaõ, e tudo he pouco para a fome, com que saiem da prizaõ materna, e vem a ser o que diz o Proverbio: *Criay o corvo, e tirarvos-ha o olho.* Tais saõ as unhas domesticas, que naõ contentes com o que lhes dais, e basta, querem dominar tudo, quanto encontraõ na casa em que as admittistes, e tudo he pouco para sua cobiça, e voracidade. Criados, e escravos a seus senhores, filhos a seus pays, e mulheres a seus maridos, e tambem aos que o naõ saõ, naõ ha duvida que furtaõ muito, e por mil maneiras; e que saõ estas verdadeiramente unhas domesticas; porque de portas a dentro vivem, e fazem suas pilhagens

muito a seu salvo; os criados sobindo preço no que seus amos lhes mandaõ comprar; os filhos desfrutando as propriedades, e os celeiros nas ausencias de seus pays: e as mulheres escorchando os escritorios com chaves falsas. Dera eu de conselho aos amos, pays, e maridos, que sejaõ mais liberaes, para que de sua escaceza naõ resultem perdas mayores, que as com que a liberalidade costuma reparar tudo. Mas naõ saõ estas as unhas domesticas, que a mim me cançaõ; porque o que estas pescaõ, pela mayor parte, na mesma casa fica, e em cousas usuais se gasta. As que me tocaõ ao vivo, declararey com huma reposta, que dey a hum velho astuto, que me fez esta pergunta.

Folgara saber, dizia o bom velho mais sagaz que zeloso, que cousa he hum Rey dando audiencia publica? Devia de querer que lhe respondesse, que era hum pay da Patria, que se expunha a todos para os amparar, e remediar como a filhos: e fazerme desta reposta alguma invectiva para seu interesse: mas eu furtey lhe a agua ao intento, e respondilhe. Hum Rey dando audiencia a seus vassallos, debaixo do seu docel, he o Martir S. Vicente nosso Padroeiro, posto no Eculeo, cercado de algozes, que o estaõ desfazendo com pêntens de ferro, e unhas de aço; porque todas, quantas petiçoens lhe appresentaõ, saõ garavatos, e ganchos, que armaõ a lhe derriçar a substancia da Coroa: e he cousa certa, que nenhum lhe vay levar cousa de seu proveito, e

que todos lhe vaõ pedir o que haõ mister, allegando serviços como criados, e merecimentos como filhos; e que ElRey he Pelicano, que com o sangue do peito os ha de manter a todos: sem attentarem, que padece o Rey, e o Reyno mayores necessidades que elles, e que se deve acodir primeiro ao commum, que ao particular. E atrevome a chamar a estas pertençoens furtos domesticos, neste tempo em que deveramos vender as capas para comprar espadas, como disse Christo a seus Discipulos, e naõ despir ao Reyno até a camiza. O nosso Reyno he pequeno, e assim tem poucas datas: e he muito fertil de sugeitos, e talentos; e por isso naõ ha nelle para todos: mas tem as Conquistas do mundo todo, aonde os manda ser senhores do melhor dellas, para que venhaõ ricos de merecimentos, e gloria, com que comprem as honras, e melhores póstos da patria: e pertendellos por outra via será furto domestico notorio, e digno de castigo.

Senhores pertendentes, levem daqui este desengano, que o Rey, que Deos nos deu, he de cera, e he de ferro: he de cera para nós, e he de ferro para si, e para nossos inimigos: he de cera para nós pela brandura, e clemencia, com que nos trata; nenhum vassallo achou nunca na sua boca má reposta, nem nos seus olhos máo semblante: exercita naturalmente o conselho, que Trajano guardou por arte, com que se conservou, e fez o melhor Emperador: que nunca nenhum vassallo se apartou delle desconsolado, nem descontente.

He de ferro para si; bem vemos como se trata. E tambem o he para nossos inimigos com valor mais invencivel que o aço: e para sustentar o impeto adversario necessita que o ajudemos com nossas forças: e será muito estolido, quem neste tempo tratar de lhe diminuir as suas. O dinheiro he o nervo da guerra, e onde este falta, arrisca-se a vitoria, e o prol do bem commum, de que he bem se trate primeiro que do particular; que totalmente se perde, quando se naõ assegura o commum: e para que a nós, e a nada se naõ falte, he bem que nós naõ faltemos da nossa parte, contentandonos com o que o tempo dá de si, e com a esperança certa da prosperidade, que he infallivel depois da fortuna aspera, beatificando com excessos o que malogra na adversidade.

E para todos os Reys me seja licito pôr aqui tambem huma advertencia, que naõ sejaõ tanto de cera, que se deixem imprimir; nem tanto de ferro, que naõ se possaõ dobrar: naõ se deixem imprimir de conselhos peregrinos: naõ se deixem dobrar a exacções rigorosas; porque estas recompensaõ-se com furtos domesticos, lima surda dos bens da Coroa; e aquelles tem por alvo lucros particulares com detrimentos cõmuns. O dictame, e acordo de hum Rey vale mais que mil alheios: naõ reprovo conselhos: anteponho o do Rey a todos, porque he menos arriscado a erros: esta resoluçaõ para mim he evidente, naõ só pela experiencia, mas tambem pela certeza, que nos assegura o commum dos Santos, e Theologos, que

os Reys tem dous Anjos de guarda ; hum que os guarda, outro que os ensina ; e por isso saõ mais illustrados, que todos seus Conselheiros. Donde quando as opinioens se baralhaõ, o mais seguro he seguir o discurso do Rey, se naõ for intimado por outrem, que Rey naõ seja. E assim pediráõ os Reys o que lhes he necessario, e naõ tomaráõ o que lhes he superfluo : daraõ a seus vassallos o que merecem, e naõ o que lhes naõ he devido : e em nenhum haverá occasiaõ de se recompensar com furtos domesticos.

CAPITULO XLVI.

DOS QUE FURTAÕ COM UNHAS MENTIROSAS.



PESSOAS ha, que tem unhas marcadas com pintas brancas, a que chamaõ mentiras; mas naõ saõ estas as unhas mentirosas, que mais tem de pretas, que de candidas ; e furtaõ de mil e quinhentas maneiras, sempre mentindo. Testemunhas sejaõ os que com certidoens falsas pedem mercês a Sua Magestade, allegando serviços, que nunca fizeraõ, e dando testemunhas, que tal naõ viraõ ; e porque ha nisto muitos enganos, naõ me espanto da exacçaõ, com que semelhantes papeis se examinaõ, ainda que seja com molestia das partes. Outros ha, que levaõ as mercês com serviços equivocos, que tem dous rostos, como Jano, com hum olho

para Portugal, e com outro para Castella. Jogaõ com páo de dous bicos: contemporizaõ com El-Rey D. Joaõ, e fazem obras, que lhe pódem servir de desculpa com ElRey D. Filippe: cá tem hum pé, e lá outro; cá o corpo, e lá o coraçaõ. E por vida delRey meu Senhor, que se fora possivel ao Doutor Pedro Fernandes Monteiro, dar de repente em quantos escritorios, e algibeiras ha neste Reyno, que houvera de achar em mais de quatro cartazes Castelhanos, que promettem titulos, e Cõmendas a quem der ordem com que se baralhem as cousas; isto he, que saiaõ as náos tarde; que naõ haja galés; que se malogrem armadas, e frotas; que se desfaça a bolça; que naõ se façaõ cavallos, nem infantes; que naõ se paguem estes, nem dêm cevada a aquelles; que naõ se criem potros; que naõ se peleje nas occasioens de urgencia; que naõ se fortifiquem as praças; que se altérem as décimas; que se gaste o dinheiro em cousas superfluas; e fantasticas, e em conclusaõ; que naõ se paguem serviços. E quando praticaõ, ou votaõ estas cousas o fazem com tais tintas, e destreza, que fazem crer sésta por balhésta aos mais acordados. E tudo lhe perdoara, porque no cabo naõ me enganaõ, se no fim naõ quizerem, que lhes paguemos com beneficios claros os maleficios escuros, que com seus embustes nos causaõ.

Outros ha, que com serem muito leais, furtaõ a trecheio com unhas mentirosas; porque á força fazem parecer serviço trabalhoso, e digno de grande mercê, o que podéramos reprehender de

grande calaçaria: sem sahirem da Corte, nem de suas casas, e Quintas, empolgaõ nos premios de campanha; levaõ ás barretadas, o que se designou para as lançadas: e naõ se correm de tomarem com mãos lavados, o que sõ parece bem em mãos, que se ençoparaõ no sangue inimigo: cheios como colmêas ao perto, se estaõ rindo dos que por servirem longe estaõ vazios. Falta a estes senhores a generosidade, que sobejou ao Serenissimo Duque D. Theodosio, dignissimo Progenitor do nosso invictissimo Rey D. Joaõ o IV. de gloriosa memoria, o qual convidado por ElRey Filippe III. de Castella, quando veyo a Portugal na era de 620. que lhe pedisse mercês, respondeo palavras dignas de cedro, e de laminas de ouro: "Vossos, e nossos avós encheraõ nossa casa de tantas mercês, que naõ me deixaraõ lugar para aceitar outras. Em Portugal ha muitos fidalgos pobres de mercês, e ricos só de merecimentos, em quem V. Magestade póde empregar sua Real magnificencia." Este grande Heróe, apurando assim verdades notorias, ensinou harpîas domesticas, que acabem já de ser sanguixugas de ouro, esponjas de honra, camaleoens fingidos, e Protêos falsos.

Outros ha que, seguindo outra marcha, empolgaõ effectivamente com mentiras em grandes montes de dinheiro, que usurpaõ a seu Rey, e á sua patria: por tais tenho, os que vencem praças mortas sem aleijoens, nem merecimentos; os que fingem praças fantasticas, que tem na lista,

e nunca existiraõ no terço; os que embolçaõ os salarios de soldados, e officiaes defuntos, e ausentes: na Ilha da Madeira vi dous meninos, que nos braços venciaõ praças de Capitaens: os que dizem, que trazem nas fabricas dos galeoens, e das fortificaçoens duzentos obreiros, trazendo só cento e cincoenta; os que vaõ para a India, a quem ElRey paga tres, ou quatro criados, para que ostentem authoridade em seu serviço, e vaõ sem elles servindo-se dos marinheiros, e soldados; e assim comem os ordenados dos criados, que naõ levaõ; os que introduzem officios com ordenados sem ordem del Rey; e fintaõ os subditos com qualquer achaque para cousas, que naõ se obraõ. Todos estes, e muitos outros, que naõ relato, saõ milhafres de unhas mentirosas. Mas os mayores de todos a meu ver, saõ os que trataõ em escravos.

Este ponto de escravaria he o mais arriscado que ha em todas nossas Conquistas; e para que todos o entendaõ, havemos de presupor, que o natural dos homens he, que todos sejaõ livres, e só pódem ser escravos por dous principios. Primeiro, de delicto: segundo, de nascimento. Por delicto saõ verdadeiros escravos nossos os Mouros que cativamos; porque elles contra justiça fazem seus escravos os Christãos que tomaõ. E os negros tem entre si leys justas, com que se governaõ, por virtude das quaes cõmutaõ em cativeiro o castigo dos crimes, que mereciaõ morte; e tambem os que tomaõ em suas guerras, aos

quaes pódem tirar a vida. Por nascimento só pódem ser cativos descendentes de escravas, mas naõ de escravos, pela regra : *Partus sequitur ventrem.* Posta esta doutrina, que he verdadeira, vaõ Portuguezes a Guiné, Angola, Cafraria, e Moçambique, enchem navios de negros, sem examinarem nada disto : e para estas emprezas tem homens ladinos, que chamaõ *pombeiros*, e os negros lhes chamaõ *tangomaos ;* estes levaõ trapos, ferramentas, e bugiarias, que daõ por elles, e os trazem nûs, e amarrados, sem mais prova de seu cativeiro, que a de lhos vender, e entregar outro negro, que os caçou por ser mais valente : e succede muitas vezes fugir hum negro da corrente aos Portuguezes, ir-se aos mattos, e apanhar o mesmo que o vendeo, e levallo a outros mercadores, que lho compraõ a titulo de escravo seu por nascimento. Outros os tem em carceres, como em açougues, para os irem comendo : e estes, para se livrarem da morte injusta, rogaõ aos Portuguezes, quando lá chegaõ, que os comprem, e que querem ser seus escravos, antes que serem comidos. E ainda que esta compra parece menos escrupulosa, por ser voluntaria no padecente, que he senhor de sua liberdade, com tudo tem sua raiz na violencia, que faz o voluntario extorto. Portuguezes houve, que para caçarem escravos com melhor consciencia, se vestiraõ em habitos de Padres da Companhia, dos quaes naõ fogem os negros pela experiencia, que tem de sua muita caridade, e enganando-os assim com capa de doutrina, e pretexto de Reli-

giaõ os trazem, e metem na rede do cativeiro. E em conclusaõ todo o trato, e compra de negros he materia escrupulosa por mil enganos de que usaõ, assim os que lá os vendem, como os que os compraõ.

Que direy dos Chins, e Japoens! Ha ley entre nós, que naõ os cativemos; e com tudo vemos em Portugal muitos Chins, e Japoens escravos. Tambem para os Brazis ha a mesma ley, e sabemos, que naõ se repara em os cativar. E naõ sey que diga a estes cativeiros tolerados sem exame. Direy o que ouvi prégar muitas vezes a varoens doutos, e de grande virtude, e experiencia, que a razaõ, porque Portugal esteve cativo sessenta annos em poder de Castella injustamente, padecendo extorsoens, e tyrannias, peores que as que se usaõ com escravos, foy porque injustamente Portuguezes cativaõ Naçoens innocentes. Justo juizo de Deos, que sejaõ saqueados com unhas mentirosas, os que com as mesmas roubaõ tanto.

CAPITULO XLVII.

DOS QUE FURTAÕ COM UNHAS VERDADEIRAS.



E ellas saõ unhas, verdadeiras unhas devem ser; e assim naõ haverá unha que naõ seja unha verdadeira, e todas pertenceráõ a este capitulo. Nego-vos essa consequencia; porque huma cousa

he ser verdadeira unha, e outra cousa he ser unha verdadeira. Verdadeira unha he qualquer unha, mas unha verdadeira he só a que trata verdade, e destas só trata este capitulo: e parece muito que haja unhas, que fallando verdade furtem; porque onde ha furto, ha engano, que a verdade naõ permitte: mas essa he a fineza desta arte, que até fallando verdade vos engana, e estáfa. Vem hum pertendente á Corte com dous, ou tres negocios de summa importancia; porque quer lhe dém huma cõmenda por serviços de seus avós; e pelos de seu pay quer lhe dém huma tença grossa para sua mãy, que está viuva; e quer por contrapezo sobre tudo isso, que lhe dê Sua Magestade para duas irmans dous lugares em hum Mosteiro. Toma este tal o pulso ás vias, por onde ha de requerer; informa-se das valias dos Ministros; corre-os todos com memoriaes. Hum lhe diz, que traz sua mercê requerimentos para tres annos: e falla verdade; mas que forrará tempo, se souber contentar os Ministros: e falla verdade. Outro lhe diz, que se naõ vem armado de paciencia, e provîdo de dinheiro para gastar, que se póde tornar por onde veyo; porque nada ha de effeituar: e falla verdade; mas que elle sabe hum cano occulto, por onde se alcançaõ as cousas: e falla verdade: e se v. m. me peitar, logo lhe abrirey caminho, por onde navegue vento em popa: e falla verdade. Outro lhe diz: Senhor, isto de memoriaes he tempo

perdido, porque ninguem os vê: e falla verdade: trate v. m. de cousas, que leve o gato, e melhor que tudo de gatos, que levem moeda, e fará negocio; porque os sinos de Santo Antaõ por dar daõ, e asssim o diz o Evangelho: *Date, & dabitur vobis:* e falla verdade. A mulher de fulano póde muito com seu marido, e este com tal Ministro, e este com tal Prelado, e este com fulano, e fulano com sicrano, que tem grandes entradas, e sahidas: e assim tece huma cadêa, que nem com vinte de ouro poderá contentar a tantos o pobre requerente. E passa assim na verdade, que bate todas essas moutas, de casa em casa, sem lhe bastar quanto dinheiro se bate na casa da Moeda. Contarey hum caso, que me veyo ás mãos ha poucos dias, e apoya tudo isto bellamente. Veyo hum pertendente da Beira requerer hum officio, se naõ era beneficio; trouxe duzentos mil reis, que julgou lhe bastavaõ para seus gastos; dispendeo-os em peitas; errou as poldras a todos como bisonho, e achou-se em branco, e sem branca na bolça; mas rico de noticias para armar melhor os páos em outra occasiaõ. Para achar esta com bom successo, tornou á patria, fallou com duas irmãas que tinha, desta maneira: Irmãas, e senhoras minhas, haveis de saber, que venho da Corte taõ cortado, que lá me fica tudo, e só esperanças trago de alcançar alguma cousa: se vós quizerdes, que vendamos o meu patrimonio, e as vossas legitimas, e que façamos de tudo até mil

cruzados, tenho por certo haõ de obrar mais que os duzentos mil reis, que se me foraõ por entre os dedos. Aqui naõ ha senaõ fechar os olhos, e lançar o resto, e morrer com capúz, ou jantar com charamelas. Vieraõ as irmãas em tudo: deu comsigo em Lisboa com os mil cruzados á déstra; e lançou-os em hum cano de agua clara, que lhe tirou a limpo sua pertençaõ com este presupposto: Se v. m. me alcançar hum officio, ou beneficio, que renda duzentos mil reis, darlhe-hey trezentos para humas meyas, sem que haja outra cousa de permeyo. Ajustaraõ suas promessas de parte á parte com as cautélas costumadas de assinados de dividas, e emprestimos: tudo foy huma pura verdade: e todos ficaraõ ricos, empregando unhas verdadeiras; hum nas datas delRey; e o outro nas do pertendente, que foy brindar o jantar de suas irmãas com charamelas.

Nos Advogados, e Julgadores ha tambem excellentes unhas, e todas verdadeiras; porque naõ se póde presumir, que minta gente douta, e que professa justiça, e razaõ. O que me admira he, que tomem dous Advogados huma demanda entre mãos, e entre dentes; hum para a defender, e outro para a impugnar; este pelo Autor, e aquelle pelo Réo; e que ambos affirmem a ambas as partes, que tem justiça. Como póde ser, se se contratariaõ, e hum diz que sim, e outro que naõ? Necessariamente hum delles ha de mentir; porque a verdade consiste em indivisivel, como diz o Filosofo. Com tudo isso ambos fallaõ verdade;

porque cada hum diz á sua parte, que tem justiça; isto he, que terá sentença por si, se quizerem os Julgadores: e falla verdade. Dada a sentença contra a parte mais fraca, como ordinariamente acontece, queixa-se, que lhe roubaraõ a justiça: melhor dissera, que lhe roubaraõ as peitas, pois de nada lhe serviraõ. Respondem os Juizes, que deraõ a sentença assim como a julgaraõ: e fallaõ verdade. Diz o Advogado da parte vencida, que naõ andou diligente de pés, nem de mãos o requerente: e falla verdade. E todos fallando verdade se encheraõ de alviçaras, donativos, e esportulas: e estas saõ as unhas verdadeiras.

Outras ha mais verdadeiras que todas, e saõ as dos que agenceaõ, e defendem causas Reaes. Deve ElRey quinze mil cruzados a huma parte por huma via, e deve por outra a mesma parte cinco mil a Sua Magestade; citaõ-se, e demandaõ-se por seus procuradores em Juizo competente: e saie logo sentença, que pague a parte os cinco mil cruzados a Sua Magestade. Replîca, que se paguem os cinco mil dos quinze, que lhe deve a Coroa, e que lhe dém os dez, que restaõ, ou pelo menos ametade. Tornaõ a sentencear, que pague os cinco, como está mandado, e que demande de novo a Coroa pelos quinze, que diz lhe deve, e senaõ, que o executem até lhe venderem a camiza, se naõ tiver por onde pague; e que ElRey ha mister o que se lhe deve: e assim he na verdade. E tambem he verdade, que

quebra a corda pelo mais fraco. E segue-se deste lanço, e de outros semelhantes, que naõ conto, abrirem-se huma, e mil portas francas, por onde entraõ unhas verdadeiras na fazenda Real, recompensando-se para remirem sua vexaçaõ. E quando naõ encontraõ cabedal da Coroa, em que se empreguem, descarregaõ-se no foro da consciencia com outros acrédores, a quem devem; e dizem-se huns aos outros: Senhor, vós deveis a ElRey quinze mil cruzados, de que elle naõ sabe parte, e por isso nunca vos ha de demandar por elles: ElRey deve-me a mim outros quinze, como muito bem sabeis: eu devo-vos a vós outros tantos: tomay-me por paga, os que me deve Sua Magestade, e assim ficareis desobrigado a lhe restituir o que lhe deveis, e todos ficaremos em paz. E assim passa na verdade, que succede isto cada dia com grandissimo detrimento da fazenda Real, onde seus Ministros negando sahidas para pagar, abrem entradas a estas unhas para a destruir.

CAPITULO XLVIII.

DOS QUE FURTAÕ COM UNHAS VAGAROSAS.



MAXIMA desta arte he, que todo ladraõ seja diligente, e apressado, para que o naõ apanhem com o furto na maõ. Com tudo isso ha unhas,

que em serem vagarosas, tem a maxima de seu proveito: saõ como o fogo lento, que por isso menos se sente, e melhor se atêa. Qual he a razaõ porque arribaõ náos da India tantas vezes? Porque partem tarde. E qual he a razaõ porque partem tarde? Porque as aviaõ de vagar? Porque em quanto se apestaõ, tem unhas vagarosas em que empolgar. Mas deixando o mar, onde posso temer alguma tempestade, saltemos em terra, e seja á véla, e com vigia; porque tambem acharemos pégos sem fundo nesta materia, em que podemos temer alguma tormenta, porque naõ saõ bons de vadear. Deos me guie, e me defenda.

Que cousas saõ as demoras de hum Ministro, que naõ despacha? Saõ despertadores continuos, de que lhe deis alguma cousa, e logo vos despachará. E porque o tal he pessoa grave, e que se pêja de aceitar á escancara donativos, remette-vos ao seu official, quando apertais muito com elle; e o official traz-vos arrastado hum mez, e dous mezes, e ás vezes seis com escusa ordinaria, que naõ acha os papeis, porque saõ muitos os de seu amo, e que os tem corrido mil vezes com diligencia extraordinaria, que os encõmendeis a Santo Antonio: e a verdade he, que os tem na algibeira, e de reserva, esperando que acabeis já de lhe dar alguma cousa. Allumiou-vos Santo Antonio com a candeînha, que lhe offerecestes: dais hum diamante de vinte e quatro quilates ao

sobredito, e dá-vos logo os papeis pespontados de vinte e quatro alfinetes, como vòs quereis: e o menos que vos roubou com seus vagares, foy o diamante; porque sendo obrigado a despacharvos no primeiro dia, vos deteve tantos mezes com gastos excessivos fóra de vossa casa, onde tambem perdestes muito com taõ dilatada ausencia. Em Italia ha costume, e ley, que sustente a Justiça os prezos, em quanto estiverem na cadêa: e he bom remedio, para que lhes apressem as causas. Em Portugal ainda a justiça naõ abrio os olhos nisto: prendem milhares de homens por dá cá aquella palha; se acertaõ de ser miseraveis, como ordinariamente saõ quasi todos, na prizaõ perecem sem cama, e sem mantimento; porque a Misericordia naõ abrange a tantas obrigaçoens da justiça, que as pódem temperar todas só com lhe appressar as causas. Se houvera ley, que pagassem os Ministros as demoras culpaveis, póde ser que elles, e os seus officiaes andassem mais diligentes.

Ministros ha incorruptos, e que fazem sua obrigaçaõ nesta parte, e até nestes fazem seu officio unhas vagarosas. Explico este ponto com hum caso notavel. Importava a huma parte, que se detivesse o seu feito hum anno nas mãos de Rodamanto, em cuja casa nunca nenhum feito dormio duas noites: armou-lhe por conselho de hum Rabula esperto com outro feito, que comprou na Confeitaria muito grande, pezava mais de huma arroba, e altou sobre elle o seu, que era

pequeno, e deu com elles, como se fora hum só, em casa do Júlgador; o qual em vendo a máquina esmoreceo, e mandou-a pôr de reserva para as ferias, com hum letreiro em cima, que assim o declarava. A outra parte requeria fortemente, que naõ tinha o feito que ver, e que em hum quarto de hora o podia despachar: agastava-se o Dezembargador com tanta importunaçaõ, e ameaçava o requerente, que o mandaria meter no Limoeiro, se mais lhe fallava no feito, que era de qualidade, que havia mister mais de hum mez de estudo, e que por isso o tinha guardado para as férias: chegaraõ estas dahi a hum anno, vio o feito, descobrio-se a maranha do parto supposto, e alcançou o grande mal, que tinha feito á parte com as detenças, que pudéra evitar, se desatara o envoltorio. O que neste passo estranho mais que tudo, he sofrerem-se neste Reyno Letrados procuradores, os quaes se gabaõ, que faraõ dilatar huma demanda vinte annos, se lhe pagarem. O premio que tais letrados mereciaõ, era o de duas letras: L. e F. impressas nas costas, e naõ lhe esperarem mais para o que ellas significaõ.

De Campo Mayor veyo hum Fidalgo requerer serviços a esta Corte: aconselhou-se com hum Religioso letrado sobre o modo, que havia de seguir, e cõmunicou-lhe tudo: Perguntou-lhe o servo de Deos, que cabedal trazia para os gastos? Respondeo, que hum cavallo, e dous homens de serviço, e oitenta mil reis, que fez de hum olival

que vendeo. Traz. v. m. provimento para oitenta dias quando muito, lhe disse o Religioso, visto trazer tantas bocas comsigo; e só para entabolar suas pertenções ha mister mais de trezentos dias; e se o naõ sabe, dirlho-hey: Ha v. m. de fazer huma petiçaõ, que ha de gastar mais de oito dias, aconselhando-se com Letrados: segue-se logo esperar dia de audiencia geral, e ter entrada, e nisto ha de gastar outros oito, se naõ forem quinze. Sua Magestade no mesmo dia, em que lhe daõ as petiçoens, logo lhes manda dar expediente; mas naõ saiem na lista senaõ dalli a seis, ou sete dias, que v. m. ha de gastar espreitando na sala dos Tudescos, para ver aonde o remettem. Acha que ao Conselho da Fazenda. Corre logo os Secretarios, e seus officiaes, e gasta dez, ou doze dias, perguntando-lhes pelos seus papeis; até que apparecem, onde menos o cuidava. Busca valias para os Conselheiros, e gasta outros tantos em alcançar as entradas com elles: e no cabo daõ-lhe por despacho, que requeira no Conselho de Guerra, e he o mesmo, que gastar outra quarentena, até haver o primeiro despacho, que he: *Justifique:* e em justificar suas certidoens gasta muitos dias, e naõ poucos reaes. Torna o justificado, e tornaõ a rebatello com *Vista ao Procurador da Coroa,* ou da Fazenda, que ordinariamente responde contra os pertendentes, porque esse he o seu officio: e com este despacho máo, ou bom, tornaõ os papeis á Mesa dahi a muitos dias; e gastaõ-se logo mais que muitos

na fabrica da Consulta, porque se passaõ ás vezes semanas, sem haver Conselho de Guerra. Feita a consulta, *a Dios que te la depare buena,* sóbe a Sua Magestade, ou para melhor dizer a outros Secretarios, os quaes a detêm lá quanto tempo querem, e o ordinario he dous, e tres mezes; e se passa de seis, he necessario reformar outra vez tudo; e he o mesmo, que tornar a começar do principio: e isto succede sem culpa muitas vezes; porque estaõ lá outros papeis diante, que por hirem primeiro, tem direito para o tempo, e por serem muitos, o gastaõ todo. Desceo por fim de contas a Consulta despachada, com parte do que v. m. pedia, ou com tudo: he vista no Conselho de Guerra com os vagares costumados, e dahi a tempos remettem a execuçaõ della á Mesa da fazenda, onde se movem novas duvidas; e a bem livrar, quando o Alvará saye feito dahi a hum mez, para hir a assinar por Sua Magestade, negoceou v. m. muito bem. Torna assinado dahi a dous mezes, lança-se nos Registros, e delles vay correr as sete estaçoens de Chancellarias, Mercês, direitos novos, e velhos, ou meyas natas, &c. E tenho dito a v. m. o que passa, ou ha de passar, e ainda lhe naõ disse tudo: mas se o quizer saber mais de raiz, falle com pessoas, que ha nesta Corte de tres, de cinco, e de oito annos de requerimentos, e ellas lhe diraõ o como isto pica. A reposta, que o Fidalgo deu ao Religioso, foy que se ficasse embora, que se tornava para Campo Mayor.

Alguns requerentes ha taõ pouco considerados, que attribuem estes vagares á pessoa do Rey, como se os Reys tiveraõ corpo reproduzido, e de bronze, que pudesse assistir a todos os negocios, em todas as partes, e a todas as horas. Os mais penitentes Religiosos tem seu dia de suéto cada semana, e suas horas de descanso entre dia, para que se naõ rompa o arco, se estiver sempre entezado com a corda do rigor: e delRey nosso Senhor sabemos, que naõ dorme entre dia, nem joga, nem gasta o tempo em cousas superfluas; e se algum entretenimento tem, he muito licito, e só lhe dá as horas, que furta do descanço, que lhe era devido: e o mais todo o gasta no expediente das guerras, e em compôr as tormentas de negocios innumeraveis, sem admittir regalos, nem ostentaçoens de festas que o divirtaõ. Cada hum quer, que se lhe assista ao seu negocio, como se outro naõ houvera; e daqui nascem as queixas, que por isso saõ muito desarrezoadas. Da Villa de Goes veyo a esta Corte certo homem de bem com huma appellaçaõ em caso crime: e no primeiro dia, em que lhe deu principio, passando pelo terreiro do Paço, vio huma mó de homens; chegou-se a elles, e perguntou-lhes, se estavaõ fallando sobre o seu pleito? Responderaõ-lhe, que o naõ conheciaõ, nem sabiaõ que pleito era o seu. Pois em Goes [acodio elle] naõ se falla em outra cousa. Assim passa, que cada hum cuida que só nelle, e no seu negocio se deve fallar. Senhores requerentes, levem daqui averiguado este ponto, para saberem de quem se haõ de queixar: que

os negocios saõ muitos, e que na maõ de Sua Magestade naõ fazem detença: vejaõ lá onde encalha a carreta, e untem-lhe as rodas, se querem que ande; e com isso seraõ apressadas unhas vagarosas, e ainda com isso duvido se seraõ diligentes; porque póde acontecer, o que Deos naõ queira, ou naõ permitta, que haja Secretario, ou Official, ou Conselheiro, que naõ despache cada dia mais que sete, ou oito papeis accrescendolhe cada dia quinze, ou vinte de novo. E se isto assim for, já naõ me espanto dos montes de papeladas, que vejo por essas Officinas, nem das queixas, que ouço por essas ruas. Trabalhem os Officiaes, e Ministros, que bons ordenados comem, e naõ dém com o seu descanço trabalho a tanta gente. De hum me contáraõ, que tendo seis centos mil reis de ordenado, quatro centos para si, e duzentos para Officiaes, nunca teve mais que hum, a quem dava cincoenta mil reis, e mamava os cento, e cincoenta para si, e por isso naõ se dava expediente a nada.

CAPITULO XLIX.

DOS QUE FURTAÕ COM UNHAS APRESSADAS.



ARA intelligencia deste capitulo contarey a historia, que aconteceo a hum Fidalgo Portugez com certa Dama do Paço na Corte de Madrid. Foy elle, como hiaõ todos, requerer seus des-

pachos, e levou para elles, e para seu luzimento quatro mil cruzados em boa moeda. Gastou hum anno requerendo sem effeituar nada; olhou para a bolça, e achou que tinha gastado mais de mil cruzados. Lançou suas contas: se isto assim vay, lá hirá quanto Martha fiou, e ficarey sem o que espero, e sem o que tenho. Bom remedio, busquemos unhas apressadas, já que naõ me ajudaõ unhas vagarosas. Informou-se, que Dama havia no Paço mais bem vista das Magestades; e como as de Castella saõ de poucas ceremonias, facilmente fallou com ella, e disse-lhe claramente, que tinha tres mil cruzados de seu, e que daria dous a sua Senhoria, se lhe fizesse despachar logo huma cõmenda, por grandes serviços que offerecia. *Dé acá sus Papeles Señor mio,* lhe disse a Dama, *y buelvase a ver comigo daqui a quatro dias, y traiga los dos mil en oro; porque el oro me alegra, quando estoy triste.* Contou as horas o bom Fidalgo até o termo peremptorio, e voltou pontualmente com os dous mil em dobroens, e achou a Dama com o despacho nas mãos, sem lhe faltar huma cifra; e pondo-lhe nellas o promettido, recebeo o que naõ houvera de alcançar por outra via. E estas saõ as unhas apressadas, de que fallo, e destas ha muitas.

Outro Portuguez Soldado da India na mesma Corte gastou annos, allegando innumeraveis serviços para o despacharem com hum pedaço de paõ honrado para a velhice. Vendo que se lhe

goravaõ suas pertençoens pelas vias ordinarias, tratou de se ajudar de unhas apressadas, que he o ultimo remedio, ou para melhor dizer, o primeiro, em quem trata de remir sua vexaçaõ; e achou-as com pouco dispendio do seu cabedal, que era já bem limitado, no pincel do melhor pintor de Madrid: mandou-se retratar muito ao vivo, quasi morto, com quantas feridas tinha recebido no serviço delRey, que passavaõ de vinte, todas penetrantes, e em todas ellas as armas offensivas, com que os inimigos o feriraõ, que por serem diversas, faziaõ com o sangue hum espectaculo horrendo no retrato. Na cabeça tinha huma alabarda, no rosto dous piques, e nos braços quatro frechas, que lhos atravessavaõ; sobre a maõ esquerda hum alfange, que lha decepava; e de huma parte, e outra dous bacamartes, e hum mosquete vomitando fogo, e mandando balas aos pares, que lhe rompiaõ o peito; huma perna de todo quebrada com huma roqueira; e dez, ou doze punhaes, e espadas pelo corpo todo, que o faziaõ hum crivo. Com esta pintura, e seus papeis se appresentou diante delRey Filippe em audiencia publica, e desenrolando-a lhe disse em alta voz: Senhor, eu sou o que mostra este retrato: nestes papeis authenticos trago provas de como recebi todas estas feridas, no serviço da Coroa de Portugal na India; e a melhor prova de tudo trago escrita em meu corpo, que Vossa Magestade póde mandar ver, e achará que em tudo fallo

verdade. Seja Vossa Magestade servido de me mandar despachar, como pedem estes serviços, e merecimentos. Enterneceo-se o Rey, pasmaraõ os circunstantes, e sahio logo dalli despachado o pertendente com huma cõmenda grande, a que poz embargos a inveja, e lha fez cõmutar em outra pequena; porque naõ era Fidalgo, ou porque naõ encheo as unhas apressadas, que tudo alcançaõ, ou tudo estorvaõ.

Acabo este capitulo com hum exemplo da nossa Corte de Lisboa, que anda nas historias de Portugal. Na porta da Casa da Supplicaçaõ está huma argóla, em que hum Rey nosso mandou enforcar hum Dezembargador, porque aceitou huma bolça de dobroens, que huma velha lhe offereceo para lhe favorecer, e apressar certa causa de importancia, que lhe movia huma parte rija. Foy o Rey em pessoa á Relaçaõ para averiguar a peita, que tirou a limpo por excellente modo, e naõ se sahio dalli sem o deixar colgado. Louvo a reprehensaõ: naõ approvo o rigor. Antes sou de opiniaõ, que naõ devem ser enforcados homens Portuguezes: e porque naõ tenha alguem esta conclusaõ por inutil, seja-me licito provalla aqui com a apostrophe seguinte.

Em Roma havia ley, que nenhum Romano fosse açoutado; porque se tinhaõ todos por muito nobres; ou porque a infamia acanha os espiritos bellicos, que os Romanos queriaõ nos seus sempre vigorosos. Portuguezes saõ a gente mais nobre do mundo por seu valor, e por seus

illustres feitos, e heroicas emprezas; e quando mereçaõ morte por delictos, tem Portugal conquistas, aonde os póde mandar por toda a vida, que he hum genero de morte mais penoso, que o de forca; porque esta acaba-se em huma hora, e aquella dura muitos annos com trabalhos peores de sofrer, que a mesma morte. Costumavaõ os nossos Reys antigos mandar aos condemnados á morte, que lhe fossem descobrir terras: e se morriaõ na empreza, empregavaõ bem a vida, e se escapavaõ era com proveito da patria. Quando vejo enforcar mancebos valentes por quasi nada, tenho grande lastima, porque me parece que fora melhor mandallos á India, ou á Africa. Custa muito hum homem a criar, e he muito facil emendar-se de hum erro. Se Deos castigára logo, quantos o offendem mortalmente, já naõ houvera gente no mundo, e ha Dezembargadores, que daõ sentenças de morte por sustentar capricho. E se na sua maõ estivera, despovoariaõ o Reyno. Vî hum Padre da Companhia de Jesus propor huns embargos, para livrar hum pobrete da forca: fallava com hum destes Ministros, que era o Relator, na escada da Relaçaõ; e allegava-lhe, que o réo naõ peccára mortalmente no homicidio, por quanto fora *motus primo primus*, e em sua justa defeza; e que tinha sua mercê naquella razaõ, de que pegar para favorecer a Misericordia. Perguntou-lhe o Dezembargador muito sabio, se era Theologo? Respondeo o Padre muito modesto, que sim. Pois he Theologo [disse o Dezembarga-

dor já picado] e allega-me que póde hum homem matar outro sem peccar mortalmente! O Padre lhe instou muito sereno: v. m. vay agora matar hum homem, porque vay sentencear este á morte, e cuida que vay fazer hum acto de virtude: e o algoz, que o ha de enforcar, naõ tem necessidade de se confessar disso: hum bebado, hum doudo, e hum colerico mataõ vinte homens, e naõ peccaõ: logo bem digo eu, que póde hum homem matar outro sem peccar. Naõ soube o senhor Doutor responder a isto com toda a sua garnacha, e deu as costas, e levou ávante a sua opiniaõ, sem querer amainar da sua teima. Eisaqui como morrem muitos ao desamparo, entregues ao cutelo destes sabios, porque naõ tem quem acuda por elles, nem cabedal para lhes modificar a pena, que he a sua espada, e ás vezes unha. Nem me digaõ zelosos, que convêm castigar-se tudo com rigor, para que haja emenda; porque-lhe direy, que o seu zelo, quando mais se refina, he como o do outro, de quem disse o Poeta: *Dat veniam corvis, vexat censura columbas*; e ainda mal que tantos exemplos vemos, em que se cumpre ao pé da letra o que disse o outro: *Quidquid delirant Grai, plectuntur Achivi.* E vem a ser o que nós chamamos Justiça de Guimarens. Naõ nego que ha crimes, que se devem castigar com morte, a fogo, e ferro, quaes saõ os de *Læsæ Majestatis Divinæ, & humanæ.* E em taes casos he bem, que mostrem os Reys com o ultimo supplicio o poder, que Deos lhe deu até sobre os

Sacerdotes. E porque a praxe desta doutrina pareceo em algum tempo escandalosa, no que toca aos Sacerdotes, he bem que a declaremos: e quem a quizer entender bem, lêa o capitulo que se segue.

CAPITULO L.

MOSTRA-SE, QUAL HE A JURISDICÇAÕ, QUE OS REYS TEM SOBRE OS SACERDOTES.


E o Sacerdocio izento da jurisdiçaõ dos leigos, por direito Divino, e humano. E com isto está, que ha muitos casos, em que os Ecclesiasticos ficaõ sugeitos ás Leys Civîs, como os Seculares: e para melhor intelligencia desta verdade, havemos de presupôr, que este mundo he como o corpo humano, que naõ se póde governar sem cabeça: e até os brutos, diz S. Jeronymo Epist. 4. *Ductores sequuntur suos: in apibus principes sunt; grues unum sequuntur ordine literato.* Os Grous seguem hum que os guia: as abelhas tem huma que as governá: e todos os animais reconhecem dominio em outros. Os homens levados deste dictame da natureza, que he ley muito forçosa, para naõ serem mais estolidos que os brutos, fizeraõ Reys, e escolheraõ Magistrados, a quem se submeteraõ para serem regîdos. Deos

no principio creou o homem livre, e taõ livre, que a nenhum concedeo dominio sobre outro: e até Adaõ, cabeça de todos, por ser o primeiro, só de animaes, aves, e peixes o fez Senhor. Mas a todos juntos em cõmunidades deu poder, para se governarem com as leys da natureza. E nesta conformidade todos juntos, como senhores cada hum de sua liberdade, bem a podiaõ sugeitar a hum só, que escolhessem, para serem melhor governados com o cuidado de hum, sem se cansarem outros. E a este escolhido pela cõmunidade dá Deos o poder, porque o deu á cõmunidade, e transferindo-o esta em hum, de Deos fica sendo. E neste sentido se verificaõ as Escrituras, que dizem, que Deos faz os Reys, e lhes dá o poder. E se alguem cuidar, que só de Deos, e naõ do povo, recebem os Reys o poder, advirta, que esse he o erro, com que se perdeo Inglaterra, e abrio a porta ás heresias, com que se fez Papa o Rey, admittindo, que recebia os poderes immediatamente de Deos, como os Summos Pontifices. Nem val aqui o argumento de Saul escolhido por Deos para Rey; porque o poder, e a acclamaçaõ do povo o recebeo, e Deos naõ fez mais, que escolhelloe, e appresentar-lho como digno da Coroa. E advirtaõ tambem os póvos, que por fazerem o Rey, e lhe darem o poder, naõ lhes fica livre o revogar-lho, nem limitar-lho; porque a ley da verdadeira justiça ensina, que os pactos legitimos se devem guardar, e que as doaçoens absolutas valiosas naõ se pódem revogar.

Desta potestade livre, e ligitima dos póvos, para fazerem Rey, nasce poderem ser muitos os Reys, assim como as Naçoens o saõ; e naõ ser necessario, que seja hum só para toda a Christandade, ainda que seja huma em sua cabeça espiritual. E tambem se colhe, que o Papa naõ he Senhor temporal de tudo; porque Christo só o poder espiritual lhe deu, e o temporal só os póvos lho podiaõ dar, e consta que naõ lho deraõ. Postas assim estas duas potestades secular, e Ecclesiastica, derivadas de seus principios, como temos dito, para chegarmos ao nosso ponto, de qual he o poder, que os Reys tem sobre os Sacerdotes, he necessario averiguarmos as potestades, que ha no Sacerdocio, para assim conhecermos, por onde póde o Rey entrar na jurisdicçaõ Ecclesiastica.

Ha no Sacerdocio duas potestades, huma, que se chama das Ordens, e outra da Jurisdicçaõ. A das Ordens de Christo a recebem, e só para o culto Divino, e administraçaõ dos Sacramentos, e esta claro está que naõ tem lugar nella os Reys. A da Jurisdicçaõ se distingue em duas, huma para o foro interno, e outro para o externo. A do foro interno tambem he notorio, que naõ póde pertencer aos Reys. A externa tem outras duas, huma he espiritual, e outra temporal, e saõ distinctas, como o Ceo, e a terra; porque huma he terrena, e outra celestial. A espiritual de Christo procede, que a cõmunicou só aos Sacerdotes, e nunca houve Rey temporal Catholico,

que presumisse tal potestade. A temporal ha duvida de donde, e como procede, se de Christo, se dos homens. E ainda se divide em duas; huma, que domina os bens dos Ecclesiasticos; e outra, que se extende ás pessoas dos mesmos. E sobre estas duas he a nossa questaõ, se as tem os Reys de alguma maneira sobre os Sacerdotes, e Ecclesiasticos.

Que fossem os Ecclesiasticos exemptos do foro secular por Christo immediatamente, he questaõ controversa: que o Direito Canonico, e os Summos Pontifices os eximaõ, he certo: e daqui bem podemos dizer, que Christo os exime, porque os Papas os eximem com o poder, que recebe-raõ de Christo. E daqui se colhe conclusaõ certissima, que naõ poderáõ nunca ser privados deste privilegio sem consentimento do Summo Pontifice, que o concedeo; assim porque legitimamente o podia conceder, como tambem, porque os Emperadores, e Principes Catholicos o admittiraõ. E desta mesma exempçaõ se colhe, que pódem ser sugeitos aos Reys, e Magistrados seculares nos casos, que permittirem os Summos Pontifices que os eximiraõ; porque a exempçaõ naõ lhes vem das Ordens, como se vê nos Clerigos cazados, que naõ gozaõ o privilegio do foro Ecclesiastico, porque os Papas lho tiraraõ. E procedendo neste sentido, digo, que ha muitas razoens, e occasioens, que habilitaõ os Reys, para procederem contra os Ecclesiasticos: as principaes saõ, Costume, Concordia, Privilegio, Justa

defensaõ. Costume; porque este tolerado pelos Papas tem força de ley. E assim vemos os Clerigos sugeitos ás leys Civîs, que olhaõ pelo bem cõmum, como as que taxaõ os preços das cousas; as que irritaõ contratos; as que prohibem armas, &c. Concordia; porque quando consentem o Ecclesiastico, e o secular em huma cousa, a nenhum se faz injuria: e esta deve ser a razaõ, porque em França saõ julgados os Ecclesiasticos, assim como os leigos, no juizo secular em causas civeis, e crimes; e neste Reyno pódem ser Autores, ainda que naõ possaõ Réos. Privilegio; porque se o Papa o conceder nos casos, que póde, he valioso, como se vê nos feudos, cujas causas se demandaõ sempre no Juizo secular, e nos bens da Coroa, quando se daõ a Clerigo com tal obrigaçaõ; moeda falsa, e crime *Læsæ Majestatis* tem em alguns Reynos o mesmo privilegio. Justa defensaõ; porque *Vi vim repellere licet*. E para defender hum Rey sua pessoa, e a seus vassallos innocentes, póde proceder contra a violencia dos Ecclesiasticos. E esta he a razaõ, porque vimos neste Reyno muitos Ecclesiasticos, assim Clerigos, como Religiosos, e tambem Bispos prezos, e confiscados, por conspirarem contra a pessoa Real, e bem cõmum de todo o Reyno: e no tal caso, por todos os principios de necessidade, costume, concordata, privilegio, e justa defensaõ, foy tudo licito, e bem obrado, ainda que de outro principio naõ constasse mais que do da justa defensaõ: e assás moderado, e modésto andou

ElRey nosso Senhor em naõ fazer mais, que retellos prezos, para assim reprimir sua audacia, e força.

Tudo o que tenho dito neste capitulo, he a doutrina mais verdadeira, que ha nestas materias: e se algum admittir outra contraria a esta, arriscarse-ha a cahir nos precipicios, em que se despenháraõ muitos Hereges. E baste isto para desenganarmos a piedade supersticiosa de alguns escrupulosos pouco sabios, que tomando as cousas á carga serrada, appellidaõ em suas consciencias zelos fantasticos, com que se inquietaõ sem fundamento; e vamos por diante com as unhas, de que nos divertimos.

CAPITULO LI.

DOS QUE FURTAÕ COM UNHAS INSENSIVEIS.



O aspide escrevem os Naturaes, que morde, e mata com tanta suavidade, que naõ se sente; e por isso Cleopatra escolheo esta morte, enfadada da vida, pelo repudio de Marco Antonio. Tais saõ as unhas insensiveis: tiraõ a vida aos Reynos mais robustos, e esgotaõ a alma aos thesouros mais opulentos, com tanta suavidade, que naõ se sente o damno, senaõ quando está tudo morto. Estas saõ as unhas dos Estadistas, Alvitristas,

aspides do Inferno, que persuadem aos Reys com razoens suaves, e sofisticas, que lancem fintas; que ponhaõ tributos; que peçaõ donativos aos póvos sem mais necessidade, que a de sua cobiça. Digo que saõ suaves as razoens que daõ, porque naõ ha cousa mais suave, que recolher dinheiro; e digo que saõ sofisticas, porque as vestem de apparencias do zelo do bem cõmum, e na realidade saõ cutelos, que degolaõ as Republicas. Declaro isto com hum discurso, ou consequencia, que vî fazer ao diabo: caso he, que me passou pela maõ haverá vinte annos: Navegámos de Lisboa para a Ilha da Madeira, quando de repente entrou o demonio no corpo de hum marinheiro natural de Setuval, grande palreiro: dez, ou doze homens muito valentes naõ bastavaõ ao ter maõ, até que acodio hum Sacerdote Religioso, que com os Exorcismos o subjugou. Muitas perguntas lhe fizeraõ. A todas deu repostas taõ ladino, que bem mostravaõ sahirem de entendimento mayor que a rusticidade de hum marinheiro. E que fosse espirito máo, mostrou-o bem nas faltas occultas, que descobrio a hum soldado meyo Castelhano, que com demasiada fanfarrice o atruou chamando-lhe perro, apostata, e outros nomes affrontosos, que até o diabo os naõ sofre; e por isso lhe revidou, pondo-lhe em publico cousas naõ menos affrontosas, que elle tinha obrado em secreto, de que corrido, por naõ ouvir mais, se retirou. Hum dos circunstantes [devia de ser Sebastianista] dezejoso de saber se era

vivo ElRey D. Sebastiaõ, tudo era apertar com o Padre Exorcista, que lho perguntasse. Mas o Padre lhe respondeo humilde, que seu officio era apertar seriamente com o espirito maligno, que deixasse aquelle homem, e naõ fazer perguntas escuzadas. O diabo, que nada lhe cahe no chaõ, acodio a tudo, e póde ser o faria por divertir os Exorcismos; e disse estas palavras formaes: Se vós tendes Rey, para que quereis outro Rey? Sabeis qual he o verdadeiro Rey? He o dinheiro, porque ao dinheiro obedece tudo: porque quem o dá he senhor, e quem o toma he ladraõ. O Rey, que faz mercês, corrobora seus vassallos; o que lhes toma o dinheiro, debilita seus Estados, e abre caminho para perder tudo. Sabeis como he isto? He como as fintas, com que agora andaõ, para defender o Reyno; e erraõ o meyo da melhor defensaõ, que seria espalhar dinheiro pelos pobres, para terem todos que defender, e vigor, com que servir. Mais arengas infiou a esta: tudo deixo, porque o dito basta para o intento.

Bem sey que o diabo he pay da mentira: e tambem sey que o obriga Deos muitas vezes a fallar verdades, para advertir homens, que naõ merecem melhores mensageiros, como se vio na Pitonsia de Saul, e na que jurou S. Paulo; e a experiencia nos tem mostrado a certeza, com que fallou este espirito; pois vimos que os tributos, e fintas de Castella, de que até o diabo se queixava entaõ, vieraõ a ser a unica causa de sua total ruina. Suave, e insensivelmente foy desfrutando

tudo o pingue de seus Reynos ; e por isso os acha agora taõ debilitados, que naõ se pódem sustentar a si, nem resistir a seus contrarios. Se tivera de reserva os vinte, ou trinta milhoens, que gastou nas superfluidades do Galinheiro ; ou se os deixara estar nas mãos de seus vassallos, outro galo lhe cantara, e naõ os achara todos galinhas, quando lhe servia serem leoens ; titulo, e nomeada de que se prézaõ.

Confórme a isto, naõ foy pequeno indice de perpetuidade a resoluçaõ generosa, com que ElRey D. Joaõ o IV. nosso Senhor, que Deos guarde, e prospere, mandou levantar todos os tributos, que Castella nos tinha posto, tanto que tomou posse pacifica destes seus Reynos de Portugal. Nem se condemnaõ com isto as décimas, que poz para a defensaõ de sua Monarquia ; porque he tributo, que Deos approva, e a Ley Divina pede a todos os fieis, para a conservaçaõ, e augmento da Igreja Catholica : tais saõ os dizimos de todos os frutos temporaes. O que se estranha, e deve reprehender, e castigar em exacçaõ taõ justa, he o rigor, e desaforo, com que alguns Ministros vexaõ as partes, executando-as por pouco mais de nada, até nos giboens, que trazem vestidos as pobres mulheres, e até nas enxadas, com que ganhaõ seu sustento os pobres maridos, e até na pobre manta, com que se cobrem, porque naõ achaõ outra cousa. E destas violencias fazem serviço para serem despachados com mayores officios, devendo ser castigados se-

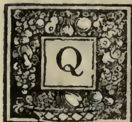
veramente; porque no mesmo tempo dissimularaõ com décimas de ricos, e poderosos, tais, que a unica de qualquer delles faria quantia mayor, que a de todos os pobres, que esfolaraõ: e porque se naõ dá fé disto, chamo tambem a isto unhas insensiveis: assim porque o naõ adverte, quem o devera emendar, como porque o naõ sente, quem se deixa ficar com a contribuiçaõ, que por abranger a todos, o naõ desobriga na consciencia; porque logra o bem, que da contribuiçaõ dos outros resulta, sem sentir o gravame.

Outro exemplo ha melhor que todos de unhas insensiveis nas armadas, que se apréstaõ, e saiem por essa barra fóra: todo o tempo que se detém no rio, que ordinariamente he muito, e he hum perpetuo cano, por onde desagua, e desova todo o provimento á formiga por tantas mãos dobradas, quantos saõ os soldados, officiaes, e passageiros, que continuamente estaõ a mandar para terra pelos filhos, parentes, e amigos, que os visitaõ todos os dias, os lenços, e sacos de biscouto, que ao pé do Paço delRey se está vendendo; as chacinas, e frascos de vinho, azeite, vinagre, meadas de murraõ, cartuxos de polvora. E se algum nota algum lanço destes, respondem rindo: Rica he a ordem: isto naõ he nada. He verdade, que nada he hum lenço de biscouto, e quasi nada hum saco delle, mas tantos mil vem a ser muito. Bom fora pôrem-se guardas quando saiem, assim como se pôem quando vem, aos navios de carga; pois

mais vay a Sua Magestade em assegurar sua fazenda, que a alhea; e naõ sejaõ como hum, que vendeo por seis mil reis huma amarra delRey, que tinha custado setenta mil; que assim guardaõ elles, o que lhes mandaõ vigiar.

CAPITULO LII.

DOS QUE FURTAÕ COM UNHAS, QUE NAÕ SE SENTEM AO PERTO, E ARRANHAÕ MUITO AO LONGE.



UEM bem considerar a monstruosa fabrica do Galinheiro de Madrid, que no capitulo antecedente picámos, ao qual depois chamaraõ Bom Retiro, para lhe emendarem o primeiro nome, que merecia, achará nelle hum espelho claro deste capitulo; porque he certo se gastaraõ nelle mais de vinte milhoens, que com pedidos, fintas, e tributos, foraõ roubando aos poucos, que entaõ o naõ sentiaõ, porque lhes hiaõ dando os xaques aos poucos, e á formiga: até que veyo o tempo a dar volta, convertendo-lhe a bella paz em feróz guerra, para a qual acharaõ menos os milhoens, que tinha devorado o Galinheiro como milho: e se os tiveraõ de reserva, naõ lhes cantaraõ tantos galos contrarios no poleiro. He cousa muito ordinaria naõ se sentirem damnos ordinarios, que parecem leves, senaõ quando de pancada chega depois delles a ruina, como na

casa, que se vay calando pouco, e pouco com a goteira.

Na Villa de Montemór o Novo conheci hum Juiz, de fóra bom letrado, que deu em hum modo de furtar, qual estou certo naõ achou em Bartholo, nem Acursio. De toda a carne, que se comia em sua casa, apartava os ossos, e os tornava ao açougue, mandando de potencia absoluta, como Juiz que era, que lhe déssem outra tanta carne por elles, allegando, que naõ comprava óssos, nem era caõ para os comer. O marchante os foy ajuntando, e no cabo do triennio tinha huma meda delles, que pezava muitas arrobas: deu-lhe com elles na residencia, allegando a perda que lhe dera na sua fazenda, ainda que a naõ sentira ao perto, por ser aos poucos, que vinha a ser muito consideravel ao longe, tomando-a por junto. Achou-lhe o Sindicante razaõ, e fez-lhe justiça, mandando que o Juiz pagasse logo o preço de outra tanta carne, como pezavaõ os óssos: e deu-lhe hum boléo na bolça muito bastante, e outro no credito que perdeo, em fórma que nunca mais entrou no serviço delRey, até que morreo em Evora viuvo. Ambos, Juiz, e marchante, se arranharaõ no fim das contas asperamente, ainda que o naõ sentiraõ no principio: mas foy com differença, que o marchante achou cura para as suas arranhaduras, e o Juiz naõ achou remedio, e peorou do mal até morrer.

Nas armadas, e frotas desta Coroa succedem casos notaveis de grandissimas perdas, por fur-

tarem, ou pouparem ninheiras. Parece que naõ vay nada em prover de vasilhas para os soldados tomarem suas raçoens de agua, e mantimentos; e segue-se dahi, que por naõ terem em que guardem a agua, quando se reparte, haõ de bebella, ou vertella a deshoras: comem depois o toucinho salgado, e mal assado em espeto, que fazem dos arcos das pipas, e ficaõ estalando á sede. No biscouto ha tambem mil erros, por falta de industria, ou sobeja malicia: a cama he a que achaõ pelas taboas, ou calabres do navio: e como a vida humana depende de todos estes abrigos, e elles saõ tais, adoecem todos, , e morrem aos centos, e sente-se no fim da jornada o mal grande, que se urdio no principio com faltas leves, e faceis de remediar na primeira fonte. Sepulta, e sorve o mar, o que com huma bochecha de agua se pudéra salvar.

Nos exercitos, e campanhas se experimenta o mesmo, que por falta de corda, ou de bala, ou de polvora, se perdem vitorias; e por naõ meterem mais cevada nas garupas, ou mais mantimento na bagagem, recolhem sem concluirem a empreza, que era de mais ganho, e proveito, que o que se poupa na reserva. Lá chorou o outro, que por poupar hum cravo de huma ferradura, perdeo huma gloriosa vitoria, e foy assim; que por falta do cravo cahio a ferradura, e por falta desta mancou o cavallo, e faltou o Capitaõ, que hia nelle em seu officio, e faltou logo o governo, e perdeo-se tudo. Em huma viagem, que

fiz por esses mares, foy tal a injuria no provimento, que por naõ comprarem pipas novas fizeraõ aguada em humas, que tinhaõ servido de chacinas, e salmouras: e a graça he que allegaõ ser melhor a agua de pipas velhas: e era tal a destas, que fora melhor beber a do mar. Seguio-se desta bolada taõ judiciosa, que esteve toda a gente do navio arriscada a morrer de sede, se Deos nos naõ levara em breves dias a parte, onde tivemos agua, e refrescos, com que emendámos erros de unhas, que naõ se sentindo ao perto, arranhaõ muito ao longe.

Tomára aqui todos os Reys, e Principes do mundo, para lhes dar este avizo de summa importancia, que façaõ muito caso do que parece pouco, quando he repetido; porque de muitos graõs se faz hum grande monte. Parece que naõ he nada hum desabrimento hoje, e outro á manhãa: parece ninheria negar huma mercê a este, que a pede por serviços, e huma esmola áquelle, que a pede por necessidade: e vem-se a conglobar de muitas repulsas hum motim de desconsolados, que se achaõ menos na occasiaõ de prestimo; e o peor de tudo he, que estes corrompem outros, e os damnaõ com suas queixas, e vay muito em correr linguagem de, bom Principe temos: ou dizer-se, mas que seja por entre os dentes, que falta á sua obrigaçaõ. A obrigaçaõ do Principe he lutar com este gigante, que he o impossivel de trazer a todos contentes; e para isso ha de ser Protêo, e Achelóo, que se transfórme em leaõ, e em cor-

deiro; que se vista humas vezes das propriedades de fogo, e outras das de agua. Socega-se este mundo bem com huma politica, a que os prudentes chamaõ sagacidade, e por esta toca de vicio, chamara-lhe eu antes advertencia, que tem mais de virtude: advirta nos principios o fim que poderáõ ter; e pouca vista he necessaria para conhecer, que de má semente, ainda que seja pequena, naõ póde nascer bom fruto: e que huma pequena faisca despresada póde causar grandes incendios; e assim succede, que o que naõ se sente ao perto, damna muito ao longe.

CAPITULO LIII.

DOS QUE FURTAÕ COM UNHAS VISIVEIS.



ARA he a unha, ou nenhuma, que naõ procure fazer-se invisivel, para que naõ a apanhem com o furto nas mãos, e a agarrem melhor, do que ella agarrou a preza. Mas ha algumas, que por mais invisiveis que se façaõ, sempre se manifestaõ em seus effeitos; tanto, que por mais luvas de sahidas, e escuzas, que lhes calceis, naõ póde o juizo aquietarse, e está sempre latindo, e gritando: *Latet anguis in herba.* Aqui ha harpîas. Entrey hoje em casa de hum homem, que conheci hontem pagem çafado de hum Ministro opulento: vejo-lhe colgaduras, e quadros, escri-

torios, e cadeiras, bugios ás janelas, e papagayos em gayolas de marfim, espelhos de cristal na sala, relogios de madre perola, e outras alfayas, que as naõ tem tais o Rey da China: e fico pasmado sem saber que diga a isto! E digo cá comigo: *Quien cabras no tiene, y cabritos viende, de donde le viene?* Este homem naõ foy á India, nem achou thesouro; porque se o achara, ElRey havia levar pelo menos a ametade delle. Isto he thesouro encantado: e se quereis que volo descante, direy o que dizem todos; que este homem he hum grandissimo ladraõ: perdoe-me sua ausencia: e isso está assás provado, e manifesto nestes effeitos: nem ha mister mais devaça.

Em minha casa estou eu trancado, porque quem naõ se tranca no dia de hoje, naõ vive seguro: e estou tirando devaças, que tais as soubera tirar a justiça delRey, que deve de andar dormindo, pois naõ dá fé do que olhos fechados, e trancados vém. Vejo que anda a cavallo com dous lacayos aquelle Ministro, que naõ tem de ordenado mais que oitenta mil reis: sey que anda em coche o outro, e sua mulher em andas, sem terem de ordenado, nem de renda mais que, quando muito, até duzentos mil reis. Elles naõ trazem navios no mar, nem tem bens patrimoniaes na terra; nem os pavoens de Juno em casa, que lhes ponhaõ ovos de ouro. Pois que he isto? Saõ unhas visiveis, e bem se mostraõ em estes effeitos, e em outros que calo, de tafularias, amisades, &c. Hum molde, de como isto se obra visivelmente,

porey aqui, que eu vi ha poucos dias na casa da India: despachava-se a fazenda de hum passageiro: e vieraõ a juizo tres, ou quatro escritorios bem enfardelados com seus couros, e lonas, porque o mereciaõ; e debaixo destas capas, para virem mais bem acondicionados, traziaõ varios godrins muito bons, que os estofavaõ, e eraõ de preço. Ha hum regimento naquelle despacho, que fiquem as capas dos fardos, que se abrem para os officiaes, que assistem a estas véstorias: abriraõ os escritorios até a ultima gaveta, e dados por livres, lançaraõ mãos dos godrins chamandolhes capas, e com elles se ficaraõ, que bem valiaõ vinte mil reis. Levantando mil falsos testemunhos ao regimento, que na verdade só as capas de couro, e lona lhes concede, e naõ o mais, que vem registado como fazenda.

Em Villa Viçosa conheci hum criado da grande, e Real Casa de Bragança, que gastava os dias, e as noites em continuas queixas de naõ lhe mandar pagar o Serenissimo Senhor Duque D. Theodosio seus ordenados: e chegaraõ a tanto as queixas, que se foy valer do Confessor, para que puzesse a Sua Excellencia em escrupulo aquelle ponto com todas as razoens de sua justiça. Assim o fez o Reverendo Padre Confessor; e o Duque prudentissimo com o animo Real, e grandioso, de que Deos o dotou, lhe respondeo: Naõ sey se sabeis vós, que esse fidalgo entrou no serviço desta Casa, sem trazer de seu mais que huma

capa de baeta, e hoje anda em coche, e sua mulher, e filhos vestem galas, e comem taõ bem, como os que se sustentaõ da nossa mesa. Perguntay-lhe vós, se lhe faltou depois que nos serve algum dia alguma cousa? E dizey-lhe, que assás mercê lhe fazemos, em naõ mandar ao nosso Dezembargo, que lhe tome contas, e examine as superfluidades de sua casa, e de seu trato; porque se puxarmos por isso, he de temer que alcancemos delle queixas mais graves, que as que dá de nós. Admiravel exemplo! Eisaqui como se fazem visiveis as unhas em seus effeitos, por mais que se escondaõ.

Mais claramente se fizeraõ em Evora as unhas visiveis de certos ladroens, que ha mais de vinte e cinco annos deraõ de noite no Mosteiro de Santa Clara, em cuja portaria dentro no claustro tinha depositado hum Maltez dez, ou doze mil cruzados em dinheiro. Abriraõ as portas subtilmente, arrancando as fechaduras com trados, para naõ fazerem estrondo: tambem levaraõ farellos, para menearem a moeda sem chocalhada. Deraõ nos caixoens da pecunia, encheraõ alcofas, e sacos, sua boca, sua medida, até mais naõ quererem, ou naõ poderem levar para suas casas: onde começaraõ a lograr os frutos de sua diligencia, mas taõ incautos, que sendo trabalhadores de enxada, já naõ hiaõ puxar por ella no serviço das vinhas como costumavaõ. Nem fora isto bastante para os descobrir a grande diligencia, com que a justiça por todas as partes batia as moutas. Até

que em huma sesta feira notou hum argueireiro na praça do peixe, que hum destes comprava solho para jantar a tostaõ o arratel, costumando a passar com sardinhas. Deu assopro ao Juiz de fóra, que lhe deu em casa de repente, e com poucos foroens descobrio a caça, e achou a mina, de donde sahiaõ os gastos, que o fizeraõ manifesto com prova bastante para o pôr no potro, onde chorou seu peccado, e cantou os cumplices, cujas cabeças vimos sobre as portas da Cidade, fazendo suas unhas ainda mais manifestas.

CAPITULO LIV.

DOS QUE FURTAÕ COM UNHAS INVISIVEIS.



ELA prævisa minus nocent. Diz o Proverbio de S. Jeronymo. Ver o mal, antes que chegue, he grande bem para escapar delle: mas o rayo, que naõ se vê, a bala, que naõ se enxerga, senaõ quando vos sentîs ferido, saõ males irremediaveis: e tais saõ as unhas invisiveis em suas rapinas. E passa assim na verdade, que naõ damos fé dellas, senaõ quando sentimos seus damnos. Raro he o ladraõ, se naõ he de estradas, que naõ trate de esconder as unhas, e fazer-se invisivel quando furta: e por esta via pódem pertencer a este capitulo quasi todos: mas eu trato aqui dos que vendendo gato por lebre, fazem o assalto ainda

mais invisivel, pondo-vos á vista o harpéo, com que vos esfolaõ, sem dardes fé delle.

Abroquelem-se os mecanicos, que começa esta bateria por elles. Vende-vos hum çapateiro hum par de obra por boa, e legitima, e como tal lhe talha o preço, que vós desembolçais muito contente, e elle agarra pouco escrupuloso: dahi a dous dias arrebentaõ as costuras, porque o canamo do fio era podre, ou singelo, devendo ser saõ, e dobrado: vistes as entre-solas, que eraõ de pedaços, devendo ser inteiras, e os contrafortes de badana, que deveraõ ser de cordovaõ, ou vaqueta. E tudo fez invisivel a destreza do trinchete; e quanto vos deu de perda, tanto vos furtou em Deos, e em sua consciencia. Vende-vos hum alfayate o vestido feito, ou faz-vos o que lhe mandastes talhar: mete lãa por algodaõ nos acolchoadas, trapos por hollanda nos entreforros, linhas nos pespontos, que querieis de retroz, pontos de legua nas costuras: e paga-se, como se tudo fora direito como huma linha; e tem para si, que nada fica a dever, porque de nada déstes fé, senaõ quande se foy gastando a obra, e appareceraõ estes furtos no vosso negro, a quem déstes o vestido, porque naõ dizia com vossa pessoa. Hum Fidalgo da primeira nobreza, que todos conhecemos neste Reyno, mandou fazer humas calças altas no tempo que se usavaõ, e deu para os entreforros dous covados de baeta muito fina; e o senhor mestre, que as talhou, e pesponteou, tomando a baeta para si, poz-lhe em seu lugar

hum sambenito, por se forrar dos custos, que lhe tinha feito; feitas as calças, sem nenhuma suspeita do que levavaõ dentro, achou o Fidalgo, que pezavaõ muito, e que o aquentavaõ mais que muito: mandou-as abrir para ver se tinhaõ chumbo, ou fogo dentro, e achou o sambenito de mais, e a sua baeta menos: naõ conto o mais que succedeo, porque isto basta para se ver, que ha nos alfayates unhas invisiveis.

Os cerieiros, que espalmaõ cera preta debaixo da branca. Os confeiteiros, que cobrem açucar mascavado, e borras com duas mãos de fino. Os pasteleiros, que picaõ hum gato em meya duzia de covilhetes. Os estalajadeiros, que bautizaõ o vinho, e daõ vianda de cabra por carneiro. O tosador, que sem pôr tesoura na pessa de vintedozeno, vos levaõ hum vintem por cada covado. O ferrador, que encrava a besta, e tambem de noite as acutila, para ter que curar, e de que comer. Os boticarios, que mexem azeite da candêa no emplasto, que pede oleo de minhocas na receita. O cordoeiro, que vende por nova do trinque a amarra, que teceo de duas velhas, que desmanchou. O sombreireiro, que trabalhou lãa grossa, e podre debaixo de huma pasta fina, para vender o chapéo, como se fora de castor. O serralheiro, que amaçou ferro tal, onde havia de forjar aço de prova. O ourives, que descontou a pezo de ouro o azougue, com que ligou o douramento, e a pezo de prata a liga, e cobre, que misturou na pessa. E todos quantos elles saõ,

[que seria muito correllos todos] tem estas trêtas, e outras mil, com que escondem as unhas, que invisivelmente nos roubaõ.

Mas dirá alguem, que tudo isto saõ ninherias, que naõ tiraõ honra, nem desmandaõ casamentos. Seja assim. Vamos ávante : *Paulo maiora canamus.* Levantemos de ponto, e venha a juizo gente mais grauda, e os que provém as armadas, e frotas delRey nosso Senhor, sejaõ os primeiros. Naõ tem conto as pipas de vinhos, e azeites, que nellas arrumaõ, para provimento, e droga : tudo vay fechado, ecravado o batoque : e se no fim da jornada se acha o vinho vinagre, e o azeite borra, a Linha tem a culpa nas influencias, com que corrompe tudo, e o ladraõ a desculpa na maõ, com que gualdripou o que vay de mais a mais entre vinho, e zurrapa, azeite, e borra : e fica o salto, que foy invisivel em Lisboa, manifesto álem da Linha ; como Santelmo, que se faz invisivel em tempo sereno, e na tempestade apparece.

Os ladroens nocturnos saõ ainda mais invisiveis, como aquelle que mudou hum transelim da cabeça de seu dono para outra, a que naõ pertencia ; era elle de diamantes, e de muitos mil cruzados de preço, que tinha no ouro, pedras, e feitio : e foy o caso, que quando ElRey Filippe III. de Castella veyo a este Reyno, lançou o Duque de Aveiro esta gala, com que brilhou mais que todos : Encheo os olhos de huma ave de rapina, que se fez nocturna, para lhe dar caça mais segura : esperou que o Duque se recolhesse

do Paço Real alta noite ; investio-o no coche pela poupa, abrindo com ferro da banda de fóra entrada bastante para ter boa sahida o chapéo, e pessa, que voou pelos ares com seu segundo dono ; que ainda naõ se sabe se o engolio a terra, ou se o levaraõ os ventos ; porque se fez logo taõ invisivel, como clandestino.

Pela trilha deste se desempenhaõ muitos, a que chamaõ neste Reyno capeadores ; esperaõ que anoiteça ; fazem se invisiveis por esses cantos das ruas de melhor passagem ; espada, e broquel com pistóla saõ os seus fiadores ; e em passando cousa que lhes arme, desarmaõ de repente com huma tempestade de espaldeiradas, e ameaços de morte ; e se lhes resistem, aplaca logo tudo a pistóla pósta nos peitos ; e com largar a capa, e a bolça, rime sua vexaçaõ o passageiro, sem conhecer o autor da presente perda, ou do ganho da vida, que diz lhe dá de barato, quando taõ caro lhe custa o tornalla para sua casa illesa. Nas Chronicas de Portugal se conta, que houve hum Rey em Lisboa, antigamente, taõ solicito de atalhar furtos, que até aos invisiveis dava caça. Deraõ-lhe avizo os seus espias, que se furtava muito na casa da India, e na Alfandega, e que de noite se abriaõ as portas, e levavaõ fardos de toda a droga com tanta affoiteza, que os mariolas da Ribeira eraõ os portadores alugados. Disfarçou-se o bom Rey á guiza destes, e entre elles passou huma noite, e outra, até que chegou a infausta para todos : deixou-se hir ao chamado dos officiaes,

que os levaraõ todos á Alfandega ; e o seu mayor cuidado foy dar tesouradas nas capas de todos sem ser sentido. Fez-se tudo, como os pilotos de facçaõ mandaraõ, pagaraõ seu trabalho aos mariolas, e recolheo-se o Rey com boa ordenança. E em amanhecendo mandou vir perante si todas as Justiças, Ministros, e officiaes de seu serviço com os mesmos vestidos, com que tinhaõ rondado aquella noite : e al naõ façais, com pena de morte. E como os mandados dos Reys inteiros saõ leys inviolaveis, assim vieraõ todos : foy-lhe vendo as capas, e poz de reserva todas as que achou feridas, para pôr a seus donos de dependura. E assim passou o negocio, que com tesouradas invisiveis assegurou thezouros, que unhas invisiveis lhe roubaraõ.

Nunca faltaõ aos Reys traças, e modos para evitar damnos, mas que pareçaõ irreparaveis por invisiveis. Tais foraõ os que padeceo a Alfandega de Lisboa muitos annos nos direitos Reaes com hum Ministro, que tiravá folhas dos livros do recibo taõ subtilmente, que ficava invisivel a falta ; mas viraõ-se logo as sobras dos restos das contas no largo, que invidava o resto na casa do jogo : e se soubera fazer invisivel o lucro dos direitos, como fez invisivel o salto com que os roubava, ainda estariaõ invisiveis as unhas, que o levaraõ á forca ; por sinal que endoudeceo sua mulher ; e ainda naõ se sabe, se foy de prazer por perder o marido, se de pezar por lhe confiscarem a fazenda. Por tudo seria.

CAPITULO LV.

DOS QUE FURTAÕ COM UNHAS OCCULTAS.



ARECERA a alguem este capitulo semelhante ao passado das unhas invisiveis, mas elle he muito differente; porque as unhas o saõ tambem muito entre si, como logo mostraráõ os exemplos; e a razaõ tambem o mostra; porque as invisiveis saõ as que de nenhuma maneira se pódem conhecer no fragante, e as occultas bem se pódem alcançar logo, se fizermos diligencia. Succedeo o caso, e eu o vî em huma feira, de tres que se fazem todos os annos em Villa Viçosa, haverá desasete annos. Vinha alli muito açafraõ de Castella, e naõ taõ caro como hoje val: no primeiro dia naõ havia achàllo por menos de dous mil reis, e isto em muitas tendas; no segundo dia só hum vendedor se achou delle, e davaõ liberalmente a mil e quinhentos reis. Deu isto que cuidar, porque naõ havendo mais que hum mercador de huma droga, a razaõ pedia que lhe levantasse o preço, mas a sem razaõ, que elle usava, o ensinou ao abater, para se expedir mais depressa, e pôr-se em cobro com os ganhos. Quaes ganhos? Chamara-lhe eu antes perdas, pois comprou tanta fazenda a dous mil reis, e a vendeo toda a mil e quinhentos. Assim passa; mas ahi val a unha occulta, que mis-

turou com o açafraõ puro outro tanto pezo de flor de cardo tinta de amarello, feveras de vaca, arêa miuda, nervos desfeitos: e multiplicando assim a massa, cresceo a droga outro tanto ou mais; e ainda que lhe abateo a quarta parte do preço primeiro, dobrando a quantidade, ficou interessando no segundo outra quarta parte, que vinha a ser muito em taõ grande quantia. E ainda que as partes se acharaõ no primeiro jantar defraudadas, naõ foy com tanta pressa, que a naõ puzessem mayor as unhas occultas, em se põrem em cobro, antes de as fazerem manifestas.

Hum segredo natural ha nesta materia de unhas occultas, que succede cada dia, de que só aos Confessores se dá parte, e por isso os Senhores ficaõ defraudados nesta parte. Logo me declararey: Ninguem cuide que taxo os Confessores de descuidados em mandarem restituir: póde ser que se governem neste caso pelos conselhos de Sanches. He cousa certa, que o paõ, quando se recolhe das eiras para os celleiros, que vem seco, e istitico do mayor Sol, que nellas padece: e outrosim he certissimo, que os celleiros pela mayor parte saõ humidos: e daqui vem, que o paõ penetrado da humidade incha em seu tanto de maneira, que está averiguado, que cada dez moyos lançaõ hum de crescenças. Entrega ElRey por essas Lysirias mil moyos de paõ a seus Almoxarifes no Veraõ, e quando lho pede no Inverno, he mais que certo, que fazem a restituiçaõ dos mil moyos, e que lhes ficaõ cem nos celleiros, pela regra

infallivel das crescenças que temos dito. O Almoxarife, que he bom Christaõ, acha-se enleado: por huma parte o pica a consciencia, vendo em sua casa bens, que naõ herdou; e por outra parte tambem se lhe socega, porque ninguem o demanda por elles, e vê que ElRey está satisfeito. Vay á confissaõ da Quaresma, e diz: Accuso-me, que comi cincoenta moyos de trigo, que naõ semeey, nem herdey, nem comprey; e tambem declaro, que os naõ furtey; porque me nasceraõ em casa dentro em huma tulha, assim como me podia nascer hum alqueire de verrugas nestas mãos. E destrinçado o caso, fica a cousa occulta, e em opiniaõ; e quem a quizer ver decidida, veja o Doutor, que já toquey, que eu naõ professo aqui ensinar casos de consciencia: ainda que sey, que a praxe deste está resoluta nos celleiros do Estado de Bragança, onde se pedem as crescenças aos Almoxarifes.

Mais occultas tem as unhas outro exemplo, que tem feito variar no expediente delle muitos Theologos. Dey a vender huma pipa de vinagre; e a regateira foy taõ ardilosa, que a foy cevando com agua pelo batoque, ao compasso que a hia aquartilhando pela torneira: e aqui está escondido outro segredo natural, que aquella agua botada aos poucos, se vay convertendo em vinagre, e ás vezes mais forte, porque se destempéra; e nesta parte he como o caõ damnado, que irritado se azeda mais: e vem a fazer a senhora vendedeira de huma pipa tres, ou quatro; e fica-se com o

resto, que he mais outro tanto em dobro: e alimpa o escrupulo com lhe chamar fruto de sua industria.

Aqui pódem entrar os tafues, que jogaõ com dados falsos, e cartas marcadas, cujas unhas occultas com tais disfarces se manifestaõ, e fazem sua preza com mãos continuadas em ganhos, para quem vay senhor do jogo, e sabedor da maranha. E nisto naõ ha opiniaõ, que os escuse de furto mais aleivoso, que a do ladraõ, que saltêa nas estradas. Tambem he occulta a trêta, de quem poem mal com ElRey a poder de mexericos o Capitaõ, que vem de álem-mar muito rico, para que naõ lhe dê audiencia, e o traga desfavorecido até que solicito busca caminho, para se congraçar com seu Senhor: o como o de boas informaçoens he o melhor, trata de buscar quem lhe desfaça as más, e apoye seu credito: e naõ falta logo quem lhe diga: Senhor valey-vos de fulano, que tem boas entradas, e poderá dar melhor sahida á vossa pertençaõ; e póde ser, que vem este mandado pelo mesmo, que o poz em desgraça, para o trazer a estes apertos de o buscar com os donativos costumados, que ás vezes passaõ de vinte caixas de açucar, porque em mais se estima a graça de hum Principe. E tanto que se alcança este intento das caixas, pessas, ou bisalhos, segue-se o segundo de desfazer a maranha, e abonallo, até o pôr em pés de verdade, restituîdo a seu primeiro ser, e valimento.

CAPITULO LVI.

DOS QUE FURTAÕ COM UNHAS TOLERADAS.

ERRIVEL ponto, e arriscado he o que se nos offerece para deslindar neste capitulo, porque parece que offende a justiça, e bom governo dizermos, que ha unhas, que furtaõ, e se toléraõ. Males ha necessarios, como diz o proverbio, e que se toléraõ nas Republicas para evitar mayores males. Tal he o de mulheres publicas, comediantes, e volatins, que se soffrem para divertir as más inclinaçoens, e evitar outros vicios mayores: mas o furtar sempre he taõ máo, que naõ se póde tolerar para desmentir vicio mayor, pela regra que diz: *Non sunt facienda mala, ut veniant bona.* Donde o tolerar ladroens nunca he bom; porque havelos he máo, e consentilos peor: e outra regra diz, que tanta pena merece o consentidor, como o ladraõ. Nem se póde dizer que a justiça os consente, nem que os Reys os dissimulaõ; porque a razaõ naõ os permitte Pois que unhas toleradas saõ estas, que aqui se nos entremetem, para serem descuidadas? Para serem emendadas, folgára eu de as propor, e declaralashey com hum par de exemplos, taõ notorios, e correntes, que por serem tais, ninguem repara

nelles. Seja o primeiro de longe, e o segundo de perto ; este de Portugal, e aquelle de Italia.

Em Italia está Roma, Cabeça do mundo, que pelo ser nos deve dar documentos de justiça, e santidade ; e por isso naõ estranhará taxarmos o que se desviar desta regra. Lá ha huns officiaes, que chamaõ Banqueiros ; e estes tem por todo o mundo, onde se acha obediencia Romana, seus correspondentes, que intitulaõ do mesmo nome ; e assim huns como outros agenceaõ dispensações, graças, e indulgencias, e expediente de Igrejas, e Beneficios, que vem por Breves, e letras Apostolicas dos Summos Pontifices para partes que naõ pódem lá hir negoceallas ; e por tal arte meneaõ as cousas, que naõ lhas trazem senaõ a pezo de dinheiro ; e vem a ser neste Reyno hum rio de prata, para que naõ lhe chamemos de ouro, que está correndo continuamente para a Curia Sacra, por letras de Bispados, Igrejas, e Beneficios, e mil outras graças ; tudo por taõ excessivos preços, que vem a fazer mais de hum milhaõ todos os annos ; sendo assim, que nas Bullas de tudo se diz, que daõ tudo de graça : *Gratia sub annulo Piscatorios.* E assim he na verdade, que Saõ Pedro pescador ; nada logra de taõ copiosa pesca. Os pescadores, que engordaõ com estes lanços, bem se sabe quaes saõ : e porque saõ os que naõ convêm, se livrou França delles, com dar por cada Bulla dez cruzados para o pergaminho della, e chumbo do sello, sem avaliar o muito, ou pouco, que se concede, porque isso todas as

Bullas dizem, que vem de graça. Castella se suspeita que tem a culpa do que Portugal padece nesta parte; porque alargou a maõ para seus intentos; ou porque a tinha entaõ mais cheia que hoje com as enchentes de ouro, e prata, que lhe vinhaõ do Mundo Novo; e como Portugal lhe era sugeito, e sempre foy liberal, e grandioso, foy seguindo suas pizadas; e vendo-se picado, e opprimido com tal carga, e com o pé Italiano sobre o pescoço, tudo toléra a titulo de piedade; como se naõ fora impiedade defraudar se a si, para encher as unhas de milhafres Banqueiros; cuja fé naõ assegura a verdade das letras, que apraza a Deos naõ sejaõ falsas. Doutos houve já, que considerando o muito ouro, que dispensaçoens só dos matrimonios levavaõ deste Reyno, resolveraõ, que podia ElRey nosso Senhor fazer Ley, que anullasse todo o contrato de matrimonio entre parentes: mas mais facil era mandar com pena de confiscaçaõ de todo os bens, que ninguem passe lá dinheiro para tais graças, pois concedem que vem de graça; e atalharse-hia assim de pancada tudo; pois naõ ha razaõ, que nos tolha fazermos o que faz França, quando mais Christianissima.

Que venha hum Colleitor a este Reyno por tres annos a governarnos as almas, e que puxe tanto pelos corpos, que ponha em Roma perto de hum milhaõ, quando nada he, para si e seus officiaes, he cousa que naõ entendo, e por isso naõ lhe sey dar remedio: e se o entendo, naõ me atrevo a receitarlhe a mézinha, porque naõ me

levantem, que sinto mal do Ecclesiastico. E a verdade he, que sinto n'alma ver chagas incuraveis, em quem tem por officio curar as nossas. Chamo-lhe incuraveis, naõ porque naõ tenhaõ remedio, mas porque saõ toleradas de tanto tempo, que de velhas naõ tem cura, e por isso ninguem se cura já dellas. Aqui se me poem huma instancia : tal qual he, eu a destroçarey : dizem os que de nada se doem : como póde hum só Colleitor com tres Monsenhores Varoens de letras, e virtude, recolher tanta pecunia, se elles só trataõ do espirito ? Respondo, que ha neste Reyno mais de dez mil Frades, e mais de quinze mil Freiras, e mais de trinta mil Clerigos, e mais de cincoenta mil embaraços de consciencia em leigos ; e todos movem demandas de lana caprina ; porque o Frade quer comer na mesa travessa ; a Freira quer janela sem grade, e grade sem escuta ; o Clerigo quer viver á ley do leigo, e o leigo quer ordens sem cabeça em que lhas ponhaõ, e descasarse de duas, ou tres, que o demandaõ : *& sic de reliquis :* e todos, para sahirem com a sua, entraõ com Monsieur Auditor, e com Monsieur Albornós, e com Monsieur Catrapuz ; huns daõ ouro, outros prata, e outros pedras, que se naõ achaõ na rua ; porque de frasqueiras, capoeiras, canastras, costaes, &c. já se naõ faz caso, por serem drogas de mais volume que lume : e com estas pedradas daõ a batalha, e alcançaõ a vitoria, e alimpaõ o bico, pondo em pés de verdade, que Roma naõ se move por peitas, e assim he, porque

tudo saõ graças. Naõ sey se me tenho declarado! Mas sey que tudo se toléra, porque corre tudo por canos inexcrutaveis, e que fora bom haver hum breve de contramina, que anullasse tudo o que por tais minas se agenciasse.

E tornando ao primeiro ponto dos Banqueiros, remato esta teima com hum caso, que me passou pelas mãos ha poucos dias. Com tres tratey huma dispensaçaõ, ou absolviçaõ importante; hum pedio duzentos mil reis; outro cem mil; o terceiro foy mais moderado, e disse que por menos de oitenta era impossivel impetrar-se. Naõ havia nos penitentes cabedal para tanto: fallou-se a pessoa, que tinha intelligencia na Curia Romana, e proposto o negocio, respondeo, que era de qualidade, que se expedia na Curia sem gastos de hum ceitil, e se offereceo para mandar vir o Breve de amor em graça; e assim foy, que de graça veyo: contey por graça isto ao matalote dos duzentos mil reis, respondeo marchando os beiços: saõ lanços, que naõ tiraõ seus direitos aos homens de negocio; e melhor dissera lançadas de Mouro esquerdo, que merece gente, que com sua infernal cobiça infama a sinceridade da Igreja Catholica, a qual de nenhuma maneira sofre simonias; como actualmente o tem mostrado a Santidade de Innocencio X. depondo, enforcando, e queimando muitos por falsificarem letras.

Até aqui unhas toleradas neste Reyno, no qual tambem ha outras suas proprias, que toléra, e todas tomara cortadas. Arma hum fronteiro hu-

ma facçaõ por seu capricho; entra por Castella com dous, ou tres mil Portuguezes, gasta na carruagem, muniçoens, e bastimentos da cavallaria, e infanteria, oito, ou dez mil cruzados: succede-lhe mal a empreza; e ainda que lhe succeda bem, perde em armas, cavallos, e infantes mais de outro tanto, e recolhe-se dizendo: bella maré levavamos, se naõ se virára o barco. E dado que nada perca, e que traga huma grande preza, está bem esmada, e mal baratada: lança ao quinto delRey ao mais arrebentar duzentas cabeças de toda a sorte, que naõ bastaõ para recuperar mais de duzentos mosquetes, e outras tantas pistólas, que desappareceraõ; piques, que se quebraraõ, e gastaraõ em assar borregos; capacetes, de que fizeraõ panellas, para cozer ovelhas com nabos, e outras mil cousas, que naõ se contaõ; com que, lançadas as contas, sempre as perdas excedem os ganhos. Alem de que, na giravolta de destroço o fiado, desconta o vendido, e perde o comprado, quando o inimigo torna a tomar vingança, e dá nos nossos lavradores, que o naõ aggravaraõ, deixando-os sem boys, nem gados para cultivar ás terras. Tornaõ lá os nossos a satisfazer esta perda, e he outro engano; porque com o que trazem, naõ se recuperaõ os lavradores; tudo he dos soldados, que o malograõ, e dos atraveçadores, que o dissipaõ. E assim se vaõ encadeando perdas sobre perdas, que unhas toleradas vaõ causando sem remedio; porque naõ se deu ainda no segredo desta esponja. Olhaõ para o applauso

da valentia, e as medras dos que se empenhaõ nellas lançaõ hum véo pelos olhos de bizarria a todos, e outro de lizonja sobre a ruina da fazenda Real, que paga as custas; e os lavradores choraõ, o de que se ficaõ rindo os pilhantes, que nesta agua envolta saõ os que mais pescaõ.

E que direy das innumeraveis unhas, que se toléraõ na Grande Cidade de Lisboa! Envergonhala-hemos com Cidades muito mayores, que ha na China, nas quaes ha taõ grande vigilancia nisto de unhas de gente vadîa, que de nenhuma maneira escapa pessoa viva, de que se naõ saiba quem he, o que trata, e de que vive, para evitar roubos, e outras desordens, de que saõ autores os ociosos, e vagamundos em grandes Republicas. E na nossa ha destes tanta tolerancia, que andaõ as ruas cheas, sem haver quem lhes pergunte, se se sabem benzer, nem quem se benza delles; porque delles nascem os roubos nocturnos, raptos clandestinos, homicidios quotidianos: nelles achareis testemunhas para vencer qualquer pleito, e quem vos faça huma escritura falsa, e huma provisaõ, que até ElRey, que a naõ assinou, a tenha por verdadeira: tudo se toléra, porque naõ ha quem vigie. Sou de parecer, que assim como ha Meirinho mór para resguarda do Paço Real, haja segundo Meirinho mór para guarda de toda a Corte nesta parte dos vadîos, e gente ociosa; e que prenda todo o homem, que naõ conhecer, sem lhe formar outra culpa: se provar no Limoeiro, que he homem de bem, será solto; e se for da vida airada, vá para

as Conquistas, onde terá campo largo para esprayar suas habilidades, e ficaremos livres desta praga, que tanto á nossa custa se toléra.

CAPITULO LVII.

DOS QUE FURTAÕ COM UNHAS ALUGADAS.



OLERADAS saõ tambem estas unhas, pois se alugaõ; mas saõ peores nas correrias, que fazem, como mulas de Alquiler. Os Doutores Theologos tem para si, que naõ ha mayor maldade, que a que se ajuda de forças alheas, quando as proprias naõ lhe bastaõ para executar sua paixaõ. E está em boa razaõ, porque saie da esféra, e limite daquillo que póde: e obrar huma pessoa mais do que póde para o mal, he grandissima maldade; assim como obrar mais do que póde para o bem, he grandissima virtude. Naõ póde hum ladraõ arrombar a porta de hum mercador á meya noite, que remedio para lhe pescar hum par de pessas sem estrondo, nem difficuldades? Aluga hum trado, e com elle, como com lima surda, faz hum buraco, quanto caiba huma maõ; mete hum gancho agudo taõ comprido, quanto baste para chegar ás pessas, que esmou de olho ao meyo dia; fisgalhe huma ponta, e como camisa de cobra as revira, e escôa todas

pela talisca. Mas naõ saõ estas as unhas alugadas, que fazem os mayores damnos na Republica. Outras ha, de que Deos nos livre, mais nocivas: estas saõ as serventias de quantos officiaes de justiça ha no mundo; correlos todos he impossivel: direy sómente de varas, e escrivaninhas, o que vemos, e choramos, e naõ remediamos, porque naõ ferem seus damnos a quem pudéra darlhe o remedio. Que cousa he a vara de hum meirinho, ou de hum alcaide no dia de hoje? Se Aristoteles fora vivo com todo o seu saber naõ a havia de definir ao certo; mas eu me atrevo a declarala com a de Moysés. A vara de Moysés na sua maõ vara era; mas fóra da sua maõ era serpente. Tal he qualquer vara destas de que fallamos: na maõ de seu dono vara he, se he bom Ministro; mas fóra da sua maõ he serpente infernal, e se anda alugada, he todos os diabos do inferno; porque hum diabo naõ tem poder para se transformar em tantos monstros, como huma vara de serventia alugada se transfórma; e elles mesmos o confessaõ, que naõ póde al ser, para pagarem ao orfaõ, ou á viuva, cuja he, e ficarem com ganho, que os sustente a todos á custa das perdas de muitos. Olhay para a vara de hum aguazil damninho, parecevos vaqueta de arcabúz; e ella he espingarda de dous canos; porque? vay por esses campos de Jesus Christo, a melhor marrãa que encontra, e o melhor carneiro, aponta nelles, e quando volta para casa, acha-os estirados na sua loge, sem gastar polvora, nem dar estouros.

Tambem he canna de pescar fóra da agua: vay á Ribeira, lança o anzol na melhor pescada, e no melhor congro, ou savel, e sem cedella, que puxe, dá com elles no seu prato. Tambem he bésta de pelouro, que mata galinhas aos pares, e pombas ás duzias; perdizes nenhuma lhe escapa, se as acha nos açougues, porque no ar erra a pontaria. Tambem he cadéla de fila, e quando a açúla a huma vitéla, mas que seja a huma vaca, berrando a leva aonde quer. Tambem he covado, e vara de medir, e quanto mais comprida, tanto melhor: assim como he, entra em casa do mercador, e mede como quer panno, e seda. Tambem he garavato de colher fruta, e sem se abalar por hortas, nem pomares, colhe, e recolhe canastras cheias. E vedes aqui irmaõ leitor a vara de Condaõ, com que nos embalavaõ antigamente, que fazia ouro de pedras, e paõ de palhas, e da agua vinho; e esta ainda faz mais, porque faz, e desfaz, quanto quer quem a alugou.

O mesmo e muito mais pudera aqui dizer das escrivaninhas alquiladas; mas naõ quero nada com pennas mal aparadas, naõ acerte de lhes vir a pello este nosso tratado, que no lo depennem, ou jarretem com alguma sentença grega, ou desalmada. Só direy, que saõ alguns, ou quasi todos, taõ fracos officiaes, que he grande valentia saber-lhes ler o que escrevem. Eu sey hum que o fizeraõ vir de Evora a esta Corte para que lesse o que tinha escrito em hum feito, que naõ era pequeno, e naõ se achava em toda Lisboa,

quem em tal escritura attinasse com boya, como se fora a de ElRey Balthasar. E com estes gregotins alimpaõ as bolças ás partes, e sujaõ quantas demandas ha no Reyno, escrevendo sésta por balhésta, e alhos por bugalhos; e já lho eu perdoara, senaõ succedera muitas vezes tirarem dos feitos as sentenças por tal estylo, que naõ se daõ á execuçaõ, porque naõ ha entendellas. Muito ha que reformar nas officinas, e cartorios destes senhores, como em todos quantos officios andaõ no Reyno arrendados.

CAPITULO LVIII.

DOS QUE FURTAÕ COM UNHAS AMOROSAS.



QUEM dizia no capitulo 39. que naõ ha unhas bentas, porque todas saõ malditas, e sugeitas a mil excõmunhoens quando furtaõ; tambem dirá agora, que naõ ha unhas amorosas, porque todas arranhaõ; mas sernos-ha facil desenganalo com quantas unhas ha de damas, que estafaõ a seus amantes. E tais saõ tambem as unhas de todos os valîdos, mimosos, e paniguados dos grandes: daõ-lhes francas entradas em seu seyo, sem verem que abrem com isso sahidas enormes a seus thesouros. Ouçame o mundo todo, huma Filosofia certa: he certo, que animaes de differentes especies naõ se amançaõ: caens com gatos, aguias

com perdizes, espadartes com balêas nunca sustentáraõ bom cõmercio : e se algum dia houve bruto, que se sugeitasse a outro de differente especie, foy, naõ porque a natureza o inclinasse a isso, mas por alguma conveniencia util para a conservaçaõ da vida. Ha entre os homens estados taõ diversos, que se distinguem entre si mais, que as especies dos brutos. Hum Fidalgo cuida que se distingue de hum escudeiro, mais que hum leaõ de hum bugio : e hum escudeiro presume que se differença de hum mecanico, mais que hum touro de hum cabrito. E que será hum Duque, ou hum Rey, comparado com qualquer desses? Será o que he hum elefante com hum cordeiro. Donde se infere, que quando ha uniaõ de amor entre tais sugeitos, naõ he porque à natureza os incline`a isso, he a conveniencia do interesse ; e como esta vay diante sempre, sempre vay fazendo seu officio, aproveitando-se do amor para suas conveniencias.

Entra aqui outra circunstancia, que dá grande apoyo a este discurso ; e he, que o mayor ama ao menor como cousa sua ; e o menor olha para o mayor como para cousa que o domîna : e isto de ser dominado nunca causa bom sabor ; e por isso vicîa o amor, que naõ sofre disparidades. Donde se colhe evidente, e infallivelmente, que póde haver amor verdadeiro do superior para o inferior, e que naõ he certo havello do inferior para o superio ; porque leva sempre a mira no que dahi lhe ha de vir ; e essa he a pedra de

toque em que aguça as unhas, que chamo amorosas; porque com achaque de benevolencia, e amor, que seu amo lhe mostra, mete a maõ no que a privança lhe franquêa, com tanta segurança, como se tudo fora seu, pela regra, que diz: *Amicorum omnia sunt cõmunia.* O grande nunca sofre igual, quanto mais superior, e por isso naõ se humana senaõ com o inferior; e este porque tem iguaes com quem faça sociedade, naõ necessita do bafo dos grandes, mais que para engodar; e he quanto lhe permitte o careyo, que lhe daõ, e usaõ delle os valîdos com insolencia; porque o acicate, que os move, estríva mais em medras proprias, que em serviços, que pertendaõ fazer aos seus Mecenas. Reciprocaõ-se o amor do grande, e o interesse do pequeno: o amor abre a porta, o interesse estende as unhas; e como na arca aberta o justo pecca, empolga sem limite; e como o amor he cego, naõ enxerga o damno; e se acerta dar fé delle, porque ás vezes he taõ grande, que ás apalpadelas se sente, tambem o dissimula; e assim se vem a refundir na affeiçaõ todos os damnos, que padece, e grangeaõ titulo de amadas, e amorosas as unhas, que lhos causaõ.

Naõ se condemna com isto terem seus valîdos os grandes; porque nem os Summos Pontifices se pódem governar bem sem Nepótes, a quem de todo se entregaõ, para descançarem nelles o pezo de seus negocios, e segredos: e os Principes seculares necessitaõ muito mais deste auxilio, porque as cousas profanas naõ se domestîcaõ

tanto como as sagradas. O que se taxa he a demazia, e desaforo de alguns valîdos: dos máos ha duas castas, huns que escondem as medras, e outros, que as assoalhaõ: estes duraõ pouco, porque a inveja os derruba armando-lhes precipicios, como a D. Alvaro de Luna; e sua propria fortuna, e insolencia os jarreta, como a Belisario: aquelles mais duraõ, e he em quanto se sustêm em seus limites; mas por mais que se dissimulem com trajos humildes, e alfayas pobres, logo seus augmentos os manifestaõ; porque saõ como o fogo, que se descobre pelo fumo, e abraza mais quando mais se occulta. Se nós virmos hum destes comprar Quintas como Conde, receitar dotes como Duque, e jogar trinta, e quarenta mil cruzados como Principe; e soubermos que entrou na privança sem humas luvas, como havemos de crêr que cortou as unhas? Cresceraõ-lhe sem duvida com o favor, como planta, que regada medra. Grande louvor merecem nesta parte todos os Ministros, que assistem a ElRey nosso Senhor, porque vemos que tudo o que possuem, com naõ ser muito, he mais para o servirem, que para o lograrem. Nem se póde dizer de Sua Magestade, que Deos guarde, que tem valîdos mais que dous, que se chamaõ, Verdade, e Merecimento. Como pódem, e devem os Principes ter valîdos para se servirem, e ajudarem de suas industrias, e talentos, já o dissemos no capitulo 30 ao titulo dos Conselheiros §. 1.

CAPITULO LIX.

DOS QUE FURTAÕ COM UNHAS CORTEZES


AÕ sey se he certa huma murmuraçaõ, ou praga, que corre em todas as Cortes do mundo, que mais se ganha no Paço ás barretadas, que na campanha ás lançadas. Se ella he certa, he grande roubo que se faz á razaõ, e justiça, que está pedindo, e mandando, que se dêm as cousas, e façaõ as mercês a quem mais trabalha, e padece. Privilegio he de chocarreiros, que ganhem seu paõ com lizonjas; mas a honra guarda outro foro, que sendo muito cortez, naõ pertende, nem espera premio por sua cortezia, porque lhe he natural; e pelos actos naturaes, dizem os Theologos, que nada se merece, nem desmerece. E daqui vem, que o que se leva por esta via, vem a ser furto.

Homens ha, e conheço alguns, a quem propriamente podemos chamar estafadores. Andaõ no Terreiro do Paço, no Rocìo, e por essas ruas de Lisboa; e como saõ ladinos, e versados, conhecem já de face a todos; e tanto que vem algum de novo, ou que parece estrangeiro, chegaõ-se a elle rasgando cortezias, envoltas com louvores de, v. m. me parece hum Principe, a cuja sombra se prostra hoje minha pobreza: sou hum homem

nobre, e forasteiro, sustento aqui pleitos para remediar filhas orfans, que trouxe comigo para vigiar sua limpeza: semanas se passaõ, em que naõ entra paõ em nossa casa, e pondo a maõ na cruz da espada, jura que naõ traz camisa: e por esta toada diz mil cousas, que traz estudadas, como oraçaõ de cego; até que remata com a petiçaõ, a que foy armando todas suas arengas, com o chapéo na maõ, o pé atraz, e o joelho quasi no chaõ. O pobre novato, que he ás vezes mais pobre que elle, movido por huma parte da compaixaõ, e por outra picado das cortezias, abre a bolça, e pedindo perdoens dá-lhe a pataca, ou ao menos o tostaõ, que o supplicante vay brindar logo na primeira taverna: e sabida a cousa, nem filhas, nem demanda teve nunca, e sempre foy estafador cortezaõ, que he o mesmo que ladraõ cortez.

Tem hum official de vara, ou escrivaninha no seu regimento dous, ou tres vintens, que se lhe taxaõ por esta, ou por aquella diligencia: acha nos aranzeis de sua cobiça, que he pouco: teme pedir mais com medo do castigo, que naõ falta, quando Sua Magestade sabe as desordens: pergunta o requerente bisonho o que deve? Responde-lhe: de graça dezejara servir a v. m. mas vive hum homem alcançado, e sustenta casa com este officio, dê v. m. o que quizer. E se o requerente insta, que lhe diga ao certo o que deve, porque naõ traz ordem para dar mais, nem he bem que dê menos. Torna a responder, que em

mayores cousas o dezeja servir, que se naõ quizer dar nada, que o póde fazer; e que taõ seu cativo ficará assim como de antes. Bem se vê, que isto he estafa, pois nunca o vio em sua vida, senaõ aquella vez; e para lhe aguçar a liberalidade mostra-lhe hum livro muito grande, e o muito que nelle se rabiscou, &c. Pasma o supplicante, lança-lhe hum par de patacas Mexicanas, onde só devia dous vintens; recolhe-as o senhor escriba de prata, Fariseo, e despacha-o com aqui me tem v. m. a seu serviço taõ certo, como obrigado. E se estes mancebinhos puzerem no fim de seus despachos os preços delles, como saõ obrigados, saberaõ as partes o que devem, e naõ haverá enganos; mas quando o salario he pouco, naõ o escrevem, para ter lugar a trêta; e se he muito, galhardamente o explicaõ. Seja suspenso todo o que o callar; e eisahi o remedio.

Isto saõ ninherias em comparaçaõ de outras prezas, que a cortezia agarra sem muitas ceremonias; como na India, em Cóchim, e outras praças semelhantes de mayor cõmercio. Quer hum Capitaõ Mór oitenta, ou cem mil cruzados de boa entrada, pede-os emprestados a bom pagar na sahida com esta arte, que o desobriga para o futuro, e naõ dá molestia ao presente. Haverá em Cóchim, e seu districto, mais de cincoenta mil mercadores entre Christãos, e Banianes de bom trato: manda-os visitar pelos corretores com mil cortezias, de como he chegado para os servir, e que lhes faz a saber, como vem

pobre, e que trata de armar hum empregosinho para a China, e que por naõ ser molesto a suas mercês, quando vem para os ajudar a todos, naõ quer de cada hum mais que dous, ou tres xerafins emprestados em boa cortezia; e que com a mesma os pagará pontualmente até certo tempo. Nenhum repara em emprestar taõ pouco, e muito menos em o cobrar a seu tempo, porque haõ mister ao senhor Capitaõ para muito; e assim se fica com tudo, que vem a passar muitas vezes de cem mil cruzados em leve cortezia. E que muito que succeda isto na India acolá taõ longe, quando vemos cá mais ao perto, dentro em Portugal, casos semelhantes? Hum Prelado grave, ou para melhor dizer gravissimo, conheci neste Reyno, que com achaque de huma jornada á Corte de Madrid pedio emprestado por boa cortezia a cada Paroco de sua Diocesi dous cruzados, com que veyo a fazer monte de mais de quatro mil; e quando veyo á paga, com a mesma cortezia nenhum lhos aceitou, como os Banianes da India. Por esta arte anda a Politica do mundo, cheia de mil trêtas de sorte, que por mal, ou por bem, naõ ha escapar de roubos.

CAPITULO LX.

DOS QUE FURTAÕ COM UNHAS POLITICAS.


NDA o mundo atroado com Politicas, de que fazem applauso os Estadistas: a huma chamaõ sagrada, a outra profana; e ambas querem que tenhaõ immensos preceitos, com que instruem, ou destroem os governos do mundo, segundo seus Pilotos os applicaõ. E he certo, que toda a maquina dos preceitos, assim de huma como da outra, se encerraõ em dous; os da sagrada saõ, amar a Deos sobre todas os cousas, e ao proximo, como a ti mesmo. Os da profana saõ, o bom para mim, e o máo para ti. Mas he engano crasso a que repugna Minerva, cuidar que ha politica sagrada: isso chama-se Ley de Deos, que com nada contemporiza, nada affecta, nem dissimula, lavra direito, e sem torcicolos contra os axiomas da Politica. Pelo que, isto que chamamos Politica, só no profano se acha: e esta só he a que tem as unhas, de que falla este capitulo; e para sabermos que tais ellas saõ, he necessario averiguarmos bem de raiz, que cousa he Politica. E apósto que se o perguntarmos a mais de vinte, dos que se prézaõ de politicos, que nenhum a saiba definir pelas regras de Aristoteles, assim como ella merece!

Todos fallaõ na Politica, muitos compoem livros della; e no cabo nenhum a vio, nem sabe de que côr he. E atrevo-me affirmar isto assim, porque com eu ter pouco conhecimento della, sey que he huma má pessa, e que a estimaõ, e applaudem como se fora boa; o que naõ fariaõ bons entendimentos, se a conheceraõ de pays e avós, tais, que quem lhos souber, mal poderá ter por bom o fruto, que nasceo de taõ más plantas: e para que naõ nos detenhamos em cousa trilhada, he de saber, que no anno em que Herodes matou os Innocentes, deu hum catarro taõ grande no diabo, que o fez vomitar peçonha; e desta se gerou hum monstro, assim como nascem ratos *ex materia putridi*, ao qual chamaraõ os criticos Razaõ de Estado: e esta Senhora sahio taõ presumida, que tratou de cazar; e seu pay a despozou com hum mancebo robusto, e de más manhas, que havia por nome Amor proprio, filho bastardo da primeira desobediencia: de ambos nasceo huma filha, a que chamaraõ Dona Politica: dotaraõ-na de sagacidade hereditaria, e modestia postiça: Criou-se nas Cortes de grandes Principes, embrulhou-os a todos: teve por ayos o Machavello Pelagio, Calvino, Luthéro, e outros Doutores desta qualidade, com cuja doutrina se fez taõ viciosa, que della nasceraõ todas as Seitas, e heresias, que hoje abrazaõ o mundo. E eisaqui quem he a Senhora Dona Politica.

E para a termos por tal, basta vermos a variedade, com que fallaõ della seus proprios Chro-

nistas; que se bem advertirmos, cada qual a pinta de maneira, que estamos vendo, que leva toda a agua a seu moinho. Se he Letrado, todas as regras da Politica vaõ dar, em que se favoreçaõ as letras, que tudo o mais he aire: Se professa armas o Autor, lá arruma tudo para Marte, e Belona, e deixa tudo o mais á porta inferi. E se he Fidalgo, tudo apoya para a nobreza, e que tudo o mais he vulgo inutil, de que se naõ deve fazer conta. E he a primeira maxima de toda a Politica do mundo, que todos seus preceitos se encerraõ em dous, como temos dito, o bom para mim, e o máo para vós. E pósta neste primeiro principio, entra logo sua mãy Razaõ de Estado, ensinando-lhe, que por tudo córte, sagrado e profano, para alcançar este fim: e que naõ repare em outras doutrinas, nem em preceitos, mas que sejaõ do outro mundo, porque só do cõmodo deste deve tratar, e de seu augmento, e da ruina alheia; porque naõ ha grandeza que avulte á vista de outra grandeza. Minguas de outros saõ meus accrescentamentos; sou obrigado a me conservar illeso; e naõ estou seguro, tendo junto de mim quem me faça sombra: e para nos livrarmos deste soçobro, dêmos-lhe carga, tiremos-lhe a substancia. E para isso estende as unhas, que chamaõ Politicas, armadas com guerra, hervadas com ira e peçonha de inveja, que lhe ministrou a cobiça; e nada deixa em pé, que naõ escale, e meta a saco. Este Reyno he meu, e esta Provincia he o menos de que se

trata: Os Imperios mais dilatados, e opulentos, saõ pequeno prato para estas unhas; e o direito, com que os agarraõ, escreve o outro com poucas letras, sem ser Bartholo, na boca de huma bombarda; e vem a ser: *Viva quem vence.* E vence quem mais póde, e quem mais póde tenha tudo por seu; porque tudo se lhe rende. E fica a Politica cantando a gala do triunfo, e sua mãy Razaõ de Estado rindo-se de tudo, como grande Senhora, e seu pay Amor proprio logrando próes, e precalços; e seu avô, o Diabo, recolhendo ganancias, embolçando a todos na caldeira de Pero Botelho; porque fizeraõ do Ceo cebola, e deste mundo Paraiso de deleites, sendo na verdade labyrinto de dessasocegos, e inferno de miserias, em que vem dar tudo o que nelle ha, porque tudo he corruptivel.

Este he o ponto em que a Politica errou o nórte totalmente, porque tratou só do temporal, sem pôr a mira no eterno, aonde se vay por outra esteira, que tem por roteiro, dar o seu a seu dono, e a gloria a Deos, que nos creou para o buscarmos, e servirmos com outra ley muito differente, da que ensina a Politica do mundo. E lá virá o dia do desengano, em que se acharáõ com as mãos vazias, os que hoje as enchem da substancia alheia.

Testemunhas sejaõ o famoso Belisario, terror de Vandalos, assolaçaõ de Persas, estragador de milhoens, que dos mais altos córnos da Lua o poz sua fortuna sem olhos em huma estrada á sombra

de huma choupana, pedindo esmola aos passageiros: *Date obolum Belisario.* E o grande Tarmolaõ, cujo exercito enxugava rios, quando matava a sede; taõ poderoso, que trazia Reys ajoujados como caens debaixo da sua mesa roendo ossos; o qual á hora da morte mandou mostrar a seus soldados a mortalha, com hum pregaõ, e desengano, que de tanto, que adquirio, só aquelle lançol levava para o outro mundo.

CAPITULO LXI.

DOS QUE FURTAÕ COM UNHAS CONFIDENTES.



QUE tenha a minha maõ confiança comigo para me servir, e coçar, lisonja he, que bem se permitte; mas que a tenhaõ as minhas unhas para me darem huma coça, que me esfolem a pelle, naõ se sofre. Pois tais saõ os que os Reys applicaõ, como mãos proprias, a seu Real servico, e elles esquecidos da confiança, que a Magestade Real faz delles, estendem as unhas, para applicarem a si o que lhes mandaõ ter em reserva para o bem cõmum, e de muitos particulares que esfolaõ. Ha neste Reyno Thesoureiros, Depositarios, e Almoxarifes sem conto; todos arrecadaõ em seus depositos, que chamaõ arcas, grandes copias de dinheiro, hum delRey, outro de orfaõs,

e muito de outras muitas partes: e sendo obrigados a tello a ponto para toda a hora, que lho pedirem, aproveitando-se da confiança, que se faz delles, metem o dito dinheiro em seus tratos de compras e vendas, com que vem a ganhar no cabo do anno muitos mil cruzados. E se lho pedem no tempo, em que anda a pecunia nos boléos da fortuna, com riscos de se hir o ruço a traz das canastras, fingem ausencias, e que tem a arca tres chaves, que dahi a quinze dias virá da feira das Virtudes Bento Quadrado, que levou huma, que ahi está o dinheiro cheio de bolor na arca: e passaõ-se quinze mezes, e naõ ha dar-lhe alcance. E por fim de contas vem a residencia, e alcança os sobreditos em muitos contos. E estes saõ os confidentes da nossa Republica, que fazendo-se proprietarios do alheio, alienaõ o que naõ he seu, e daõ atravéz com os thesouros alheios.

Nas fronteiras succedem casos admiraveis nesta parte. Está hum destes [pouco digno em hum, podendo dizer mais de cento, mas hum exemplo declara mil.] Está hum destes a la mira, espreitando quando voltaõ as nossas facçoens de Castella com grandes prezas de boys, cavalgaduras, porcos, carneiros, e outros gados: e como os soldados vem famintos de dinheiro, mais que de alimarias, que naõ pódem guardar, nem sustentar; e o sobredito se vê senhor dos depositos dos pagamentos, que foy atrazando, para naõ lhe faltar moeda nesta occasiaõ, atra-

vessa tudo, resgatando-o por pouco mais de nada, sem haver quem lhe vá á maõ, porque todos dependem delle, e o affagaõ, para o terem da sua maõ: e dahi a quatro dias, e tambem logo ao pé da obra, vende a oito, e a dez mil reis a lavradores, e marchantes os boys, que comprou a quinze tostoens quando muito, e o mesmo computo se faz no mais. E vem a ser o mais rico homem do Reyno, sem meter no trato vintem que ganhasse, nem herdasse de seus avós. Melhor fora venderem-se os tais gados aos nossos lavradores, pelos preços dos soldados, para se refazerem de semelhantes prezas, que os inimigos nos levaraõ, e naõ ficarem exhaustos de criaçoens, os que sustentaõ a Republica, e cheios, os que a destroem com as unhas, que chamo confidentes. Cortem-se estas unhas; e se naõ houver puxavante, que as entre, porque a confidencia as faz impenetraveis; tirem-lhe o cabedal, e ponha-se, onde haja vergonha e honra, que se pêje de comprar para vender.

Na Cidade de Lisboa conheci hum barbeiro, o qual enfadado do pouco que lhe rendia a sua arte, se deu a sangrar bolças, e fazer a barba aos mais opulentos escritorios; e para o fazer a seu salvo, e com credito de sua pessoa, foy se metendo de gorra com seus freguezes, dando-lhes alvitres, de que se fazia corretor. Ao principio começou com penhores, pedindo dinheiro emprestado para tais, e tais empregos, que se lhe offereciaõ rendosos, e que partiriaõ os ganhos

dentro de breves dias: e com a pontualidade foy ganhando terra para accrescentar as partidas: e com o lucro, que dava aos acrédores, os foy cevando, e metendo na baralha, e cobrando credito, até que os obrigou a invidarem o resto. Já se naõ curavaõ de fianças, nem penhores para com elle. E vendo assim o campo seguro, deu de repente em todos, abonando hum lanço que fingio se lhe abria de grandissimo interesse, e que convinha meter nelle todo o cabedal, para ficarem todos ricos. Nenhum reparou em largar quanto dinheiro tinha; e tal houve, que lhe entregou cinco mil cruzados, outros a dous, a tres, e a quatro, sem saberem huns dos outros. Deu com tudo em hum navio estrangeiro, que estava a pique, e deu á vela pela barra fora: e o mancebinho nunca mais appareceo, nem novas delle, nem rasto do dinheiro, por mais Paulinas que se tiraraõ. E estas saõ as verdadeiras unhas confidentes. E naõ saõ menos damninhas as confiadas, de que já digo casos memoraveis.

CAPITULO LXII.

DOS QUE FURTAÕ COM UNHAS CONFIADAS.



ARA que naõ pareça este capitulo o mesmo que o passado, contarey huma historia, que declara bem o muito que se distinguem. Succedeo

em Lisboa, que fazendo huma Confraria em certa Igreja a festa do seu orago muito solemne, ajuntou para isso muita prata de castiçaes, alampadas, peviteiros, e caçoulas, que pedio por emprestimo a outras Igrejas, Mosteiros, e Irmandades: e como o thesouro era de muitos, tinhaõ direito todos para virem buscar, e levar as suas pessas. Entre os que vieraõ, acabada a festa, foy hum ladraõ cadimo com dous maráos, que alugou na Ribeira por dous vintens cada hum, e duas canastras mais grandes que pequenas: e entrando muito confiado, como se fora mordomo mór de toda a festa, pôz a capa, e o chapéo sobre hum caixaõ, assegurando primeiro a ausencia dos que lhe podiaõ pôr embargos: abaixou diante de Deos, e de todo o mundo as melhores duas alampadas, e tirando dos altares os castiçaes, que bastaraõ para encher as canastras, pôz tudo ás costas dos mariolas, e sacodindo as mãos, tomou a capa, e guiou a dança; e escapou por sua arte, dando com a prata onde nunca mais appareceo; ficando mil almas que estavaõ na Igreja, persuadidas, que aquelle homem era o legitimo dono, como manifestava a confiança, com que fez o salto, que naõ foy em vaõ. E isto he o que chamo unhas confiadas, sem serem confidentes: e destas ha muitas a cada passo, e no serviço del-Rey naõ faltaõ; mas falta-me a mim coragem para mostrar aqui, o que recolhem, como se fora seu, com tanta confiança, como se o cavaraõ, e o roçaraõ, ou o herdaraõ dos senhores seus avós.

E assim digo, que naõ me meto com averiguaçoens, de que a pezar da verdade posso sahir desmentido. Só aos affoutos fizera eu huma pergunta em segredo [chamolhe assim, por naõ especificar cargos, de donde se possaõ colligir pessoas, com quem naõ quero pleitos] perguntemos a estes com que authoridade, ou para que fazem tornar a traz os pagamentos da milicia, que Sua Magestade despacha? Ou com que ordem os repartem ultra do que rézaõ as ordens verdadeiras? Nada respondem: metem-se no escuro das razoens de Estado, e he cousa clara, que accrescentaõ seu estado: e ainda mal, que vemos accrescentados, os que para bem houveraõ de ser diminuidos. Estes saõ os que com grande affouteza, e confiança, metem a saco a Republica, cujos sacos vasaõ para encher taleigos, que já medem aos alqueires: e isso he o menos, o mais he o volume immenso de outras drogas, de que enchem sobrados, que haõ mister espeques para sustentar o pezo, sem temor da forca, que fora melhor fabricarse desses pontoens. Aponto só o damno, naõ trato de quem leva o proveito; porque a confiança, com que nelle apoyaõ suas unhas, as faz impunes. Mas deixando pontos intelligiveis, passemos a outra cousa.

Ahi naõ póde haver mayor confiança, que a de hum Cabo, a quem daõ cem mil reis para hum pagamento de seus soldados; e em vez de o fazer logo, para lhes matar a fome, que os traz mórtos, vay-se á casa da tafularia, poem o din-

heiro na taboa do jogo, como se fora seu, ou lhe viera de casa de seu avô torto; e sem nenhum direito, que para elle tenha, o lança a quatro mãos, e o perde com ambas, sem lhe ficar nellas, mais que o taleigo vazio, e o focinho cheio de paixaõ, com que satisfaz ás partes; de sorte que nenhum soldado ouza apparecer diante delle: e he estremada traça para naõ lhe puxarem pela divida. Mais confiados que estes saõ outros, que ha na casa da India, e nas Alfandegas, que naõ sey como se chamaõ seus officiaes, nem o quero saber, por naõ ser obrigado a nomealos por seu nome: estes tem por obrigaçaõ ver todos os fardos, e examinar todas as fazendas, que vem de fóra, para orçar ao justo os direitos, que se haõ de pagar a Sua Magestade; e elles por quatro patacas examinaõ as cousas taõ superficialmente, que deixaõ passar por estimaçaõ de anil o pacote, que vem cheio de basares; e contaõ por cascaveis o barril, que vem recheado de coraes, e alambres. Que fardos de télas finas, e brocados de tres altos, corraõ praça de bocachim, e calhamaço, naõ o crerá, senaõ quem o vio. Ballas de meyas de seda fazem figura de resmas de papel. E he facil deslumbrar os olhos de todos os Argos, a quem está encõmendada a vigia disto, com hum par de pessas resplandecentes de vidros de Veneza, e crystaes de Genova. E para que naõ se diga, que naõ viraõ tudo, mandaõ abrir costaes, que já vem marcados, e preparados para o effeito; os quaes trazem na primeira superficie o que val menos;

mas o ámego he do mais precioso. Já se vio caixaõ e quartola, que trazia na boca chocalhos, e no fundo pessas de ouro, e prata. E se algum Ministro fiel requer, que se examine tudo, respondem, que naõ seja desconfiado: e com duas gracetas passaõ desgraças que naõ conto. Declaro sobre tudo isto, que já esta moeda naõ corre, como em tempo de Castella; porque esta seu Dono em casa que a vigia, e faz a todos que naõ sejaõ taõ confiados, como o Carvalho.

Naõ sey se ponha aqui huma confiança admiravel, que naõ podia crer até que a vi. Bem he que saiba Sua Magestade tudo, para que o emende com seu Real zelo, e para isso digo. E he, que todas as dividas, que ElRey nosso Senhor manda pagar, ou esmolas que manda fazer por via da fazenda, achaõ todos os despachos correntes até o thesouro, onde topaõ com ordem secreta, que a todos diz, que satisfará como tiver dinheiro; e consta por outras vias, que o tem aos montes para outros prestimos; mas para isto de dividas e esmolas, naõ ha tirarlhe hum real das unhas: e occasionaõ com isto a se cuidar, que a tal ordem baixou de cima: e he ponto, que nem hum Turco o presumirá de Sua Magestade; mas he confiança de Ministros, que devem de presumir, que o naõ virá a saber Sua Magestade, que deve sentir muito lanços, que tem mais de aleivozia, que de zelo. Com as palavras vos dizem que sim, e com as obras que naõ. Doutrina he, que Christo reprehendeo muitas vezes, severamente aos Fariseos: e assim se deve estranhar entre

Christãos. E eu naõ acabo de dar no alvo, a que atira este confiança, quando atira aos pobres o que seu dono lhes manda dar. Dizerem que he zelo da fazenda Real, que naõ querem se esperdice, ainda pecca mais de confiada esta reposta; que naõ deve o criado ter mais amor á fazenda, que seu Senhor; álem de que, seria estolida confiança tomar sobre si os encargos de tantas restituiçoens, de que o Senhor fica livre, só com mandar que se paguem. E em conclusaõ levem todos daqui esta verdade, que naõ empobrece o que se dá por esmola, nem faz falta o que se paga por divida. Vejaõ lá naõ enriqueçaõ estas demoras a outrem: e este he o tópe, em que vem esbarrar todo o discurso, que se póde formar nesta materia: e nem isto he bem que se creya de gente honrada.

Neste capitulo entraõ de molde mulheres, que ha em Lisboa, as quaes vivem de despir meninos, assim como os acima ditos de despir pobres: tanto que achaõ alguma criança na rua, sem que olhem para ella, fazem-lhe quatro affagos, como se foraõ suas amas, levaõ-na nos braços, recolhem-se na primeira loge, e a titulo de lhe darem o peito, ou pensarem, lhe despem toda a roupa; em taõ boa hora, que lhe deixem a camisa. Se acerta alguem de as ver, daõ tudo por bem feito, julgando-as por domesticas, como mostra a lhaneza, e confiança, com que lhe metem a papa na boca: e feita a preza, fazem-se na volta do çaragaço a buscar outra; e tiray lá carta de excõmunhaõ, para vo la restituirem no dia do Juizo,

Huma mulher houve taõ confiada nesta Corte, que contentando-lhe huma cruz de ouro, e pedraria, que estava por ornato de huma festa no altar de certa Igreja, esperou que seus donos se ausentassem, e pósta no meyo da Igreja, porque naõ podia chegar perto com o concurso, levantou a voz dizendo: alcancem-me cá aquella cruz, e venha de maõ em maõ, por me fazerem mercê. Todos julgaraõ que seria sua, pois com tanta confiança a demandava; e de maõ em maõ veyo, até chegar ás da harpîa, que deu ao pé com ella sem ajuda de Simaõ Cyrineo, porque lhe custou menos a achar que a Santa Helêna. Tambem ha muitos, que furtaõ confiados em que Deos perdoa tudo; mas já Santo Agostinho os desenganou a todos, que naõ se perdoa o peccado, sem se restituir o mal levado. E neste mundo, ou no outro haõ de pagar pela bolça, ou pela pelle.

CAPITULO LXIII.

DOS QUE FURTAÕ COM UNHAS PROVEITOSAS.


GRAÇAS a Deos, que foy servido de nos deparar humas unhas boas entre tantas ruins. Mas dirá alguem, que nenhumas ha, que naõ sejaõ proveitosas para seu dono no que agarraõ. Naõ fallo dessas, que assás damnosas saõ até a seu

senhor, pois muitas vezes daõ com elle na forca. Trato das que saõ proveitosas para ambas as partes sem risco de damnos: e explicalas-hey logo com hum exemplo. No Crato, Villa bem conhecida neste Reyno pelo seu grande Priorado de Malta, houve hum cavallo naõ ha muitos annos, cujas unhas eraõ de tal qualidade, que todos os cravos, que nellas entravaõ, depois de sahirem tórtos com a ferradura, serviaõ de anzóes a seu dono, com que pescava infinito dinheiro, porque fazia delles aneis, que póstos em qualquer dedo da maõ, eraõ remedio presentissimo para gota arterica. Toda a virtude lhes vinha das unhas do ginete; e assim naõ será cousa nova acharem-se unhas proveitosas para ambas as partes: tiravaõ de si dinheiro os que levavaõ os cravos para remediarem a outrem, e remediavaõ-se todos.

Tais seraõ os que no governo de hum Reyno, e no menêo de suas fabricas, e emprezas, tirarem de huma parte para remediarem outra, e será o mesmo que acodir a tudo. Desfalece a India com accidentes mortaes, peores que de gota coral, e arterica, que mal será acodirlhe o Brasil com alguma substancia, que a alente, ainda que seja por modo de emprestimo; nem correrá nisso o ditado, que naõ he bom descobrir hum Santo para cobrir outro, pois tudo respeita, e serve o mesmo corpo, debaixo de huma Coroa. Padece o Brasil falta de mantimentos, naõ vejo razaõ que tolha acodirem-lhe as Alfandegas do Reyno, e de outras

Conquistas, supprindo-lhe os gastos, e soccorros, até que se melhore. O mesmo digo de Angóla, Mina de S. Jorge, Moçambique, e outras praças. Bom se pararia o corpo humano, se a maõ esquerda naõ ajudasse a direita, e a direita a esquerda, e hum pé ao outro. A Republica he corpo mystico, e as suas Colonias, e Conquistas membros della; e assim se devem ajudar reservando, e reparando suas fortunas, e conveniencias. Superstiçaõ he, e naõ axioma politico de Estado, negarem-se auxilios os que vivem juntos na mesma communidade: e aqui corre certissimo o Proverbio, que huma maõ lava a outra. Hum Rey empresta ao outro, e tira de seu cabedal soccorros, com que ajuda o visinho; quanto mais o deve fazer hum Rey a si mesmo, e a seus vassallos, que saõ partes integrantes da sua Coroa. A contribuiçaõ das decimas neste Reyno he muito grande, pois chega a milhaõ e meyo: he verdade que as daõ os póvos para as fronteiras, e he o mesmo, que para se defenderem dos inimigos, que nos infestaõ por mais de cem leguas de terra, que correm do Algarve até Traz os montes. E o outro lado, que fica descuberto por outro tanto districto de mar, parece que o naõ consideraõ, e que ha mister muito mayores gastos de armadas, e muniçoens, que guarneçaõ as costas; e que as forças Reaes acodem a mil soccorros de álem-mar, de donde estaõ outros tantos Portuguezes, como ha no Reyno pouco menos, pedindo continuamente auxilios, e que naõ he

bem lhos neguemos. Naõ vêm olhos cegos, o que se gasta em Embaixadas, e conveniencias de pazes com outras Naçoens; que ainda que naõ nos ajudem, he bem que os componhamos, para que naõ nos descomponhaõ. Em que apertos nos veriamos, se França, e Catalunha, naõ divertissem o Castelhano no tempo em que estavamos menos apercebidos? Estas correspondencias naõ se alcançaõ sem gastos; estes de nós haõ de sahir, como do couro as correas: que mal he logo, que se tomem estas das décimas com unhas taõ proveitosas, quando vemos que os outros cabedaes naõ bastaõ para seus menêos proprios.

Naõ posso deixar de picar aqui em hum escrupulo de alguns zelotes, que tem para si, que se faz thesouro, e que he já taõ grande, que ha mister espeques: e a graça he, que grunhem sobre isso. Prouvéra a Deos, que assim fora, e que arruinassem já com o pezo as casas, que o recolhem, que devem ser encantadas, pois as naõ vemos: mas para me consolar, quero crer que assim he, e assim o fio da grandissima providencia de ElRey nosso Senhor, que sabe muito bem, que foy costume celebre dos mais acordados Reys, terem erarios publicos para as guerras repentinas: e nós naõ estamos fóra de as termos mayores, que as que vemos: e para huma occasiaõ de honra costumaõ os prudentes reservar cabedal, que lhes tire o pé do lodo, ainda que tirem da boca dos filhos o dinheiro, que inthesouraõ. Tudo vem a ser unhas proveitosas.

Neste passo se enviaõ a mim os que tem pensoens de juros, e tenças na Alfandega, na Casa da India, ou nas sete Casas, Almoxarifados, &c. e me fazem o mesmo argumento dizendo: se he bom, e licito tirar de huma parte para remediar outra, como ha de haver no mundo, que naõ se nos paguem da casa da India as tenças, e os juros, aos que os temos na Alfandega, quando nesta faltaõ os rendimentos, para satisfazer a todos? Aos mesmos pergunto, quando tem duas herdades, huma dizima a Deos sem nenhuma pensaõ, e outra carregada de fóros, ou juros; se esta ficou estéril hum anno sem os poder pagar, porque os naõ satisfazem da outra, que deu muitos frutos? Respondem, que a outra he livre. Pois tambem a casa da India no nosso caso está livre dos encargos da Alfandega. Acudo a outra instancia, que Donas costumaõ pôr, e he: que do mesmo modo, que a herdade, que este anno naõ pagou fóros, nem juros, porque naõ deu frutos, fica desobrigada a pagar os encargos do tal anno no anno seguinte, ainda que dê frutos em dobro; assim, a Alfandega fica desobrigada para sempre do anno que naõ teve rendimentos, ainda que em outro tenha grande copia delles. Mayor duvida póde fazer, quando ElRey toma todos os rendimentos deste anno para acodir a alguma necessidade urgente [chamaõ a isto tomar os quarteis] se será obrigado a refazer esta tomadîa no anno seguinte, quando a Alfandega estiver mais pingue, e elle mais desafogado?

Responde-se a isto, que as unhas proveitosas saõ muito privilegiadas, quando empregaõ no bem cõmum as prezas que fazem em bens proprios, ainda que obrigados a outras partes da mesma cõmunidade: e nisto se distingue o dominio alto dos Reys do dominio particular dos vassallos; que estes saõ obrigados a refazer o que gastaraõ de partes em usos proprios, e os Reys naõ, no caso que o gastem em bem de todos: assim o ensinaõ os Doutores Theologos: e isto basta.

CAPITULO LXIV.

DOS QUE FURTAÕ COM UNHAS DE PRATA.



M Sevilha, cabeça de Andaluzia, e promontorio maximo de todos os cõmercios de Hespanha, entrou o diabo no corpo de hum Castelhano, e devia de ser muito licenciado, ou pelo menos grande bacharel; porque com todos argumentava, e de tudo dava razaõ: e entre as cousas notaveis, que se deixou dizer, foy huma a mais admiravel de todas: que já elle teria posto de ré a Fé de Christo, embrulhado o genero humano, e se teria feito senhor do mundo absoluto, se Deos lhe naõ prohibira tres cousas: a primeira, bulir na Sagrada Escritura: segunda, falsificar cartorios: terceira, dar dinheiro. Com a primeira dizia, que desfaria nossa Santa Fé pervertendo,

e mudando nas impressoens, e em todos seus volumes os sentidos da Escritura Sagrada. Com a segunda, que confundiria os homens, variando-lhes as provas de suas demandas, e falsificando-lhes as sentenças. Com a terceira, que levaria o mundo todo a traz de si, dando-lhe dinheiro, prata, e duros, que elle sabe muito bem aonde está. E naõ ha duvida, que discursou a proposito, e que fallou verdade, com ser pay da mentira; porque se Deos com sua admiravel justiça o naõ aferrolhara, de maneira, que nenhuma destas tres cousas pôde executar, já teria concluîdo com o genero humano, e com o mundo universo, que Deos por sua infinita misericordia assim conserva. E só a ultima cousa de dar dinheiro, que lhe concedera, com ser a menos nociva, ella só bastara, para se fazer o demonio senhor do mundo: porque isto que aqui chamamos unhas de prata, saõ as mais poderosas garras, que ha para arrastar, e levar tudo a traz de si. Naõ podendo Alexandre Magno render huma Cidade por inexpugnavel, e inaccessivel, perguntou se poderia lá chegar, ou sobir huma azemola carregada de dinheiro? E tanto que esta bateo á porta, logo se lhe abrio, e deu entrada a todo o exercito de Alexandre, que com tais unhas empolgou nella.

Famoso invento foy o do dinheiro, pois com elle se alcança tudo, e naõ ha cousa, que se lhe naõ renda: do mais incorrupto Juiz alcança sentença: da mais arriscada dama tira favores, no mais

invencivel gigante obra ruinas, do mais numeroso exercito alcança vitoria, nos mais inexpugnaveis muros rompe brechas, arromba portas de diamantes melhor que petardos; arraza torres, quebra omenagens, tudo se lhe sugeita, nada lhe resiste! As fabulas antigas dizem, que Plutaõ inventou o dinheiro, e que foy tambem inventor da sepultura e Deos do inferno: nem podiaõ deixar de dar tais nomeadas a quem se soube fazer senhor do dinheiro, que tudo rende, como a sepultura e morte, que tudo violenta, como o inferno. Os Lidios foraõ os primeiros, que fizeraõ moeda de ouro: Jano foy o primeiro que formou moedas de cobre; e porque foy o inventor das coroas, pontes, e navios, lhe esculpiraõ tudo isto nas suas moedas; porque o dinheiro dá passagem, como ponte, para as mayores coroas; e navega vento em poupa aos mais dilatados Imperios. Hermodice, mulher de Midas, Rey dos Phrigios, foy a primeira, que bateo moeda de prata: e estas saõ as unhas de prata, que propoem este capitulo, que do dinheiro fazem garras para pilharem mais dinheiro; como o pescador, que com hum caramujo, que lança no anzol, apanha grandes barbos. Pescadores ha de anzol, e pescadores há de redes: até os que pescaõ com redes usaõ de isca, e cevadouros, com que engodaõ o peixe: e os pescadores, de que aqui tratamos, naõ tem melhor engodo, que o do dinheiro, se souberem usar bem delle, pescaráõ quanto quizerem, e enredaráõ o mundo todo.

Bem usou do dinheiro hum mercador em Africa para pescar cincoenta mil cruzados, que se lhe hiaõ pela agua abaixo. Arribou com tempestade a hum porto de Marrocos; tomaraõ-lhe os Mouros a náo por perdida em ley de contrabando; tratou de a recuperar por justiça; mas naõ achou quem lha fizesse, porque he droga, que naõ se dá bem naquelles paizes. Tinha ainda de seu quatro, ou cinco mil cruzados, que escapou em joyas, e boa moeda: fallou com o Rey, offereceo-lhe tres mil por huma leve mercê, que lhe pedio, e elle lhe concedeo facilmente: que déssem hum passeyo ambos a cavallo pelas ruas, e praças da sua Corte, fallando sós amigavelmente. Feita a mercê, dado o passeyo, e pagos os tres mil cruzados, tudo foy o mesmo: mas muito differente o que se seguio; porque conceberaõ todos os Mouros opiniaõ, que aquelle homem era grande pessoa, e muito privado, e valîdo do seu Rey: todos o visitaraõ logo por tal; mandavaõ-lhe presentes, e donativos de grande pórte, imaginando que por aquella via abriaõ porta a suas pertençoens; e elles abriraõ-na para a restauraçaõ do mercador, que assim se hia refazendo; em tanto, que até os Juizes, que tinhaõ condemnado a náo, lha absolveraõ: e assim pescou com unhas de prata de tres mil cruzados, que soube dar, mais de cincoenta mil, que hiaõ perdidos. E por esta arte pescaõ muitos ladroens no dia de hoje, até o que naõ he seu, com grande destreza.

Aportou á Ilha da Madeira huma náo de carga; saltáraõ em terra os passageiros a fazer viniagas, e entre elles hum Clerigo, que eu vî [grande pirata devia de ser pelo tear, que armou para fazer seu negocio melhor que todos.] visitou o Bispo no primeiro lugar, e a quantos pobres achou no páteo, fez esmola de tostaõ, e ás mulheres de manto a pataca: e em quanto fallou com o Bispo sahiraõ estas campainhas pela cidade, dando huma alvorada do Clerigo, que bastava para o canonizarem em Roma: huns lhe chamavaõ o Clerigo Santo; outros o Abbaderico; outros o Peruleiro; em tanto, que cresceo a cobiça nos mercadores da terra, e se picaraõ a fazerem negocio com elle. Este servo de Deos, depois de dar obediencia, e beijar a maõ ao Bispo, lhe pedio fosse servido de lhe mandar dizer duas mil Missas, e que daria avantajada esmola por ellas, para que Deos lhe désse bom successo em hum emprego de mais de cem mil cruzados com que navegava. A segunda visita, que fez depois do Bispo, foi aos prezos da cadêa, dando a cada hum seu tostaõ de esmola: e quando daqui foy dar volta á Cidade, já a achou disposta para lhe darem ao fiado tudo, quanto sua boca pedia: embarcou quanto quiz, e que logo mandava vir dous barris de patacas, para dar plenaria satisfaçaõ a tudo. Até aos Padres da Companhia mamou trinta cruzados, a titulo de emprestimo, para levar a bordo os empregos, que fazia, e que havia de dar huma pessa boa

para a Sacristia. Armava o mendicante a dar á vela no dia em que tinha promettido o pagamento das patacas: e sem duvida sahira com a preza da grossa pilhagem, que tinha feito com dez, ou doze mil reis, que dispendeo á custa alhea, se o Bispo naõ presentira a tramoya por indicios, que teve; e se naõ se picára o tempo em fórma, que obrigou á náo a dilatar a jornada. Naõ conto o que daqui por diante se seguio, porque o dito basta, em fórma, de que entendamos, que ha unhas de prata, que com dispendios pequenos avançaõ grandes lucros: o ponto está na têmpera, e na disposiçaõ dos meyos, para assegurar os lanços. E vem a ser isto hum jogo de ganha-perde, perder para ganhar; como os que jogaõ com cartas, e dados falsos, que no principio se deixaõ perder lanços de menos invite, para engodar o competidor, e enterrcirar huma maõ, com que lhe varraõ todo o cabedal.

Vejo alguns mandar presentes e donativos a quem lhes naõ pertence; e sey que saõ de condiçaõ, que nem á sua mãy daraõ huma vez de vinho, quanto mais frasqueiras com que cantaráõ os Anjos, a quem nunca trataraõ! Daõ cargas de fruta, tabuleiros de doces, joyas de preço, sacos de dinheiro: e fico atordoado, examinando de donde lhe vem a Pedro fallar galego? Irmaõ, se tu nunca entraste em barco, nem meteste o pé em meyo alqueire com este homem, como te dispendes com elle? Isto tem mysterio: e buscada a raiz he ganancia grande, que solicita com dis-

pendios leves: adoça a passagem para haver o que pertende, despachos de officios, cõmendas, Igrejas, titulos, &c. Para os quaes até a propria consciencia o acha inhabil: mas como dadivas quebraõ penedos, acha que por este caminho torcerá a justiça, e vem a ser hum genero de latrocinio de má casta; porque ás vezes cheira a simonia, e he hydropesia da ambiçaõ. Acabo este capitulo com outras unhas de prata, muito mais cortezes que estas.

Na Corte de Madrid se achou hum tratante de Indias com grande quantidade de esmeraldas lavradas, sem lhes achar gasto, nem sahida, para se desfazer dellas. Pôz duas escolhidas em hum par de arrecadas, e fez dellas presente á Rainha Dona Margarida, que as estimou muito, porque tudo o dado de graça leva comsigo agrado, e graça natural: e como as Rainhas saõ o espelho de todas as Senhoras de seu Reyno, em estas vendo a estima, que a Magestade fazia das esmeraldas, cresceo nellas a estimaçaõ, e logo o dezejo, que o mercador estava esperando para as levantar de preço; e se tivera hum milhaõ dellas, todas as gastara talhando-lhes o valor, que em nenhum tempo viraõ. He irmaõ gêmeo deste successo outro semelhante, que outro mercador fabricou na mesma Corte, para dar expediente a vinte pessas de panno fino, que naõ tinha gasto por razaõ da côr: offereceo a ElRey hum vestido delle muito bem guarnecido, e obrado ao costume, pedindo-lhe por mercê fosse servido trazelo se

quer oito dias: e naõ eraõ bem quatro andados, quando já o mercador naõ tinha na loge de todo o panno, nem hum só retalho, e se mil pessas tivera, tantas gastara. E estas saõ as verdadeiras unhas de prata, que com pouca perda della empolgaõ grandes ganancias, tirando por arte a substancia do vulgo ignorante, que se leva de vans apparencias.

CAPITULO LXV.

DOS QUE FURTAÕ COM UNHAS DE NAÕ SEY COMO LHE CHAMAÕ.


S Rhetoricos daõ nomes ás cousas, tirando-lhos de suas propriedades, e derivaçoens; e assim o temos nós dado a todas as unhas desta *Arte:* e indo já no fim della, se me offerecem algumas tais, que naõ sey que nome lhes ponha; porque se lhes ólho para os effeitos, acho-as necias; se pára a derivaçaõ, acho-as sem principios, nem fim util. E chamar-lhes parucas, he descortezia; chamar-lhes sem principio, nem fim, he fazellas eternas, contra o que pertendemos, que he extinguillas. Ora emfim, a Deos, e á ventura, chamo-lhe tolas, e saya o que sahir. E passa assim na verdade, que bem consideradas, achará nellas até hum cego quatro tolices marcadas. Primeira, furtar só por fazer mal ao proximo sem

utilidade propria. Segunda, furtar o que haõ de restituir. Terceira, furtar para outrem. Quarta, furtar o que lhes haõ de demandar, e fazer pagar, em que lhe pez. Quanto á primeira, furtar só por fazer mal aõ proximo, sem nenhuma utilidade para si, naõ ha duvida, que he tolice grande; como o que bota no mar, ou entrega aos piratas a fazenda alhea, ou poem em fogo a seára de seu visinho, só por se vingar de huma paixaõ, que teve contra elle: è se o tal he Christaõ, cresce nelle a tolice, pela obrigaçaõ que sabe lhe accresce de refazer o damno que deu: donde se segue, que a si fez todo o mal, e naõ ao proximo, pois he obrigado a lho recompensar por inteiro. E ha homens nesta parte taõ cegos, que por darem hum desgosto a seu inimigo, naõ reparaõ no que por isso sobre si tomaõ. Houve hum Rey antigamente neste mundo, que sabendo de dous vassallos seus, que eraõ grandes inimigos entre si, mandou chamar aõ mais apaixonado, e disse-lhe: Quero-vos fazer huma mercê, e ha dè ser a què vós me pedirdes com advertencia, que a hey de fazer dobrada a fulano, de quem sey, sois grande inimigo. Beijou a maõ ao Rey pelo favor, e pedio logo por mercê, que lhe mandassem arrancar hum olho; porque assim seria obrigado a arrancar dous ao outro, para que ficasse cego, ainda que elle ficasse torto. E bem cego estava, quando procurava damno alheio sem proveito proprio,

Quanto á segunda; furtar o que haõ de resti-

tuir; melhor dissera: o que naõ haõ de restituir; porque raro he o ladraõ, que restitua; mas fallamos da obrigaçaõ, que lhes corre, se he que saõ Christãos, e trataõ de se salvar. E bem devem de saber o que dizem os Doutores, que naõ se perdoa o peccado, a quem podendo naõ restitue o mal levado. Todos dizem, quando se confessaõ, que haõ de restituir, como tiverem por onde. Pois nosso irmaõ, se vós o haveis de restituir, para que o furtastes? Respondem, que sabe melhor o furtado, que o comprado; e naõ pondéraõ, que o amargor da restituiçaõ he mayor, que a doçura do furto; e por isso dissemos, que he grande tolice furtar o que se ha de restituir. Furtaraõ tres officiaes mancomunados nove mil cruzados á fazenda de Suá Magestade: repartiraõ-nos entre si, e navegaraõ com o cabedal, hum para a India, outro para Angóla, e para o Brasil outro; e depois de chatinarem valentemente, tomou-os por lá a hora da morte. Tratou cada hum por sua parte de se pôr bem com Deos pelos Sacramentos da Penitencia, que he o ultimo valhacouto dos peccadores; e chegando ao setimo Mandamento, picavaõ a consciencia de cada hum os tres mil cruzados, que lhes couberaõ, e declaravaõ, como tinhaõ de obrigaçaõ, que o furto ao todo fora de nove mil, repartidos igualmente por tres companheiros, e achavaõ-se todos com cabedaes, que tinhaõ adquirido, bastantes para restituir tudo. Dizia o Confessor da India ao seu penitente, que era obrigado a restituir os nove

mil cruzados por inteiro, visto naõ lhe constar, se seus companheiros tinhaõ dado satisfaçaõ á sua parte. O Confessor de Angóla, e do Brasil diziaõ o mesmo aos seus moribundos, que se achavaõ novos na nova obrigaçaõ, que se lhes impunha, e argumentavaõ: se eu naõ logrey mais que tres mil, como hey de restituir nove mil? Mas a resposta estava á maõ, e clara; porque fostes causa do damno por inteiro com a ajuda, que déstes a vossos companheiros, consta-vos do furto, e naõ vos consta da restituiçaõ; e assim sois obrigado a vos descarregar do que he certo, e naõ vos póde valer a descarga, que he incerta. Eisaqui outra tolice mayor, furtar o que se ha de restituir dobrado, e tresdobrado, confórme o numero dos companheiros, que entraraõ ao escote. Alguns neste ponto fazem-se mancos por naõ remar: dizem que naõ tem posses para restituir, e que naõ saõ obrigados, senaõ quando os favorecer fortuna mais pingue; que primeiro está a obrigaçaõ de se sustentarem a si, e a sua casa, para que naõ pereçaõ: e nós vemos que poderaõ aguarentar mil superfluidades, e estreitar os gastos, e pouparem para dar o seu a seu dono. Lá se avenhaõ: só lhes lembro que haõ de viver mais no outro mundo, que neste, e que tudo cá lhes ha de ficar, testemunhando ser justa sua condemnaçaõ.

Quanto á terceira tolice; furtar para outrem, digo que he mayor, que a primeira, e segunda; porque naõ ha duvida, que he insania muito grande empenhar-se hum homem, pelo que naõ ha de

lograr. Os Reys devem pagar a quem os serve, e pagaõ-lhe com ordenados, e mercês: chega o tempo de cobrarem, passaõ-lhe os Reys portarias, e alvarás, com que se descarregaõ: vaõ com estes papeis os acrédores aos Veadores, e Thesoureiros, para que entreguem o que nelles se contêm; e fechaõ-se á banda como ouriços cacheiros, em que naõ ha mais que espinhos de repostas picantes, e bem devem saber, que a retençaõ do que se deve he verdadeiro furto; e tomara perguntar-lhes, para quem furtaõ isto, que naõ pagaõ? Naõ faltará quem cuide, que para si; e se naõ for para si, será para o Rey, que já se desobrigou com mandar que se pague; e assim vem a ser ladroens, que furtaõ para outrem, e he o que chamamos grande tolice: e a graça he, que se ficaõ rindo com estas retençoens, como se foraõ chistes, e habilidades em que nem a Caetano, nem Cova-Rubias tem por si: e eu sey, que as marcaõ os mesmos por muito grande ignorancia. Por mayor tive a de certos Cavalheiros em Santarem, que meteraõ na cabeça a hum mancebo vagamundo, que se fingisse filho de hum homem nobre, e rico, para o herdar. Foy o caso, que este homem teve hum filho unico, que lhe fugio de nove annos, e havia mais de vinte que naõ sabia delle: appareceo neste tempo naquella Villa hum pobretaõ, que representava a mesma idade: amigos, ou inimigos do homem de bem o ensayaraõ, como havia de dizer, que era seu filho, e lhe ensinaraõ, historias, e circunstancias, para

se dar a conhecer, e que os allegasse por testemunhas: o pay supposto negava-o de filho fortemente, e dava por razaõ, que naõ se lhe alvoroçara o sangue quando o vio. O mancebo demandava-o diante do Juiz ordinariamente para alimentos em vida, em quanto o naõ herdava por morte: as historias, que contava, e testemunhas, que dava, contestaraõ de maneira, que deu o Juiz sentença pelo mancebo, e condemnou o velho a lhe dar alimentos, declarando-o por seu filho. Caso raro, e nunca visto, nem imaginado! Que no mesmo dia appareceo em Santarem o filho verdadeiro, que todos conheceraõ logo, e o velho dizia: este sim, que se me alvoroçou o sangue quando o vi. O outro desappareceo logo, e eu perguntava aos embaixadores, se advertiaõ que era furto os alimentos, que faziaõ dar com seu testemunho, a quem os naõ merecia; e que negoceavaõ para outrem, e naõ para si o fruto da demanda, que iniquamente venciaõ? Naõ deviaõ de ignorallo, ainda que se mostravaõ nisso grandes ignorantes, e tolos.

Alguns cuidaõ que tem disculpa, quando furtaõ para darem remedio a seus filhos; mas crêaõ, que naõ escapaõ da mesma nota, porque seus filhos naõ os haõ de tirar do Inferno quando lá forem, pelo que para elles mal, e sujamente adquiriraõ. Em certo lugar deste Reyno tinha hum alfayate tres filhas sem dote para lhes dar estado: acordou de as casar com tres obreiros, e para ajuntar remedio para todos, deu comsigo, e com

elles no Algarve; fingindo-se Conde vomitado das ondas, que escapara com aquelles criados de hum naufragio; tinha presença, e labia, para persuadir tudo; que vinha de Indias, e perdêra mais de meyo milhaõ em barras de ouro, e pinhas de prata, que até as panélas da sua consinha eraõ do mesmo, e que se via como Job posto de lodo. E com estas, e outras imposturas, persuadia ás Cameras, e Cabidos, Nobreza, e póvos, por onde passava, que o ajudassem contra sua fortuna: todos se compadeciaõ, e para os mover mais, mostrava em pergaminhos sua grande prosapia, e os famosos cargos que servira. O menos que lhe davaõ, até nos lugares pequenos, e humildes, eraõ os dez, e os vinte cruzados, que nas Villas grandes, e Cidades ricas, passava sempre o donativo de vinte mil reis, e ás vezes de quarenta. E depois de correrem assim o Reyno quasi todo pela pósta, achou-se o senhor Conde de Siganos no fim da jornada com mais de tres mil cruzados grangeados por esta arte, com que armou tres dotes para as tres filhas, como se foraõ tres Condessas: e elle ficou taõ alfayate como dantes, sem lograr de tantos furtos, mais que o pezar de os ver mal logrados nas unhas de seus genros, que se bem o ajudaraõ, mal lho agradeceraõ. E naõ diz mais a historia.

Quanto á quarta; furtar o que vos haõ de demandar, e fazer pagar, em que vos pez, he a mayor tolice de todas, como se vio no que succedeo ao Carvalho, na semana em que componho este

capitulo. Era guarda da Alfandega de Lisboa, e guardava as fazendas alheias muito bem, porque as punha em sua casa, como se foraõ suas: foy demandado por isso; e porque naõ deu boa razaõ de si ás partes, o puzeraõ por portas repartido: pertendeo levantar cabeça à custa alheia, e levantaraõ-lha dos hombros á sua custa. Setecentos casos pudéra contar para apoyo desta tolice: livrome com hum deste particular, e de todo este capitulo. Em Angóla tinha ElRey nosso Senhor naõ ha muitos annos hum Ministro [tomara-lhe muitos semelhantes] que empregava os direitos Reaes em escravos, que mandava ao Brasil com direcçaõ que se vendessem, e fizessem do procedido caxas de açucar para o Reyno; e assim se augmentasse a fazenda de Sua Magestade tres vezes ao galarim; mas o Ministro, que respondia no Brasil, fazia seu negocio melhor que os alheios. Chegava huma partida de trinta, ou quarenta negros, achava serem mórtos dous na viagem; lançava nos livros doze defuntos, e tomava dez para si resuscitados: eraõ os que restavaõ mancebos, e bem dispostos: mandava vir do seu engenho dez, ou doze, que tinha velhos, ou estropeados; punha-os nonumero del Rey, e tirava outros tantos para si moços, e de bom recibo: e vendida a partida assim como succedia, fazia o emprego da resulta nos açucares tanto a seu modo, que sempre as perdas eraõ Reaes, e os ganhos proprios. Havia olheiros zelosos, que viaõ isto, mas andavaõ taõ intimidados, que nem

boquejar se atreviaõ, até que o tempo, descobridor de mayores segredos, trazia tudo á luz; e para escurecer esta, tinha o sobredito na Corte outros officiaes, a quem respondia com os ganhos; e por isso o defendiaõ, e conservavaõ, fazendo-se as barbas com sabonetes de açucar; a pezar que ficava tida por mentira, e talvez como tal castigada. Mas como a verdade traz comsigo a luz, por mais que a eclypsem, sempre se manifesta: e provada esta, que será bom que se faça ao tal Ministro? Deixo isso a seu dono, que tem de casa a justiça, e lhe fará pagar pela fazenda, e corpo o novo, e o velho, para que naõ seja taõ tolo, que cuide poderá cobrir o Ceo com huma joeira; e que naõ saiba o que já fica dito por boca de hum arganás no capitulo 24., que quem a galinha delRey come magra, gorda a paga.

CAPITULO LXVI.

DOS QUE FURTAÕ COM UNHAS RIDICULAS.



URTAR para rir he muito máo modo de zombar; porque ordinariamente se converte o riso em pranto, como aconteceo em Coimbra a huma corja de estudantes, por sinal que eraõ graves, e bem nascidos. Deraõ no galinheiro de Santa Cruz por galhofa, depois de cantarem os galos, e

fizeraõ tal descante nas galinhas, perús, e ganços sem compasso, que meteraõ tudo a saco, sem deixarem mais que dous, ou tres galos vestidos de luto, arrastando capuzes de baeta, como viuvos. Queixou-se o Procurador do Convento á justiça; tirou-se devaça; e como tinhaõ contado em banquetes, o que depennaraõ, foy facil apanhalos a todos; e choraraõ as penas, que mereciaõ, e se lhes perdoaraõ por misericordia, respeitando sua authoridade e nobreza. Mais ardilosos se portaraõ outros tais na mesma praça: souberaõ que vinha do celebre Lorvaõ, por occasiaõ de Natal, huma valente consoada para o Bispo; seis mulheres a traziaõ em outros tantos tabuleiros, fraca tropa, ainda que copiosa, para taõ alentados combatentes, que lhe cortaraõ o passo, antes de chegarem á Cidade: e aliviando-as da carga, as fizeraõ voltar de vasio, enchendo-se de doces para a festa, e carregando-se de amargozes para a Quaresma; ainda que sahiraõ em paz desta batalha, porque naõ deraõ com a lingua nos dentes, contentando-se, com darem a seu salvo com os dentes na consoada. Chegou a semana Santa, mordeo-os a consciencia, como costuma; fizeraõ petiçaõ ao Bispo, que os perdoasse, sem se assinarem nella; poz-lhes por despacho: Appareçaõ os supplicantes, e perdoar-lhes-hemos. E foy o mesmo que deixar-lhes a restituiçaõ ás costas a cada hum por inteiro, se todos juntos a naõ satisfizeraõ; e assim ganharaõ mayor pena, que o riso que lograraõ.

Em Villa Viçosa conheci hum Fidalgo, ha mais de vinte annos, no serviço da Real Casa de Bragança, o qual tomou por materia de riso calçar todo o anno, sem pagar nenhum pár de obra aos çapateiros, que vieraõ a dar-lhe na trilha, levantando-se ás mayores com palavra, que correo entre todos, que nenhum se fiasse delle, nem lhe désse calçado, sem lho pagar primeiro. Vendo-se o Fidalgo posto em cerco, e que ninguem lhe queria dar çapatos sem o dinheiro na maõ, mandou ao moço, que pedisse hum só çapato á prova; e que se lhe contentasse, mandaria buscar o outro com o dinheiro de ambos. Isso sim, disse o official, hum çapato levará vossê, mas dous naõ os verá seu amo, sem me pôr nesta banca o dinheiro. Como o Fidalgo teve hum nas unhas, mandou o pagem a outro çapateiro com o mesmo recado, e do mesmo modo ficou hum çapato delle, persuadindo-se, que mandaria buscar o outro com o dinheiro, ou lho restituiria naõ lhe servindo. Vendo-se assim com dous, calçou-os, e foy-se ao Paço rir sobre a historia; e os officiaes ficaraõ bramindo a nova zombaria, sobre que se fizeráõ boas Decimas, e Sonetos.

Tambem para bons despachos tem boa preza estas unhas; porque huma graceta, e dous chistes movem talvez hum Ministro, e tambem hum Rey enfadado, mais que discursos sérios. O sério do governo vexa, e cansa a natureza, que aceita, e estima o desafogo, que trâz comsigo alegria, e riso; e quem sabe mover a este com

boa têmpera, e em boa conjunçaõ, faz bom negocio: tal o fez huma Dona em Madrid com o Conde de Olivares, e com o Rey, para seus despachos, por conselho de hum experimentado, que lhe notou a petiçaõ nesta forma em tres

QUARTETOS.

Soy Dona Aña Gavilanes,
La de los hojos hundidos,
Muger fuy de tres maridos,
Y todos tres Capitanes.
Murieron en la milicia,
Sirviendo a Su Magestad,
Quedé yo de poca edad,
Y de muy poca codicia.
Bedo tinto, y como assado,
Por achaques de dolencia,
Suplico a Vuestra Excelencia
Me perdone este pecado.

Deu a mulher a petiçaõ ao Conde Duque, sem saber o que levava nella; festejou-a elle como merecia; e levou-a logo a ElRey, que rio infinito. E mandou que a despachasse com mais do que pedia. Cortes ha, em que médraõ mais bufoens com suas graças, que homens sezudos com grandes serviços.

Acabo este capitulo, e todo o tratado, com hum gasto notavel, que se faz em Lisboa, para mim digno de lagrimas, e para a prudencia do mundo muito ridiculo: e he, que ha nesta Corte huma casa, que chamaõ Collegio dos Cathecumenos,

o qual fundaraõ os Reys de Portugal, e o dotaraõ com sua grande piedade de bastante renda, para nelle se agazalharem, e sustentarem todos os infieis, assim Mouros, como Judeos, ou Gentios, que vierem de qualquer parte do mundo pedirem o Santo Bautismo, até serem industriados nos Mysterios da Fé, e aprenderem todas as oraçoens da Santa Doutrina: e he certo, que passaõ annos, sem haver neste Collegio hum só Cathecumeno; o qual tem seu Reytor, e officiaes, como se houvera nelle hum grande menêo de sugeitos. E he certissimo, outrosim, que o Reytor tem sessenta mil reis de renda, e que naõ paga casas, sem fazer mais que dar-se a S. Pedro, quando lhe vem algum Cathecumeno, e chorar que naõ tem que lhe dar a comer, nem cama em que durma. O Escrivaõ desta fabrica tem setenta mil reis de ordenado, e casas de vinte e quatro mil, sem tomar a penna na maõ em todo o anno, mais que para passar as quitaçoens dos recibos do seu estipendio. E o Medico tem doze mil reis, sem tomar o pulso mais que ao dinheiro quando o recebe: e o barbeiro tem quatro mil reis, sem fazer mais que huma sangria na bolça delRey quando os arrecada. E estas saõ as verdadeiras unhas ridiculas: e a graça melhor de todas he, que o trabalho de todas estas maquinas, que consiste em cathequizar, e bautizar os Neophitos, fica todo ás costas dos Padres da Companhia de S. Roque, sem terem por isso próes, nem precalços mais, que os do muito que merecem para

com Deos, que lho pagará no outro mundo. Saõ porém muito dignas de lagrimas as unhas, que a estas se seguem; porque em havendo Cathecumenos, saõ tudo petiçoens a Sua Magestade, que lhes mande dar esmolas para os sustentar, e se naõ que perecem? Valha-me Jesu Christo, naõ fora melhor andar o principal diante do accessorio? O principal aqui he a educaçaõ, e ensino dos Cathecumenos, e o accessorio saõ os Ministros, que os servem. Pois como ha de haver no mundo, que o carro vá diante dos boys? Que os servos tenhaõ tudo o necessario de sobejo, e os servidos naõ tenhaõ hum basaruco, se lho naõ derem de esmola? Sou de parecer, que *frangat nucleum, qui vult nucem.* Quem quizer comer, depenne; porque naõ se pescaõ trutas a bragas enxutas. Quero dizer, que se extingaõ os tais officios, sem ficar mais que hum administrador ecclesiastico com quarenta mil reis, que he bastante porçaõ, ajudada com sua Missa livre, e casas de graça, que tem no mesmo Collegio; e o mais que passa de cento e cincoenta mil reis, que o logre seu legitimo dono, que saõ os Cathecumenos. E quando for necessario medico, ou barbeiro, paguem-se da mesma porçaõ por aquella só vez, que vem a ser nada, porque passaõ annos, sem serem necessarios tais Ministros. Quanto mais, que bem pódem passar, sem fazerem a barba tantas vezes. E eu a tenho feita bastantemente, a quantos ladroens ha neste Reyno; e se algum me escapou, perdoeme; porque naõ

foy minha intençaõ deixallo sem crisma; mas de ver como ardem as barbas de seus visinhos, poderá aprender para botar as suas de molho. Restava agora cortar as unhas a todos, e tenho para isso tres tisouras excellentes de aço fino: a primeira se chama *Vigia:* a segunda *Milicia:* a terceira *Degredo.* Direy de cada huma duas palavras; e a todas as unhas tres desenganos: e daremos fim a esta obra.

CAPITULO LXVII.

Tisoura primeira para cortar unhas, chama-se *Vigia.*



ALDADO seria o trabalho, que tomey em descobrir tantos males da nossa Republica, se os deixasse sem remedio: e o melhor, que ha para achaque de unhas, naõ ha duvida que he huma boa tisoura, que as corte: e porque saõ muitas, as que aqui se nos offerecem offereço tres tisouras, que me parece bastaráõ para as cortar todas. Digo pois que a primeira tisoura se chama *Vigia;* porque he grande remedio para escapar de ladroens, vigiallos bem. Ladraõ vigiado he conhecido; e em se vendo descuberto, encolhe as unhas. Esta vigia corre por conta dos Reys, que devem mandar ás suas Justiças, que naõ durmaõ: muito dormem as Justiças de Lisboa, e

á sua imitaçaõ as de todo o Reyno. Já naõ ha huma vara, que ronde de noite, nem quem cace hum milhafre; e por isso as unhas andaõ taõ soltas. E porque os Reys saõ os a quem mais neste mundo se furta, porque tem mais de seu, ou porque naõ se resguardaõ por isso tanto como os que tem menos; sejame licito dar aqui huma palavra a ElRey nosso Senhor.

Senhor, eu offereci esta obra a V. Magestade, para ver nella os canos, por onde se desbarata sua fazenda, e a de seus vassallos: façame V. Magestade mercê de a ver com ambos os olhos; porque se os naõ tiver ambos abertos, nem a capa lhe escapará nos hombros. Mais de mil olhos tinha Argos, segundo contaõ os Poetas, e nem isso bastou, para Mercurio lhe naõ furtar huma pessa, que trazia nelles, porque os fechou todos. Dous olhos tem V. Magestade como duas Estrellas; e se tivera dous mil, cada hum como o Sol, todos teriaõ bem que ver, e que vigiar em seu Imperio; taõ grande na extensaõ, que se mede com a do mundo; e taõ alto, e soberano na grandeza, que se levanta até o Ceo. Das mãos dos Reys, disse Nasaõ, que saõ muito compridas; porque abarcaõ seus Reynos, quando bem os governaõ: mais compridas considero as de V. Magestade; porque chegaõ do Occidente, onde vive, ao Oriente, Nórte, e Sul, onde Reyna, e he temido. Tais lhe tomára a V. Magestade os olhos, e tais os tem, quando em todas as partes do mundo, que domîna, pôem bons olheiros: e

para estes serem melhores, desejavaõ muitos prudentes, que os illustrasse V. Magestade com os titulos, e prerogativas, que fazem os homens mais illustres; e ficaria V. Magestade com isso mais illustrado, e o seu Imperio mais bem visto, e tudo mais venerado, mais amado, e temido.

Este lustre dos olhos, e olheiros de V. Magestade, naõ sey se o diga, porque temo dizello sem fruto; mas sim direy, porque me assegura que naõ será debalde, por ser muito facil, e de muito proveito, e nenhum custo. Ponha V. Magestade quatro Vice-Reys da sua maõ nas quatro partes do mundo: grandeza he, a que naõ chegou Alexandre, nem Monarca algum do Universo; porque nenhum teve, nem tem nas quatro partes do Orbe tanto como V. Magestade possue. Na Asia Vice-Rey temos, e pudéramos ter nella tres; o de Goa, que governa a Persia, Arabia, Ethiopia, prayas de Cambaya, e o Mogor, com a parte da India, que corre até Moçambique. Outro em Ceilaõ do Cabo de Comorim para dentro, que governe o Reyno de Jafanapataõ, ilha de Manar, costa da Pescaria, e Choromandel, com innumeraveis ilhas adjacentes, e Reynos circumvisinhos. Outro em Malaca, ou Macáo, para Bengala, Pegú, Arracaõ, Malucas, Japaõ, China, Cochinchina, &c. E todos para muitos outros Reynos, e Imperios, que naõ cambem neste rascunho, e será mais facil velos no Mappa, que pintalos aqui. Na Africa podemos ter outro Vice-Rey

em Angôla: na America, outro no Brasil: e outro em Europa no Reyno do Algarve. Para grandes officios buscaõ-se grandes sugeitos, e huma, e outra grandeza os obriga a darem boa conta de si, e do que se lhes entrega. Pasmaõ as Naçoens quando vêm que o Monarca de Espanha tem quatro, ou cinco Vice-Reys; dous, ou tres na America, e outros tantos em Europa: mas na Africa, e Asia, naõ lhe he possivel; porque naõ tem nestas duas partes dominio capaz de taõ grande governo. Só V. Magestade o tem em todas as quatro partes, capacissimo para ser o mayor Monarca de todos: e por isso assombrará, que se leva muito destas nomeadas; e a cortezia que se deve a estes titulos, mete veneraçaõ, terror, e obediencia até nos coraçoens mais rebeldes.

Sempre ouvi dizer, que o medo guarda a vinha; e os homens tanto tem de temidos, quanto de venerados. Venerados se fazem os homens, a quem V. Magestade entrega o cuidado de seus Imperios, com os titulos, e poderes, que lhes communica; e quando estes saõ mayores, entaõ saõ elles mais temidos: e sendo temidos, e respeitados, guardaõ, e vigiaõ melhor a fazenda de V. Magestade. Estes saõ os olhos, com que V. Magestade vencerá aos Argos, e vencerá aos linces. Onde ha muitos, sempre ha furtos; porque os ladroens saõ em toda a parte mais que muitos: e como as cousas por muitas lhes vem á maõ, as unhas naõ lhes perdoaõ; mas onde ha bons olheiros, naõ se furta tanto. Seja esta a

primeira tisoura, que aguarentará muitos furtos, ainda que naõ diminua muito os ladroens; porque os que o saõ por natureza: *Naturam expellunt furcæ.* Mas para extinguir estes, ou moderallos de todo, he de grande importancia a segunda tisoura, que se chama *Milicia*; de que já digo grandes prestimos.

CAPITULO LXVIII.

TISOURA SEGUNDA, CHAMADA *Milicia.*



O BOCALINO nas suas Cortes do Parnaso, ou Parabolas de Apollo, diz que se amotinaraõ as Republicas do mundo contra Jupiter, por naõ lhes dar instrumentos com que pudessem alimpar facilmente a terra, e o mar de ladroens; e que leváraõ por seus procuradores esta queixa a Apollo, para que lha resolvesse, e remediasse. Achaõ-no dando audiencia geral no monte Pindo; recebe-os benigno, e propuzeraõ-lhe a sua embaixada desta maneira: Senhor como ha de haver no mundo, que estejaõ os horteloens de melhor condiçaõ, que nós, no governo das suas hortas, e quintas? Deu-lhes Deos instrumentos para as mondarem; deu-lhes a enxada para arrancar as hortigas, e abrolhos; deulhes a fouce para cortarem os sylvados, e todas as malêzas: e ás Republicas nenhum instrumento deu acõmodado,

nem se quer hum ancinho, para os podermos mondar, e alimpar de tantos ladroens, que nos destroem, e de tantos males, que nos causaõ sem remedio. Indignou-se Apollo, chamando-lhes barbaros. Pois naõ viaõ a mayor providencia, que Deos tem das Republicas, que das hortas: porque se ás hortas deu a enxada, e a fouce para as mondarem; ás Republicas deu o pifaro, o tambor, e a trombeta para as alimparem. Tocay caixas, alistay todos esses, de que vos queixais, ponde-lhe hum pique ás costas, manday-os á guerra; lá amansaráõ, ou acabaráõ servindo a seu Rey, e patria, e ficará a vossa Republica livre dessa praga. E vedes ahi a melhor fouce que ha, e a melhor enxada, para mondar, e cultivar as Republicas do mundo. Disse Apollo, e disse bem.

O mesmo digo aos Procuradores, e Governadores da nossa Republica, que se queixaõ de haver nella tantos ladroens, que naõ os pódem extinguir: toquem caixa, toquem pifaro, e trombeta; alistem-nos todos para os exercitos das fronteiras, para as armadas das Conquistas; empreguem suas unhas, e garras em nossos inimigos, e ficaráõ livres de suas invasoens nossas fazendas. Esta he a melhor tisoura, que ha, para cortar todas as unhas. Naõ sey se notaõ os Criticos, o que tenho notado de dez, ou doze annos a esta parte, que tantos ha, que andamos em guerra viva com nossos inimigos; assim por mar, como por terra. Noto que antes disto, naõ nos podiamos

ver livres de ladroens por essas estradas de todo o Reyno, nem podiamos dar passo, sem que nos salteassem pelas charnecas; naõ se fazia feira, em que naõ fizessem mil assaltos; nem havia justiça, que bastasse, para nos livrar desta praga, a qual cessou de todo com as guerras; e já naõ vemos no interior do Reyno ladroens em quadrilhas, como andavaõ dantes; e he porque lhes démos que fazer nas fronteiras, lá se cévaõ nas pilhagens do inimigo, com que nos deixaõ.

Nem me digaõ que quem más manhas ha, tarde, ou nunca as perderá, e que ainda fazem das suas, e agora melhor; porque andaõ armados, e a titulo de servirem a ElRey, se fazem izentos, e indomaveis; porque a isto se responde, que naõ haverá tal, se andarem bem disciplinados. Saõ as regras da milicia muito ajustadas com o bem publico; e se os Cabos [que sempre saõ homens escolhidos] a fizerem guardar, como tem de obrigaçaõ, tambem os soldados fazem a sua, de andarem compóstos, ou por medo, ou por primor. Naõ sey que tem o andarem os homens alistados, e com superiores continuos sobre suas acçoens, que lhes tomaõ cada hora conta dellas, para lhes darem o galardaõ bom, ou máo, segundo o merecem; que nenhum se atreve o lançar o pé álem da maõ, antes lhes serve assim o premio, como o castigo de continuos estimulos, para serem bons, e tratarem da honra, e augmentos louvaveis, que por armas se alcançaõ.

Esta he a segunda tisoura, que offereço, para

cortar de todo as unhas aos ladroens, que nos inquietaõ. E se esta ainda naõ bastar para alimpar de todo a nossa Republica, e Reyno, porque ha nelle muitos incapazes da milicia, quaes saõ Siganos, e outros, que se parecem com elles nas obras, e se livraõ da guerra por varios principios, que se deixaõ conhecer, e naõ aponto; temos outra tisoura muito efficaz para os extinguir no Reyno, sem que escapem, assim haja quem a menêe. Esta se chama *Degredo,* do qual se contaõ, e escrevem grandes excellencias; e eu direy só as que fazem para o nosso intento no capitulo que se segue: e neste naõ digo mais da *Milicia;* porque tudo o que della se póde disputar, fica apontado nos capitulos 20. 21. e 22. das unhas militares.

CAPITULO LXIX.

TISOURA TERCEIRA, CHAMADA *Degredo.*



DUAS cousas ha, que facilitaõ muito os ladroens a furtar; huma he, o que sobeja nelles, e a outra, o que falta em nós: e parece que havia de ser ás aveças; porque na verdade o que falta nelles, e sobeja em nós, he o que os move a serem ladroens, para proverem as suas faltas com os nossos sobejos. Com tudo isso naõ he assim, se

naõ que sobeja nelles cobiça para nos roubarem, e falta em nós justiça para os emendarmos: bem está, assim he; mas tomara saber, de donde vem sobejar nelles a cobiça, e faltar em nós a justiça? Eu o direý a quem estiver attento á historia, ou parabola, que se segue.

Duas Donas principaes, e senhoras muito conhecidas nesta Corte, vieraõ ás gadelhas sobre pouco mais de nada, e fizeraõ huma briga muito arriscada no terreiro do Paço; huma se chamava Dona Justiça, e a outra Dona Cobiça. A senhora Dona Cobiça, naõ sey se por mais moça, se por menos sofrida, deu huma punhada em hum olho á Justiça, taõ grande, que lho lançou fóra; e dando-a por morta, tratou de se pôr em cobro. Acolheo-se para o Paço, que lhe ficava perto; mas logo lhe disseraõ seus amigos [que lá naõ lhe faltaõ] que visse onde se metia, que naõ lhe havia de valer o couto; porque qualquer das Pessoas Reaes, que á encontrasse, a havia de mandar pôr na forca, assim por ser homicida, e ladra, como por ser Cobiça, que naõ se permitte no Paço. Deu comsigo no Corpo Santo, cuidando de achar guarida na companhia geral da Bolça; mas logo a avisaraõ, que se arriscava a fazerem estanque della para o Brasil; álem de que poderia cahir nas unhas dos Parlamentarios, ou Hollandezes, se para lá fosse, que lhe dariaõ máo trato, como daõ a tudo. Deu comsigo na rua Nova, para se esconder por essas loges dos mercadores, que todas saõ escuras, e sem janellas, para naõ vermos

o que nos vendem. Mas temendo que a vendessem por bayeta, dessa que compraõ a seis vintens, para a encaixarem a seis tostoens, passou de corrida para a rua dos Ourives; e naõ fez ahi muita detença, porque vio que mal se podia encobrir, onde tudo se poem á porta. Acolhamonos a sagrado, disse ella por ultimo remedio; mas em nenhuma Igreja a quizeraõ recolher, por ser vedado nos Sagrados Canones aos Ecclesiasticos todo o trato de cobiça. Tratou de se homiziar em algum Mosteiro, mas todos lhes fecharaõ as portas; os Religiosos, porque naõ lhes inquietasse as communidades com ambiçoens; e as Freiras, porque naõ podia professar entre ellas, por ser cazada com hum mulato, que se chama Interesse. Por fim de contas se recolheo no Castello, onde aturou pouco; porque naõ se dá lá mesa, nem cama aos hospedes; e fez por isso tais revoltas, que a degradaraõ para as fronteiras, onde naõ podendo aturar o paõ de muniçaõ, por que he muito mimosa, deu em ladra com tanto desaforo, que roubava a olhos vistos até os pagamentos dos soldados, e distruîa a fazenda del-Rey por mil modos, que naõ se pódem contar: e temendo que a enforcassem os Generais por isso, porque he ponto, que se naõ deve perdoar, passou-se para Castella, castigando-se a si mesma com degredo voluntario: e porque fugio sem passaporte, naõ se atreveo a voltar; e lá se fez natural com tanta audacia, e excesso, que em breve tempo assolou toda Espanha com tributos

para engordar, porque hia muito magra deste Reyno. Enxergaraõ-se em Castella os damnos da Cobiça, naõ só nos vassallos destruîdos com as fazendas quintadas, e fintas, que lhes poz até no fumo, que se vay por esses ares; mas tambem na cabeça do Rey tirandolhe della Coroas, e quebrandolhe Sceptros á sua vista. Para se repararem de taõ grandes damnos, deraõ com a causa delles no mundo Novo, onde fez tal estrago, que só na Ilha de Cuba, que tem quinhentas legoas de comprido, e duzentas de largo, matou mais de doze milhões de Indios, para se encher de ouro. O que fez no Perú, no Mexico, e Flórida, naõ he para se referir: dos braços das mãys tirava as crianças, e feitas em quartos as dava a caens, com que andava á caça. Queimava vivos os Cacizes mais opulentos, esfolava Reys, degolava Emperadores, para mais a seu salvo devorar serras de prata, e montes de ouro, que mandava a Espanha, para fazer guerra a toda Europa, Africa, e Asia. Revolto assim o mundo todo, e posto em riscos de se perder por esta fera, tratou-se do remedio; e resolveo-se com maduro conselho, que só a justiça direita lho podia dar; mas esta estava torta com hum olho menos, que lhe tirou a Cobiça. Puzeraõ-lhe hum olho de prata, para a fazerem direita; e dahi lhe veyo trazer sempre a prata nos olhos, e o olho na prata, com que ficou mais torta: só no Ceo se achava neste tempo justiça direita: tem-se pedido a Deos por muitas vias, que a mande

á terra, e espera-se que venha cedo, e há disso já grandes pernuncios: e como ella vier, e degradar a Cobiça para o inferno, ficará tudo quieto.

Naõ sey se me tenho declarado. Quero dizer, que a Cobiça he mãy de todos os ladroens, e que a justiça se lhe acanha, quando naõ he direita. Haja quem castigue tudo com o ultimo degredo, e ficaremos livres de taõ más pestes. E esta será a melhor tisoura, que cortará de todo as unhas a tantas harpîas, como por todas as partes nos cercaõ. Dirá alguem, que a melhor tisoura de todas he a forca. Naõ a tenho por tal; porque aqui tratamos de emendar, e naõ de extinguir o mundo: álem de que, naõ haverá forcas, que bastem para taõ grande pindura. Por mais capaz de tanta gente tenho o degredo, comaõ-se lá embora huns aos outros, isso mesmo lhe servirá de castigo, e ficaremos livres delles, até que se melhorem, que he o que se pertende; e os que se melhorarem, tornem a nos ajudar com seu exemplo. As razoens, que me movem para naõ admittir, que se dem facilmente castigos de morte, ficaõ apontados no cap. 49. das unhas apressadas, do meyo por diante §. *Em Roma havia.*

CAPITULO LXX.

DESENGANO GERAL A TODAS AS UNHAS.


AIS unhas ha; mas as que temos visto neste tratado, bastaõ para as conhecermos todas, e para entendermos, quaõ perniciosas, e desarresoadas saõ. *Ab unguibus leo,* diz o proverbio pelas unhas se conhece o leaõ, e pelas mesmas se conhece o ladraõ. Conhecidos assim bem todos os ladroens, suas unhas, e artes, boas tres tisouras vos dey, para lhas cortardes todas. E se essas naõ bastarem por poucas para tantas unhas, ou naõ vos contentarem por asperas, porque nem toda aspereza serve para medicamento, tenho tres desenganos efficacissimos para as emendar suavemente, fazendo-lhes entender, e abraçar a verdade, que he o melhor modo que ha de correiçaõ. Assim he; e he impossivel naõ repudiar a vontade, o que o entendimento lhe mostra nocivo. Peço a todos os que virem este tratado, que leaõ com attençaõ estes tres pontos.

DESENGANO PRIMEIRO.

A Cobiça de riquezas he como o fogo, que nunca diz, *basta.* Quanto mais pasto damos ao fogo, tanto mais se acende, e mais fome mostra

de mais pasto, accrescentando-a com aquillo, que a pudéra fartar, e extinguir. Tal he a cobiça, e fome que os homens tem de riquezas: *Crescit amor nummi, quantum ipsa pecunia crescit.* Disse lá o outro, que cresce a cobiça ao compasso das riquezas, augmentando a fome dellas com a posse, que só a poderá satisfazer. E he o primeiro desengano, que damos a todas as unhas; que se furtaõ para fartar sua cobiça, e fome, que tem de riquezas, desenganem-se, que trabalhaõ debalde; porque mayor a haõ de ter, quando mais se encherem, e mayores montes ajuntarem; porque he hydropesia, que quanto mais bebe, tanto mayor sede tem.

Esquadrinhando eu a causa deste appetite insaciavel, acho que naõ procede de fome, mas que nasce de fastio, causado do enjoo, que a todas as cousas do mundo he natural causallo, pela corrupçaõ, que tem de casa. E dahi vem, que enfastiados do que possuîmos, suspiramos por mais, cuidando, que no que de novo vier, acharemos alguma satisfaçaõ: e naõ he assim, quando lá vou; porque tudo he do mesmo lote, e jaez, e em nada ha a satisfacaõ, que buscamos: e por isso digo, que se desenganem todas as unhas, que cançaõ, e trabalhaõ debalde, andando á caça do que nunca lhes ha de satisfazer a sede, que as pica. Ora dêmos-lhe, que naõ seja assim, o que assim he, que naõ achastes fastio em nada; mas que lograstes muita doçura em tudo, quanto vossas unhas adquiriaõ, e que a vosso bello prazer

com muito agrado fostes gostando de tudo, e saboreando-vos em cada cousa: day-me licença para discorrermos por todas, e vereis mais claro ainda o desengano.

DESENGANO SEGUNDO.

VENHAÕ aqui todos os ladroens do mundo, tenha cada hum tantas mãos como o Briareu Centimano, e em cada maõ outras tantas unhas: naõ fique unha que aqui naõ venha a este exame; pesquem, caçem, empolguem, e pilhem tudo quanto quizerem, ouro, prata, perolas, joyas de pedraria mais preciosa, officios, beneficios, cõmendas, mórgados, titulos, honras, grandezas até naõ mais, e vamos por ordem discutindo tudo. Nascestes neste mundo nú [que assim nascem todos] abristes os olhos, é vistes, que com as riquezas medraõ os poderosos; desejastes logo ser hum delles, e tratastes de ajuntar as riquezas com que os poderosos inchaõ. Esperay: naõ furteis para as haverdes, eu vo-las dou todas; porque só tratamos aqui por hora fazer a experiencia, que vou discursando, para cairdes no desengano, que trato de vos intimar: e se as tendes já, porque as adquiristes servindo, chatinando, e roubando, que tudo vem a ser o mesmo: Dizeime agora, se vos falta mais alguma cousa, depois de vos verdes com grande cabedal, que he o que pertendeis? Pertendo, responde muito sezu-

do, huma gineta de Capitaõ mór, para ter que mandar, e ser temido, e respeitado de todos, e merecer servindo a Sua Magestade, que me faça mayores mercês. Se o naõ haveis mais, que por huma gineta, dou-vos hum bastaõ; e dou-vos, que servistes já com gineta, e bastaõ, até vos enfadardes, e praza a Deos naõ vos enfadeis mais cedo do que convêm. Ao depois dessa Capitanîa, e Generalato, tomára saber o que se vos segue para appetecer? Segue-se huma Cõmenda famosa, para ter renda, que gastar, e com que viver na Corte, livre dos perigos da guerra, e das baixas da chatinaria. Se o naõ haveis por mais, dou-vos duas Cõmendas, e que sejaõ embora as mais grossas do Méstrado de Christo; e faço-vos Fidalgo nos livros delRey, para que com honra, e proveito fiqueis mais satisfeito. Ao depois de tanta cõmenda, e fidalguia, tomára saber, que he o que resta a v. m. Hum titulo de Conde para mayor credito meu, e lustre de minha geraçaõ. Titulo de Conde? Com pouco se contenta v. m. senhor Cõmendador; eu lho dou logo de Marquez: e diga-me por vida sua, senhor Marquez, diga-me Vossa Senhoria, ou Vossa Excellencia [que já se naõ contentaõ com Senhoria] ao depois deste titulo, que he o que se lhe segue? Seguese passar huma velhice muito descançada, e lustrosa. Embora, seja assim, ainda que lho pudéra negar; porque neste mundo naõ ha velhice descançada, nem lustrosa: *Senectus ipsa est morbus.* A mesma velhice em si he doença, cheya de mil

desalinhos. Essa velhice ha de ter o fim: e ao depois della tomára saber, que he o que se segue a Vossa Excellencia, meu senhor Marquez? Seguirseme-ha huma morte muito bem assombrada; porque farey hum testamento cheyo de mandas para meus parentes, e que me façaõ humas Exequias, em que se gastem duzentos mil reis, e dous trintarios de Missas pela minha alma: *Et requiescat in pace*; quc representey meu dito. Bem está; mas ainda naõ tem dito tudo Vossa Excellencia. Demaneira, meu senhor, que deixa quinhentos cruzados para Exequias, e trinta tostoens para Missas! Pois eu tomara-lhe antes os quinhentos em Missas, e os trinta em Exequias. E as mandas, que deixa a seus parentes, quem lhe disse, que naõ seriaõ demandas? E a morte bem assombrada, que se promette, quem lhe passou carta de seguro para ella? Naõ sabe que os velhos, quasi todos morrem tontos, e que toda a morte no mundo sempre foy muito fea, e mal assombrada? Mas dou-lhe que a teve assim como a pinta, muito formosa, contra o que nos mostraõ seus retratos; e dou-lhe, que lhe fizeraõ seus parentes as Exequias, ainda mais magestosas. Ao depois de tudo isso, que he o que se lhe segue? Que he o que resta? Naõ me responde? Encolhe os hombros? Diz que naõ sabe? Pois este ponto, e este ao depois, tomára eu que o trouxera estudado desde o primeiro despacho da gineta, e desde o primeiro dia, em que entrou nú neste mundo, para prova de que assim havia de

sahir delle, sem levar nada de quanto ajuntou na vida : e se o naõ sabe, porque nunca cuidou nisso, eu lho direy, esteja-me attento.

Ao depois da morte, e das Exequias, segue-se hir para baixo, ou para cima ; voar para o Ceo, ou descer para o Inferno. Quem servio o mundo, e se carregou do alheo, esse pezo mesmo o leva para o profundo : Quem fugio do mundo, e desprezou tudo isso, fica ligeiro para voar ao Ceo. E este he o ponto mais essencial, e a maxima do nosso ser, que devemos trazer sempre diante dos olhos, para desengano de que tudo dispara em nada : e desse nada resulta hum muito, que saõ eternas penas, as quaes cambiadas com o gosto, que lograstes, ou comprastes, necessariamente vos haveis de achar enganado, em muito mais da ametade do justo preço. E para que naõ duvideis disto, ouvi a S. Paulo : *Raptores Regnum Dei non possidebunt.* Que a ladroens naõ se deve gloria, senaõ penas. Mas direis o que já disse hum Grande de Castella em Madrid : *Esto del Infierno parece-me patranha ; y lo del Limbo ninheria ; que lo del Purgatorio nò ay duda, que es invencion de Clerigos, y Frayles, para sacar diñeros por Missas.* Naõ sey como naõ disse tambem, que naõ havia gloria, nem Ceo ! Mas temeo que lho mostrassem com o dedo até os cegos : e naõ diria mais hum orate, nem Machavelo, nem Mafoma. E já que vos pondes em termos taõ alcantilados, que vem a ser, que naõ ha mais que este mundo, estendey os olhos pór todo elle, e achareis que tudo he

corruptivel. Consideray os que mayores bens, e glorias lograraõ, Salamoens, Alexandres, Cressor, Midas, Cesares, Pompêos; nem delles, nem de suas riquezas, e mandos, achareis rasto, mais que alguns rascunhos de memorias confusas, que foraõ, que acabáraõ, que disseraõ seu dito no theatro deste mundo. E se sois taõ Atheo, que nada disto vos move para crer que ha outro mundo melhor, e que se naõ deve fazer caso deste, confesso que este desengano para Christãos o dava, que o devem crer; mas para Atheos será o desengano ultimo, que se segue.

DESENGANO TERCEIRO.

Supponho que naõ fallo com animais brutos, mas com homens racionais, que se entendem; mas que sejaõ Atheos, que naõ crêm que ha Deos, nem outra vida. Tratando só desta: dou-vos, que vos fez vossa fortuna, assim como vós quizestes, nobre, saõ, valente, gentilhomem; e que adquiristes por vossas artes, e industria tudo quanto o mundo ama, e estima, e em que poem sua gloria. Tudo vem a ser riquezas, honras, e gostos; e nada mais ha neste mundo, nem elle tem mais que lhe possais roubar. Senhor estais de tudo: Dizey-me agora, quaes saõ as vossas riquezas? Saõ thesouros de ouro, prata, joyas, pessas, enxovais, propriedades, rendas, &c. Se

dais, ou gostais isto como mundano, sois pródigo: se o guardais como escasso, sois avarento; e ambas as cousas saõ vicio. E se tendes entendimento, como suppomos, sois obrigado a crer, que em vicios naõ póde haver gloria, nem descanso; assim o alcançaraõ, e escreveraõ até os mayores idolatras do mundo. Pelo meyo da prodigalidade, e avareza, corre a liberalidade, que dispende, e guarda com a moderaçaõ devida, e por isso he virtude; e porque o he, naõ atina com ella quem serve o mundo, que traz apregoada guerra com as virtudes. E vedes aqui, como nas riquezas naõ póde haver para vós a bemaventurança, que vós fingis.

Quaes saõ as vossas honras? Saõ titulos, que vos fazem respeitado; apparatos de criados, e vestidos, que vos fazem venerado; saõ officios, que vos daõ poder para sopear, e ficar superior a todos: e se bem considerardes tudo, nada disso tendes de vós; tudo vos vem dos outros, que volo pódem tirar com vos negar huma cortezia. Bem fraca he a honra, que depende de huma barretada; de pouca estima deve ser o titulo, que se perde com hum delicto; os apparatos, que fe desfazem com huma ausencia; e as superioridades, que se malograõ com huma desobediencia dos subditos: e tudo o que chamais honra, vem a ser hum vidro, que com a liviandade de huma mulher se quebra, e com o desconcerto de qualquer de vossa familia se tolda, como o espelho com hum bafo. E se bem apertardes

a honra, buscando-a em vós mesmo, naõ a haveis de achar, porque toda he de quem a dá, e se vola negar, ficais sem ella: e até a que chamais de sangue, naõ consiste no vosso, senaõ em vossos antepassados, e em seus brazoens, que vem a ser pergaminhos velhos roîdos de ratos, folhagens, e fingimentos mal averiguados. E vedes ahi como naõ póde haver bemaventurança em honras, porque a bemaventurança verdadeira deve ser estavel, e as honras saõ mais mudaveis que as grinpas.

Os deleites nesta vida nos cinco sentidos se cifraõ todos: e os da vista, com ser dos sentidos o mais nobre, saõ de qualidade, que a noite os rouba; e nisso que vemos de dia, ainda que nos alegre, vemos que ha mais defeitos para aborrecer, que perfeiçoens para estimar; e até nas mesmas perfeiçoens vemos que naõ saõ de dura, que se murchaõ como rosas, que se extinguem como luzes, e que fogem como auroras: e vem a ser tudo hum crystal de furta cores, que a hum virar de olhos desapparece tudo. Os gostos do ouvido saõ musicas, e lisonjas; lisonjas, que mentem, e enganaõ; musicas, que se compoem de vozes; as vozes do ar, o ar sugeito aos ventos, porque tudo nesta vida vem a disparar em vento. Os de cheiro nascem de fumos, e vapores, que em si mesmos se exhalaõ, e extenûaõ até se consumirem: que cousa mais corruptivel que o fumo; que cousa menos duravel, que o vapor ténue? Os do gosto saõ doçuras, e sabores de manjares,

e licores: se os tomais com demazia, mataõ-vos; se vos abstendes delles, já os naõ lograis, e se os usais com moderaçaõ continuados enfastiaõ, dilatados causaõ fome, e deixados saõ como se naõ fossem para desengano, que por todas as vias naõ se acha gosto nos mesmos gostos desta vida. Os do tacto, que consistem na brandura, no carêo, e afago, com que a sensualidade lisongêa a natureza, quem os logra, confessa que saõ momentaneos; e ainda que successivos, de tal maneira se alternaõ, que saõ mais as dores, que as suavidades, que de seu trato, quando he immoderado, resultaõ. E em conclusaõ todos os deleites dos sentidos rendem vassalagem ao somno, que os sepulta: O somno, imagem da morte, he senhor de todos as gostos, para os ter cativos, e sepultados: e quem a tal senhor se sugeita, bem certo he, que nada tem de bemaventurança, nem de dita.

Isto he o que passa nesta Babylonia do mundo, onde tudo saõ confusoens, e labyrintos. Déstes saco ao mundo, para viverdes nelle abastado, e satisfeito; e em nada achastes a satisfaçaõ plenaria, que buscaveis: seguistes suas leys, que vos ensináraõ a pertender, buscar, e estimar o que elle estima; e achastes em tudo vaidades sem firmeza, amargores sem doçura, inferno sem bemaventurança. Que resta logo? Cuidarmos que toda a gloria he como esta, e que naõ ha outra, será engano, que até ao lume natural repugna; porque a grandeza, constancia, e formosura do Ceo nos

testemunha, e assegura, que ha outra cousa melhor, que isto que cá vemos, e que ha bemaventurança solida, e verdadeira. A esta naõ he possivel, que se vá pelo caminho, que segue o mundo, pois vemos que nos leva ao contrario. Outra ley, e regra ha de haver necessariamente, que nos guie com verdade, e leve ao descanço firme, e que nos ponha na gloria, que naõ padece eclypses. Esta he a Ley Divina, que se reduz a dous preceitos, que saõ, amar a Deos sobre todas as cousas, e ao proximo, como a ti mesmo. Quem ama a Deos, naõ trata do mundo, porque lhe he opposto; quem ama ao proximo, naõ o offende: dar a cada hum o que he seu, he hum ponto, em que tudo se cifra: a Deos a gloria, e ao proximo o que lhe pertence. E quem chegar a esta felicidade, logrará a mayor bemaventurança, ainda nesta vida, e livrarse-ha dos infernos deste mundo; que infernos vem a ser todas suas cousas nas penas, molestias, e tribulaçoens, que causaõ, até quando se gozaõ; e por isso com muita propriedade, e razaõ lhes chamou Christo espinhos. Quem quizer viver sem estes, viva sem o alheio, trate só do que lhe pertence, e converterselhe-ha esta vida em gloria, e achará no mundo o Paraiso: e bem se prova; porque se o naõ ha, em quem segue as leys do mundo, havello-ha necessariamente, em quem seguir a ley contraria, que he a de Christo, a qual se resolve naquella sentença sua: *Reddite ergo, quæ sunt Cæsaris Cæsari, & quæ sunt Dei Deo.* Que demos a cada hum o que he seu;

a Deos a honra, e ao proximo o que lhe convêm. Donde se segue, que quem naõ tomar o alheio será bemaventurado.

CONCLUSAM FINAL,

E REMATE DO DESENGANO VERDADEIRO.

Teve hum Religioso santo huma visaõ, em que lhe appareceo huma matrona muito formosa, com huma tocha aceza em huma maõ, e huma quarta de agua na outra. Perguntou-lhe o servo de Deos, quem era? Respondeo: Sou a Ley de Christo. E que têm que ver com a Ley de Christo esses dous elementos, fogo e agua, que trazeis nas mãos? Com este fogo trato de abrazar o Ceo até o desfazer; e com esta agua quero apagar o Inferno até o aniquilar: e depois de naõ haver Ceo, que espere, nem Inferno, que tema, ainda hey de guardar a Ley de Christo; porque só com a guardar, acho que terey gloria, e ficarey livre de penas. Assim passa, que até neste mundo tem gloria, e descanso, e se livra de penas, e affliçoens, quem guarda a Ley de Christo, que dá o seu a seu dono; e quem o nega, quem o defrauda, quem o rouba, naõ achará o que busca, se he que busca descanso; mas achará affliçaõ de espirito, cansaço de corpo, tormento para a alma, e vivirá em inferno.

Que fazes homem, á vista de verdades taõ

claras? Abre os olhos, vê em que te occupas, trata do eterno, e celestial, deixa o temporal, e terreno; porque te affirmo, o que he certo, que hum milhaõ de arrobas de glorias temporais, naõ faz meya onça de bemaventurança eterna: esta custa muito pouco a haver, porque se alcança vivendo no descanço da Ley de Christo; e aquellas custaõ muito a achar, porque se buscaõ com o suor, e trabalhos, que comsigo trazem as leys do mundo. Deixa de ser ladraõ, e terás o que has mister; porque terás a Deos, que para si te creou, e naõ para servires o mundo falso, e enganador, que naõ tem que te dar mais que dores, disfarçadas com apparencias de mimos; suas glorias saõ relampagos, que se por huma parte luzem, por outra disparaõ rayos. Suas luzes saõ de candêa, que com hum assopro se apagaõ. Seus affagos saõ rapozas de Sansaõ astutas, que no cabo levaõ fogo, que abraza. Sua formosura he a dos pomos de Pentapoli, por fóra dourados, e por dentro corrupçaõ, e fumo em que poem seu termo todas as cousas do mundo, que naõ tem outro fim.

E eu ponho aqui remate a este tratado, que intituley *Arte de furtar*; porque descobre todas as traças dos ladroens, para vos acautelar dellas: aqui vos ponho patente este espelho, que chamo de enganos, para que nelle vejais os vossos, e vos emendeis, conhecendo sua deformidade: Este he o theatro das verdades, se as conhecerdes, e seguirdes, representareis melhor figura no deste mundo. Mostrador he de horas minguadas, para

que fugindo-as, acheis huma boa, em que vos salveis. Tambem he gasúa geral, que se bem se occupou até aqui em abrir, melhor saberá fechar; chave he que fecha, e abre; se usardes bem della, fechareis para naõ perder, e abrireis para ganhar. Verdadeiramente he chave mestra, que vos ensinará a verdadeira arte, com que se abrem os thesouros do Ceo, os quais lograreis, quando menos usurpardes os da terra. Em quanto estudais esta *Arte*, vos fico compondo outra mais liberal, que se intitula: *Arte de adquirir gloria verdadeira.*



Londres:—Na Officina de T. C. Hansard, Peterboro'-Court, Fleet-St.

